JOÃO MEDINA: «HUMORISTAS GRÁFICOS» (NA PÁGINA CENTRAL)

Diário de Lisboa

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS

QUINTA-FEIRA, 13 DE FEVEREIRO DE 1969 N.º 16 578 ANO 48.º UM ESCUDO

ESPECTACULAR SORTEIO DE 20 AUTOMÓVEIS OPEL

Concurso PHILIPS

TRIUNFO DA TÉCNICA

CANDIDATURA AO MERCADO COMUM

Apoio alemão à Inglaterra

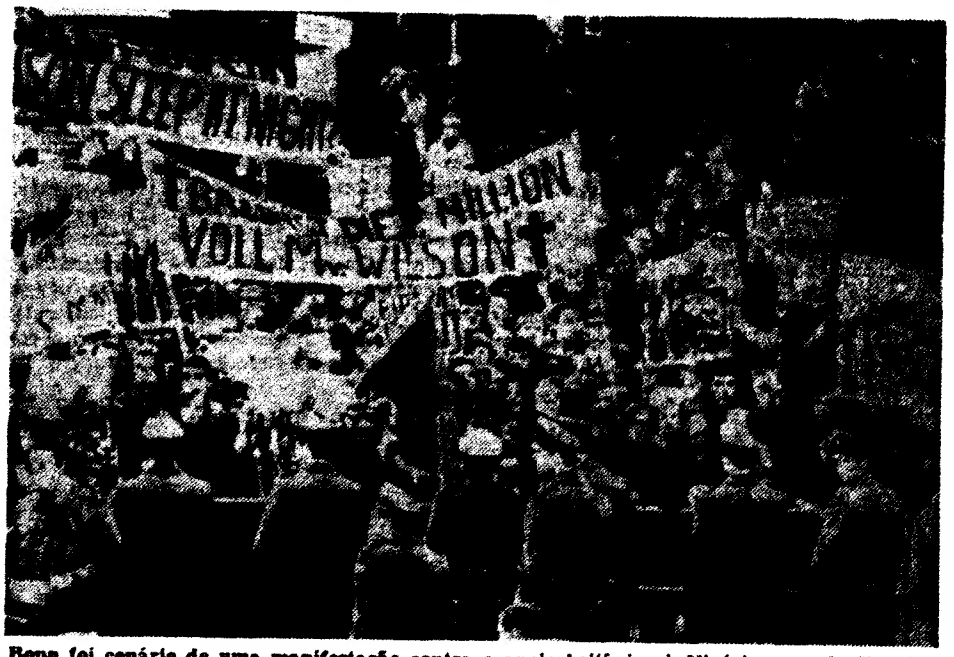
BONN, 13 — (R.) — O primeiro-ministro britânico, Harold Wilson, e o dr. Kurt Georg Kiesinger, o chanceler alemão ocidental, concluem hoje dois dias de conversações, tendo prometido um ao outro tentarem conseguir que a Grã-Bretanha entre o mais depressa possível para o Mercado Comum Europeu.

As suas discussões sobre variadíssimos assuntos revelaram, também, acordo quanto á necessidade de se manter a vigilância e de aumentar a coesão da Organização do Tratado do Atlântico Norte de 15 nações; solidariedade em apoiar a decisão de Bonn em efectuar a próxima eleição presidencial federal em 5 de Março em Berlim-Oeste, a despeito das objecções alemãs orientais e soviéticas, e necessidade vital de assegurar a unidade na Europa Ocidental por meio de cooperação económica, política, industrial e tecnológica.

A França continua a opor-se a negociações, próximamente sobre a entrada da Grã-Bretanha, mas Wilson num discurso que pronunciou a noite passada num banquete acentuou a determinação do seu país em manter o pedido para filiação com todos os direitos.

«Na nossa opinião não pode haver qualquer substituto para isso» — declarou Wilson ao chanceler Kiesinger, que foi o anfitrião no banquete.

Chegou hoje a Lisboa, onde ficará durante cinco dias, participando nas comemorações do centenário de Gago Coutinho, uma Força Naval Brasileira, composta por cinco vasos de guerra e comandada pelo vice-almirante Dantas Torres, que veio a bordo do cruzador «Barroso». A nossa gravura mostra um dos barcos da Força Naval Brasileira — o porta-aviões «Minas Gerais»



Bona foi cenário de uma manifestação contra o apoio britânico à Nigéria, quando Harold Wilson se dirigia ao edifício da municipalidade da capital alemã ocidental, para assinar o livro de ouro

A POPULAÇÃO IDOSA DO PAÍS

— objecto de um aviso prévio na Assembleia Nacional

(Ler na pág. 23)

ABRANDAMENTO SOVIÉTICO NO LESTE DA EUROPA

— PREVÊ-SE EM BOLONHA

BOLONHA, 13. — Havia indícios, antes da sessão de ontem do congresso do Partido Comunista Italiano, a decorrer nesta cidade, de que a U. R. S. S. talvez chegasse a um novo entendimento com os seus aliados comunistas, abrandando a doutrina da soberania limitada imposta no seguimento da invasão da Checoslováquia.

Assinalaram-se ontem outros indícios de modificação política. A Polónia e a Alemanha de Leste eliminaram dos seus discursos quaisquer referências directas à invasão da Checoslováquia, enquanto a Hungria se absteve de defender o seu papel no movimento militar, concedendo apenas que o Partido Comunista Italiano está em desacordo com o que foi feito, mas que os partidos são uni-

(Continua na 19.ª página)

Por LOUIS B. FLEMING

Serviço exclusivo do «Los Angeles Times» para o «Diário de Lisboa»

A Roménia serviu-se da sessão de ontem para criticar, pela primeira vez em cinco meses, a actuação das forças do Pacto de Varsóvia. Essa crítica parece reflectir o renovo de autoconfiança que impera em Bucareste e surge precisamente uma semana depois de os romenos terem dado a conhecer que não consentirão este ano quaisquer manobras do Pacto de Varsóvia no seu território.

Os romenos irão a Moscovo

Os romenos haviam receado transformar-se na próxima vítima de um ataque soviético. Após a condenação inicial da atitude dos seus aliados do Pacto de Varsóvia, tinham abandonado toda e qualquer crítica directa em 24 de Agosto, contentando-se com reafirmar os princípios de não intervenção, soberania e igualdade para todos os Estados.

HOJE 40 PÁGINAS

VISADO PELA CENSURA

EM AMESTERDÃO PARA A «TAÇA DOS CAMPEÕES»

Benfica — «regresso» de gala em noite de neve e frio

AMESTERDÃO, 13 — (Pelo telefone, do nosso enviado especial MÁRIO ZAMBUJAL) — Elek Swartz, antigo treinador do Benfica, dizia-nos, entusiasmado, ontem, na noite branca e gelada de Amesterdão: «Estou contente. Estou muito contente. Porque reencontrei o grande Benfica que todo o mundo do futebol admira e porque Michels, o técnico do Ajax, apanhou uma boa lição. Andou por aí a apregoar que o Benfica era actualmente um grupo medíocre e que o Ajax ganharia com facilidade. Isto não é elegante, além do que se provou não ser verdadeiro».

Este extremo optimismo do técnico holandês, revelado em frequentes declarações após ter visto jogar, por três vezes, em Portugal, a equipa benfiquista, causou na Holanda um verdadeiro surto epidémico de confiança num triunfo do Ajax. Fácil. Simples. E ontem á noite, setenta mil holandeses, aquecidos por cobertores, póles ou simplesmente com o calor do

(Continua na 28.ª página)

INSPECÇÃO AO CANAL DO SUEZ

CAIRO, 13 — (R.) — O Egipto aceitou uma proposta dos armadores de 14 navios encravados no Canal de Suez para inspeccionar o leito da parte sul do canal a fim de verificar se os navios podem sair, — anunciou hoje um informador do Governo egípcio.

O informador egípcio disse que os armadores se ofereceram para fazerem inspecção á sua própria custa, mas o trabalho será feito sob a fiscalização das autoridades egípcias do Canal de Suez.

Os representantes dos armadores no Cairo foram esta manhã informados da aprovação do Governo.

RECENSEAMENTO ELEITORAL—1

FALTA AINDA UM MÊS PARA TERMINAR O PRAZO DECIDIDO PARA A INSCRIÇÃO

Revestem-se da maior importância para a vida do País as eleições para deputados à Assembleia Nacional previstas para o próximo mês de Outubro e nas quais são chamados a votar todos os cidadãos inscritos no recenseamento eleitoral, cujo período começou em 2 de Janeiro e se prolonga até 15 de Março.

Como para votar é indispensável estar inscrito, desnecessário se torna chamar a atenção para o dever que todo o cidadão tem de promover a sua inscrição no recenseamento. No entanto, e porque há sempre os retardatários, apesar de comissões recenseadoras terem insistido na vantagem de não adiar a inscrição para a última hora, mais uma vez lembramos que o prazo estabelecido termina no dia 15 de Março, daqui a um mês, portanto.

Depois da aprovação da Lei 2137, de 26 de Novembro do ano passado, sobre a capacidade eleitoral, têm direito a voto e, por conseguinte, devem inscrever-se como eleitores dos deputados à Assembleia Nacional: a) todos os cidadãos portugueses, maiores ou emancipados, que saibam ler e escrever português; b) todos os cidadãos portugueses, maiores ou emancipados que embora não saibam ler nem escrever português, tenham já sido alguma vez recenseados, ao abrigo da Lei 2015, de 28 de Maio de 1946.

Evidentemente que tanto uns como os outros devem preencher os requisitos fixados na Lei 2015. Por isso, não poderão inscrever-se no recenseamento aqueles que se encontrem em alguma das condições expressas no artigo 2.º da mesma Lei:

1.º — Os que não estejam no gozo dos seus direitos civis e políticos. (**A incapacidade resultará da prova feita por certidão da sentença da interdição, transitada em julgado, ou certidão extraída do livro de registo de tutelas, quanto aos direitos civis, e da prova feita por sentença com trânsito, em julgado, extraída do respectivo processo penal, ou pelo certificado de registo criminal**).

2.º — Os interditos por sentença com trânsito em julgado e os notòriamente reconhecidos como dementes, embora não estejam interditos por sentença. (**O melhor entendimento não deve excluir do recenseamento os interditos por surdez, mudez e por prodigalidade, mas sòmente os que o estão por demência, e a prova deve ser feita por certidão da sentença que decretou a interdição, transitada em julgado, ou por declaração do estabelecimento oficial de alienados, em que a pessoa esteja internada**).

3.º — Os falidos ou insolventes, enquanto não forem reabilitados. (**A prova deve ser feita por certidão da sentença transitada em julgado, que declarou a falência ou a insolvência**).

4.º — Os pronunciados definitivamente e os que tiverem sido condenados criminalmente por sentença com trânsito em julgado, enquanto não houver sido expiada a pena e ainda que gozem de liberdade condicional. (**A prova terá de fazer-se por certidão extraída do processo penal e, quanto à prontidão, deverá certificar-se que transitou em julgado, como também assim terá de certificar-se para a sentença de condenação. A medida de segurança de liberdade condicional só constitui incapacidade eleitoral se for aplicada a quem esteja a cumprir uma condenação criminal**).

5.º — Os indigentes e, especialmente, os que estejam internados em asilos de beneficência. (**Terá de provar-se a indigência por certidão extraída do respectivo recenseamento paroquial, conforme determina o artigo 256.º do Código Administrativo, e a de que está internado num asilo de beneficência, por declaração assinada pelo respectivo director**).

6.º — Os que tenham adquirido a nacionalidade portuguesa por naturalização ou casamento há menos de cinco anos. (**Prova-se por certidão da Repartição Central dos Registos**).

7.º — Os que professem ideias contrárias à existência de Portugal como Estado independente e à disciplina social. (**Não se sabe como pode ser feita tal prova, pois certamente não bastará uma informação de qualquer ordem, ainda que emanada da Polícia Internacional e de Defesa do Estado**).

8.º — Os que notòriamente careçam de idoneidade moral. (**Também não se sabe como se pode fazer tal prova, pois certamente não bastará uma informação qualquer, ainda que prestada por pessoa tida como de boa formação moral**).

ALGUNS CIDADÃOS NÃO PODEM INSCREVER-SE—TODOS OS OUTROS DEVEM FAZÊ-LO ATÉ 15 DE MARÇO

ora diga-nos...

Concorda com a «praxe»?

Em Coimbra ouve-se intensamente tudo quanto diga respeito à vida estudantil. O problema da «praxe» é um dos que estão sempre na baila, embora talvez não tão intensamente como há uns anos. De qualquer modo, será curioso ver como reagem à «praxe» as novas camadas dos estudantes de Coimbra...

● *O primeiro a responder ao nosso questionário foi o José Manuel Soeiro, aluno do 2.º ano de Direito.*

— Penso que a «praxe» é algo de anacrónico, despido de todo o significado que inicialmente poderia ter.

— *Mas não encontra nela nenhuma vantagem?*

— Nenhuma. Em vez de unir os estudantes mais novos aos mais antigos, aliena-os e, por vezes, cai-se num perigoso paternalismo. Numa sociedade como a nossa não se justifica esta discriminação medieval.

● — De maneira nenhuma! — *responde com decisão José Henrique Santos, aluno de Medicina* — Especialmente em relação aos processos que ela utiliza e que são totalmente negativos. Rapar o cabelo, «gozar» um caloiro, etc., são atitudes hoje inadmissíveis.

«Se tem de haver uma «praxe», que ela seja de molde a integrar o estudante na Universidade. Então, sim, estarei de acordo com ela.»

● *Finalmente, ouvimos Fernando Cabral Martins, aluno de Letras que nos falou sem hesitações:*

— Em princípio não concordo, mas compreendo a sua existência. Pessoalmente não a pratico. Tento mesmo quotidianamente ignorá-la...

«Em resumo: não a aceito, mas verifico-a. É uma realidade. Dizem alguns para aí que a «praxe» tem aspectos positivos. Não conheço muitos...

DE ONTEM PARA HOJE

OS «AMIGOS DOS MOINHOS»

Estes «Amigos dos Moinhos» constituem uma associação muito simpática, cuja seriedade de propósitos é atestada pela presença do prof. Vitorino Nemésio e do eng.º Santos Simões à cabeça, respectivamente, da assembleia geral e da direcção. Reuniram-se ontem num restaurante de Lisboa e o programa incluiu jantar de convívio, assembleia geral (para aprovação — unanime — do relatório e das contas de 1968) e sessão cultural. Há ainda muito que fazer? Pois há. Estão no relatório estas palavras sintomáticas: «Continuam, no entanto, a ser os estrangeiros residentes ou visitantes que mais se têm interessado pelos moinhos portugueses, sendo frequentes os pedidos de informações ou as cartas de louvor que temos recebido».

HOMENAGEM

Uma deputada e dois embaixadores associaram-se à homenagem do cenáculo literário «Tábua Rasa» ao prof. Agostinho de Sousa, recentemente condecorado por Paulo VI. O jantar teve a presidi-lo o comendador Navarro Cabral.

PALÁCIO DE BELÉM

O almirante Américo Thomaz recebeu ontem, em audiência, no Palácio Nacional de Belém, os srs. eng.º Rui Sanches, ministro das Obras Públicas; José Félix Mira, eng.º Rodrigo de Castro Pereira e D. José Seisal; eng.º Luís de Azevedo Coutinho e John Stilwell; e Arnaldo Silva e sua nora, e ainda, a direcção da A. N. I., a administração da Fábrica de Tintas de Sacavém e o conselho de administração da Sociedade Nacional de Sabões.

ÁRVORE NA LINHA

Foi próximo do Trumagal, quando um eucalipto derrubado pela ventania, fez parar um comboio de transporte de operários da C. P., em trânsito de Beiver para o Entroncamento. Não houve desastres a lamentar, mas registaram-se avarias na composição, que esteve imobilizada quase meia hora.

A HORA DO FUTEBOL

Um automóvel conduzido pelo sr. Manuel Assunção Martins, casado, morador em Oliveira de Azeméis, foi enfrentar-se, ontem à noite, na traseira de uma camioneta, em plena estrada do circuito internacional de Vila Real. Dois mortos a lamentar: o condutor e uma senhora que seguia a seu lado, D. Maria José dos Santos Rebelo, de 37 anos, viúva e mãe de oito filhos menores. A camioneta estava parada na sua mão. Eram 20 e 30, e o motorista do veículo pesado encontrava-se num café a ver a transmissão do Ajax-Benfica.

DESPEDIDA DO EMBAIXADOR

Vai regressar ao seu país o embaixador da Alemanha Federal, dr. Herbert Muller-Roschach. Por esse motivo o diplomata e sua esposa ofereceram ontem na residência particular, duas recepções — ao Corpo Diplomático e a individualidades portuguesas — com larga concorrência.

EMBATE A QUATRO

Às primeiras horas de hoje um táxi conduzido pelo sr. Virgílio Nunes, de 57 anos, depois de embater com um automóvel particular que levava ao volante o sr. Bernardino Amaral, residente na Rua Tenente Raul Cascais, despistou-se e foi amolgar um terceiro carro (C B 56-77) que por sua vez amassou um quarto (H D 39-85). Este bilhar sobre rodas teve como «mesa» o cruzamento das ruas Ferreira Borges e Coelho da Rocha. Não houve feridos.

A MATERNIDADE A DOIS PASSOS

Numa ambulância dos Voluntários da Póvoa de Santa Iria, nasceu ontem um filho à sr.ª D. Elvira Cardoso, que vinha para Lisboa acometida já das dores do parto. Este desencadeou-se em plena Avenida 5 de Outubro, relativamente perto da Maternidade de Alfredo da Costa, com a assistência do motorista, sr. Fernando Teixeira, e do próprio marido da parturiente, sr. José Ribeiro Tomás.

Jorge de Sena numa sessão de autógrafos na Livraria Portugal

Regressa, como dissemos, na segunda-feira, aos Estados Unidos da América do Norte, a reocupar a sua cátedra na Universidade de Wisconsin, o escritor, ensaísta e crítico Jorge de Sena, figura proeminente no mundo de língua portuguesa e de projecção além-fronteiras.

Amanhã, Jorge de Sena estará presente na Livraria Portugal, onde, a partir das 17 horas, autografará os seus livros, numa sessão comemorativa do lançamento do valioso estudo «Os Sonetos de Camões e o Soneto Quinhentista Peninsular», agora publicado pela Portugália e cujo êxito a crítica vem assinalando.

Apanhado com «a boca na botija»

O guarda-nocturno n.º 474, sr. António Duarte Fonseca, conduziu, esta noite, pela 1 e 30, à 22.ª esquadra da P. S. P. o sr. Fernando Manuel Gonçalves Matos, de 22 anos, solteiro, natural da Amadora, sem profissão e sem residência certa.

Encontrara-o, pouco antes, na Praça do Príncipe Perfeito, a forçar, com uma chave de fendas, o ventilador do lado direito para abrir uma das portas do automóvel com a matrícula MO-43-45, aí estacionado, pertencente ao sr. Joaquim do Couto e Silva, residente na Aldeia Frazão, Paços de Ferreira.

Na esquadra, o detido declarou pretender furtar artigos existentes no interior do veículo. Confessou ainda ser refractário.

Em ALVALADE - SÁBADO o «DIÁRIO DE LISBOA» vende-se na Papelaria Maria Adelaide e no Café Silva.

Comunicado do S. I. P. das Forças Armadas

O Serviço de Informação Pública das Forças Armadas comunica que morreram em combate: na província de Angola, o alferes miliciano João Vasconcelos Porto Fernandes, natural de Novagaide (Porto) e filho do sr. João Henriques B. Fernandes e da sr.ª D. Margarida Vasconcelos Porto, o qual pertencia a uma Companhia de Comandos e iniciara a sua comissão em meados de Dezembro do ano findo; e, na província de Moçambique, o primeiro-cabo 04046267, José Moreira Pereira Gomes, natural do concelho da Murtosa, filho do sr. José Faria Alves e da sr.ª D. Maria da Conceição Pereira Valente e casado com a sr.ª D. Cecília das Flores Valente Alves; o soldado 04767367, António Teófilo Ribeiro, natural do concelho de Amarante e filho do sr. Abel Ribeiro e da sr.ª D. Gracinda Conceição Ribeiro; e o soldado 04914267, Abraão Rocha Vieira, natural do concelho de Caeiras e filho do sr. António Pinto Vieira e da sr.ª D. Filomena Rocha Vieira.

Contas novas para gente nova
BANCO DO ALENTEJO

A ARGÉLIA NÃO CESSA DE REFORÇAR A COOPERAÇÃO PETROLÍFERA COM MOSCOVO

ARGEL, FEVEREIRO — O ministro dos Petróleos soviético, Valentin Chachine, devia deixar Argel no sábado, após a estadia de uma semana na Argélia, em que visitou a refinaria de Argel, o conjunto produtor de gás e petroquímico de Arzew e as instalações de Hassi-Messaoud. Por outro lado teve conversações com o seu homólogo argelino, Belaid Abdesselam, e com o director da Sonatrach, Ahmed Ghozali.

Não parece dar-se, pelo menos do lado argelino, um significado especial a esta visita, que se segue ás de Abdesselam a Moscovo, em 1966 e 1968. No entanto, a cooperação petroleira entre a União Soviética e a Argélia não parou de reforçar-se desde 1964, época em que a U. R. S. S. ofereceu o equipamento e o corpo docente de uma escola de técnicos do petróleo e do gás, instalada no local do antigo executivo provisório, em Rocher-Noir, e que conta actualmente novecentos e cinquenta alunos. (O Instituto Francês do Petróleo participa, por seu lado, na formação de engenheiros argelinos).

Depois, a União Soviética forneceu à Argélia material de perfuração e técnicos de pesquisa e de exploração afectos à Sonatrach. Mas existem igualmente especialistas soviéticos na direcção da energia e dos carburantes, onde lhes acontece figurar ao lado dos representantes dos poderes públicos argelinos perante os petroleiros franceses.

A indústria petrolífera argelina emprega cerca de duzentos técnicos soviéticos. Este número que inclui os secretários e intérpretes, deverá aumentar levemente com a entrada em vigor do acordo argelo-soviético assinado em Dezembro de 1968.

Por outro lado, nos termos do mesmo acordo, a Argélia entregará este ano e no próximo 500 mil toneladas de petróleo à União Soviética. No decurso dos cinco anos seguintes, estas entregas anuais poderão ser elevadas a 750 mil toneladas (recordemos que a U. R. S. S., cuja produção de petróleo bruto se elevou em 1968 a 309 milhões de toneladas, é o segundo produtor de petróleo do mundo). Para justificar esta transacção, os argelinos explicam de boa vontade que o petróleo do Seara apresenta características procuradas pelos soviéticos. Mas esta operação, realizada no âmbito dum acordo de «clearing», é no entanto menos remuneradora do que aquelas que a Argélia faz, de tempos a tempos, no mercado internacional. Permite esta, no entanto, colmatar, em proveito da União Soviética, parte do «deficit» da balança comercial argelo-soviética.

Em contrapartida, o mesmo sistema de compensação dá a possibilidade ao jovem Estado de recrutar na União Soviética, em muito melhor conta do que nos Estados Unidos ou em França, os quadros técnicos de que tem grande necessidade. (O «custo» dum engenheiro soviético é mais ou menos, inferior a metade do de um engenheiro americano).

A União Soviética não faz investimentos na pesquisa petrolífera no Seara e, «a priori», não parece ter tal intenção. Contenta-se em «vender», de certo modo no âmbito de contratos a curto prazo, serviços e equipamentos. E a Argélia parece ficar satisfeita com esta forma de assistência técnica, na medida precisamente em que esta lhe ajuda a desenvolver as suas actividades petroleiras, independentemente das sociedades estrangeiras.

Acontece que a União Soviética se presta tanto mais complacente a esta política quanto ela se faz por vezes em prejuízo das firmas capitalistas. A U. R. S. S., tira, deste modo, bastante proveito das vicissitudes da cooperação petroleira franco-argelina. Mas Argel deseja evitar as conversações a sós tanto com os soviéticos como com os franceses. É neste espírito que os petroleiros argelinos tentam actualmente favorecer trocas de experiências com petroleiros cujas concepções estão ainda afastadas das suas (venezuelanos, iranianos), ou mais próximas (sírios, iraquianos). Assiste-se neste segundo caso ao início duma cooperação ainda simbólica.

Escusado é dizer, no entanto, que a produção petrolífera no Seara depende ainda, no essencial, das sociedades petrolíferas francesas. Ora, os dois associados da associação cooperativa franco-argelina não conseguiram por enquanto, apesar de várias reuniões, entender-se quanto ao total do orçamento de pesquisas da associação para o ano corrente. Os franceses prefeririam limitar os seus compromissos financeiros a menos de 200 milhões de dinares, enquanto os argelinos desejariam que estes fossem elevados a 300 milhões de dinares.

A diversos outros litígios, acaba de acrescentar-se um novo entre a C. R. E. P. S. e a administração argelina. Mas, apesar das ameaças de que se acompanha em geral aqui a apresentação de semelhantes diferendos, não se deixa de afirmar menos resolutamente ter-se escolhido, em matéria de petróleo, a cooperação e não a nacionalização, pelo menos enquanto esta não se revelar mais proveitosa do que aquela.

G. V.

DE «LE MONDE» em exclusivo para o «DIÁRIO DE LISBOA»

Nota do dia

ESCREVER E FALAR

VAMOS A VOLTAR AO TEMA dos discursos e palestras do Chefe do Governo, não aos temas tratados nos discursos, mas aos discursos em si, não ao seu recheio, ao seu conteúdo, mas ao continente que eles próprios são. E o tema, aqui, será o de haver ou não haver tempo para escrever, sendo certo que quem tem o gosto de escrever não se resigna com facilidade a ficar àespera que outrem, de confiança que seja, lhe forneça a papa feita, mesmo por encomenda. Quem tem boca não manda soprar...

Um ministro que se deixou bloquear pelos hábitos e pelo gosto das aparições em público queixava-se certo dia ao então Presidente do Conselho do excesso de trabalho com os deveres do cargo, para mais com os sucessivos discursos que tinha de fazer. O dr. Salazar, talvez numa leve censura, sugeriu então: «Mas porque é que o senhor ministro não arranja quem lhe escreva os seus discursos para lhe ficar tempo para o resto?»

Há em tudo isto um pouco de hábitos, tradição, costumes políticos, até o estilo dos homens e dos regimes. À medida que se vão tornando mais frequentes estes exercícios de comunicação, à medida que nos formos habituando à sua prática, tanto os que falam como os que ouvem, essa prática vai-se despojando de solenidade para se converter num tu-cá-tu-lá. É o mérito e o sentido destas intervenções em público, que não se destinam a alguma academia mas ao entendimento e ao espírito de toda a gente.

Um jornalista americano perguntou uma vez ao presidente Kennedy o que é que ele pensava sobre certo problema então escaldante da actualidade diplomática. Kennedy ouviu, pensou um pouco e respondeu: «Olhe, ainda não sei bem. Mas o senador tal (talvez ao tempo o senador Fullbright) há-de fazer na sexta-feira um discurso e o que ele disser há-de ser o que eu penso». Contou-o, ao tempo, na mesma semana, com a sua assinatura, o repórter do «Time» a quem Kennedy tinha dado a resposta.

Crédito Universitário
BANCO DO ALENTEJO

UM BORBÓN REGADO COM GASOLINA...

Um telegrama de Nova York anunciou-nos que «o príncipe de Borbón-Astúrias, que afirma ser descendente da família real espanhola» ofereceu 74 000 dólares ao actor Richard Burton, marido de Elizabeth Taylor, pela famosa pérola «La Peregrina» — que ele adquiriu, por metade num leilão — a fim de a dar à rainha Vitória Eugénia, viúva de Afonso XIII, que tem 80 anos e vive na Suiça.

Será este príncipe o mesmo que, em 1933, conhecemos em Lisboa, ou tratar-se-á de um dos seus numerosos parentes?

O certo é que a notícia da agência recorda-nos um episódio interessante em que ele e eu figurámos:

Dominada a revolta, sem sangue, de 10 de Agosto de 1932, em Sevilha, e preso o seu chefe, o general Sanjurjo — que, depois, foi condenado à morte e indultado, após vinte meses de presídio, vindo para o Estoril os oficiais nela implicados foram distribuídos por diversas prisões, sendo alguns deles deportados para Villa Cisneros, no Protectorado Espanhol de Marrocos.

Uma noite de sábado para domingo, fui avisado, telefónicamente, de que catorze desses deportados, que haviam desaparecido da prisão, tinham chegado, num barco de pesca, a Sesimbra e se encontravam no «bar» do Avenida-Palace. Ali me dirigi rápidamente, fazendo a reportagem que transmiti, em seguida, para o «ABC» de Madrid e me serviu para a notícia do «Diário de Lisboa».

Depois de umas «copas de Jerez», dois deles, os aviadores militares D. Alfonso de Bórbon, marquês de Esquilache, primo de Afonso XIII, e Paco Ansaldo, com irmãos todos pilotos — manifestaram-nos o seu desejo de se vestirem decentemente, visto que haviam fugido com a pouca roupa que tinham na ocasião, e calçavam alpargatas. Como estavam fechados todos os estabelecimentos onde se poderiam fornecer, e no dia seguinte era domingo, prometi arranjar-lhes tudo o que pudesse servir-lhes. E na manhã dominical, apresentei-me no hotel, com uma mala que parecia o mostruário de um caixeiro viajante, pois continha desde fatos a camisas, cuecas, gravatas, pulgas, lenços e sapatos.

Ao chegar ao quarto onde os dois aviadores haviam dormido, bati à porta, identificando-me:

— «Pase usted, amigo!».

Abri a porta — deparou-se-me um espectáculo inédito e que nunca mais vi: Num alguidar de zinco, em pé, o primo do último rei de Espanha, completamente nu, estava a ser regado com gasolina (não fossem ambos aviadores...) por Paco Ansaldo que empunhava um regador que contivera inicialmente cinco litros daquele combustível:

— «A ver — observou, como que a desculpar-se, D. Alfonso, que se esfregava com uma escova — si, con bencina, sale toda esta...».

Nessa altura, houve um toque oportuno, do telefone interno... Eu atendi: era um dos fugitivos, lembrando aos dois camaradas que tinham de ir a uma missa que, a pesar de não ter sido encomendada, para eles foi de «acção de graças»...

FÉLIX CORREIA

Hotel do Pinhal-Ofir

Informamos os nossos estimados Clientes que se realizam na boite deste Hotel os 4 tradicionais bailes de Carnaval com a colaboração do conjunto «Los 5 del Sul» com a canconetista Maria de la Paz e uma famosa orquestra italiana.

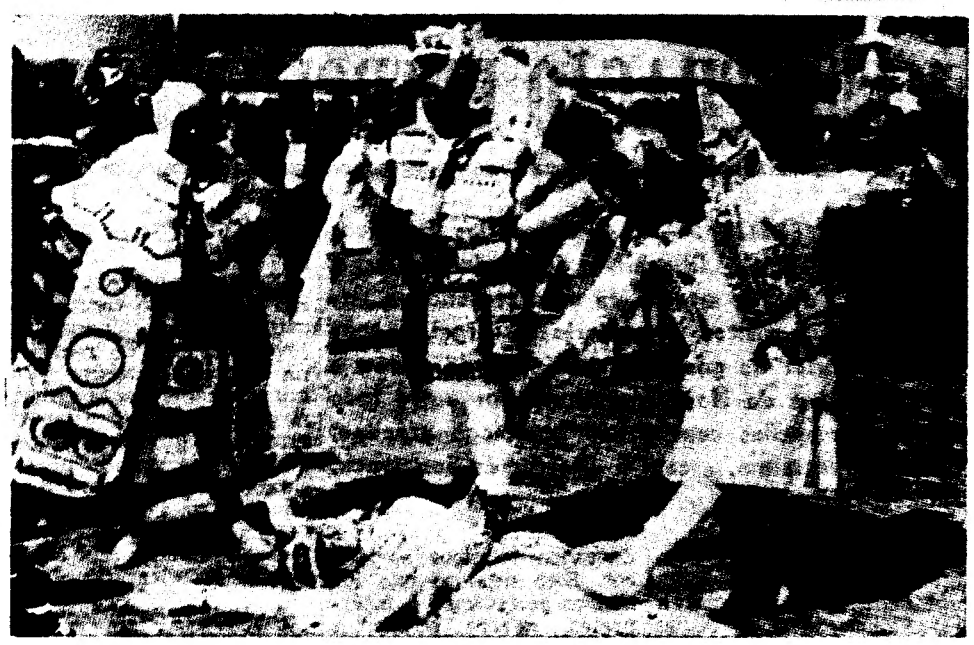
Haverá serviço de ceias permanente no Restaurante.

Preços:

Sábado e 2.ª-feira — 80$00 por pessoa.
Domingo e terça-feira — 50$00 por pessoa.
Reserva de mesas pelos telefs. 23-89473/74
Espectáculo para maiores de 15 anos.

HIPOTECAS
FAZEM-SE EM LISBOA, ARREDORES E PROVÍNCIA
AO JURO DA LEI
A CONFIDENTE
ROSSIO, 3 2. TELEF. 369384

A DOLORIDA ALEGRIA DO POVO BOLIVIANO



Em plena dança típica da «Diabada», o arcanjo S. Miguel mata Lúcifer

LA PAZ (BOLÍVIA). — **Os bolivianos trabalham àrduamente mas também são peritos em se divertir a si próprios. As suas festas raramente duram menos do que uma semana.**

Muitas destas festas populares são em honra de santos locais. E como cada cidade, aldeia ou comunidade tem o seu santo protector, raro é o dia em que não há uma festa ou uma feira destas características algures na Bolívia. Além destas celebrações, os domingos são também dias muito especiais para os bolivianos.

(Em La Paz, todas as tardes longas «bichas» de índios aguardam à porta dos cinemas a sua abertura. Não há uma sala de cinema que passe um filme de «cow-boys» nesta cidade que nao se encha de índios e índias, carregando às costas crianças adormecidas.)

Um casamento é uma cerimónia muito especial para os bolivianos. Duram dez dias. Para os convidados, dez porcos são mortos e eles comem a sua carne ao longo de todos aqueles dias, enquanto os noivos continuam a «presidir» aos festejos. Não há lua-de-mel na Bolívia. No primeiro dia do casamento, uma perna inteira de porco é dada aos noivos e estes têm que a comer de uma só vez, ambos segurando a enorme peça de carne, enquanto os circunstantes exteriorizam a sua alegria e divertimento bebendo chicha, **uma forte bebida feita do maiz, com um teor de álcool que se aproxima quase sempre dos 90 graus. Alcoolismo, além do hábito entorpecente de mastigar coca, é outro flagelo do povo boliviano.**

Os baptismos são igualmente uma tradicional cerimónia respeitada por todos. Tudo é um bom pretexto para uma boa festa. Desde o primeiro corte de cabelo de uma criança ao assentar de telhas numa casa nova, passando pelo dia da Independência, Natal e Carnaval são excelentes motivos para os bolivianos se libertarem da sua escravatura secular à terra e aos deveres domésticos.

UM ANO PARA UMA FESTA

Os brasileiros diriam que as festas populares bolivianas são «um estouro». De facto, nunca, em outros sítios, um povo deixa extravasar tanto uma alegria tão dolorida, tão recalcada, tão escondida, sepultada por séculos de trabalhos pesados como o boliviano o sabe fazer. Profundamente católicos, eles não conseguem, no entanto, divertir-se sem ser através de um paganismo ancestral que os domina ainda hoje, profundamente.

Durante um ano eles preparam-se para a grande festa. De um ano para o outro o trabalho amargo prepara-os para uma alegria forte e efémera. E quando ela vem... oh, quando ela vem é a libertação dos Incas, dos espanhóis e o esquecimento de uma vida dura e primitiva em actos fortes e também primitivos.

A SOLIDARIEDADE DAS «FIESTAS» NECESSÁRIAS

Qualquer celebração tem para os bolivianos o nome simples de «fiesta». Como estas são caras, eles têm uma maneira original de arranjar dinheiro para se divertirem.

Com a antecedência necessária, são nomeados os *prestes*, nome que poderá corresponder em português, a patrocinadores. Estes pagam por um grupo ou dão da sua comida a um conjunto de músicos-bailarinos ou, ainda, funcionam como hospedeiros de toda a gente da cidade ou «pueblo». De um ano para o outro os «prestes» são nomeados num sistema rotativo. Toca a vez a toda a gente. Por isso, eles trabalham àrduamente para se prepararem para as «fiestas», reunindo o dinheiro preciso para gastar naqueles dias. Esta é a solidariedade das «fiestas» necessárias. A posição de *prestes* traz uma grande honra para as pessoas. Mas pode aniquilar-lhes as economias de anos. Todavia, eles não se importam e é com alegria que assumem aquela responsabilidade.

Ser bailarino pode também ser caro. Cada dança requer um fato especial e a propósito. Os fatos podem ser feitos de folhas de árvore. Mas também podem ser costurados em caro e pesado veludo, cobertos de prata e «lantejoulas».

Os mais invulgares grupos de dança podem ser encontrados no altiplano, nas yungas e nos vales mais altos.

A dança favorita entre milhares é a *diablada*. É bailada em todas as partes do altiplano, e isso acontece frequentemente, mas o seu grande centro é Oruro. O seu nome significa «dança do diabo».

Na *diablada* um dos bailarinos veste-se de arcanjo Miguel, com comprida saia, longo cabelo branco e um resplandecente capacete, segurando uma espada de lâmina larga.

O outro dançarino é o Diabo e, evidentemente, veste-se como tal, cobrindo a cabeça com uma cornuda máscara de plástico, mostrando olhos injectados de sangue e lentes espelhados brilhando ao sol. Sobre os ombros, o bailarino lança uma longa capa de veludo que brilha por ter pedras falsas incrustadas. Acompanham o diabo pequenos rapazes vestidos com peles de animais e que representam as feras do Inferno.

O ponto máximo da excitação da assistência é quando a dança atinge o seu auge, com o arcanjo combatendo Lucifer.

Como nos bons filmes de «suspense», ou nos combates de «catch», parece, por longos momentos que o «mau» vai vencer o bom (e simpático) arcanjo. Mas este, o símbolo da bondade, sempre consegue levar a água ao seu moinho ante as demonstrações de ingénua alegria dos que assistem.

Talvez seja esta luta entre o Bem e o Mal que torna a *diablada* tão apreciada pelos bolivianos. Onde quer que a dança seja executada, famílias inteiras calcorreiam quilómetros para a ver, uma vez mais. E tantos são os que querem dançar que uma «troupe» tem, agora, quase sempre cerca de 120 figuras.

Duas outras danças altamente apreciadas na Bolívia são a *cullagua* e a *auqui-auquis*. A *cullagua* chega-nos hoje desde os tempos anteriores à ocupação espanhola. E mantém a sua pureza primitiva. Desde aqueles tempos que as mulheres da Bolívia fiam a lã grossa das «llamas» ou das ovelhas. E os homens ajudam-nas, até tornar aquela matéria-prima em fios prontos. Quando os bailarinos dançam a *cullagua* eles representam todos os actos e utensílios dessa fiação milenária.

Os *auqui-auquis* são os velhos dos grupos de dança. Os homens dançam saltando de um lado para o outro, apoiando o corpo numa bengala que nunca abandonam e que não é mais do que o símbolo da sua velhice, pois muitas vezes nem a utilizam para os saltos rítmicos, até porque na maioria dos casos são jovens que fazem o papel de velhos. Caricaturando os velhos, eles conseguem sempre um efeito altamente hilariante, pois toda a gente se diverte muito com aqueles saltos grotescos.

Sempre que vão a uma «fiesta» os bolivianos vestem as suas melhores roupas, o que dá ao ambiente um ar domingueiro.

E à volta dos grupos de dança semiprofissionais camponeses dançam horas e dias, por vezes, a fio.

No altiplano, o povo dança sempre o *huayño*. Esta é a dança mais comum. As pessoas dispõem-se em círculos e ora correm para a esquerda, ora para a direita, de braço dado, partindo-se o círculo depois em pares que batem palmas enfrentando-se, olhos nos olhos. O *huayño* é tremendamente movimentado e nele são despendidas enormes quantidades de energia.

CADA TERRA COM SEU USO...

Tal como acontece com as línguas, as roupas e as colheitas, as danças também variam muito, conforme as regiões da Bolívia.

Se o *huayño* é a dança mais comum do altiplano, a *cueca* é característica dos vales e o *taquirari* e o *carnavalito* típicos do *Oriente*.

A *cueca* é conhecida em toda a América do Sul. Foi, provàvelmente, trazida pelos colonialistas espanhois mas depressa os índios bolivianos se assenhorearam dela e a adaptaram, introduzindo-a no seu folclore regional.

A *cueca* é dançada por um par que agita lenços no ar, ora fazendo-os rodar acima das suas cabeças ora deixando-os varrer o chão. Pouco a pouco a música vai-se tornando mais rápida. Os pares aproximam-se corpo contra corpo, namoriscando-se. Os corpos enfrenesiam-se. A música perturba cada vez mais, num ritmo quase insustentável. Os lenços, sempre revoluteando. E a mulher vai-se afastando da aglomeração e o homem segue-a, lenço sobre a cabeça, até se perderem de vista e acabarem por se possuir num ponto isolado e frio da montanha.

O *taquirari* não foi importado. Ele é cem por cento boliviano. A sua música provém das tribos da selva do *Oriente* e hoje é a música favorita de todos os que vivem naquela parte da Bolívia.

Pode não ser tocada só para dançar, porque a harmonia que tem é excelente para ternas canções de amor, tão apreciadas nas terras baixas tropicais.

A outra música do *Oriente* foi importada. É o *carnavalito*, melodia ruidosa que muitas vezes é abafada pelas gargalhadas dos que a dançam. Embora o Carnaval só venha uma vez por ano: o *carnavalito* dança-se todos os dias.

Estas são as principais formas de divertimento dos bolivianos.

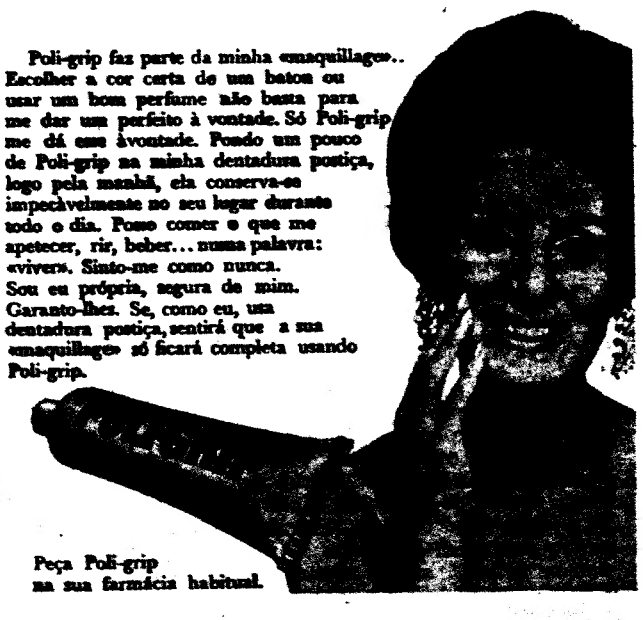
Foi-me possível assistir a todas elas. São ingénuas, puras formas de divertimento desta gente que ao domingo vejo subir e descer a Av. Mariscal Santa Cruz, transformada num mar de gente falando *aymara*, que naquele dia da semana a escolhe para *picadetro*, como nas nossas pequenas terras da província.

Para cima e para baixo. Aí passeiam famílias inteiras, os que não acompanharam os outros em piqueniques na montanha e preferem andar, endomingadas, para cima e para baixo, sob os olhares trocistas dos americanos que se divertem bebendo cerveja na esplanada do ABC.

ALGURES NO MUNDO

um repórter do «Diário de Lisboa»

Joaquim Letria



Poli-grip faz parte da minha «maquillage». Escolher a cor certa de um batom ou usar um bom perfume não basta para me dar um perfeito à vontade. Só Poli-grip me dá esse àvontade. Ponho um pouco de Poli-grip na minha dentadura postiça, logo pela manhã, ela conserva-se impecàvelmente no seu lugar durante todo o dia. Posso comer o que me apetecer, rir, beber... numa palavra: «viver». Sinto-me como nunca. Sou eu própria, segura de mim. Garanto-lhes. Se, como eu, uma dentadura postiça, sentirá que a sua «maquillage» só ficará completa usando Poli-grip.

Peça Poli-grip na sua farmácia habitual.

NOVO CASINO ESTORIL

noites de

UM «SHOW» SENSACIONAL COM

LES CINQ PÈRES

THE TONELY'S
RUDI HORN
MARIA VALEJO

DORISS GIRL'S SHOW

MÚSICA CONSTANTE POR

JIRINA'S COMBO • OS «SHEIKS»

JORGE COSTA PINTO

e sua orquestra

SABADO
BAILE DE GALA DE ABERTURA
(Trajo de noite)

DOMINGO
PRIMEIRO BAILE TRAPALHÃO
(Obrigatório o uso de máscaras grotescas)

SEGUNDA-FEIRA
SEGUNDO BAILE TRAPALHÃO
(Obrigatório o uso de máscaras grotescas)

TERÇA-FEIRA
BAILE DE GALA DE ENCERRAMENTO
(Trajo de noite)

PREÇOS: Restaurante e «Wonder Bar», 200$00 por pessoa (250$00 na noite de segunda-feira) com direito a reserva de mesa e a uma garrafa de espumante, no valor de 200$00, para quatro pessoas. Bar Americano, 100$00 (150$00 na noite de segunda-feira) com direito sòmente a entrada e a dançar depois do espectáculo

Estes preços não compreendem taxas nem impostos

As marcações só são respeitadas até 24 horas antes do baile a que se destinam

(MAIORES DE 15 ANOS)

GRANDIOSO CORSO
ACESSO LIVRE AO PÚBLICO

AS 15 HORAS DE DOMINGO E DE TERÇA-FEIRA COM GIGANTESCOS CARROS ALEGÓRICOS, RANCHOS FOLCLÓRICOS, BANDAS DE MÚSICA, CABEÇUDOS E MUITAS SURPRESAS

LUGARES RESERVADOS: BANCADAS, 40 ESCUDOS

Bilhetes à venda no Casino Estoril, Cais do Sodré e Praça dos Restauradores, bem como nas Agências ABEP (Restauradores) e Abelha (Av. de Roma)

Espectáculo para todas as idades

CONDES
e
FILMES CASTELLO LOPES
apresentam o

SENSACIONAL!

PROGRAMA DE CARNAVAL

ÀS MATINÉES
A PEDIDO
AS DELIRANTES AVENTURAS
DO VOSSO GRANDE AMIGO!

Astérix O GAULÊS

Colorido. Para todos

É NA PRIMEIRA PARTE NOVAS VIAGENS E DESENHOS ANIMADOS

À NOITE

DELICIOSO!
ALEGRE!
ADORÁVEL!
INESQUECÍVEL!

7 NOIVAS para 7 IRMÃOS

(SEVEN BRIDES FOR SEVEN BROTHERS)

70 m/m

SUPER PANAVISION · METROCOLOR Maiores de 12 anos

AMANHÃ
um carnaval inteiramente dedicado à gente nova
(A OS PREÇOS NORMAIS)

HE

HOTEL EMBAIXADOR

BAILES DE CARNAVAL

Sábado • Domingo • Segunda e Terça-feira

UM MAGNÍFICO «SHOW» COM

LIMA KIM

ESMERALDA AMOEDO

PARIS JAZZ BALLET

PREÇOS — 250$00 (com direito a jantar-ceia): 150$00 (com direito a 50$00 de consumo de bebidas)

MATINÉES-DANÇANTES DOMINGO E TERÇA-FEIRA — Preço 40$00 —

(Estes preços não incluem as taxas regulamentares)

MAIORES DE 17 ANOS

Folclore

Restaurante

Reabriu em Janeiro, após a brilhante ligressão do seu Grupo Artístico por vários Estados do Brasil.

A FARSA DO CARNAVAL

ESTÁ NO **MONUMENTAL** T. 55 51 33 (ADULTOS)

2 SESSÕES: 20.45 e 23 H.
VASCO MORGADO
APRESENTA

CAMILO
Mais cómico do que nunca

FLORBELA
Prémio da Imprensa 1968
NOS PROTAGONISTAS

com C. COELHO ■ CARMEN MENDES ■ YOLA ■ LINDA SILVA ■ ALDA PINTO ■ ALICE CARLA

Encenação de SANTOS CARVALHO

UMA FARSA MAIS DO QUE «GIRA» É «GIRISSIMA»

monumental CARNAVAL só no TEATRO MONUMENTAL

BILHETES À VENDA para as 2 sessões: 20.45 e 23 h. de SAB., DOM., 2.ª e 3.ª-FEIRA (ADULTOS)

TEATRO e BAILE
ATÉ DE MADRUGADA
3 BELÍSSIMOS CONJUNTOS
E AINDA OS 5 DE PORTUGAL e TROPICAL
QUINTETO ACADÉMICO + 2

LUGARES DESDE 30$00
VÁ À 1.ª SESSÃO E TERÁ MAIS TEMPO PARA DANÇAR

Às 15 e 18 h., nas TARDES de DOMINGO, 2.ª e 3.ª-FEIRA

A FANTASIA MUSICAL

«PIMPINELA»

e o JÁ TRADICIONAL CONCURSO de MÁSCARAS INFANTIS

PARA ATRIBUIÇÃO DE 60 PRÉMIOS VALIOSOS ÀS CRIANÇAS MAIS BEM MASCARADAS

4 maravilhosas BICICLETAS
UM ÊXITO QUE SE REPETE...

Paraíso Infantil

M/ 4 ANOS
Bilhetes à venda

CARNAVAL — ALUGAM-SE FATOS
Telef. 534980 — 40945
Av. Praia da Vitória, 71-E — LISBOA

EM «TOURNÉE»
EXCEPCIONAL PELA R.T.P.

A CANTORA FRANCESA

JENNIFER

DO **SHOW SACHA DISTEL**
ANIMARÁ NO «HOTEL ALGARVE»
AS NOITES DE CARNAVAL

MÚSICA DE DANÇA COM O

TRIO HÉLDER MARTINS

DA RÁDIO E TV PORTUGUESA

Telef. PORTIMÃO 1101/10

Teatro LAURA ALVES

HOJE NÃO HÁ ESPECTÁCULO PARA DESCANSO OFICIAL DA COMPANHIA

Às 20.45 e 23 h. (Adultos)

SÁBADO «MATINÉE» ÀS 16 H. PARA TODO O PÚBLICO

(Para estudantes preço único de 10$00) com a deliciosa comédia

O JOVEM MENTIROSO

estudio 444

5.ª SEMANA

DOPERFILME

M/ 17 ANOS

BIBI ANDERSSON
BRUNO CREMER

NUMA PERFEITA LIGAÇÃO FRANCO-SUECA!

um filme de JACQUES DONIOL-VALCROZE

LE VIOL
O DESCONHECIDO DESEJADO

EASTMANCOLOR

ESTRANHA ATMOSFERA DE SENSUALIDADE E DRAMATISMO!

DIVERTIDÍSSIMA **ESTREIA**

AVIS

M/ 12 ANOS

HOJE, ÀS 21,45

FRANCO CICCIO MIMMO

FRANCHI • INGRASSIA • PALMARA

TRES HERÓIS DO TURBULENTO OESTE AMERICANO NUMA ESPANTOSA RÉPLICA CÓMICA AO FILME **«O BOM, O MAU E O VILÃO»**

O BELO, O BRUTO E O CRETINO

EASTMANCOLOR

O **BELO** É DURO! O **BRUTO** É PURO!

O **CRETINO** É QUE PAGA SEMPRE AS FAVAS!

DOPERFILME

HOJE AS 22 H. ESTREIA

NO TEATRO VARIEDADES

VASCO MORGADO ORGULHA-SE DE APRESENTAR A OBRA DE ARNOLD WESKER NUMA TRADUÇÃO DE JOSÉ PALLA E CARMO com

EUNICE MUÑOZ e FERNANDO GUSMÃO

AS QUATRO ESTAÇÕES

MÚSICA DE JORGE PEIXINHO
CENÁRIO DE OCTÁVIO CLERIGO
NUMA ENCENAÇÃO DE

PAULO RENATO

NO VARIEDADES

VASCO MORGADO em colaboração com ANTÓNIO MANUEL COUTO VIANA apresentam pela 1.ª vez neste TEATRO

SENSACIONAIS TARDES INFANTIS DE

CARNAVAL

PELO TEATRO DO GERIFALTO

MAIORES DE 4 ANOS

Peça o Programa na Bilheteira
— BILHETES À VENDA —

PROGRAMA

DOM., 2.ª e 3.ª-FEIRA À TARDE, ÀS 15 e 18 H.

3 ENCANTADORAS PANTOMIMAS

VIVA O PALHAÇO de COUTO VIANA

A PRINCESA E O PASSARINHEIRO de JUAN SOUTULHO

SONHO DE CARNAVAL de COUTO VIANA

UM GRANDIOSO CONCURSO DE MÁSCARAS INFANTIS

com prémios para todos os concorrentes, da General Electric, Regina, Papelaria Progresso, Livraria Clássica Luso - Espanhola, Filmarte, Frigel, Artex, Beltão, Coelho, Ld.ª, Africa, e um sorteio de uma BICICLETA «IBA»

ROMA O NOSSO CARNAVAL TEM TRADIÇÕES

APRESENTAMOS:

UM FILME EM ESTREIA

ESTRONDOSA COMÉDIA com CATHERINE SPAAK

A NOITE É FEITA PARA ROUBAR

DIVERTIDISSIMOS FILMES EM COMPLEMENTO

A GRANDE ATRACÇÃO INTERNACIONAL

MARY GEMA e os BLACKMEN'S

O CONJUNTO **«OS CINCO D'OUROS»**

BAILE toda a noite
NO AMPLO «FOYER» DESTE CINEMA

2 SESSÕES INFANTIS

CONCURSOS DE MÁSCARAS
VALIOSOS E TENTADORES PRÉMIOS

PALHAÇOS

FILMES CÓMICOS E DESENHOS ANIMADOS
BRINDES A TODOS OS ESPECTADORES
GULOSEIMAS PARA TODAS AS CRIANÇAS

A NOITE: ADULTOS À TARDE: PARA TODOS

BILHETES À VENDA
PROGRAMAS EM DISTRIBUIÇÃO

O TIVOLI

TEM A HONRA DE APRESENTAR, PELA PRIMEIRA VEZ EM PORTUGAL, O PIANISTA MAIS GENIAL DESTE SÉCULO

O ARTISTA SOVIÉTICO

SVIATOSLAV RICHTER

2 ÚNICOS CONCERTOS

NO DIA 21 DE FEVEREIRO ÀS 18.30 H.

PROGRAMA ROMÂNTICO

ESTUDOS SINFÓNICOS ..... Schumann
QUADROS DE UMA EXPOSIÇÃO ..... Mussorgski

NO DIA 22 DE FEVEREIRO ÀS 21.45 H.

Concerto em colaboração com a Sociedade de Concertos
Folha de Álbum ..... Schumann
8.ª Sonata ..... Prokofiev

A BILHETEIRA ABRE HOJE

Maiores de 6 anos

Representante em Portugal de
SVIATOSLAV RICHTER
SEQUEIRA COSTA

6.º MÊS!

JOSÉ VIANA no «Catedrático do Fado»

● DIVIRTA-SE COMO OS OUTROS! VÁ RIR AO

MARIA VITÓRIA

ADULTOS

ONDE GIUSEPPE BASTOS E VASCO MORGADO
APRESENTAM ÀS 20.45 E ÀS 23 HORAS, A FAMOSA REVISTA

• Grande Poeta é o Zé!

Prémio da Imprensa — 1968

— Um êxito como não há memória com os populares artistas

SALVADOR ★ JOSÉ VIANA
MARIEMA (PRÉMIO DA IMPRENSA do melhor actor de 1968

★ Max ★ Anita ★ Dora ★ Vitor Mendes
e a notável atracção MAY AVRIL

● O MAIS ALEGRE CARNAVAL DE LISBOA! SÁBADO, DOMINGO, 2.ª E 3.ª-FEIRA ÀS 20.45 E 23 HORAS! ● PREÇOS HABITUAIS!

ABC

ELAS É QUE SABEM

Revista com Ivone Silva, Nicolau Breyner, Henriqueta Maya, Delfina Cruz, Acúrcio e José do Castro.

MARIA DA FÉ
TONI DE MATOS

HOJE, às 20.45 e 23 h.
(ADULTOS)

TRINDADE

— F N A T. —

HOJE, às 21.45 (17 anos) e T. N. P., subs. pelo Fundo de Teatro, apresenta

SABINA FREIRE

de M. Teixeira Gomes com Lourdes Norberto na protagonista

SÁBADO, sardo às 16 h.

NINA

NIGHT CLUB

Maiores de 21 anos

Hoje, extraordinário baile de Máscaras

BLANCHE GALLAY

TRIO MELODIA

Brevemente nova atracção francesa

«Matinées» todos os dias das 16.30 às 20.30 com atracções

AR CONDICIONADO

europa

O SEU CARNAVAL

— TARDES INFANTIS —
(AS 15 e 19 M/ 6 ANOS)

DOMINGO — «O Mundo Alegre de Buche e Estica»
2.ª FEIRA — «O Ursinho Brincalhão»
3.ª FEIRA — «As 1001 Noites Árabes»

NO PALCO:

PALHAÇOS — «José, Eirmilita e Cia.»
ACROBATAS — «Marcus Brothers»

Brindes a todas as crianças ★ Concursos com valiosos prémios, oferta da General-Electric, Heller, Quitola e Philips

NOITES — 2 FILMES DE GARGALHADA
Cantinflas em «O BOM PASTOR» — de Madrugada no
SÁBADO — «OBJECTIVO PARIS»
2.ª-FEIRA — «O OPORTUNISTA»

Nos intervalos e até de madrugada, BAILE com o conjunto

ABRIL EM PORTUGAL

Dias 15 e 17 c/ baile — M/ 15 anos
Dias 16 e 18 s/ baile — M/ 12 anos

AMBIENTE SELECCIONADO — BILHETES À VENDA
NÃO HÁ VENDA DE SENHAS PARA O BAILE

Vasco Morgado apresenta

TEATRO VILLARET

EM 3.º MÊS
DE LOTAÇÕES ESGOTADAS

Hoje: 2 sessões, às 21 e 23 h.
— ADULTOS —

A Preguiça

com

RAUL SOLNADO

e

Fernanda Borsatti
Alina Vaz
Mário Jacques
António Montez
David Silva

UM ESPECTÁCULO QUE DISPÕE BEM

(É este o homem da preguiça)

COLISEU

HOJE, às 21 e 30
(Maiores de 12 anos)
GRANDE COMPANHIA DE CIRCO DO CARNAVAL
AS MAIORES ATRACÇÕES
PALHAÇOS

SÁBADO
Inauguração do GRANDE CARNAVAL DO COLISEU
Baile até de madrugada
Bilhetes à venda

CARNAVAL

Hotéis — Condessa — Malhoa — Sines — Luxo

Assista ao Corso de Sines, e hospede-se neste confortável estabelecimento Hoteleiro.

Desconto especial até 30 de Março.

Estadia com pensão completa para casal, durante os 3 dias 950$00 com taxas incluídas.

CAPITÓLIO

Tel 32 03 79
Às 21.45 h.
M/ 17 anos
O êxito do momento
TANGO
Pela Companhia do TEATRO NACIONAL D. MARIA II
Sábado, tarde e preços reduzidos
Domingo, tarde dedicada a estudantes

SINTRA ESPERA-O
NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os comboios eléctricos.

Em RIO MAIOR o «DIÁRIO DE LISBOA» vende-se na TABACARIA SANTANA — Rua Serpa Pinto, n.º 28.

ATRÁS DO REPOSTEIRO

● *Os artistas Alina Vaz e Carlos José Teixeira também fazem parte da companhia da actriz Laura Alves que se desloca ao Ultramar.*

● *Estão já a decorrer os ensaios das fantasias da revista dos Parodiantes de Lisboa, sob a direcção do artista Paulo José.*

● *Do elenco daquela revista fazem parte entre outros artistas Florbela Queiroz, Camilo de Oliveira e Octávio de Matos.*

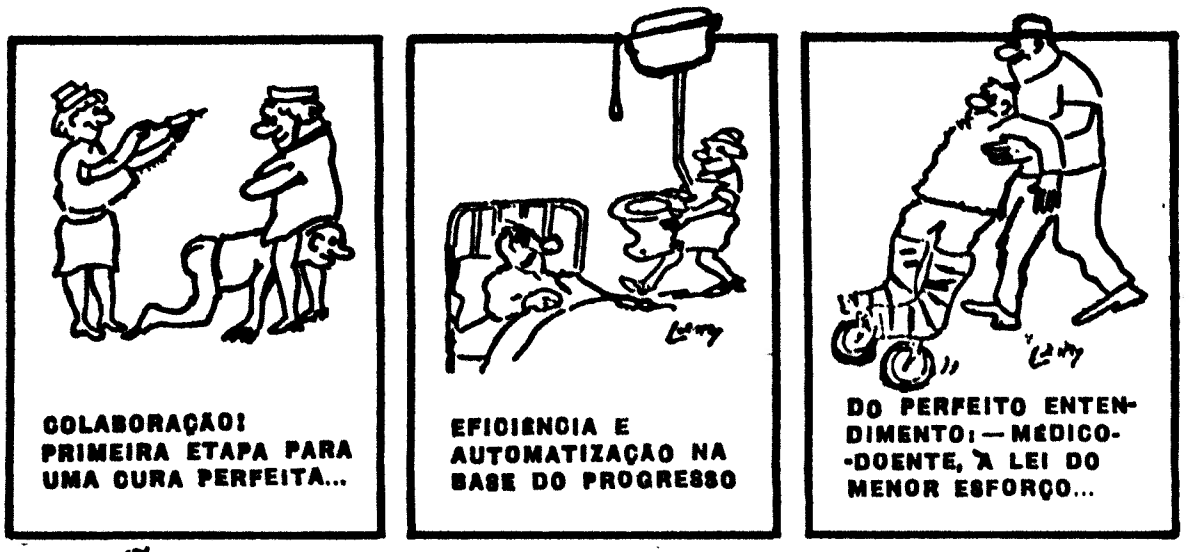
TEATRO INFANTIL

Amanhã á tarde, com início ás 15 horas, a companhia de teatro infantil dirigida por Rosa Mateus dá um espectáculo, na salão de festas do Bairro Padre Cruz, com a peça «Era uma vez uma princesinha», de Eduardo Damas com música de Manuel Pallo.

Também amanhã á tarde, no ginásio do Clube do Bairro do Alvito, o Teatro do Palichinelo dirigido por Maria Aurora dará um espectáculo destinado ás crianças.

Trata-se de duas iniciativas do Município.

AQUI SE REVELAM AS MAIS OUSADAS FORMAS DA TERAPÊUTICA!



NÃO É FICÇÃO CIENTÍFICA!...

...É A REVELAÇÃO DA MAIS ORIGINAL "VACINA" CONTRA TODAS AS FORMAS DE MAU-HUMOR!!!

HOJE às 21.30 no SÃO JORGE
PROGRAMAÇÃO RANK
Adultos

com
FRANKIE HOWERD · SIDNEY JAMES · KENNETH WILLIAMS · CHARLES HAWTREY · JIM DALE
BARBARA WINDSOR · HATTIE JACQUES · JOAN SIMS · ANITA HARRIS · BERNARD BRESSLAW

Argumento de TALBOT ROTHWELL
Produção de PETER ROGERS
Realização de GERALD THOMAS

PRIMEIRAS EXIBIÇÕES

• NO MUNDIAL

UMA PEQUENA MARAVILHA DE PIRANDELISMO

TITULO — «As Girls» — 1967).
REALIZAÇAO — George Cukor.
INTERPRETES — Gene Kelly, Mitzi Gaynor, Kay Kendall, Taina Elg

Poucos programas para a época de Carnaval poderão ser tão aliciantes como aquele que o Mundial agora lançou. Com *As «Girls»* temos oportunidade de (re)ver uma comédia musical da mais alta qualidade. Se as primeiras sequências acusam um pouco — são os fatos, os cenários, o estilo coreográfico — o desajustamento dos tempos, isto é, os 12 anos que passaram desde que «este filme foi produzido, na verdade, a sua invulgar qualidade supera muito em breve tal desvantagem. E então podemos estar certos de que chegaremos ao fim convencidos de que acabámos de ver uma verdadeira obra-prima do género.

A reposição não deve justificar a crítica demorada que dedicamos às estreias. A crítica imediata já foi feita e refeita e hoje *As «Girls»* é um clássico para ser tratado nas publicações da especialidade (as tais que nós não temos). Contudo, vale a pena enumerar alguns dos méritos do filme de Cukor.

a) O argumento: excelente. Uma pequena maravilha de pirandelismo adaptada ao estilo musical. Uma só questão — o que é a verdade? — articula três episódios, articula-os e desarticula-os na sua evidência para logo os invalidar. Da conjugação da pergunta única e das três inconciliáveis respostas origina-se a irrealidade do filme, o seu valor de mito: era em Paris, na Primavera, tudo por amor, my girls...

b) O diálogo: excelente também. Admirável sobretudo pela vivacidade, pela subtileza, pelo humor agressivo, pelo sublinhado fino das intenções. Determinadas cenas equilibram-se em grande parte pelo nível do diálogo que impede sempre toda e qualquer «banalização».

c) A realização. Ponto (evidentemente) numero um, que aqui aparece em terceiro lugar pelo vício de uma perspectiva genética. A realização, a de Georges Cukor, é exemplar. Sequências notáveis: alguns bailados (sobretudo os que se passam entre Taina Elg e Gene Kelly e entre Mitzi Gaynor e Gene Kelly), a cena no barco (com uma lindíssima canção de Cole Porter), a cena no comboio em Espanha, etc. De salientar: todas as cenas que decorrem em Paris, na casa das bailarinas. A construção complexa do apartamento permite a Cukor encontrar espantosas soluções. Trata-se de um aspecto a estudar em pormenor: como é que Cukor distribui, num espaço fechado, três pessoas, com três pontos de vista diferentes, e com três versões divergentes dos mesmos factos e como é que os níveis de leitura (nossa) desse espaço se vão alterando na medida em que cada novo acontecimento altera toda a nossa leitura dos anteriores?

Particularmente importante é a repetição como elemento básico na construção do filme. Nesse ponto, é curioso observar o papel que assumem determinados objectos e determinadas frases. Não podemos desenvolver o assunto, mas vale a pena pensar na função que os objectos adquirem no cinema americano pela sua «repetição»: o objecto tem uma função primeira no processo narrativo, mas, ao reaparecer, adquire uma nova função, que vem subtilmente deslocar a anterior, e da acumulação sucessiva destas funções sempre deslocadas resulta um estatuto simbólico (aberto) desse objecto (veja-se, por exemplo, o papel dos frascos de perfume e das garrafas de vinho neste filme). Acontece, portanto, que o valor simbólico decorre do próprio quotidiano e estrutura-o profundamente sem que o objecto deixe de nele se inserir da forma mais natural e primeira. Poder-se-á ver *As «Girls»* tendo em conta este esquema — e concluiremos então que uma realização retraída e discreta estava afinal carregada de intencionalidade.

d) A música e o bailado. Apenas uma palavra: excelentes.

e) A interpretação, por fim. Toda ela é de primeira ordem, mas merece-nos um aceno especial a personalidade única de Kay Kendall, uma espantosa actriz que recordamos inevitàvelmente com uma imensa nostalgia.

Resumindo: *As Girls* de Georges Cukor, será um erro se as perder.

EDUARDO PRADO COELHO

• NO ODEON

TITULO: «Nas Asas do Amor».
REALIZAÇAO: Luís César Amadori.
INTERPRETES: Rocio Dureal, Pallito Ortega, Cândida Losada, Amália de Isaura, José Sazatormil («Sasa») e Fernando Rey.

O publico adolescente tem certa simpatia pela alegre Rocio Dureal, cançonetista espanhola que, ao lado de outro jovem artista do disco (Pallito Ortega) está agora na tela do Odeon, na película «Nas asas do amor».

Como fàcilmente se adivinhava, o filme do argentino Luís César Amadori é um constante desfile musical, com intervenção (aqui e além) de setores cómicos e de um fio emocional pleno de ternura.

Além de Rocio Dureal e Pallito Ortega, participam em «Nas asas do amor» outros intérpretes do cinema espanhol: Fernando Rey, José Sazatormil e Amália de Isaura, por exemplo. O argumentista desta feliz história, bem escolhida para a programação carnavalesca, foi José Maria de Arregui. Por seu lado, a partitura musical tem assinatura de José Terregrosa, enquanto os diálogos são da responsabilidade de Gabriel Peña.

Fotografia em «eastmancolor» de um filme agradável.

As estreias de hoje

No Aviz

Título em Português — «O Belo, o Bruto e o Cretino»
Produção — Italiana
Realização — Giovanni Grimoldi
Intérpretes — Franco Franchi, Ciccio Ingrassia e Mimmo Palmara
Género — Aventuras
Distribuição — Doperfilme
Processo — Eastmancolor
Classificação — 12 anos

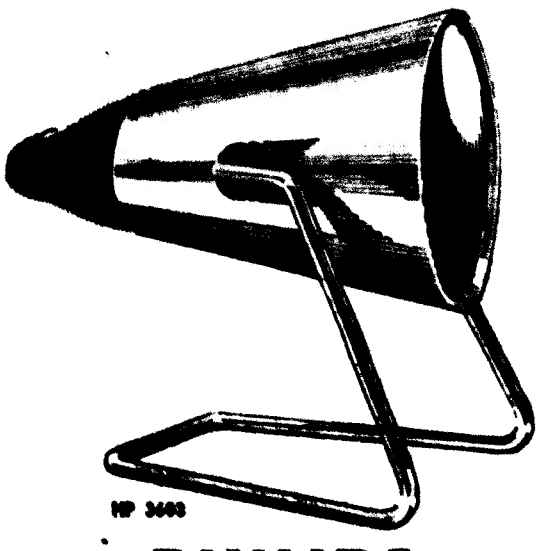
No São Jorge

Título em Português — «Doutor... vamos a isto»
Título Original — «Carry on doctor»
Produção — Americana
Realização — Gerald Thomas
Intérpretes — Kenneth Williams, Bárbara Windsor, Frankie Howard e Sidney James
Género — Comédia
Distribuição — Rank Filmes
Processo — Normal
Classificação — 17 anos

O calor faz maravilhas...

PHILIPS infraphil

...E o INFRAPHIL fornece-lhe o calor de que necessita para o tratamento eficaz e rápido das dores nevrálgicas, dores reumáticas, lumbago, sinusites, entorces, etc.



HP 3698

Consulte o seu médico e solicite uma demonstração em qualquer Agente Philips.

Esc. 440$00

PHILIPS infraphil

É CALOR QUE FAZ MARAVILHAS

CARNAVAL NO ALGARVE

TORRALTA

proporciona o CARNAVAL DO ANO

RUI DE MASCARENHAS

no HOTEL GOLFINHO
PRAIA DE D. ANA — LAGOS
(PARA MAIORES DE 15 ANOS)
E NO
CONJUNTO TURÍSTICO DA PRAIA DE ALVOR
(PARA MAIORES DE 17 ANOS)
COM

RUI DE MASCARENHAS o notável artista português conhecido em todo o Mundo;
INES MARCO conhecida vedeta sul-americana
LENITA GENTIL Prémio de Imprensa de 1968
ALEX sempre inimitável;
a jovem artista JÚLIA CHAVES
E O ACORDEONISTA PORTUGUES
TINO COSTA que se apresenta pela primeira vez em Portugal, depois dos grandes êxitos que alcançou nas maiores cidades do continente americano

Dance as 4 noites do Carnaval
ao som das orquestras de FERNANDO ALBUQUERQUE e LEO TINO
Para a juventude, o conjunto ié-ié «FILFRA»

MARCAÇÕES:
LISBOA — Av. Duque de Loulé, 66-A — Telefs. 5 17 48 e 5 44 79
ALGARVE — Hotel Golfinho — Praia D. Ana — Telef. 302 — LAGOS
TORRALTA — Praia de Alvor — Telefs. 1324 e 428 — PORTIMÃO

GANHE UM AUTOMÓVEL

Gillette® SUPER SILVER

dá um "Vauxhall Viva" cada quinzena!

Veja como é fácil ganhar um magnífico automóvel Vauxhall Viva. Cada quinzena a Gillette Super Silver sorteará um automóvel.

É TÃO FÁCIL CONCORRER!

Para concorrer a cada concurso, basta colar num postal a parte da frente de um pacote de 3 ou mais lâminas Gillette Super Silver, escrever o seu nome e morada e enviar para a Gillette Portuguesa, Apartado 1383. Pode concorrer com qualquer número de postais. Envie o seu postal até ao dia 28 de Fevereiro para o primeiro sorteio, que terá lugar no dia 7 de Março. Só poderá concorrer aos sorteios seguintes mediante o envio de novos postais.

Os resultados serão publicados no Diário de Notícias, Diário de Lisboa, Diário Popular, Século, Primeiro de Janeiro e Jornal de Notícias no dia imediato aos sorteios.

Concorra já! É tão fácil!

E não esqueça – há um novo sorteio em cada quinzena.

GILLETTE PORTUGUESA
APARTADO 1383
LISBOA-1

GILLETTE É UMA MARCA REGISTADA

Dr. Ricardo de Faria Blanc

Regressou de Paris, onde participou na reunião do «Comité» de Política Económica da O. C. D. E., o dr. Ricardo de Faria Blanc, vice-governador do Banco de Fomento Nacional.

A construção da ponte de Paramos

ESPINHO, 13.—Vai ser impedido no trânsito, a partir de segunda-feira, o troço da estrada nacional, entre esta vila e Esmoriz, por motivo da construção da ponte de Paramos.

A ligação fica, no entanto, assegurada pela estrada nacional, entre Silvalde e o cruzamento com a estrada nacional 1-14 até o cruzamento com a estrada nacional 109. O tráfego será sinalizado nos respectivos cruzamentos.

Necrologia

FUNERAIS

José da Silva Homem

MURTOSA, 13 — Foi muito sentida a morte do sr. José da Silva Homem, solteiro, de 80 anos, natural deste concelho, comerciante muito considerado, cujo funeral saiu da sua residência, na Rua António José de Freitas Guimarães para a igreja de Pardelhas e do templo para o cemitério municipal.

Armando Carlos Pereira

Saiu hoje da Academia Militar para o cemitério do Alto de São João, o funeral do sr. Armando Carlos Pereira, de 72 anos, que ontem falecera naquele instituto de que era antigo funcionário.

D. Francisca Esparteiro Amante

MOURISCAS (Ribatejo), 13 — Realizou-se, com grande acompanhamento o funeral da sr.ª D. Francisca Esparteiro Amante. Contava 95 anos, era viuva do sr. Francisco Marques Amante, que foi um importante industrial de pirotecnia; mãe do sr. António Esparteiro Amante, gerente da firma Amante & Filhos, Lda., e sogra dos srs. José Dias Serras e Martinho Batista, industriais; tia dos srs. dr. Manuel Esparteiro, professor catedrático jubilado da Faculdade de Ciências da Universidade de Coimbra; vice-almirante Joaquim Esparteiro, capitão-de-mar-e-guerra António Esparteiro e eng.º Vitorino Esparteiro e das sr.ªs D. Jacinta Esparteiro Guerra e D. Exaltina Esparteiro Serra, funcionárias superiores dos C. T. T.

Francisco Artur Gonçalves

BRAGANÇA, 13 — Da igreja da Misericórdia, onde foi celebrada missa de corpo presente, saiu o funeral do sr. Francisco Artur Gonçalves, que teve grande acompanhamento. Soldado reformado, da G. F. e proprietário, contava 62 anos, era natural da freguesia de Babe, deste concelho, casado com a sr.ª D. Adosinda Antónia Gonçalves e pai das sr.ªs D. Maria Teresa Rodrigues Gonçalves, casada com o sr. Laurentino Joaquim, chefe da esquadra da P. S. P. de Viana do Castelo e D. Ermesinda das Graças Rodrigues Gonçalves, ambas professoras do ensino primário no distrito escolar de Viana do Castelo.

SUFRAGIOS

Maria Teresa Soares Dionisio da Silva

Celebra-se amanhã, pelas 18 e 30, na igreja de Olivais-Sul, missa de sufrágio pelo primeiro aniversário da morte de Maria Teresa Soares Dionísio da Silva, falecida num acidente de viação ocorrido em Merida (Espanha) em 14 de Fevereiro de 1968.

De quem é o mostruário?

Na Secção de Justiça da P. S. P. de Lisboa, edifício do Comando, na Rua Capelo, encontram-se depositadas duas malas de calfe com mostruário de calçado de homem, provenientes de furto, segundo se julga.

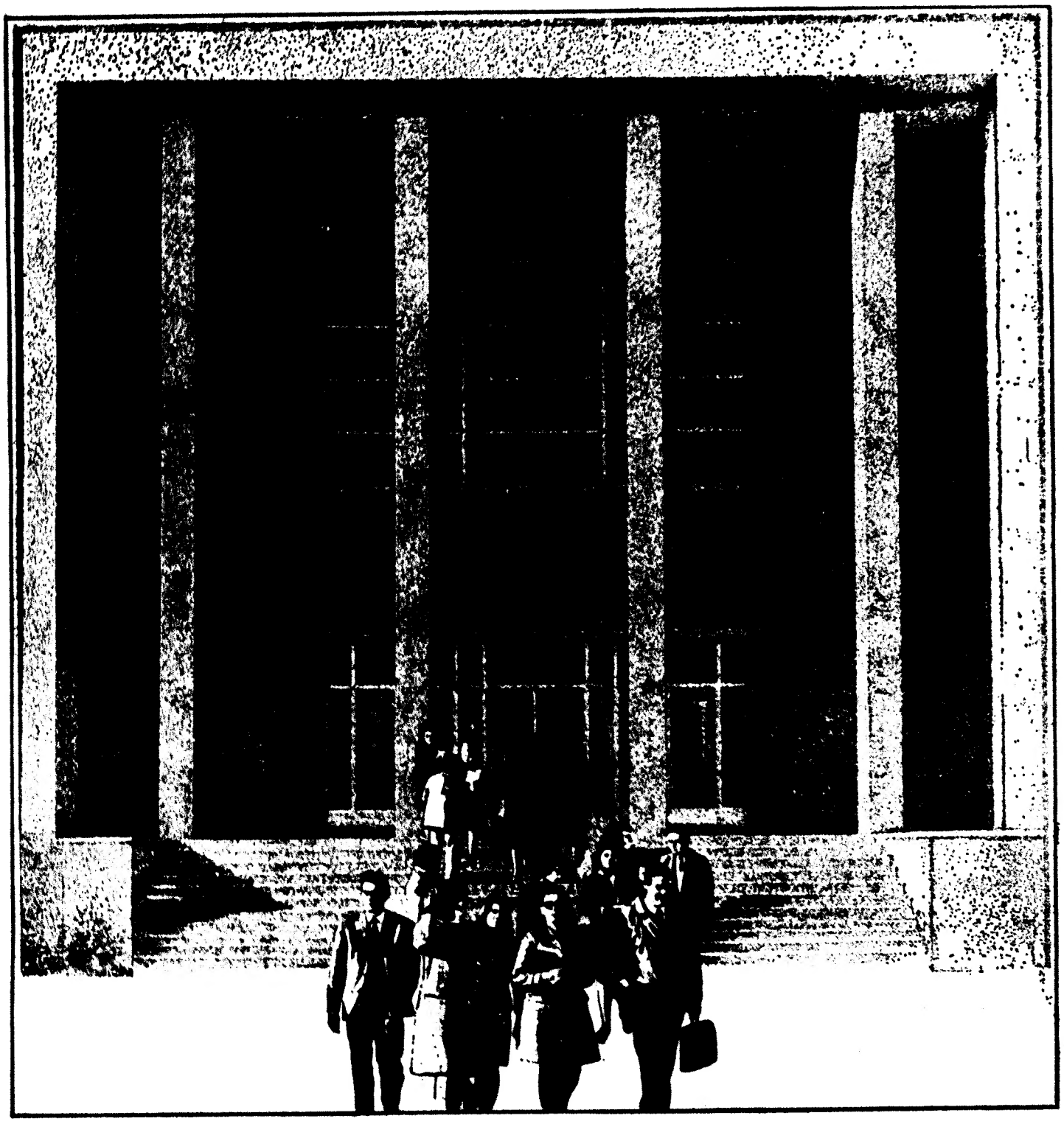
Solicita-se aos possíveis lesados que compareçam, o mais breve possível, naquela secção, com vista ao reconhecimento dos artigos.

CARNAVAL

COMBOIOS ESPECIAIS ENTRE LISBOA E PORTO PARA MILITARES EM VIAGENS A PREÇOS REDUZIDOS

A fim de facilitar a deslocação dos militares dos três ramos das Forças Armadas, a C. P., além das circulações normais de 6.ª-feira, sábado e domingo, realiza na próxima 4.ª-feira, dia 19, uma circulação especial, com partida da estação do Porto (Campanhã) ás 23.40 e chegada á estação de Lisboa (Santa Apolónia) ás 4.45 horas, para regresso dos militares na Quadra do Carnaval.

crédito ao universitário



Crédito ao Universitário:
Apoio financeiro, a partir do 3.º ano do curso,
- aos seus estudos
- ao início da sua carreira profissional.

informações em:
Lisboa - Rua do Comércio, 84
Porto - Praça da Liberdade, 131-142
Coimbra - R. Ferreira Borges, 12

BANCO NACIONAL ULTRAMARINO

O Banco do Povo ao serviço de Portugal

ALUGUER SEM CONDUTOR

CARROS NOVOS — PREÇOS ACESSÍVEIS

Avenida Padre Manuel da Nóbrega, 10-B.

Telefs. 72 76 54 - 72 49 78

LISBOA

A praça de táxis de S. Pedro do Estoril

Enquanto prosseguem as intermináveis horas da estação de S. Pedro do Estoril, com as consequências já aqui apontadas, e para as quais diversos leitores continuam a pedir a nossa atenção, os habitantes daquela povoação estão a ser prejudicados pela localização da praça de táxis.

Efectivamente visto ter sido demolida a antiga estação a praça de táxis está mais distante da entrada (e saída) da gare do que qualquer outra existente nas povoações atravessadas pelos comboios da linha do Estoril. Anteriormente, a praça ficava defronte da estação. Agora está a boas dezenas de metros E a Rua Nunes dos Santos, que os eventuais passageiros têm de percorrer para tomar um táxi, encontra-se, ainda por cima, intransitável.

Como aquela artéria vai ser, seguramente, objecto de reparações, talvez fosse fácil resolver o problema da localização da praça de táxis de forma favorável a todos os interesses em jogo. Os táxis poderiam fazer praça ao pé da nova estação, junto ao passeio norte da Rua Nunes dos Santos, que ser a estreitado para o efeito; e a referida rua passaria a ter só um sentido ficando proibido o estacionamento no lado ocidental daquela artéria.

Quando se ocupar deste problema — e espera-se que o faça em breve — a Câmara Municipal de Cascais não deixará de encontrar nesta ou noutra hipótese, uma solução que convenha aos habitantes de S. Pedro do Estoril.

ESTABELECIMENTO ASSALTADO NO BARREIRO

BARREIRO, 13 — Foi assaltada, esta noite, a segunda filial dos «Armazéns Figueiredo, Orlando & Cardoso, Lda.», situados na Rua Nagare Aveli, 22-A, Quinta da Lomba, nesta vila.

Os gatunos entraram no estabelecimento por meio de chave falsa, tendo levado muitos sapatos, camisas, gravatas, muitas fazendas e, também, um gravador, que dava música ao estabelecimento, num valor ainda não apurado, mas se presume ser superior a uma dezena de contos. O caso foi entregue à G. N. R. desta vila.

Criado o prémio Delfim Ferreira na Escola Técnica da Vila de Famalicão

FAMALICÃO — Em homenagem à memória do industrial Delfim Ferreira, sua viuva, a benemérita senhora, D. Silvia Gomes Ferreira instituiu na Escola Industrial e Comercial desta vila o «Prémio Delfim Ferreira».

O referido prémio é constituído pelo rendimento anual de cem contos, convertidos num codificado de renda perpétua.

O prémio será atribuído por deliberação do Conselho Superior Escolar ao aluno que, tendo bom comportamento, conclua o curso de montador-electricista com a mais elevada classificação,

Um pinheiro roubado deixado na estrada causou a morte de um motociclista

ESPINHO, 13.—Apareceu prostrado no solo, a jorrar sangue, o sr. Manuel Pinto Resende, de 61 anos, casado, serralheiro, natural de Gondesende, Esmoriz (Ovar).

Soube-se que, quando transitava numa moto pela estrada do lugar de Silvalde (Espinho), o veículo embateu num pinheiro caído na rodovia. Muito ferido pelo corpo, e principalmente na cabeça, o pobre homem morreu a caminho do hospital desta vila.

Segundo parece, o pinheiro que se encontrava atravessado na estrada fora roubado e deixado ao abandono pelos que cometeram o furto.

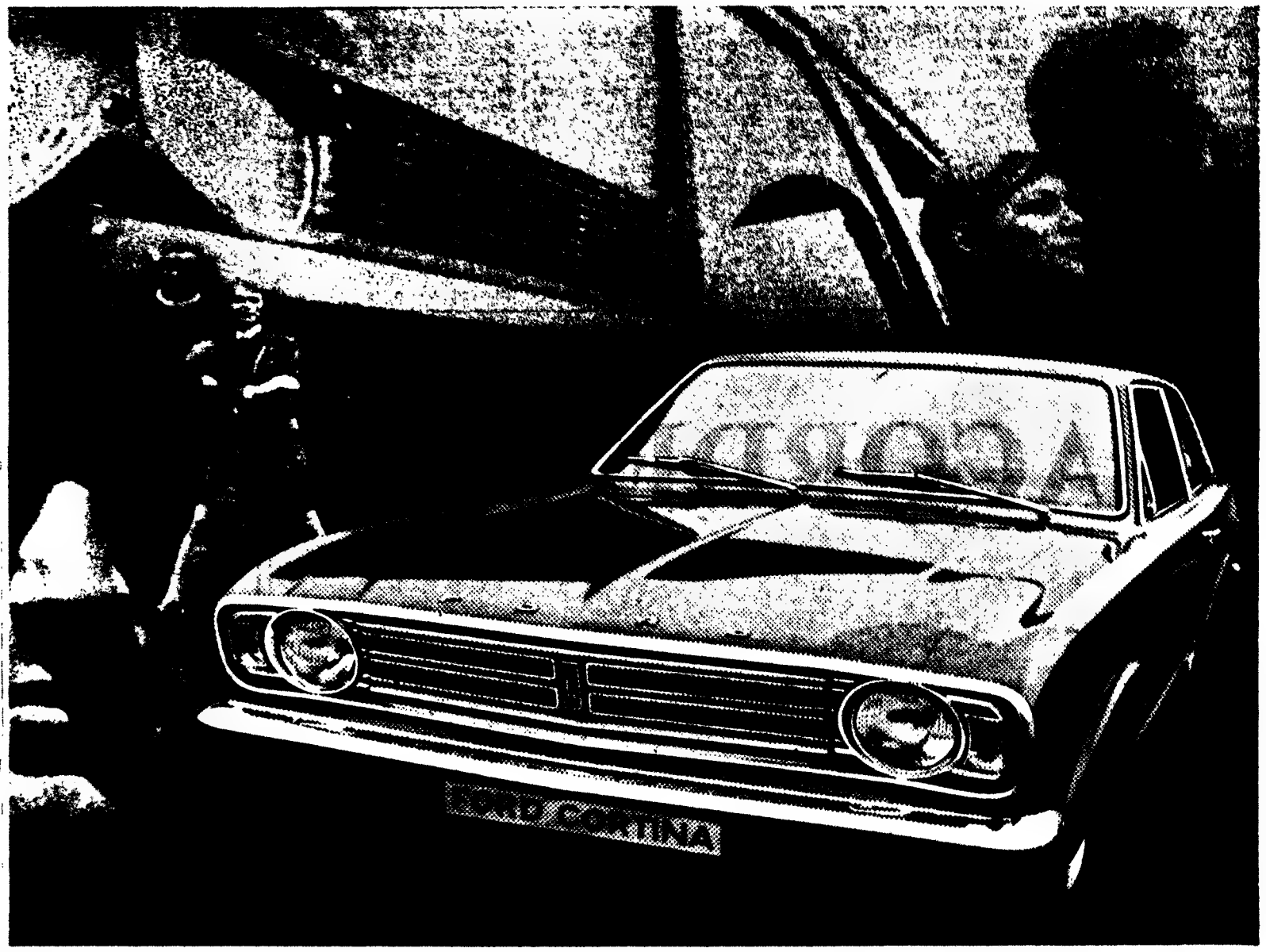
Crime grave

BEJA, 13. — A Guarda Nacional Republicana desta cidade remeteu a juízo o trabalhador rural sr. José António Tereza, de 42 anos, residente em Monte de S. João, na freguesia de S. Matias, no concelho de Beja, o qual é acusado de crime grave cometido na pessoa de uma sua própria filha, de 15 anos, e de tentativa de crime idêntico em outra filha, esta com a idade de 14 anos.

Anomalias no serviço de comboios na linha do Douro

SANTA CRUZ DO DOURO (Baião), 13 — No período entre as 6 e 5 e as 11 e 5, não circula qualquer comboio descendente pela linha do Douro, que serve esta localidade, com os inconvenientes que fàcilmente se avaliam.

Aguarda-se que a C. P. remodele o movimento dos comboios, de modo a corresponder às necessidades do público. Por outro lado, há composições cujo material absoleto deve ser retirado e torna-se indispensável que os horários se cumpram e as marchas dos comboios sejam muito mais aceleradas.



Ford à frente em performance
Cortina- o carro de corrida com 5 (ou 6) lugares

Impossível? Não, basta perguntar aos que já lutaram contra ele em provas desportivas. 600 vitórias Cortina em 4 anos. Moderno e desportivo, com um impressionante palmarés que prova a sua fibra.
Este campeão é também um magnífico carro de família. Por muito boas razões. Espaço para toda a gente. Um porta-bagagens gigante, sem rival na sua classe. Total facilidade de acesso. Portas traseiras que só abrem pelo exterior, no caso de levar crianças consigo. 4 velocidades sincronizadas. Assentos ricamente estofados. Carpete. Ventilação Aeroflow. Sistema de travões (de disco à frente) com dois circuitos independentes. Coluna de direcção com dispositivo amortecedor. Todo o conforto dos carros mais caros.

O Cortina foi concebido a pensar em si. Escolha o seu Cortina entre os modelos DeLuxe e GT (2 e 4 portas) e Estate Car (5 portas).
Não acredita num carro de corrida com 5 (ou 6) lugares? Experimente o Cortina e verá.

Ford Cortina

Ford

Para onde quer que vá, o serviço Ford e as peças FoMoCo genuínas estão no seu caminho.

A SUA DISPOSIÇÃO NOS CONCESSIONÁRIOS FORD
AUTO BOAVISTA, LDA. R. da Boavista, 81-B - Telef. 669141 / J. MENDES COELHO, LDA. R. Alexandre Herculano, 6-A - Telef. 46147 / AUTO RALI, S.A.R.L. Av. Almirante Reis, 130-A - Telef. 41632 Av. Eng.º Frederico Ulrich - Telef. 280537 - Cascais

Ainda há quem atire pedras aos carros que passam

O caso deu-se em plena auto-estrada do Norte. Uma ambulancia dos Bombeiros Voluntários de Vendas Novas transportava um doente de urgência para o Hospital de S. José, quando foi apedrejada. Porquê? As autoridades tomaram conta da insólita ocorrência e esperemos que se encontrem os autores da façanha para completo exercício da justiça, tanto mais que uma das pedras arremessadas, partindo o vidro lateral da ambulancia, caiu sobre o doente. Há que reprimir, com autoridade, estas vocações de «cabreiro» perdidas pelas estradas do nosso País.

COM O APOIO DA IBÉRIA (LINHAS AÉREAS DE ESPANHA)

COMEÇA O DESFILE DAS CONCORRENTES A «MAJA DE PORTUGAL»

Está a constituir um extraordinário êxito o concurso para eleição da «Maja de Portugal — 1969», certame que se processa com o apoio da «Ibéria» (Linhas Aéreas de Espanha), através das colunas do nosso jornal. Dezenas de inscrições já se registaram, sinal, por demais evidente, desta eleição estar a despertar o maior entusiasmo da sua (ainda) breve história.

Um júri prévio começou a seleccionar as candidaturas ao magnífico título em equação. Assim, a partir de hoje, iniciamos a publicação de algumas fotos já escolhidas, de molde a dar uma ideia (aos nossos leitores) da fotogenia das raparigas portuguesas admitidas ao concurso para «Maja de Portugal — 1969».

A primeira candidata que o júri seleccionou é Maria São José Melro, de 20 anos de idade, cabeleireira, residente na Pontinha, em Lisboa. Outras raparigas portuguesas, de idade superior aos dezoito anos, solteiras, vão — igualmente — desfilar nas páginas do «Diário de Lisboa». E será extremamente difícil (estamos em crer) a selecção até ao mais alto prémio: o título de «Maja de Portugal — 1969», que pode representar a concretização dos mais belos sonhos para uma jovem do nosso País. E não esqueçamos que a «Maja de Portugal» viajará até Espanha, onde, em paralelo com representantes de quase duas dezenas de países, se habilitará ao trono de «Maja Internacional».

Mas, além do título de «Maja Internacional-1969», o júri reunido em Saragoça distinguirá ainda outras «Majas», com prémios para a melhor fotogenia e para a mais vincada simpatia. A forma de atribuição destes prémios é curiosa: a «Maja de la Simpatia» será escolhida pelas demais companheiras, em função da camaradagem e espírito de entreajuda evidenciados; a «Maja Fotogénica» é designada pelos fotógrafos de Imprensa e operadores de Cinema e TV, o que imediatamente faz concluir que o título pertencerá à jovem que fique mais bonita nas fotografias e nos filmes obtidos durante o concurso.

MARIA SÃO JOSÉ MELRO

O programa das «Majas»

Este ano o programa das diversas «Majas» é sensivelmente idêntico ao do ano passado. Eis o roteiro-1968 das «Majas»:

1.º dia — Chegada ao Aeroporto de Barajas, em avião da Ibéria; conferência de Imprensa; uma taça de vinho de Jerez; alojamento no Hotel Colon.

2.º dia — Visita ao monumento a Goya no Museu do Prado; passeio turístico por Madrid; almoço no Hotel Colon; viagem aérea Madrid-Sevilha, em avião da Ibéria; conferência de Imprensa; passeio por Sevilha e filmagens no Parque Maria Luisa; viagem a Jerez de la Frontera; alojamento no Hotel Los Cisnes.

3.º dia — Visita á cidade em coches puxados por cavalos; recepção nas adegas de Jerez; almoço ao ar livre; jantar de gala no Palácio do Vinho com apresentação de todas as concorrentes nos seus trajes nacionais.

4.º dia — Viagem para Sevilha e, mais tarde, regresso a Madrid num avião da Ibéria; almoço na Hosteria Del Estudiante, em Alcalá de Henares; viagem para Saragoça; alojamento no Hotel Los Riseñores; conferência de Imprensa e «cocktail».

5.º dia — Recepção no Ayuntamento de Saragoça; cerimónia da plantação de arbustos no «Bosque da Amizade»; almoço no Ayuntamento; visita ao Palácio de La Lonja.

6.º dia — Desfile em coches puxados a cavalos através do «Coso Blanco»; almoço regional; assistência a uma corrida de toiros; apresentação das «Majas» ao juri, no Palácio da Deputação; jantar no Hotel Los Riseñores.

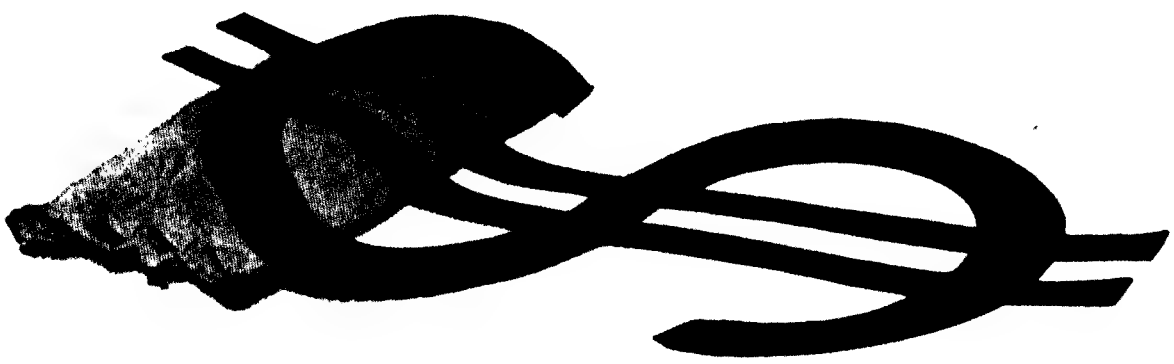
7.º dia — Viagem a Fuendetodos, para visitar a casa onde nasceu o imortal pintor Francisco Goya; visita á cerâmica de Muel; entrega de recordações; ensaio no Palácio de La Lonja.

8.º dia — Ensaio geral em La Lonja; almoço regional; espectáculo para eleição da «Maja Internacional»; baile da coroação.

9.º dia — Visita á cidade; almoço de despedida; viagem (em avião da Ibéria) para Madrid; alojamento no Hotel Colon (o Hotel das «Majas»).

10.º dia — Regresso aos seus países, em aviões da Ibéria.

ACORDE-O!



O dinheiro quando está parado não rende.
Multiplique o seu dinheiro e faça-o trabalhar para si com o nosso auxílio.

BANCO ESPÍRITO SANTO E COMERCIAL DE LISBOA
onde cada um conta mais do que a sua conta

TERMINOU A REUNIÃO DO APOSTOLADO DO MAR

Terminou em Leixões a reunião do Centro Nacional da Obra do Apostolado do Mar. De manhã, na Casa Stella Maris, o administrador apostólico do Porto, D. Florentino Andrade e Silva, concelebrou com os capelães da Obra do Mar. Em seguida, nas sessões de trabalho foram discutidos diversos problemas sobre a vida económica, moral e social dos marítimos mercantes, dos pescadores e dos portuários e ainda algumas realizações desta instituição, que tem por fim «congregar» todos os homens do mar, dirigentes e trabalhadores, e proporcionar-lhes diversos serviços de «bem-estar», cultura e formação. Presidiu a esta sessão de trabalho o eng.º Cunha Leão, director do porto de Leixões e também do clube Stella Maris. Apresentaram comunicações o capitão Manuel Machado, o armador António Pinto, o rev. Manuel Bastos, de Peniche, e o eng.º Luís Gomes, da Lusnave. De tarde, os delegados, em número de cinquenta, visitaram as instalações portuárias, reunindo-se em seguida na sessão de encerramento a que presidiu o capitão do porto de Leixões, comandante Alberto da Silva Campos. O rev. Antunes Santana, director nacional da Obra do Mar, cumprimentou as autoridades presentes e fez o resumo das reuniões de trabalho. O sr. Fernando Machado leu as conclusões e resoluções, que foram aprovadas. Prevê-se, este ano, um notável desenvolvimento da Obra em toda a costa marítima portuguesa da Metrópole e do Ultramar.

Conferências

No Estação Agronómica Nacional

Amanhã, às 10 e 30, na Estação Agronómica Nacional, o sr. eng.º agr. Vítor Ferreira Malha fará uma conferência sobre «Ensaios de produtividade em regadios gesmíticos, não humidos, da região de Pegões».

A C. P. vai encomendar mais dois barcos para as carreiras do Tejo

Com o pedido de publicação recebemos da C. P. a seguinte nota:

«1 — Na sequência da nota logo publicada e de acordo com o então prometido, a Companhia cumpre o dever de informar que do inquérito ao lamentável acidente do «Alentejo» se pode concluir,

— que o barco havia partido do Terreiro do Paço ás 20 e 10 do dia 24 de Dezembro, com perfeitas condições de visibilidade, e que foi já nas proximidades do Barreiro que se cerrou o nevoeiro pelo que a navegação teve de prosseguir, embora com velocidade moderada e continuado recurso á sinalização sonora, até que ás 20 e 55, ao tentar atingir a bóia n.º 12, encalhou num baixio;

— que, verificado o encalhe, a tripulação tentou safar o barco pelos próprios meios, não o conseguindo por a maré estar na vazante, mas sabendo que atrás de si navegava o «Minho» ficou segura de que, através desse barco, seria dado o alarme ao Posto de Comando da estação do Barreiro, facto que foi explicado aos passageiros. Estes mantiveram-se calmos, muito embora alguns deles tenham preferido demandar a terra, caminhando sobre o lodo;

— que em terra o Posto de Comando, ao tomar conhecimento da ocorrência, cerca de 5 minutos após ela se ter verificado, avisou os Bombeiros do Sul e Sueste para a eventualidade de qualquer possível socorro e mandou aparelhar o «Évora» por, não obstante a operação demorar cerca de hora e meia, ser o único barco que devido ao seu pouco calado oferecia condições para se acercar do barco sinistrado. Entretanto, o cabo de mar em serviço no Barreiro apercebera-se da situação e entrara imediatamente em contacto com o pessoal ferroviário;

— que o barco de socorro ficou efectivamente aparelhado ás 22 e 30, mas que este não pôde efectivar-se imediatamente porque a maré, na força da vazante, acabara por colocar o «Alentejo» em seco. Foi essa a razão por que o transbordo só veio a iniciar-se ás 3 horas, decorrendo na maior ordem e segurança em face da boa compreensão dos passageiros, muito se beneficiando da presença da autoridade marítima durante essa demorada operação.»

«Nele seguiam 600 passageiros»

«2 — Tendo-se estranhado a inexistência de radar ou radiotelefone no «Alentejo», e sendo a C. P. a pioneira da introdução desses meios na navegação fluvial do Tejo, entende-se oportuno explicar que essa circunstancia, aliás comum na maioria dos barcos que asseguram a ligação entre as duas margens, se deve ao facto de se ter planeado dispensar aquele barco quando da entrada em serviço das modernas unidades. Mas o aumento de tráfego foi de tal ordem que tal não foi possível fazer, pelo que agora, e não obstante a encomenda de mais duas unidades, já está em curso a instalação do radiotelefone.

Quanto ás condições de segurança do «Alentejo», também se julga oportuno tornar publico

— que este barco foi fiscalizado através de uma vistoria efectuada em 2-5-1968, tendo-lhe sido passado o necessário certificado de navegabilidade no dia 4 desse mesmo mês, com validade pelo prazo de um ano;

— que a lotação do barco é de 1006 passageiros com bom tempo, que era a situação que se verificava quando da sua saída do Terreiro do Paço, ás 20 e 10 do dia 24 de Dezembro; e de 556 com mau tempo;

— que na altura do lamentável acidente a lotação a bordo era de 60 por cento da autorizada, pois nele seguiam 600 passageiros.

3 — Finalizando, comunica a Companhia que está prestes a celebrar-se o contrato com um estaleiro nacional para a construção dos dois novos barcos, representando um investimento de 40 mil contos que, adicionado ao custo dos quatro barcos já adquiridos depois de 1961, perfaz 115 mil contos.

Tal verba dará boa nota da atenção que a C. P. dedica ao seu serviço fluvial, no intuito de corresponder o melhor possível á necessidade dos utentes. E por isso mesmo solicita a melhor compreensão de todos, agradecendo-a a todo o momento e muito especialmente quando de anormalidades como a que infelizmente ocorreu na noite de 24 de Dezembro e que, se não podem ser completamente eliminadas, se procura, dentro dos meios disponíveis, ver reduzidas ao mínimo possível.»

CHOQUE MORTAL NUMA CARROÇA

LAMAROSA, 13 — Ontem á noite, pelas 20 e 30 José Antunes Luís, de 24 anos, empregado dos C.T.T., dirigia-se de motorizada para sua casa, em Charneca de Baralva, quando chocou violentamente numa carroça que seguia em sent.do contrário (Charneca-Lamarosa) na sua mão mas sem luzes. A máquina que o José Antunes conduzia ficou enfeixada entre a roda e o eixo da carroça quase completamente destruída. O Antunes, transportado para o hospital de Tomar, chegou a este estabelecimento já morto.

Guiava a carroça o sr. Francisco Raposo, proprietário do mesmo veículo.

Dizem os leitores...

O consumo de carne nos restaurantes

Do nosso leitor sr. engº f. Lancastre de Almeida Garrett, recebemos esta carta.

«No jornal que V. em boa hora dirige e que todas as tardes leio, veio a lume a notícia de que era lamentável para a economia do País, não se comer carne de porco, de cabrito, de carneiro e de borrego (cozida, guisada, assada ou de outro modo), em quantidade bastante, por se optar pela carne de vaca ou de vitela produto em grande parte importado, enquanto as primeiras podiam obter-se entre nós, favorecendo a lavoura portuguesa. E a tal propósito, citava-se o crescente gasto de carne de frango (cuja produção já requer especiais cuidados).

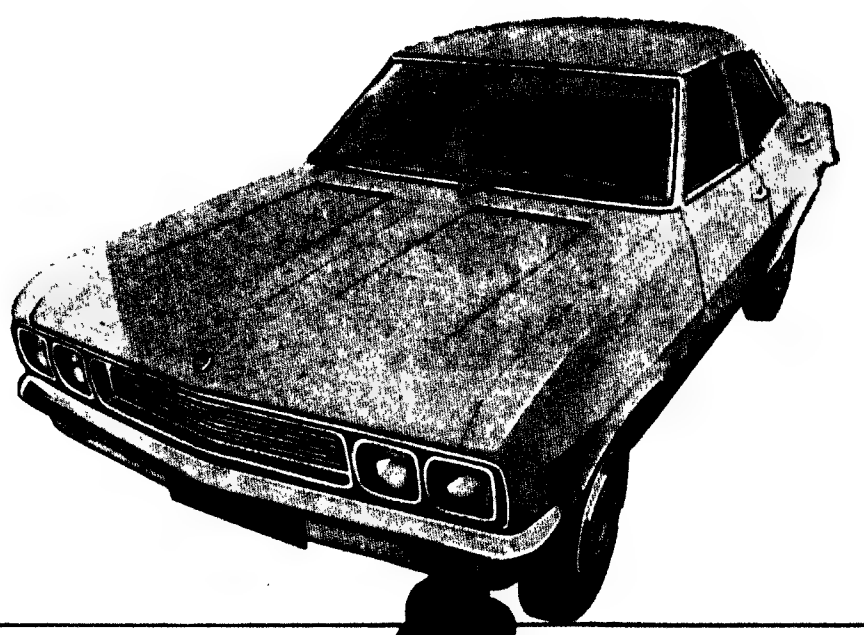
«Como concordo inteiramente com tal ideia, alvitrava que se fizesse intensa propaganda no sentido de em todos os locais onde se servem refeições (hotéis, restaurantes, «snacks» e até «tascas») fosse incluída na ementa do almoço e do jantar, além da carne de porco que nem todos podem comer, pratos confeccionados com cabrito carneiro ou borrego assim indo ao encontro das necessidades económicas do País.

«Todos temos de colaborar e sobretudo os que diàriamente se vêem obrigados a almoçar fora de casa. Porém, tal só é possível desde que tenham prato assado confeccionado... em vez de bife rijo.»

CONFRATERNIZAÇÃO EM AGRONOMIA

A secção de râguebi da Associação dos Estudantes de Agronomia promove, no dia 8 de Março, um «encontro» de antigos e actuais representantes das equipas de râguebi da Associação que culminará com um pantar de confraternização, durante o qual será entregue a todos os representantes um emblema comemorativo do acontecimento.

Dado o interesse que esta iniciativa está a despertar, principalmente entre os agrónomos da «velha guarda», a Associação pede a todos que confirmem com antecedência a sua participação.



Victor um senhor automóvel!

VAUXHALL

OU POR OUTRA, UM AUTOMÓVEL QUE É UM SENHOR: as linhas, duma importância que respiram confiança, dão-lhe o grande ar dos verdadeiros carros de luxo; o motor, duma técnica que, respira segurança, dá-lhe o bom andar dos verdadeiros carros de grande turismo; o interior, dum bom gosto que respira conforto, dá-lhe o bem-estar dum verdadeiro lar na estrada.

Características:	Mod 2000	Mod 1600	Ventora
Cilindros	4	4	6
Diâmetro	98,25 mm	86,7 mm	92,1 mm
Curso	88,5 mm	88,5 mm	82,5 mm
Cilindrada	1975 c.c.	1599 c.c.	2283 c.c.
Potência	105 HP às 5000 rpm	80 HP às 5000 rpm	140,2 HP às 4800 rpm

Um produto General Motors montado em Portugal, com assistência técnica em todo o país.

GM

MARK OF EXCELLENCE

†

FRANCISCO PINTO

Agradecimento e Missa do 7.º dia

Francisco da Silveira Pinto, sua mulher e filhos; Maria Manuela da Silveira Pinto Ferreira Pires, seu marido e filhos; Maria Emília da Silveira Pinto Seabra da Cruz, seu marido e filhos e demais família, vêm por este meio agradecer a todos que os acompanharam no doloroso transe porque passaram e comunicam que amanhã, dia 14, pelas 12 horas na igreja de São Nicolau será celebrada missa do 7.º dia pelo eterno descanso do seu querido pai, avô e parente, agradecendo desde já a todas as pessoas que se dignarem assistir a este piedoso acto.

AGÊNCIA SALGADO DA RUA DA ROSA (Tel. 326257)

A posição do comércio de mercearia a retalho do Porto em face das providências oficiais para suster a alta dos preços

PORTO, 13 — A direcção do Grémio dos Retalhistas de Mercearia do Norte, em reunião extraordinária, que teve a presença do delegado do Governo, adjunto, apreciou a situação actual do comércio de mercearia a retalho e pede-nos a divulgação da seguinte nota:

«O director, sr. Sousa Lobato chamou a atenção da direcção para as reacções de comentário da Imprensa diária às decisões, aliás oportunas e válidas, do Ministério da Economia, relativamente às acções fiscalizadoras, tendentes a reprimir as manobras de certos sectores comerciais, que vêm causando um movimento de alta de preços de produtos de primeira classe, com a consequente implicação de aumento do custo geral de vida.

Nomeadamente, mencionou as «locais» a esse propósito publicadas pelos jornais diários desta cidade E, ao propósito, salientou a iniciativa de alguns supermercados, de reclamarem as suas organizações, na Imprensa, sob o encapotamento da disposição em que estão

(Continua na 23.ª página)

Diário de Lisboa DO PORTO

Curso de Gestão Empresarial da Indústria de Serração de Madeiras

Na sede do Grémio dos Industriais Metalurgicos e Metalomecanicos do Norte prosseguiram hoje as sessões de trabalho do Curso de Gestão Empresarial, sobre a aplicação do espectrograma industrial à determinação dos custos de produção e custos previsionais para a satisfação das encomendas.

Está previsto um jantar de confraternização entre os que tomam parte no curso, seus monitores e dirigentes.

Duas senhoras atropeladas num passeio

Um automóvel, conduzido pelo sr. José Ribeiro de Albuquerque, morador na Rua dos Miosótis, 169, quando circulava pela Rua Monte dos Burgos, despistou-se e apanhou sobre o passeio duas senhoras, após o que embateu violentamente num muro. O veículo ficou muito danificado e o muro demolido em grande parte.

As vítimas do acidente são as sr.as D. Rosa Moreira, de 54 anos, casada, costureira, residente no Bairro do Bom Sucesso, bloco B, e D. Evangelina Oliveira da Silva, de 51, solteira, também costureira, Rua da Pena, 63. Sofreram fracturas diversas e recolheram ao Hospital de Santo António. O automobilista nada sofreu.

Doutoramento pela Faculdade de Ciências

Terminou, na Faculdade de Ciências, as suas provas de doutoramento em Ciências Biológicas, o sr. dr. Luís Jorge Peixoto Archer, que foi aprovado, por unanimidade, com a classificação de 19 valores.

Conferência no Instituto de Cultura Alemã

Amanhã, às 21 e 30, o sr. dr. E. Th. Rosenthal, catedrático da Universidade de São Paulo (Brasil) e, actualmente, professor na Universidade Livre de Berlim, faz, na sede do Instituto de Cultura Alemã, uma conferência intitulada «Um mundo sem heróis».

Morto num choque de camionetas

LEIRIA, 13 — Esta madrugada, no lugar da Ortigosa, perto desta cidade, deu-se um espectacular acidente de viação em que duas camionetas de carga chocaram violentamente. No sinistro, ocorrido na estrada da Figueira da Foz, o veículo conduzido pelo sr. Germano de Carvalho, de 32 anos, casado, motorista, natural de Louriçal (Pombal) e residente em Antões (Louriçal), e em que seguia também o ajudante de motorista, sr. António Domingues Cravo, depois de embater na camioneta guiada pelo motorista sr. Amandio José Morais, ainda foi bater num aqueduto e veio a despenhar-se num barranco.

O motorista daquela camioneta, sr. Germano de Carvalho, faleceu imediatamente. Quanto ao outro tripulante do veículo pesado, sr. António Cravo, conseguiu saltar deste a tempo, tendo sido transportado para uma clínica de Leiria onde continua internado, mas livre de perigo. O condutor da outra camioneta ficou ileso.

Valorização profissional de professores primários

VISEU, 13 — De domingo a terça-feira, decorreram no Colégio de Nossa Senhora da Conceição reuniões promovidas pela Liga Escolar Católica, para professores do [illegible] Valorização Profissional e Humana».

As festas académicas da «Queima das Fitas»

Foi constituída a comissão que promoverá o II Festival de Cinema Amador, incluído no programa das festas académicas da «Queima das Fitas», a qual se propõe a imprimir-lhe o maior brilho e a máxima expansão. Está a ser elaborado o respectivo regulamento.

Ocorrências policiais

Dirigiu-se a casa da sr.ª D. Irene Neto Rodrigues Miguel, na Rua de Santana, 21, 1.º, Manuel Pinto da Costa, de 48 anos, casado, estucador, de Nogueira da Regedoura, que pretendia alugar um quarto. Contudo, aproveitando-se da distracção momentanea da locatária, furtou um despertador. Pedida a intervenção de um guarda da P. S. P., aquele foi detido.

Espectáculos para hoje

TEATROS

SÁ DA BANDEIRA — Às 21 e 45: «O Amor-68» (17 anos)
ANTÓNIO PEDRO — Às 21 e 45: «Desporto Rei» e «Tio Simplício» (12 anos)

CINEMAS

SÃO JOÃO — Às 21 e 30: «A Condessa de Hong-Kong» (17 anos)
RIVOLI — Às 21 e 30: «Os Campeões de Oxford» (12 anos)
ÁGUIA DE OURO — Às 21 e 30: «O ladrão de quem se fala» (12 anos)
TRINDADE — Às 21 e 30: «Romeu e Julieta» (17 anos)
BATALHA — Às 21 e 30: «Dois é italiano» (17 anos)
ESTÚDIO — Às 21 e 30: «Raquel, Raquel!» (17 anos).
OLÍMPIA — Às 21 e 30: «Furor de matar» (12 anos)
JÚLIO DINIS — Às 21 e 30: «Marisol e o toureiro» (12 anos)
VALE FORMOSO — Às 21 e 30: «A Irmã Yé-Yé» (12 anos)
CARLOS ALBERTO — Às 21: «Cavalgada de Paixões» e «Ela e os seus maridos» (17 anos)
NUN'ÁLVARES — Às 21 e 30: «Espera-te no Inferno, Querido!» (17 anos)
ODEON — Às 21 e 30: «Um perigo chamado capricho» (17 anos)
CINE GAIA — Às 21 e 30: «O massacre de Chicago» (17 anos)

Amanhã, à tarde

CINEMAS

SÃO JOÃO — Às 15 e 30: «Ladrão roubado» (12 anos)
ÁGUIA DE OURO — Às 15 e 30: «O ladrão de quem se fala» (12 anos)
TRINDADE — Às 15 e 30: «Romeu e Julieta» (17 anos)
BATALHA — Às 15 e 30: «Dois é italiano» (17 anos)
ESTÚDIO — Às 15 e 30: «Raquel, Raquel!» (17 anos)
OLÍMPIA — Às 15 e 30: «Furor de matar» (17 anos).
JÚLIO DINIS — Às 15 e 30: «Marisol e o toureiro» (12 anos).
VALE FORMOSO — Às 15 e 30: «A Irmã Yé-Yé» (6 anos)
RIVOLI — Às 15 e 30: «Os Campeões de Oxford» (6 anos)
CARLOS ALBERTO — Às 15: «Toni investiga» e «Afasta-te querido!» (17 anos)

Farmácias de serviço esta noite (6.º turno)

ANTERO DE QUENTAL, Rua de A. de Quental, 520 (Tel. 4-5048) • AZEVEDO, R. do Moreira, 308 (Tel. 5-2344) • CONSTITUIÇÃO, Rua da Constituição, 93 (Tel. 490813) • CORREIA DE ARAÚJO, R. Santa Catarina, 259 (Tel. 2-3644) • CRUZ, R. Costa Cabral, 684 (Tel. 4-0049) • GUARANI, R. Passos Manuel, 367 (Tel. 6-2250) • HERCULANO, R. Alexandre Herculano, 384 (Tel. 2-7943) • [illegible]

COMUNICADO DAS FORÇAS ARMADAS

EM MOÇAMBIQUE

LOURENÇO MARQUES, 13 — (A. N. I.) — O Gabinete Militar do Comando-Chefe distribuiu hoje a seguinte comunicação:

«A propaganda do inimigo, durante o mês de Janeiro, continuou a explorar os mesmos desacreditados temas que vai monótonamente repetindo, lançando mão de processos dialécticos que visam tornar-lhe favorável a opinião publica. Esta ultima, contudo, progressivamente alertada pela inconsistência das afirmações feitas, vai encarando com cepticismo cada vez maior as declarações e noticias dos terroristas.

Efectivamente, nos comunicados do inimigo, caracterizados pelas habituais fantasias e flagrantes deturpações dos factos, referem-se acções cujos resultados só existiram na imaginação dos chefes terroristas, com o intuito de animar militantes descontentes e cansados de uma luta que os desmoraliza e os leva a apresentarem-se ás nossas autoridades em numero que continua a ser altamente significativo.

E' particularmente expressivo o facto de os terroristas, contráriamente ao que a sua falsa propaganda anuncia, continuarem a exercer sevícias de toda a espécie e violências sobre elementos da população, que por todas as formas lhes foge e procura paz e tranquilidade nos aldeamento e povoações do Norte.

Por outro lado, as nossas tropas desenvolveram grande e sistemática actividade, com intensas e prolongadas acções de contraguerrilha. Igualmente continuaram a persistente e planeada acção contra a subversão, dando todo o apoio e a mais entusiástica colaboração ás autoridades civis. Cabe uma palavra ao esforço desenvolvido, e desconhecido de muitos, por todos quantos na retaguarda impulsionaram os serviços vitais, que põem em marcha os homens e as máquinas e que notávelmente contribuem para os resultados obtidos.

Durante o mês, de inclemente dureza de condições meteorológicas, os resultados globais obtidos pelas nossas forças foram os seguintes: capturadas 22 armas, muitas minas e armadilhas, milhares de munições de vários tipos e dezenas de granadas. Como sempre, verifica-se que todo o material capturado é originário de paises comunistas. Foram abatidos cerca de 40 terroristas, além de muitas outras baixas não controladas. Inumeros locais de refugio dos grupos de terroristas foram assaltados e destruídos, dos quais seis de assinalado interesse e importancia.

Durante este período, apresentaram-se ás nossas autoridades 224 elementos e foram recuperados no decorrer de operações 128 elementos. Assim, o total perfaz 532 elementos da população que voltaram a dispor de casa e machambas e de tranquilidade.

As nossas forças sofreram em combate, 19 mortos, cujos elementos de identificação foram oportunamente divulgados pelos órgãos de Informação.

No distrito do Niassa, a actividade terrorista foi caracterizada por acções centradas na serra de Jeci, na sua grande maioria sem consequências para as nossas tropas. Os bandoleiros continuaram a assaltar elementos indefesos da população. Foi intensa a actividade desenvolvida pelas nossas forças, actividade que obteve resultados compensadores, em especial nas operações das séries «lobo», «seca» e «pantera».

No distrito de Cabo Delgado, o inimigo procurou por todas as formas impedir a instalação de uma unidade num local particularmente sensível, por representar uma quebra do seu já abalado prestigio. Não só não conseguiu os seus intentos, como sofreu perdas consideráveis, entre as quais um chefe. Nas restantes acções voltou a revelar falta de agressividade, fazendo profuso emprego de engenhos explosivos na zona do planalto dos Macondes, engenhos esses que na sua grande maioria foram detectados e levantados pelas nossas forças.

A par da intensa e proficua actividade, as nossas tropas realizaram importantes trabalhos nas vias de comunicação vitais para as operações em curso. Pelos resultados conseguidos, merecem ser salientadas as operações «duque», «espadas», «estorce», «raio X» e «foguete».

No distrito de Tete, a actividade dos bandoleiros limitou-se ao emprego de engenhos explosivos e a actos de terrorismo sobre elementos indefesos da população. A actividade das nossas forças manteve o assinalado ritmo, a que tem prestado apoio, por todas as formas, ás autoridades civis na protecção e defesa das populações.

Nos restantes distritos de Moçambique a situação permanece inalterável, vivendo-se um clima de confiança e de tranquilidade.»

NA GUINÉ

BISSAU, 13 — (A. N. I.) — Foi distribuído o boletim informativo das Forças Armadas da Guiné, cujo texto é do seguinte teor, e se refere ao período de 3 a 9 do corrente:

«Durante o período, o inimigo flagelou a povoação de Ingorezinho, os aquartelamentos de Binar, Madina do Boé, Ingoré, Guileje, Camecconde e Infandre, e implantou engenhos explosivos na estrada Xitole-Mansambo, na Ponte Futas, sobre o rio Munjabá (S. Domingos), na estrada Piche-Buruntuma e nas regiões de Beli, Creche e Canjadude. Armou emboscadas ás nossas forças no rio Mumbaca, no rio Bamala, a sul de Corubal, na estrada de Cacine e em Camecconde. Em resultado das acções realizadas pelas nossas forças, o inimigo sofreu no rio Bamala dois mortos e a apreensão de armamento e explosivos; em Sedengal, dois mortos e apreensão de armamento; no rio Cacheu, três mortos; em Pelundo, um morto e a apreensão de munições; e em Teixeira Pinto, a apreensão de armamento. Nas florestas foram destruídas várias casas de [illegible]. Durante o período, o inimigo sofreu oito mortos. As nossas forças sofreram sete mortos em combate, cujos elementos de identificação foram oportunamente divulgados aos órgãos de Informação.»

Militares falecidos em Moçambique

LOURENÇO MARQUES, 13 — (L.) — Faleceram em Moçambique, por desastre, o furriel miliciano n.º 71353666, Nelson Luís Castro Rodrigues Rocha, filho de Policarpo Encarnação Rocha e de Lusitania Acacia Castro Rodrigues Rocha; e, por doença, os primeiros-cabos n.º 71253264, Romão Samuel, e 70401565, Cuvu Almeida Tinde, e o soldado n.º 7129766, Luís Inguanane Novela, todos do recrutamento provincial.

Novo representante da Alitalia em Portugal

Acaba de ser nomeado representante da «Alitalia — Linhas Aéreas Italianas» em Portugal o sr. [illegible] Lovelet[illegible], [illegible] Companhia.

TODAS AS MULHERES SERÃO «VAMPS» NA PRÓXIMA PRIMAVERA

— AFIRMA O COSTUREIRO CLIVE

LONDRES, 13 — (Por Maria Rosa da U.P.I.-A.NI.) — *Segundo Clive, todas as mulheres serão vamps», na próxima Primavera.*

Enquanto a neve caía nas ruas, o mais caro costureiro londrino, que conta um grande numero de actrizes entre a sua clientela, apresentou uma colecção, toda de vestidos transparentes, com o objectivo evidente de tornar as mulheres o mais bonitas possível.

Os modelos desfilaram com vestidos de tramas feitas de correntes unidas, de organzas leves, e com calças suficientemente transparentes para deixar adivinhar a forma das pernas.

Mas Clive não despiu os seus modelos por completo: «Maillots» interiores em tecido semelhante ao das meias de senhora e cobrindo perfeitamente o corpo, davam um toque de modéstia aos modelos transparentes.

Ao apresentar a sua colecção algumas semanas antes dos outros costureiros londrinos, Clive propôs uma série de «toilettes» simples para usar durante o dia. Os casacos — compridos ou curtos — são fechados com um «éclair» até acima. As saias são mini — uns tantos centímetros acima do joelho. Os cintos pronunciam a cintura.

A simplicidade desaparece, no entanto, com o cair da noite, sob uma quantidade de rendas, enfeites e folhos.

Um conjunto tunica e calças, em «organdi» estampado em cores de limão e turquesa, tinha um corpo vaporoso, com um folho na cintura descaída. A tunica chegava até meio da coxa. Daí para baixo as calças eram transparentes.

Clive cobriu as cabeças com pequenos chapéus. Um deles, enfeitado com flores em «organdi» cor-de-rosa, condizia com um curto vestido também rosa e com as mesmas flores e um grande decote em bico.

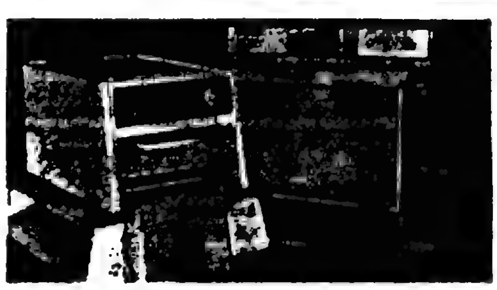
O mesmo decote, num corpo drapeado, aparecia num luxuoso vestido comprido usado com um chapéu bordado com águas-marinhas.

Os vestidos formados por correntes eram usados por cima dos «maillots» interiores. Um deles, doirado, era bordado com complicados padrões. Outro, comprido e prateado, era tecido com trama vertical e bordado na gola e nos punhos com pedras verdes, a condizer com o cinto, também dessa cor.

VÁ AO TEATRO E PAGUE DEPOIS

BOIS-LE-DUC (Holanda), 13 — (A. N. I.) — «Entrada grátis e pagamentos no fim» é a nova fórmula que os responsáveis pelas actividades culturais de Bois-Le-Duc encontraram para atrair publico ao Teatro.

Os espectadores podem assim escolher: ou abandonam o Teatro no intervalo e nada pagam, ou ficam até ao fim do espectáculo e pagam o bilhete à saída.



Qualquer copiador/duplicador RX...

... movimenta automàticamente uma assistência completa ...

... e não imobiliza o seu capital !

V. sabe quanto vale uma cópia Rank Xerox?

Quando V. manda produzir uma cópia de um documento no seu escritório, já pensou realmente em quanto lhe fica uma cópia? Bem. Pomos de parte a questão, no caso de V. já ser um cliente Rank Xerox.* Parece um paradoxo, mas o valor de uma cópia RX é muito superior ao seu custo. Vale uma assistência completa e gratuita no equipamento. Vale também um apoio técnico que envolve racionalização e redução de burocracia no fluxo documental da empresa. Isto é um pormenor do tipo de serviço, real e positivo, oferecido pela Rank Xerox.
No panorama da cópia e duplicação, a Xerocópia também representa tempo: o que se poupa com a operação num copiador//duplicador RX. Representa um bom rendimento de capital que V. teria de investir na aquisição de um copiador vulgar — porque um copiador/duplicador RX não se vende. Aluga-se. E isto evita que V. imobilize capital sem qualquer rendimento. Nem se sujeita a depreciações.
Portanto, faça os seus cálculos e estabeleça a diferença entre quanto vale uma Xerocópia e o custo de uma cópia vulgar.

Telefone para:
53 99 51 (Lisboa) — 6 70 58 (Porto) e
2 70 48 (Coimbra)
Sede: Av. António Augusto de Aguiar, 106 Lisboa

RANK XEROX

*Rank Xerox é uma marca registada da Rank Xerox Limited

Toda a organização é mais eficiente com Rank Xerox

ECOS

A IDEIA central do novo sistema de gestão tentado na Checoslováquia e parcialmente interrompido pela invasão russa era a pesquisa de uma relação nova e de uma harmonia entre o plano e o mercado. O objectivo final consistia em regular a longo prazo o desenvolvimento da economia e orientá-la para objectivos conformes às exigências de uma sociedade capaz de criar as condições materiais que enfim permitissem o harmonioso florescimento de todos e de cada um.

★

NÃO seria má ideia que os responsáveis pela circulação rodoviária em Portugal atentassem no que, com excelentes resultados, se está passando nas estradas francesas, com vista a diminuir o número, alarmante em todo o mundo, de desastres de viação. Por um lado os condutores neófitos, isto é, na posse da carta há pouco tempo, não são autorizados a ultrapassar a velocidade de noventa quilómetros horários. Por outro lado — e, não o parecendo à primeira vista, talvez esta medida seja ainda mais importante — são considerados como lentos, segundo o novo código da estrada, e sujeitos portanto a intervenção da Polícia de Trânsito os motoristas que não atinjam a velocidade horária de 60 quilómetros. Na verdade, inúmeros acidentes resultam não do excesso de velocidade, mas, especialmente em auto-estradas, da imperícia dos que vão a pisar ovos, chegando a assemelhar-se a carros parados.

★

SHELLEY referia-se, num texto que veiu a ser de grande actualidade, ao desafio lançado ao poeta por um mundo cujas rápidas mudanças, crescente complexificação, contradições e conflitos não só destruíram o sentido da unidade ontológica mas também o de toda e qualquer certeza moral e sentimento social. Até certo ponto, parece que tal desafio se aplica aos artistas de sociedades industriais adiantadas como os Estados Unidos, onde a resposta se observa em duas frentes: na do misticismo **hippy** e na da **new left.**

Karina, a jovem cançonetista espanhola que já se apresentou em Lisboa (no Teatro Monumental, em «Ouvindo as estrelas», de Paulo Alexandre e Nuno de Almeida) volta, no mês de Março, ao nosso País: actuará nas principais cidades do Continente e, ainda, em Luanda e Lourenço Marques. Entretanto grava um EP, para a «Hispavox»

SINTRA E COSTA DO SOL: BILHETES MAIS CAROS NA REDE DE CAMIONAGEM

Duas empresas de camionagem que operam na Costa do Sol e em Sintra, a Cooperativa Lisbonense de Chauffeurs (Palhinhas) e a Sintra-Atlântico, aumentaram recentemente as suas tarifas, enquanto uma terceira, a Boa Viagem, vai pedir a revisão tarifária com base em estudos já adiantados.

Informadores de cada uma das empresas sublinharam, de modo quase unissono, o crescimento alarmante dos «encargos que pesam sobre a exploração comercial».

— A camionagem não está bem — disse-nos o sr. Silva Neves, da Palhinhas. — *Há empresas deficitárias, não são poucas.*

— Somos uma empresa deficitária — lembrou o sr. Silva Gonçalves, da Sintra-Atlantico. — *Basta ler os nossos relatórios.*

Um interlocutor da Boa Viagem foi mais longe:

— Facultamos a quem quer que seja, durante o tempo que quiser, toda a nossa documentação, que é bem clara sobre esse aspecto.

O publico utente não deverá ter ilusões. Uma portaria do ministério das Comunicações (n.º 23 531, publicada na 1.ª série do «Diário do Governo», de 10-8-1968) fixou novos máximos e mínimos para o passageiro-quilómetro estabelecendo as condições da revisão tarifária. A maioria das empresas aproveitou para «ganhar fôlego», segundo a expressão dum nosso entrevistado.

Silva Gonçalves, da Sintra-Atlantico, acrescentou o seguinte:

— Vivemos num sistema de economia de mercado, onde as empresas visam a obtenção de lucros. Mas muitas empresas de camionagem querem hoje ter apenas o menor prejuízo possível.

Vinte mil passageiros por dia

A empresa Palhinhas transporta diàriamente vinte mil passageiros. Para a maior parte deles, a data de 1 de Fevereiro deixou um gosto amargo na boca.

PALHINHAS E SINTRA-ATLÂNTICO SUBIRAM OS PREÇOS, BOA VIAGEM ESTUDA O PROBLEMA

Mas não terá havido o que se chama surpresa. João Augusto Ribeiro, utente da carreira Cascais-Sintra, desabafou connosco:

— Eu até esperava o aumento para Janeiro. Os cobradores já nos tinham avisado... Agora que os bilhetes subiram um bocado, isso subiram. Para Almoçageme pagava-se 7$70, hoje paga-se 9$30. São mais dezoito tostões!

Vejamos alguns exemplos concretos da rede Palhinhas. A carreira Cascais-Sintra, pela serra, aumentou de 13$70 para 16$50 (20%) no trajecto completo. Quem desce em Malveira da Serra paga 4$00 (antes 3$40). Os aumentos são mais sensíveis no troço final da carreira: 9$50 até Almoçageme, como já vimos, e 11$50 até Colares (antes 9$30). Quanto a benefícios, cite-se a criação de paragens em Cobre e em Birre, com uma tarifa comum de 1$50, quando até aqui era necessário descer em Aldeia de Juzo (2$10).

A carreira do Guincho (Cascais-Cascais), com dois itinerários, aumentou de 5$70 para 6$50 no trajecto interior e de 6$70 para 8$00 pela beira-mar. O aumento na volta completa foi de 12$40 para 14$50 (16,5%).

Os aumentos oscilam, regra geral, entre 15% (Estoril-Paço de Arcos, de 6$50 para 7$50) e 30% (Paço de Arcos-Tarlaide, de 2$30 para 3$00), embora a maioria se situe entre os 15% e os 20%.

Sobrecargas fiscais — imposto de camionagem e imposto de trasnsacção —, subida do preço do gasóleo, aumentos de salários: estes são os dados mencionados pela empresa Palhinhas para acentuar «a justiça da revisão, agora autorizada».

Ouvimos também:

— É preciso renovar a frota, que se deteriora rápidamente em quase todas as estradas percorridas pelos nossos autocarros. Ora, cada autocarro custa 530 contos...

Quanto á remuneração do pessoal, a Palhinhas aumentou os motoristas de 483$00 para 613$00 semanais e está a pagar os cobradores acima da tabela (360$00, contra 330$00 «oficiais»).

— Mas o aumento dos bilhetes — disse ainda o sr. Silva Neves — *não acompanhou de modo nenhum o aumento dos salários.*

Lisboa-Azenhas do Mar: prejuízo ocumulado

A Sintra-Atlantico tem a sua espinha dorsal na carreira Lisboa-Azenhas do Mar, presentemente desdobrada em três tramos: Lisboa-Massamá, Massamá-Sintra e Sintra-Azenhas.

O primeiro tramo é uma típica exploração suburbana, com movimento intenso e horas de ponta. Apesar disso, a totalidade da carreira não dá lucro.

— Temos sérias apreensões quanto ao futuro — revelou o sr. Silva Gonçalves.

E acrescentou:

— Os jornais levantam questões absolutamente válidas, e de facto devemos todos contribuir para que o custo de vida não aumente sem necessidade. Mas os encargos das empresas de camionagem cresceram extraordinàriamente e as receitas não...

A Sintra-Atlantico aplicou a letra da portaria de 10-8-1968. Nos seus autocarros viaja-se agora um pouco mais caro.

— Não será uma diferença notável, mas reconheço que para certos utentes a coisa traz problemas — resumiu Silva Gonçalves.

«Gostaríamos de ver aumentadas as tarifas»

Duas zonas básicas de exploração: Carcavelos e Sacavém. Uma dezena de carreiras muito utilizadas: Paço de Arcos-Parede, Oeiras-Parede, Parede-S. Pedro do Estoril, Liceu de Oeiras-Sintra (estação) Albarraque-Liceu de Oeiras, Liceu de S. João-Bairro Dr. Augusto de Castro Cacém-Carcavelos, Francos-Loures, Carcavelos-Conceição da Abóboda, Carcavelos-Trajouce

— Gostaríamos de ver aumentadas as nossas tarifas — referiu um informador da Boa Viagem. — *O estudo está adiantado, mas as autoridades terão a última palavra.*

Um aumento salarial concedido em 1968 e ultrapassando mil contos anuais só poderá ser coberto com a revisão tarifária. Acresce, segundo o mesmo informador, que a empresa desejaria modernizar a sua frota — mas como?

— O último aumento geral de tarifas foi em 1963. Afinal o público paga o mesmo preço de há seis anos e nesse espaço de tempo tudo subiu, tudo encareceu.

É esta a realidade nove: ficou mais caro o transporte por camioneta na Costa do Sol e em Sintra. As empresas que mantêm tarifas «inadequadas» (ouvimos a expressão em mais que um local) tentam agora revê-las. Resta saber se as novas tarifas vão durar outros cinco anos ou, pelo contrário, ter vida curta. A tendência actual parece confirmar esta última hipótese.

Rastreios de tuberculose na Universidade

Os alunos das Faculdades de Ciências, Direito, Farmácia e Letras que não efectuaram os rastreios de tuberculose pulmonar, nos dias que lhes haviam sido especialmente destinados, poderão fazê-los, igualmente, na secção dos Serviços Médico-Sociais Universitários de Lisboa, nos dias 15, 17 e 19.

O Banco do Alentejo abriu mais uma agência no Estoril

De acordo com a sua política de expansão e com a finalidade de continuar a apoiar as actividades produtivas do País, cooperando no seu desenvolvimento económico, o Banco do Alentejo inaugurou uma agência no Estoril, situada na Avenida Marginal, próximo da estação dos caminhos-de-ferro e em frente da estação dos C. T. T.

O administrador daquela instituição de crédito, sr. capitão João Duarte da Silveira, acompanhado dos directores srs. dr. José Marques de Almeida e Carlos Faria e do subdirector sr. Luís Pessoa Costa, assistiu ao início do funcionamento e visitou as instalações que, embora provisórias, estão aptas a responder às exigências do serviço com rapidez e eficiência.

A nova agência, que vem proporcionar maiores facilidades á numerosa clientela do Banco do Alentejo, traduz igualmente o crescente desenvolvimento de um estabelecimento de crédito que á sua centenária experiência alia uma concepção dinamica dos problemas e uma actualização constante dos seus serviços e processos de trabalho. Para tal desenvolvimento muito tem contribuido também o reconhecido nível do seu pessoal, cuja qualificação técnica tem merecido a maior atenção aos dirigentes do Banco do Alentejo.

o Repórter de serviço

Joaquim Letria

O TEMA DA RIBALTA

No palco, Eunice Muñoz e Fernando Gusmão repetem, uma vez mais, as palavras de amor e solidão a peça de Arnold Wesker. «As quatro estações» estão em ensaios: pouco a pouco os elementos do espectáculo vão aparecendo, convergindo num conjunto que terá de estar completo, irremediàvelmente, quando o pano subir, na noite da estreia. A um sinal do encenador, Paulo Renato, a cena movimenta-se. Os actores deslocam-se, o palco ganha vida. As linhas mestras do espectáculo começam a definir-se.

Um pouco por gosto, um pouco por dever de ofício — vá lá saber-se onde acaba um e começa outro — embrenho-me nesta quase mágica construção, nos seus segredos, na sua descompassada evolução. O nascimento de um espectáculo é uma aventura recheada de surpresas. Um ensaio é em si mesmo um espectáculo — um espectáculo improvisado e alegre, onde tudo pode acontecer inesperadamente, graças á vida, ao humor daqueles que nele intervêm. Alguns exemplos dessa azálama merecem ser registados.

●

Os ensaios entram na ultima fase. A mais exaustiva. O tempo escasseia. Ninguém tem mãos a medir. As sessões prolongam-se até ás 4, até ás 6 da manhã. Carpinteiros, electricista, actores, todos acusam os sinais da fadiga, cabeceiam com sono. Paulo Renato, porém, não pára. Como se tivesse acabado de despertar, anda numa roda-viva, dá indicações a este e áquele, insiste, aperfeiçoa, dirige.

Octávio Clérigo, o responsável pela cenografia detine muito bem este ambiente:

— Ontem ás 6 da manhã acordei com o Paulo Renato a dizer-me: «Não sei se estás a seguir o meu raciocínio...». Apressei-me a dizer que sim... mas precisei de mais meia hora para perceber de que raciocínio se tratava...

●

O electricista Carlos Fernandes revela-se eximio no comando das luzes, logo no segundo ensaio de iluminação.

Clérigo, bem humorado, comenta:

— É como eu digo. Este homem tem luz própria.

●

E outra de Octávio Clérigo:

Acabara de ouvir-se a banda com a música de Jorge Peixinho, que deixara todos maravilhados. O compositor, repetindo um gesto que faz frequentemente, leva a mão á cabeça e coça a testa.

Logo o cenógrafo, exprimindo a sua admiração:

— Bom, tenho que começar a coçar a testa...

●

Um bom momento foi aquele em que Jorge Peixinho, sentado na plateia quase completamente coberta com panos brancos, começou a ouvir a sua música, já integrada no espectáculo.

— Que é isto?!

Foi uma exclamação espontânea, motivada pela evidente distorção do som. Renato, atilo, acudiu:

— São os altifalantes. Precisam de ser afinados...

Mas Peixinho nunca mais deixou de se mostrar inquieto.

●

O próprio Paulo Renato acusa, é claro, uma vez por outra, os sinais da fadiga. Como por exemplo quando deu uma indicação a Eunice Muñoz:

— Eunece, aparça!

Queria dizer «Eunice, aparece».

●

Muitos outros episódios podiam contar-se. Finalizemos, no entanto, com a evocação do contra-regra, de nome Jorge, o homem que manda no palco e a quem todos chamam, apropriadamente, o Jorge... do Cano.

GRIPE
AOS PRIMEIROS SINAIS
1-2 COMPRIMIDOS DE
NEO-BÊPROL
PARA UMA RÁPIDA MELHORIA DOS SINTOMAS

CHOCOLATES TAGIDES
BARREIRO · LISBOA · QUELUZ

Conta Infantil
BANCO DO ALENTEJO

CONFIE NA
Ourivesaria da GUIA
COMO O FAZ, HÁ QUASE 100 ANOS, UMA CLIENTELA CADA VEZ MAIS NUMEROSA
RUA D. DUARTE 4-B
(Edifício do Hotel Mundial)
FUNDADA EM 1870

GREMIO NACIONAL DOS BANCOS E CASAS BANCÁRIAS

Os Estabelecimentos Bancários estarão encerrados, como de costume, na terça-feira, dia 18 do corrente, com excepção dos Serviços de Tesouro a cargo do Banco de Portugal.

Lisboa, 13 de Fevereiro de 1969.

A DIRECÇÃO

O maior sortido de ouro prata e jóias a preços de concorrência
GRANDE OURIVESARIA DA MODA
RUA DA PRATA, 257

Torre de Babel

por João Medina

HUMORISTAS GRÁFICOS

«L'éphémère, vous savez, ça risque de durer.» — *Savignac*

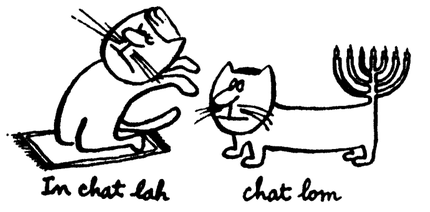
É possível e mesmo muito provável que a melhor imagem do nosso tempo e do nosso mundo não esteja nas quintas-essências cogitativas dos Amigos do Saber nem na aridez quase ascética do chamado «nouveau roman», nem ainda nos incandescências fugitivas dos poetas actuais, nem tão-pouco, apraz-me a escrevê-lo, nos manuais dos nossos sociólogos, psicoterapeutas, médicos, adivinhos e outros alquimistas contemporâneos. Onde então buscar essa imagem que condense e reproduz a alma da nossa época?

Talvez seja provável e até muito natural que a imagem mais fiel de nós mesmos, das nossas fobias, manias, obsessões, terrores, esperanças (porque também as há neste lugubre planeta) e tropismos mais secretos da «alma» (que os psicólogos me perdoem exumar este conceito tão ultrapassado, mas receio não ter outro termo para exprimir aquilo que pretendo dizer) desta era meia louca, louca mesmo, homicida, paranóica, bizarra e frenética esteja afinal — porque não? — no mundo visual dos humoristas, na obra desenhada de certos espíritos particularmente argutos, hipercríticos e alegremente severos como Sempé (melhor etnólogo do que Claude Lévi-Strauss), Eiffel (melhor teólogo do que o velho Yavé ou o recentemente falecido Karl Barth), Savignac (o único autor inteligente de cartazes da nossa civilização publicitária), Feiffer, Blechman, Searle, Steinbey, etc. A lista — felizmente! — é longa e espalha-se por todo o planeta. Todavia, para não desesperar o tipógrafo que compõe esta crónica, prefiro não revelar todos os nomes dos poucos pensadores genuínos de um mundo onde os troca-tintas do Copito e os misólogos formam legião.

Escandalizei uma vez um enfatuado catedrático espanhol dizendo-lhe que um romance como o «Chiendent» de Raymond Queneau tinha mais ideias — e ideias menos filósofos há-de por força ser mais exacta e superior àquela que os pobres desenhadores da nossa época vão compondo sem pedirem cátedras nem ambicionarem a Academia ou o prémio Nobel.

Acredita-me se eu te disser que um certo e teimoso preconceito literário nos força a menosprezar o humor com uma espécie de subproduto cultural, uma arte menor que só com muita dificuldade e empenhos de vulto logra ser admitida pelo Espírito de Gravidade (o tal que governa o Mundo) pela porta de serviço da Kultur. E ainda este Espírito (ou esse preconceito, como queiras chamá-lo) que nos manda preferir certas categorias estéticas e culturais como mais dignas do que outras só porque assim tem sido desde recuados tempos, embora os gregos — eles, outra vez! — achassem impertinente ter de escolher entre Platão e Aristófanes. Mas nós, que somos e seremos graves, nós os ocidentais temos as nossas categorias bem fixas (cada um no seu lugar!) e não hesitamos um segundo a declarar São Tomás superior a Rabelais ou Dante melhor poeta do que Queneau, já que o renascentista afirmara que rir é próprio do homem (ah!) e que o autor do «Chien à la mandoline» escreve letras para canções. Em suma, vamos todos pelo seguro e prezamos mais o eterno (ao qual pertencem, como se sabe, os livros e os autores da Política, da Moral, da Boa Literatura, da Arte Superior e da Religião) do que o efémero, o quotidiano no qual se movem os humoristas como Cabu (o autor do «Grand Duduches»), Cont (o dramaturgo que escreve histórias aos quadradinhos), Chaval (desaparecido há pouco), Chumy Chumez (vide a «Codorniz» espanhola), Topor (o neo-surrealista) Folon (o Kafka dos sinais de trânsito) e Siné, o incomparável Siné.

Estrasburg, Fev. de 1969.



Dois gatos de Siné

Actualidade internacional

SOB COMANDO EGÍPCIO

SABOTADORES ÁRABES OPERAM NO SINAI

— segundo os israelitas

NAÇÕES UNIDAS (Nova York), 13 — (R.) — Israel declarou, a noite passada, ao Conselho de Segurança da O. N. U., que há provas segundo as quais sabotadores árabes, operando na área do Sinai, se encontram sob comando egípcio.

O embaixador israelita Yosef Tekoah disse, numa carta ao Conselho, que membros dessas «forças irregulares» estavam a ser recrutados abertamente no Egipto e a ser enviados para detrás das linhas de cessar-fogo.

Tekoah disse, ainda, que sabotadores árabes, aprisionados por forças israelitas no sudoeste do Sinai, confessaram que se encontravam ás ordens dos serviços secretos militares egípcios.

O embaixador revelou que um inquérito permitira apurar que o recrutamento era feito por intermédio de xeques, num campo de refugiados, perto de Alexandria. Os xeques eram obrigados a preencher uma quota de recrutas.

Tekoah acrescentou: «Essas operações, organizadas e dirigidas pelo Governo egípcio, constituem uma violação séria e continua do cessar-fogo por parte da República Árabe Unida».

Importância da base de Rota

WASHINGTON, 13 — (A. N. I.) — «Nem os Estados Unidos nem a N A T O podem pensar em abandonar as bases navais e aéreas norte-americanas em Espanha» — escreve na revista não-oficial norte-americana «U. S. Naval Institute Proceedings», órgão do Clube da Armada, o capitão-de-fragata Roy Goldmen.

O oficial acrescenta: «Mesmo em tempo de paz ou num período curto da guerra, a base naval de Rota é vital para o domínio dos mares que banham a Europa e os Estados Unidos fariam mal em abandoná-la».

«Não só os Estados Unidos como a N A T O e os seus aliados perderiam com a base de Rota, além de boas previsões meteorológicas, um ponto de apoio importante para o auxílio logístico ás unidades aéreas de cobertura da 6.ª Esquadra e, em especial, uma magnífica plataforma para a guerra submarina. A aviação e os navios de guerra com base em Rota é que nos permitem conter a ameaça russa no Mediterrâneo e no Atlântico Oriental» — salienta Goldmen.

Reincidente

OLIZAC (Bretanha), 13 — (R.) — Quando o motorista André Menguy, de 24 anos, cumpria a sua pena de um ano de prisão por roubar o camião-cisterna da firma onde trabalhava, o patrão readmitiu-o ao serviço. Menguy encontra-se agora de novo na cadeia, desta vez por roubar o automóvel do patrão.

Jacqueline Onassis passou a maior parte da sua breve estadia em Lausanne no hotel, para evitar a publicidade. Concordou contudo em efectuar uma conferência de Imprensa, a pedido do gerente do hotel, amigo da irmã de Jackie, Lee Radziwill. Mas Jacqueline fugiu aos jornalistas que a esperavam e soube-se que, entretanto, abandonava o hotel pela porta lateral. Na fotografia, uma rapariga encarregada da clássica oferta de ramo de rosas, procura desempenhar o seu papel, enquanto Jacqueline Onassis tenta evitá-la

Nova imolação pelo fogo no Vietnam

SAIGÃO, 13. — (F. P.) — Um bonzo budista imolou-se ontem ao alvorecer pelo fogo na aldeia de Nui Dat, a uns 30 quilómetros a leste de Saigão.

Segundo testemunhas, o seu corpo ardeu «como uma tocha». O bonzo colocou-se sobre uma pira de lenha sobre a qual ele próprio derramou gasolina.

Desconhecem-se, de momento, o seu nome e as razões do sacrifício. Trata-se da primeira imolação pelo fogo no corrente ano e a 28.ª no Vietnam desde 1963.

A ultima imolação de um bonzo verificou-se há um ano.

A de ontem verifica-se poucos dias depois da publicação, em todos os pagodes, da «Mensagem de Paz» do bonzo supremo do budismo unificado, o venerável Tinh Khiet.

Nessa mensagem, o velho bonzo ascético — conta 90 anos — dera claramente a entender que para conseguir a paz, os budistas não hesitariam em recorrer a esse género de sacrifício. «Se forem necessários sacrifícios — frisou — nós os imporemos».

Os habitantes da aldeia de Nui Dat, despertados por gritos, ás cinco horas da madrugada, viram o bonzo subir para a pira de lenha, derramar gasolina e atiçar o fogo com um leque, sendo depois envolvido pelas chamas.

HELICÓPTEROS ABATIDOS

SAIGÃO, 13. — (A. N. I.) — A F. N. L. abateu ontem mais dois helicópteros norte-americanos que atacavam uma base inimiga, 128 quilómetros ao norte de Saigão e a 8 quilómetros do Cambodja.

Morreram três tripulantes de um dos aparelhos e ficaram feridos dois ocupantes do outro.

É já de 1008 o numero de helicópteros americanos derrubados no Vietnam do Sul pelo fogo do inimigo.

Avanço dos biafrenses para Port Harcourt

UMUAHIA, 13 — (F. P.) — «As forças biafrenses continuam a avançar para Port Harcourt e para a região petrolífera de Ahoada, tendo progredido cerca de 10 quilómetros no eixo rodoviário Owerri-Port Harcourt e no sector de Ahoada, durante o dia de terça-feira» — afirma um comunicado militar publicado ontem em Umuahia, o qual revela que, nas duas zonas, as forças biafrenses capturaram ao inimigo importantes quantidades de material, em particular do mais aperfeiçoado equipamento de engenharia.

«Os nigerianos estão em fuga em muitos pontos a leste da estrada principal Owerri-Port Harcourt» — acrescenta o comunicado.

Recorda-se que o coronel Ojukwu, chefe do Estado secessionista, declarou perante a assembleia consultiva biafrense, na segunda-feira, que as suas forças estavam então a 30 quilómetros de Port Harcourt.

AUXILIO

WASHINGTON, 13 — (A. N. I.) — O Conselho Nacional de Segurança dos Estados Unidos vai estudar dentro de dias, na Casa Branca, as medidas a tomar para intensificar o auxílio norte-americano ás vítimas da guerra entre a Nigéria e Biafra.

No dia 24 de Janeiro, o presidente Nixon mandou realizar uma revisão geral da campanha norte-americana de auxílio ás vítimas da guerra e estudar a maneira de «aumentar e acelerar o auxílio aos que sofrem».

Nixon não tenciona impôr-se à Europa

SE QUISÉSSEMOS TRADUZIR numa frase o alcance da viagem de Nixon á Europa, tirá-la-íamos de um artigo recentemente publicado por um dos colaboradores, com maior audiência, do presidente: o professor Henry Kissinger. Analisando exaustivamente os problemas que a nova Administração iria enfrentar, escrevia ele, numa altura em que as urnas não tinham dado ainda o seu veredicto: «Não há solução de reserva quanto á unidade europeia, nem para os Estados Unidos nem para a Europa».

Por ALAIN CLÉMENT

Foi isso que o presidente Nixon confirmou na sua conferência de Imprensa do passado dia 6. Que a primeira etapa do seu percurso seja Bruxelas é já uma manifestação de simpatia pelas instituições da Comunidade. Simpatia que não pode surpreender vinda de um homem político, que, durante a campanha eleitoral, seguiu uma linha de «atlantismo» extremamente clássica. Algumas semanas passadas no estudo dos «dossiers», que o aguardavam na Casa Branca, bastaram para alterar, ainda que ao de leve, o seu ponto de vista. A Europa continua na ordem do dia, mas Washington já não procura obrigá-la a salvar-se contra a sua própria vontade. Johnson renunciou igualmente a tal propósito. Em compensação, há oito anos, a Administração Kennedy chegava ao Poder com uma firme noção do caminho justo que aos europeus incumbia seguir. O seu programa esbarrou na obstrução gaulista, sem ter suscitado, da parte de Bonn, Londres e Roma, mais que um entusiasmo de encomenda. Vê-se claramente que Nixon aproveitou a lição a retirar de um tal ponto de partida, e que, apesar de o presidente ter, como no dia 6 afirmou, certas ideias sobre o futuro da Europa», estas ideias não constituem, no espírito de Nixon, uma doutrina rígida a que se apegue sem querer largá-la até vencer a resistência dos «obstinados europeus».

As conversações bilaterais que Nixon se reserva, em «tête-à-tête» com os chefes de Estado com quem vai avistar-se, visam apenas a sondar as disposições destes e a ver o que dessas disposições emerge como denominador possível. Não se tratará, evidentemente, de «os submeter a uma chantagem ou mesmo de exercer qualquer pressão sobre eles» ainda que no tocante á ratificação do tratado de não-proliferação das armas atómicas. Bem vistas as coisas, os Estados Unidos não estão interessados, quanto a este ponto, em precipitar os acontecimentos, visto que se preparam para serem os primeiros a dar o bom exemplo. Uma Alemanha que, aproveitando-se destas boas intenções, pensasse duas vezes antes de assinar o acordo, não enfraqueceria a posição americana perante os co-signatários soviéticos. Um aliado difícil representa um trunfo junto de um adversário mais difícil ainda. Convém fazer subir os lances.

Não falando já desta vantagem táctica, é certo que, com outros métodos e outros processos, a Administração Nixon não visa objectivos fundamentalmente diferentes dos da equipa que a precedeu. Espera «renovar» a Aliança Atlântica, encorajar a entrada da Grã-Bretanha no Mercado Comum, coordenar, isto é, sincronizar e supervisar os esforços de aproximação com aquilo que subsiste do bloco soviético, incitar a República Federal Alemã a pagar uma quota-parte mais substancial (em divisas e por outros meios) da defesa que o poder das tropas americanas no seu território lhe assegura, regular amigàvelmente o volume de certas trocas comerciais entre os «Seis» e o Mercado Comum, de modo a permitir a Washington que deserme, uma a uma, as tendências proteccionistas ansiosas de se exprimirem no Congresso.

Em compensação, parece que os problemas monetários não devem vir a ser abordados de frente em Paris nem em qualquer outra capital. Washington espera a um prazo que lhe permita consolidar as tréguas conseguidas em Março do ano passado. A conjuntura americana favorável, mas mais vulnerável que neste último semestre, a fragilidade da libra e do franco, não permitem que os peritos americanos achem desejável um debate publico, pelo menos sobre as taxas de câmbio e os preços do ouro, debate que poderia criar o caos ou desencadear novamente a especulação.

Nixon necessita de um período de calma, antes de se evidenciar por iniciativas arriscadas.

As suas consultas europeias, de momento, visam apenas firmar o terreno que é, geogràficamente, a sua encruzilhada. Porque é no lado de lá do muro de Berlim, como a leste da foz do Tibre, que as verdadeiras provas o imporiam.

Exclusivo «Le Monde»-«Diário de Lisboa»

PHILIPS

A PHILIPS PORTUGUESA, S. A. R. L. informa todos os seus estimados Agentes, Clientes e Público em geral, que os seus escritórios, armazéns e oficinas em Lisboa e Porto, encerrarão no dia 17 de Fevereiro corrente, por motivo do controle anual de «stocks» e no dia 18 em atenção ao dia de Entrudo, reabrindo no dia 19 ás horas habituais.

Em OLIVAIS SUL o «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido pelo nosso agente ANTÓNIO VALENTE

Êxito dos comunistas pró-chineses em Bengala Ocidental

NOVA DELHI, 13 — (R.) — Uma coligação das esquerdas dirigida pelos comunistas pró-chineses arrebatou a vitória eleitoral no importante Estado de Bengala Ocidental.

A coligação derrotou o Partido do Congresso, conseguindo ontem uma maioria absoluta, embora ainda sòmente sejam conhecidos dois terços dos resultados das eleições para os 280 lugares na Assembleia.

Os observadores consideram o êxito dos comunistas no principal Estado industrial da Índia, com cerca de 40 milhões de habitantes, como mais um sinal da desilusão popular em relação ao Partido do Congresso.

Este descontentamento já levou há dois anos as esquerdas ao Poder e os erros do Governo não têm contribuído para o minorar.

O Partido do Congresso foi também derrotado no Punjab, onde o Partido Aqali, dos sikhs, vai formar um Governo de coligação com o partido hindu Jan Sangh e outros agrupamentos menores.

No entanto, o Partido do Congresso deve ser o mais votado em Uttar Pradesh e em Bihar, que são os dois outros Estados a eleger assembleias em substituição das que foram dissolvidas depois da queda do Governo respectivo, ocorrida o ano passado.

Entretanto, continua a calma em Bombaim, depois dos mais sangrentos tumultos da História daquela cidade, que causaram 49 mortos e prejuízos superiores a três milhões de libras.

HUMOR CHECOSLOVACO

PRAGA, 13. — (F. P.) — A Rádio checoslovaca não perdeu ainda o seu senso de humor. Num programa de jovens, ontem transmitido por Rádio Praga, foi possível ouvir, de mistura com música moderna, definições como estas:

Normalização — repor as coisas como nunca tinham estado antes.

Revisionista — pessoa que julga, erradamente, poder pensar por si mesma.

Moral — elemento que se dissolve no álcool.

● ALOJAMENTO DE 70 000 SOLDADOS RUSSOS

PRAGA, 13. — (A. N. I.) — Segundo um comunicado divulgado ontem à noite, uma delegação russa e o Governo de Praga assinaram um acordo sobre a cedência de instalações na Checoslováquia para albergar 70 000 soldados soviéticos «e suas famílias».

«O acordo estabelece as condições para a utilização de propriedades cedidas às tropas soviéticas temporàriamente estacionadas em território checoslovaco e dos vários serviços que lhes serão prestados» — diz o comunicado.

A maior parte das tropas soviéticas instalou-se em aquartelamentos abandonados para esse efeito pelos regimentos checoslovacos, tendo os seus comandos ocupado hotéis nas principais cidades.

Asilo político para um brasileiro refugiado no Uruguai

RIO DE JANEIRO, 13 — (R.) — O Governo brasileiro vai apresentar um protesto formal ao Governo do Uruguai por causa da sua decisão de conceder asilo político a Roberto Manes, procurado neste país por actos terroristas — segundo revela um comunicado emitido pelo Ministério das Relações Exteriores.

Manes, que fugiu no mês passado juntamente com a mulher e sete dos seus 10 filhos, é procurado no Brasil por uma série de actos terroristas, incluindo assaltos à mão armada e atentados à bomba. Em consequência de um deles morreu uma jovem.

Entre os elementos da sua quadrilha presos no Brasil encontra-se o filho mais velho que, segundo a Polícia, confessou a sua cumplicidade em actos de terrorismo.

O comunicado emitido à noite passada acrescentava que o embaixador brasileiro em Montevideu recebera instruções para apresentar o protesto ao Governo do Uruguai.

Preso o director do único jornal carlista espanhol

MADRID, 13 — (F. P.) — A secretaria particular do príncipe Carlos Hugo de Bourbon Parma, pretendente carlista ao trono de Espanha, foi interrogada ontem durante uma hora pela Polícia madrilena.

Por outro lado, na semana passada, a Polícia prendeu e depois afastou para uma pequena aldeia castelhana, Xavier Maria Pascual, director do «Pensamento Navarro», de Pamplona, único jornal carlista existente em Espanha. Xavier Pascual chegava de França onde se avistara com o príncipe Carlos Hugo.

A mulher depõe contra o marido

LONDRES, 13 — (F. P.) — Acusado de haver violentado e assassinado em 19 de Agosto de 1967 a pequena Christine Darby, de 7 anos, está a ser julgado no tribunal criminal de Stafford o engenheiro Raymond Morris, de 39 anos. Na audiência de ontem a esposa do réu fez um depoimento que o compromete fortemente.

A sr.ª Morris, uma bonita jovem de 25 anos, que casou com o réu há cinco anos, confessou que mentiu à Polícia durante a instrução do processo ao declarar que o marido regressara a casa à hora habitual no dia do crime. Na realidade, esclareceu, o marido voltou para casa três horas mais tarde do que o costume.

«Porque não disse a verdade durante os primeiros interrogatórios?» — perguntou o delegado do ministério público.

A sr.ª Morris deu esta resposta deprimente: «Porque julgava então possível que ele tivesse cometido semelhante crime».

O juiz interveio para lhe explicar que a lei não a obrigava a responder às perguntas da acusação. «prefiro fazê-lo» — disse ela.

Em seguida depôs uma garota de dez anos, de cabelos louros, que, segundo a acusação, o réu tentou raptar em Novembro passado oferecendo-lhe uma caixa com fogo de artifício que dizia ter no seu automóvel.

«Espreitei, mas não vi a caixa. Ele tentou empurrar-me para dentro do carro mas eu fugi» — contou a criança, que falava tão baixo que o juiz se viu obrigado a descer do seu estrado e a vir sentar-se a seu lado para escutar o seu depoimento, tomando notas que comunicou em seguida aos jurados.

Uma mulher que assistiu ao incidente e chamara a menina para junto de si, tomou nota do número do automóvel, que é o da sr.ª Morris. Mas não reconheceu o homem que, explicou, se tinha metido de seguida no carro e baixara a cabeça.

Durante toda a audiência, Morris, magro e contraído mostrou-se imperturbável. O julgamento prossegue hoje com os depoimentos de outras testemunhas e dos polícias que interrogaram e prenderam o réu.

[illegible]

Eis alguns dos colaboradores da produção italo-soviética «A Tenda Vermelha», cujo tema é a campanha da Rússia, na segunda guerra mundial. Da esquerda para a direita: a actriz italiana Claudia Cardinale, o produtor soviético Kalatozov e o actor alemão ocidental Hardy Kruger

Abrandamento soviético?

(Continuação da 1.ª página)

sonos quanto ao desejo de fortalecer a Checoslováquia.

O preço de tal modificação pode ter sido um apoio firme à reunião — marcada para Maio — dos partidos comunistas em Moscovo. Os romenos indicaram, mais claramente do que nunca, que irão de facto à capital da U. R. S. S. O P. C. I., ainda há quatro meses contrário à ideia, também utilizou a tribuna do congresso para significar a sua adesão.

Tem havido persistentes rumores de que a U. R. S. S. e o Partido Comunista Italiano chegaram a acordo no que se refere à reunião de Maio. Tal acordo teria sido firmado em Janeiro, durante a visita dos dirigentes do P. C. I. a Moscovo.

De Janeiro em diante sucederam-se os contactos entre dirigentes russos e checoslovacos, e o delegado de Praga ao congresso afirmou publicamente (anteontem) que o seu partido se considerava satisfeito com essas recentes trocas de impressões.

«Divergências e imcompreensão»

O congresso do P. C. I., único encontro comunista de envergadura fora dos países socialistas, tem sido um permanente embaraço para os membros do Pacto de Varsóvia implicados na invasão da Checoslováquia. Os membros do partido italiano deram apoio espontâneo aos checoslovacos com manifestações que excederam toda a expectativa, ao mesmo tempo que muitos dos outros partidos comunistas se serviam da tribuna para reafirmar a sua simpatia para com os dirigentes de Praga.

Entretanto, ninguém sabe explicar a mudança de atitude dos romenos. Paul Niculescu Mizil, secretário do «comité» central, disse ao congresso:

— A posição do partido romeno foi determinada pelo facto de a referida acção ter contribuído profundamente para as divergências e a incompreensão no nosso movimento. Essa acção foi empreendida sem qualquer justificação e não corresponde às relações normais que devem existir no mundo socialista.

Entretanto, a U. R. S. S. e a Bulgária defenderam anteontem, abertamente, o carácter essencial da acção militar, que teria servido para defender o comunismo checoslovaco das forças reaccionárias e imperialistas. Os delegados do P. C. I. reservaram o seu aplauso às críticas ao invasor e a todas as afirmações de autonomia, sobretudo e [illegible] dos partidos.

Homenagem ao Vietcong

A Polónia e a Alemanha do Leste referiram-se por vezes ao perigo de uma nova «crise de Berlim», devido às provocações do pleito eleitoral de Bona. Mas nenhum daqueles dois países sublinhou especialmente este ponto, embora desferisse violentos ataques ao Governo federal em geral.

Albert Norden, delegado da R. D. A., incluiu no seu discurso um ataque específico ao Partido Social Democrata de Willi Brandt. As suas referências pareceram conter um aviso muito pouco velado ao P. C. I., que tem efectuado contactos com os sociais democratas da Alemanha Federal. Entre os jornalistas convidados está Leo Bauer, redactor do órgão do S. D. P., *«Neue Gesellschaft»* (*«Nova Sociedade»*), tido pelos comunistas italianos como observador não oficial dos socialistas de Bona.

Mas o grande drama da sessão de ontem foi a homenagem ao Vietcong. Le Kuang Thanh, membro do «comité» central da F. L. N., esteve no centro de uma agitada recepção. Delegados gritaram em coro «Vitória para o Vietnam!» e «Ho Chi Minh!», entoando também uma canção favorita dos *partigiani* na segunda Grande Guerra durante a cerimónia, que se prolongou por 45 minutos.

Com os trabalhos de ontem terminou a série de discursos das 36 delegações de partidos comunistas e progressistas. Foi o quinto dia do congresso — mas não é o último. A próxima sessão está marcada para sábado.

LOUIS B. FLEMING

Retém dois filhos como reféns um indivíduo cercado pela Polícia

BORDÉUS 13 — (A. N. I.) — Preocupado com as duas crianças que tem consigo, André Fourquet, que se barricou em sua casa desde o dia 2, parece decidido a entregar-se — anuncia a Polícia de Bordéus.

Ontem à noite, Fourquet permitiu que um médico fosse examinar os filhos, Aline de 13 anos e François de 11. O clínico declarou que as crianças se encontram bem, embora Aline acuse fadiga e falta de alimento apropriado.

Fourquet, que na terça-feira atingiu mortalmente um polícia com a sua arma parece agora mais calmo. Não obstante, a mulher, de quem se divorciou no mês de Março passado, afirma que ele é capaz de matar as duas crianças.

Vinte e cinco polícias conservam afastados da casa de Fourquet, situada numa clareira do bosque, os jornalistas e os habitantes da vizinha aldeia de Cestas, a 28 quilómetros de Bordéus.

Os bombeiros também ali têm um piquete, pois o homem já uma vez tentou lançar fogo à casa, na sequência de uma discussão com a antiga mulher, sobre a custódia dos filhos.

DOIS EXTREMISTAS DE DIREITA CONDENADOS EM ITÁLIA

ROMA, 13 — (R.) — Dois membros de um movimento da extrema-direita foram condenados ontem a penas de cadeia por dois ataques à bomba contra a missão comercial soviética e por um ataque à metralhadora contra a residência do embaixador soviético nesta capital em Julho do ano passado.

O advogado Giorgio Arcangeli, que foi condenado a três anos de cadeia e Silvano Ronchetta, condenado a dois anos, confessaram os ataques que, afirmaram, constituíram «protestos contra as injustiças cometidas na União Soviética e pela União Soviética.»

Os réus pediram clemência em virtude do que classificaram como o «valor moral e social especial» dos ataques.

Bolsa de Lisboa

AS COTAÇÕES DO DIA ANTERIOR

FUNDOS DO ESTADO	Últ.	Compra	Venda
Consolidado 3 1/4%	540$	5 5$	525$
Consolidado 3%	543$	540$	545$
Consolidado 3 1/2%	—	550$	555$
Centenário 4%	480$	475$	48 $
Obrig. ... 5%	006$	005$	006$
Externo ... série	—	600$	570$
Externo ... série B	—	100$	800$
Externo 3 série	100$	100$	—
Externo 3 série B	—	8 0$	490$
Castelo ... série	—	70$	95$

OBRIGAÇÕES	Últ.	Compra	Venda
Águas Lisboa 5%	—	465$	490$
A. P. 5% 56	—	—	980$
A. P. 5% 58	970$	—	—
C. ... 1/2% 60	—	930$	340$
C. ... 1/2% 67	—	—	—
C. ... 6%	012$	0 0$	0 5$
C. ... 5% 60	999$	999$	00$
Gás Electr. 4% 48	—	855$	—
Gás Electr. 4% 51	—	900$	—
Gás Electr. 4% 54	—	960$	—
Gás Electr. 5% 58	—	970$	—
Gás Electr. 4% 59	—	925$	935$
Gás Electr. 4% 64	—	940$	—
Gás Electr. 4% 64	—	940$	—
Gás Electr. 5% 65	—	720$	—
Gás Electr. 4% 67	027$	075$	078$
H. Alentejo 5%	—	—	—
H. Cávado 5%	840$	835$	845$
H. Cávado 6%	992$	998$	000$
H. Douro 5%	—	830$	840$
H. Douro 6%	996$	995$	997$
H. Norte Port. 5%	—	—	—
H. Estrela 6%	—	998$	—
H. Lésere 5% 55	—	855$	—
H. Lésere 5% 57	—	855$	—
Lisnave 6%	010$	008$	012$
Metropolitano 4%	895$	890$	900$
Metropolitano 5 3/4%	1 055$	050$	060$
Moçambique 5%	—	765$	—
Nac. Electr. 5%	—	—	—
Nitratos 5%	—	—	—
Nitratos 5% 60	—	—	—
Petroquímica 5%	—	890$	—
Port. Celul. 5%	—	—	—
Sacor 5% 54	—	—	860$
Sacor 5% 60	—	—	—
Siderurgia 5% 2.ª	—	820$	—
Siderurgia 5% 3.ª	870$	820$	825$
Siderurgia 4% 4.ª	—	820$	840$
Sonefe 5%	—	820$	830$
T. A. P. 4%	—	—	—
Termoelect. Port. 5%	—	840$	—
U. E. P. 3 1/4%	—	82$	—
U. E. P. 4%	—	84$	95$
U. E. P. 4 1/2%	—	87$	—
U. E. P. 5%	—	82$	83$
U. E. P. 5% 60	—	—	840$
U. E. P. 5% 63	—	—	—

ACÇÕES

Bancos	Últ.	Compra	Venda
Agricultura	983$	98 $	985$
Alentejo	660$	657$	662$
Angola	—	800$	1 8 0$
Burnay	—	—	—
Créd. Predial	1 980$	975$	980$
E. Santo	—	3 900$	4 000$
E. Santo n.	—	—	—
Fonsecas S. B.	—	2 800$	3 200$
... B. Açores p.	4 100$	4 100$	4 20$
L. B. Açores n.	—	—	—
P. Atlântico p.	—	—	—
Portugal n.	2 440$	2 420$	2 450$
Portugal p.	—	2 800$	2 850$
Totta Aliança	—	4 850$	4 900$
Ultramarino n.	1 680$	680$	1 685$
Ultramarino p.	1 897$	895$	1 900$

Seguros	Últ.	Compra	Venda
Alentejo	—	—	73$
Douro	—	—	980$
Mundial	515$	510$	520$
Sagres	—	—	—
Tranquilidade	—	40 000$	45 000$
Ultramarina	—	8 500$	—

Ultramarinas	Últ.	Compra	Venda
Açúcar de Angola	160$	155$	170$
Ag. Cassequel	—	570$	580$
Ag. Incomati	—	—	—
Ag. Neves	—	200$	—
Ag. S. Tomé e Príncipe	—	—	—
Boror	—	230$	280$
Buz.	62$	6 $5	62$5
Cabinda	180$	178$	80$

Ultramarinas	Últ.	Compra	Venda
Diamantes Angola	420$	415$	1 430$
Ilha Revué	—	—	—
Ilha do Príncipe	—	150$	—
Moçambique	79$	78$	80$
Sonefe A	—	—	—
Sonefe B	338$	337$	338$
Zambézia	52$	5 $5	52$5

Diversas	Últ.	Compra	Venda
Atlas	—	—	—
Cim. Leiria	—	2 600$	2 900$
Cim. Tejo	4 150$	4 050$	4 200$
C. Navegação	—	650$	670$
...	—	—	—
... Aliança	—	—	300$
Nac. Navegação	—	1 200$	—
Petroquímica	—	—	2 340$
Port. e Colónias	1 215$	215$	1 217$
Port. Cervejas	3 300$	—	3 300$
Port. Pesca	—	—	—
Port. Tabacos	5 9$	518$	520$
Sacor	4 750$	4 730$	4 750$
Siderurgia Nac.	245$	240$	250$
Soda	2 70$	2 170$	2 80$
Tabacos de Portugal	930$	900$	940$
Tabaqueira	—	—	—
U. F. Azote	705$	705$	707$

Água, Electr. e Gás	Últ.	Compra	Venda
Águas Lisboa o	—	390$	—
Águas Lisboa 34	—	400$	4 5$
Águas Lisboa 36	—	395$	—
Electr. Beiras	—	1 500$	—
Gás Electr.	394$	393$	394$
H. Alto Alentejo	160$	59$5	60$5
H. Cávado	—	1 280$	285$
H. Douro	1 265$	26 $	267$
H. Norte Portugal	—	—	—
H. Estrela	—	650$	800$
H. Lésere	—	305$	320$
Nac. Electricidade	1 355$	350$	360$
Termoeléctr. Port.	1 450$	345$	355$
U. E. P.	196$	95$	96$

FUNDOS DE INVESTIMENTO	Últ.	Compra	Venda
F. I. Atlântico	—	56$8	6 $5
F. I. D. E. S.	—	105$3	08$5

INDICE BORGES & IRMÃO

COTAÇÃO DAS ACÇÕES (Base Dez 65 100)

	5/2/69	11/2/69	12/2/69
GERAL	111,2	112,2	112,3
METROP.	109,0	109,8	109,8
ULTRAM	127,1	129,5	130,6

PAÍSES	Compras	Vendas
África do Sul — Rand	46$00	48$50
América		
— Dollar de 1 e 2	28$20	28$60
— Dollar de 5 a 100	28$40	28$80
Canadá — Dollar	26$30	26$80
Alemanha — Marco	7$05	7$25
Áustria — Shilling	$08	$5
Brasil — Cruzeiro Novo	5$50	7$50
Espanha — Peseta	$39,5	$4
Holanda — Florim	7$78	8$08
Inglaterra — Libra	67$00	69$90
Itália — Lira	$04,45	$04,65
Marrocos — Dirham	4$75	5$25
Bélgica — Franco	$53,5	$56,5
França — Franco	5$40	5$80
Suíça — Franco	6$52	6$72
Dinamarca — Coroa	3$65	4$00
Noruega — Coroa	3$80	4$10
Suécia — Coroa	5$40	5$70
Ouro:		
Inglaterra — Libra ouro	325$00	340$00
Inglaterra — 1/2 Libra	160$00	180$00
Ouro fino — Barra	39$00	40$50

J. BURNAY, L.DA RUA DO OURO, 72
Notas estrangeiras
Papéis de crédito
Tel. 321873

DE COIMBRA

O Plano Director da cidade de Coimbra (importando em 3500 contos) estará concluído em 1970

COIMBRA, 13 — Na reunião da Câmara Municipal foram tratados alguns dos problemas da cidade, dos quais depende o seu progresso, como por exemplo, os que se ligam ao Plano Director da Cidade e do Concelho.

O presidente, sr. eng.º Araújo Vieira referiu-se à visita feita pelo urbanista sr. prof. eng.º Costa Lobo ao Gabinete de Urbanização da Câmara e afirmou que foram aprovadas as directrizes do referido plano, para a sua integração no Plano Regional de forma a constituir um elemento válido para o progresso económico.

Acrescentou o orador que o mesmo plano estará concluído nos fins de 1970, e propôs para tal a verba de 3500 contos.

Informou, ainda o edil que, dentro de dias o Gabinete de Urbanização começará os respectivos trabalhos, sob a chefia daquele urbanista e recorrendo-se à actividade privada.

Depois a vereadora, sr.ª dr.ª D. Maria José Bacelar, depois de propor que seja prestada homenagem, no «Arquivo Coimbrão», ao sr. dr. Pinto Loureiro, recentemente falecido e que foi director da Biblioteca Municipal, desde a sua criação e fundador daquela revista

Visita do ministro das Comunicações

Foi, ainda, aberta a única proposta para a construção do Grupo Escolar do Calhabé pela importância de 2 894 673$00, e aprovada a concessão de subsídios a diversas Juntas de Freguesia.

A terminar, o presidente informou a Câmara de que convidara o sr. ministro das Comunicações para uma visita a Coimbra a qual deve realizar-se em fins de Março ou princípios de Abril

Homenagem dos rotários à memória de António Sérgio

Na reunião do Rotary Club de Coimbra, sob a presidência do sr. José Maria Garcia, secretariado pelo sr. Alberto Ruivo, além de muitos rotários, estiveram presentes os estudantes José Miranda Alves, Joaquim José Fonseca Machado e o sr. José Casimiro Ribeiro de Melo, que foram saudados pelo encarregado do protocolo

Depois da leitura do expediente, do qual constava uma informação sobre a inscrição para uma estadia em França, nas férias da Páscoa, no âmbito do intercâmbio luso-francês, efectuado todos os anos para jovens estudantes, usou da palavra o sr. dr. Rui Clímaco que prestou sentida homenagem à memória de António Sérgio. Acentuou o valor e a projecção dessa figura extraordinária, que dedicou mais de quarenta anos da sua vida a um intenso e laborioso trabalho intelectual, não só nas letras, mas, também, no campo da filosofia, da história, do teatro, da pedagogia e da crítica literária. Leu alguns trechos dos notáveis trabalhos do grande pensador e, em seguida, fez uma análise breve do valor moral e do aprumo firme nas suas convicções, e ainda da verticalidade moral de António Sérgio. Salientou, ao terminar, a necessidade de ser feita a reedição da sua vasta e valiosa obra literária.

Actividades culturais e artísticas dos estudantes

No Teatro de Bolso do C. I. T. A. C. haverá hoje, às 22 horas, mais uma lição do Curso de Teatro, patrocinado pela Fundação Gulbenkian e promovido por aquele organismo académico.

— Na «Sala Maestro Dr. Raposo Marques» prosseguem, durante a tarde, os trabalhos da assembleia geral do Orfeão Académico

Magistratura

No Tribunal da Relação, foi conferida posse ao sr. dr. Abel Pereira Delgado (que exercia as funções de juiz de Direito na comarca de Aveiro) do cargo de Corregedor de Círculo Judicial daquela cidade

Conferiu a posse o presidente do Tribunal da Relação, sr. conselheiro dr. Azevedo Soares (Carcavelos), e o auto foi lido pelo secretário daquele tribunal, sr. dr. Manuel Maria

O conselheiro presidente saudou aquele magistrado, que agradeceu. O acto foi muito concorrido e estiveram presentes funcionários judiciais de Aveiro e de Coimbra

Preito de admiração à Tuna Académica na reunião do Município

Durante a reunião camarária, a vereadora, sr.ª dr.ª D. Maria José Bacelar, referiu-se às comemorações do 80.º aniversário da Tuna Académica, em Maio, que recordou a sua vida de estudante e os turbulentos, mas respeitosos culturais saraus da Tuna Académica, manifestando o desejo de que o passado, já tão longo e, por vezes, tão atribulado tão cheio de escolhos e dificuldades, mas nunca de desânimos da Tuna Académica, se continue cada vez mais próspero, mais elevado, mais cheio de promissão

Lembrou a oradora que, há poucos anos ainda, a cidade não regateou a gratidão devida àquele organismo, conferindo-lhe a medalha de ouro, através da Câmara Municipal, e disse saber que a direcção da Tuna está a proceder a uma reorganização das suas estruturas, com o objectivo de enquadrá-la no âmbito musical de Coimbra-cidade. Terminou por afirmar que a Câmara tem as melhores esperanças na Tuna Académica da Universidade, e augura-lhe, com o mais vivo entusiasmo, que venha a ser a origem de uma orquestra sinfónica de que Coimbra carece e na qual porá os seus olhos cheios de carinho e, ao mesmo tempo, de orgulho

Sobre o assunto falou, também o vereador sr. dr. Viriato Namora, dizendo que, como antigo director da Tuna, ouvira com a maior atenção as palavras da sr.ª dr.ª D. Maria José Bacelar, e pediu que a Câmara dedique o maior interesse às palavras daquela vereadora.

O aniversário da fundação do Coral dos Estudantes de Letras

Reúne-se, durante a tarde, a assembleia geral do Coral dos Estudantes de Letras, para resolver sobre a nomeação de sócios honorários, e tratar de assuntos relacionados com as comemorações do próximo aniversário da fundação daquele famoso agrupamento artístico académico.

Concerto musical

No Teatro de Gil Vicente haverá amanhã, às 21 e 30 horas, o terceiro concerto da presente temporada, da Delegação do Círculo de Cultura Musical. Actuará o violinista Hymann Bress, que será acompanhado ao piano por Tania Achot.

Espectáculos para hoje

CINEMAS

GIL VICENTE — Às 21 e 30: «Oliver» (12 anos).

AVENIDA — Às 17 e 45: «Melodia interrompida» (12 anos); às 21 e 30: «Sal e pimenta» (17 anos).

TIVOLI — Às 21 e 30: «O bom, o mau e o vilão» (17 anos)

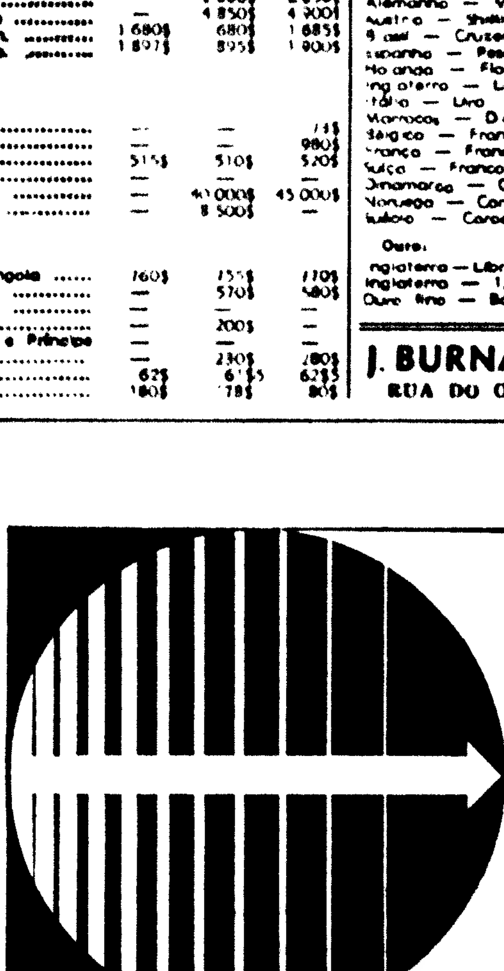
Farmácias de serviço

RAINHA SANTA — Rua da Figueira da Foz (telefone 24737)

DONATO — Rua Ferreira Borges (telef. 22803).

CRUZ VIEGAS — Rua do Brasil (telef. 23961).

CRUZ E COSTA — Rua Dr. António de Vasconcelos (tel. 22715)



Ninguém sabe o suficiente! Nem você.

Produtos, materiais, processos.
Novidades técnicas.
Princípio de Hannover:
Importantes feiras especializadas no mesmo tempo no mesmo lugar.
Informações, contactos.
Mais conhecimentos.
Mais saber.

Tem que vir a Hannover!

FEIRA DE HANNOVER '69
Mercado Mundial da Indústria
Sábado, 26.4 - Domingo 4.5

Representação oficial em Portugal: Câmara de Comércio e Indústria Luso-Alemã
Sede: Av. Elias Garcia, 120-4.º Lisboa-1 · Tel.: 77 81 00 Delegação: Av. dos Aliados, 211-6.º E. · Sala E · Porto · Tel.: 30 112

Rádio

PROGRAMAS DE HOJE

EMISSORA — 1.º Programa — 457 m — 665 kc/s — Às 16: Noticiário; 16 e 05: Luz no horizonte; 16 e 30: Que quer ouvir?, 17: Ginástica de Pausa, pelo dr Marques Pereira; Programa da Tarde — Canções do nosso tempo; 17 e 25: A orquestra de...; 17 e 35: Do Chiado até à Lapa; 18 e 20: Programa da Mulher, por Maria Emília Cancela de Abreu e Judite Navarro; 18 e 40: Música e sonho; 19 e 50. Música só Música; 20: Diário sonoro; 20 e 20: Solistas ligeiros; 20 e 40: 13.º Episódio do Folhetim «A Casa do Nespereira»; 21: Jornal de Actualidades; 21 e 15: Transmissão do Teatro Nacional de S. Carlos, da ópera em 4 actos «Louise» de Gustava Charpentier.

2.º Programa — 397 m — 755 kc/s — Às 16 e 30: Stabat Mater (Dvorak)—solista, Coro Checo e Orquestra Filarmónica de Praga sob a direcção de Vaclav Smetacek; 18 e 05: Música do Século XX — Obras de Stravinsky; 19: Horizonte, semanário de Letras e Artes; 19 e 30: Folclore português — Música da Beira Baixa recolhida por Artur Santos (gravações cedidas pela BBC); 19 e 45: Música de autores espanhóis pelo pianista Winfried Wolf — Obras de Albeniz e Granados; 20: Diário Sonoro; 20 e 20:Barcarola em Fá sustenido Op 60 (Chopin) — piano Alexander Uninsky); 20 e 30: Quarteto n.º 9 em dó maior Op. 59 n.º 3 (Beethoven) — Quarteto Amadeus; 21: De tudo um pouco; 21 e 30: Melodias pelo orquestra James Last; 21 e 40: 2.ª parte de um espectáculo de Variedades realizado no Instituto Pe. António de Oliveira, em Caxias, 22 e 30: Fados e guitarradas; 22 e 50 Orquestras e Conjuntos, 23: A Voz do Ocidente, 0 e 15: Fecho

RÁDIO CLUBE — 290,3 m — 1034 kc/s — Às 16. Programa C. D. C.; 18 Ela e o seu mundo, 18 e 15: Canções ao acaso; 18 e 30: Lisboa à tarde, 19: Noticiário, 19 e 15: No mundo aconteceu 9 e 30: Rádio-Jornal 20: Nota de abertura e noticiário; 20 e 07: Conjuntos vocais 20 e 30: Jornal dos Espectáculos; 20 e 45: Tempo de ritmo; 21 e 03: Serão musical; 21 e 32: Impacto; 22 e 30: Quando o telefone toca; 23 e 08: Música tradicional e palestra religiosas; 23 e 22: Grande roda, 0 e 02: «P B X»; 2: Contacto; 3 e 02: A noite é nossa; 6 e 02: Diário rural, 7 e 03. Talismã

Modulação de frequência—97,4 mc/s — Às 16 e 04: Programa C. D. C.; 17: Noticiário; 17 e 57: O nosso programa; 19 e 04: Em órbita; 20: Nota de abertura, 21 e 02: Boa noite em FM; 22 e 02: Programa à Gô-Gô; 0 e 02: Alta Fidelidade Philips; 1 e 03: Banda Sonora; 2: FM-67 e Fecho.

Emissor de Miramar — 393,6 m — 762 kc/s — Às 16: Programa C. D. C.; 18: Depois do chá; 18 e 30: Ela e o seu mundo; 18 e 45: Matinée teatral: 19: Noticiário; 19 e 03: Miscelânea; 19 e 17: Ela; 19 e 30: Rabbalac; 19 e 45: Melodias para si; 20 e 05: Rádio Placard; 20 e 20: Norte dia e dia; 21 e 03: Cabina de escuta; 21 e 15: Só-Rádio; 21 e 30: Leitura; 21 e 45: Francisco e Ernesto; 22 e 02: Hoje é vedeta...; 22 e 15: Cristo para todas as nações; 22 e 30: Presença coimbrã, 23 e 04: Clube da Juventude

RÁDIO RENASCENÇA — 233,2 m — 1286 kc/s — Às 16: Radiorama, 18: Melodias em selecção; 18 e 20: Noticiário e boletim religioso; 18 e 30: Terço e bênção da Basílica dos Mártires; 19 e 05: Música seleccionada; 19 e 25: Leitura do programa e boletim do S. C. R.; 19 e 30: Página um, 20 e 30: Noticiário; 20 e 55: Meditando; 21: Variedades 21 e 30: Canta Teresa Paula Brito; 21 e 45: Ritmos do Brasil; 22: Quando o telefone toca; 22 e 30: Pentagrama; 22 e 45: Música variada; 23: A 23.ª hora; 2: Fecho

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA — Onda médio — 188 m — 1594 kc/s — 94,4 mc/s — **Rádio Peninsular** — Das 7 ás 8 e 12 ás 14 e 30 — **Rádio Voz de Lisboa** — Das 10 ás 12 e 19 e 30 ás 12 — **Clube Radiofónico de Portugal** — Das 8 ás 10 e 22 ás 2 — **Rádio Graça** — Das 14 e 30 ás 19 e 30

AMANHÃ — **1.º Programa** — Às 14 e 40: Ciclo Preparatório TV; 19: TV Educativa; 19 e 30: Telejornal; 19 e 45: Série Juvenil 20 e 15: Vamos Dormir; 20 e 30: Programa Feminino; 20 e 45: Programa Literário; 21: Cartaz TV; 21 e 30: Telejornal; 21 e 55: «As Nossas Queridas Mulheres»; 22 e 25: O Festival de Bayreuth; 23: Série do Oeste—«High Chaparral»; 0 h.: Telejornal, Meditação e Fecho.

2.º Programa — Às 21 e 30: Telejornal; 21 e 55: Noite de Teatro — «A Torre e o Galinheiro»; 0 e 20: Telejornal e Fecho

TUDOR PILHAS BLINDADAS ESTANQUES

TV dia a dia

HOJE PODE VER...

Earl Jordan apresenta, neste programa, vários números do seu repertório

O MOTOR E O HOMEM

COORDENADO por Alberto de Canha e Sá, é tranemitido, cerca das 21 horas, o magazine «O Motor e o Hemem», hoje com o seguinte sumário: Novo radar para barcos pequenos, Novos modelos de transportadores, O «Molaneu» em Lisboa, Problemas de estacionamento, Curiosidades, Novas técnicas, Corridas em Dunas; e Novos dispositivos de segurança.

TV CLUBE COM EARL JORDAN E QUINTETO ACADÉMICO + 2

EARL JORDAN, o cançonetista americano que depois de ter triunfado na Inglaterra (foi animador e vedeta de Rádio Carolina), veio até Lisboa onde se integrou no Quinteto Académico (agora com +2)

Esta noite, pelas 21 e 55, Earl Jordan interpretará uma miscelânia de canções do seu repertório, algumas das quais compostas especialmente para este programa que Pedro Martins realizou. Acompanham, claro, os restantes seis elementos do conjunto.

Tudo estava contra Lane, até «As testemunhas»

«AS TESTEMUNHAS»

PELAS 22 E 25, é exibido um filme policial com Jeremy Kemp, Pauline Devaney, Victor Platt e Lloyd Pearson, intitulado «As Testemunhas». Uma rapariga é estrangulada. Três testemunhas oculares afirmam que o assassino é coxo (não confundir com maneta), pois esse refere-se ao triste «fugitivo»... e não hesitam em apontar Lane como culpado. Preso, Lane afirma a sua inocência, mas arranja um falso alibi para a noite do crime. É julgado, e condenado a 15 anos de cadeia. Apenas Mary, a sua noiva, crê na sua inocência. Uma nova tentativa de crime, desta vez frustrada, leva à prisão de um outro coxo (não maneta...) que confessa o crime atribuído a Lane.

2.º PROGRAMA

QUEM ESTA a rever o folhetim «Belphegeor» com Juliette Greco, verá, esta noite, no 7.º episódio, o jovem André entrar nos subterrâneos do Museu do Louvre e fazer descobertas absolutamente espantosas...

Tristão da Silva, canta os seus fados num programa que o U. H. F., repete cerca das 22 e 15.

A terminar a emissão, repete-se a rubrica «Universidade na TV», subordinada ao tema «A Vida e a Ciência» com os filmes. «A Óptica» e «Os Batráquios».

canal da crítica

BRINCADEIRA, FUTEBOL & MISSÃO IMPOSSÍVEL

O «Quarto de Brinquedos» terminou abruptamente quando a monitora falava de animais nossos amigos. Mas antes tivemos o jogo do boneco cujas atitudes os meninos deviam imitar, ah, como se já não estivéssemos fartos de imitar bonecos! Depois os meninos contaram, perdão!, depois os meninos não contaram e cantou a Maria Isabel a lengalenga do Polichinelo e mais a moda daquele jogo tão lindo, ei tão lindinho, que se diz assim: «Uma roda bela / flores na lapela / um, dois, três / todos no chão desta vez...»

«Quarto de Brinquedos» foi aquilo que todos conhecem, só um bocadinho pior. Isso, isso. Que continue a evoluir são os meus desejos.

Claro, a rubrica não passava de um simples apeadeiro. A estação principal estava na transmissão do desafio entre o Ajax e o Benfica. Alves dos Santos estava congelado. Que nunca apanhara tanto frio na sua vida. Cinco graus negativos. O frio deu-lhe para despertar a veia poética: «Amsterdão tem sido como uma noiva toda vestida de branco...» **Ora toma!**

Da nitidez da imagem nada há a dizer. Nem da realização, extremamente funcional, sem grandes rasgos. Pormenor: o joelho de Eusébio, em primeiro plano. O operador tinha razão: quando Eusébio se queixa do joelho.

O Benfica ganhou, e o mais são histórias. Se o Adamastor não nos intimidou não era um vulgar Ajax que. Se os indómitos portugueses de antanho não recuaram perante o oceano, iamos nós agora recuar perante uns flocos de neve? Era o que faltava!

O serão viria a terminar com mais uma mirabolancia das missões impossíveis. Através do episódio de ontem, os maiores de 12 anos (e os menores também, porque não?) aprenderam que para atingir os fins, não interessam os meios e que os «maus» são todos e não têm electrónica nenhuma e que o Destino protege a C. I. A., amen. Empregaram-se alguns termos técnicos quando a rapariga estava a ser torturada. Esqueci-me deles. Grave prejuízo foi para a minha cultura, senhores. Paciência. Com certeza que as torturas não acabam hoje.

CANÇÕES PORTUGUESAS

O maestro Frederico de Freitas veio á televisão apresentar algumas canções tradicionais do povo português. Aproveitou, e muitíssimo bem, a ocasião para denunciar as deturpações que, em nome do folclore, se praticam por aí a torto e a direito. A passageira menção aos «ranchos» teve os seus laivos de intencional. Os falsos folcloristas de duas pernas prá frente e uma para trás deviam ter, nesse instante, as orelhas em lume...

A música no folclore português (aprendemo-lo há muitos anos com o prof. Fernando Lopes Graça) é de uma riqueza excepcional. Aplausos são devidos, portanto, ao maestro Frederico de Freitas por no-lo vir recordar mais uma vez. Recordar e demonstrar.

Claro que as discordancias são possíveis no que respeita á apresentação das belíssimas canções trazidas ontem á televisão portuguesa. Não que, em princípio, seja condenável o seu tratamento quase erudito, mas porque desse modo, em programa que ao grande publico se destina, a sua força diminui até ao ponto (e eu gostaria que não fosse assim...) de se anular. A breve trecho, as canções do Alentejo, da Beira Alta e da Beira Baixa, aparecem como que

(Continua na página seguinte)

FERGUSON
A GRANDE MARCA BRITANICA DE TV

POSTA RESTANTE

C. A. L. (Lisboa) — A diferença existente entre os programas *TV Clube, Variedades* e *Estudio C* pode explicar-se da seguinte maneira: *TV Clube* não exige mais que um apontamento cenográfico. Isto é, um só cenário. Nele participam, um só artista de nomeada, ou um conjunto, ou dois ou três artistas de menor «cartel». Tem a duração de 25 m.

Já as *Variedades*, como o seu nome indica, podem incluir no seu elenco não só cançonetistas, como vários artistas de «music-hall»: ilusionistas, ventriloquos, etc. Tem diversos apontamentos cenográficos e a duração é cerca de 45 minutos. Quanto ao *Estudio C* é programa reservado a artistas estrangeiros da craveira de uma Gigliola Cinquetti, Françoise Hardy Salomé, etc., que, durante perto de uma hora apresentam doze a treze canções. Tem também um só apontamento cenográfico.

M. A. T. (Lisboa) — Se na realidade tem boa figura, boa presença e deseja fazer figuração nos programas de TV, basta que se dirija á Alameda das Linhas de Tor-

(Continua na pág. seguinte)

JPIMENTA S.A.R.L.

ANDARES

AMADORA FRENTE À ESTAÇÃO DO C. F. E REBOLEIRA

PAÇO D'ARCOS ESPARGAL LINDA VISTA DO MAR

LINHAS DE SINTRA E CASCAIS ESPECIALMENTE AMADORA, VENDA NOVA E PAÇO D'ARCOS

Apartamentos Mobilados

190 CONTOS RENDEM-LHE 1.187$50 MENSAIS

Garantido no acto da escritura por 12 anos, pago directamente onde o cliente indicar.
Ao cliente é facultado o direito de habitar ou administrar directamente.

ARMAZÉNS E GARAGEM DE RECOLHA

REBOLEIRA E VENDA NOVA — VENDA OU ALUGUER

Só vendemos propriedades próprias, construídas pela nossa organização.
Informe-se nos nossos escritórios porque só nós poderemos dar esclarecimentos certos e honestos

LISBOA: Rua Conde Redondo, 53, 4.º, Esquerdo — Telefones 4 58 43 - 4 78 43
QUELUZ: Rua D. Maria I, 30 — Telefones 95 20 21/22
REBOLEIRA: Amadora — Serviço Permanente — Telefone 93 36 70

Companhia Nacional de Electricidade

S A R L

Avenida Casal Ribeiro, 50 — Lisboa-1

ENTREGA DOS TITULOS DEFINITIVOS DO EMPRÉSTIMO OBRIGACIONISTA DE 6 % — 1968/69

Informam-se os Senhores Obrigacionistas de que a partir do dia 20 do corrente mês de Fevereiro, se efectuará a troca das cautelas do empréstimo acima referido pelos títulos definitivos, a qual terá lugar nos mesmos locais onde subscreveram a emissão.

As cautelas deverão ser entregues com a seguinte declaração exarada no verso:

«Recebi os títulos definitivos correspondentes à presente cautela»,

devidamente datada e assinada pelo titular da cautela ou seu representante legal, devendo a assinatura ser reconhecida por notário ou abonada por Estabelecimento Bancário.

Lisboa, 10 de Fevereiro de 1969.

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

LUSTRES

Fazemos novos, reparamos, transformamos ao gosto do cliente. Fábrica, Av. 5 de Outubro, 203 r/c — Telef. 771639.

(Ao Campo Pequeno)

CARTÃO DIPLOMATA

O mais distinto bilhete de visita em relevo executado em placa de cobre ou cunho de aço de absoluta necessidade em praxes protocolares para pessoas de distinta condição social bem como de bom gosto

ANIBAL GRAVADOR

A casa que melhor trabalha
Rua Nova do Almada, 64
LISBOA

ALMADA

EMÍLIO DE OLIVEIRA GOMES DOS SANTOS

FALECEU

Francisca da Conceição Oliveira, Emílio de Oliveira Gomes dos Santos Júnior, Carlos Alberto de Oliveira dos Santos, e mais família cumprem o doloroso dever de participar a todas as pessoas das suas relações e amizade, o falecimento do seu muito querido e saudoso marido, pai e parente, e que o seu funeral se realiza amanhã, dia 14, a hora a determinar, saindo do Hospital Curry Cabral (Rego), passagem por Almada (Praça da Renovação), para o cemitério da Amora.

Funerária de Correios
Telf. 2782150-2218514

ALMADA

EMÍLIO DE OLIVEIRA GOMES DOS SANTOS

FALECEU

A Firma Refriplár Indústrias Reunidas, S. A. R. L., cumpre o doloroso dever de participar a todos os clientes, amigos e colaboradores, o falecimento do seu muito estimado Chefe de Escritório, e que o seu funeral se realiza amanhã, dia 14, a hora a determinar, saindo do Hospital Curry Cabral (Rego), passagem por Almada (Praça da Renovação), para o cemitério da Amora.

Funerária de Correios
Telf. 2782150-2218514

ALMADA

EMÍLIO DE OLIVEIRA GOMES DOS SANTOS

FALECEU

Os Funcionários da Refriplár Indústrias Reunidas, S. A. R. L., cumprem o doloroso dever de participar o falecimento do seu muito estimado Chefe de Escritório e amigo, e que o seu funeral se realiza amanhã, dia 14, a hora a determinar, saindo do Hospital Curry Cabral (Rego), passagem por Almada (Praça da Renovação), para o cemitério da Amora.

Funerária de Correios
Telf. 2782150-2218514

MARIA ADELAIDE CANTO DE OLIVEIRA

CONFORTADA COM OS SACRAMENTOS DA SANTA MADRE IGREJA

PARTICIPAÇÃO E MISSA DE 7.º DIA

Horácio Canto de Oliveira e mulher, José Canto de Oliveira e mulher, Ruty Canto de Oliveira Figueiroa Soares marido e filhos, Dr.ª Marina Canto de Oliveira Barreiros Gallo, marido e filhos, Maria Adelaide Aguiar Canto de Oliveira Nascimento, marido e filhos, Ana Maria Aguiar Canto de Oliveira, Irene de Oliveira e Silva e filho Dr. Pompeu de Oliveira e Silva, mulher e filha e mais família participam o falecimento no passado dia 8 de sua querida mãe, sogra, avó, bisavó, tia e parente e que será celebrada missa pelo seu eterno descanso amanhã (sexta-feira) pelas 11.30 horas na Igreja dos Mártires agradecendo desde já a todas as pessoas que se dignarem assistir a este piedoso acto.

P. N. A. M.
AGÊNCIA MEGA

Máquinas de escrever
«BROTHER»
aceitam-se agentes
Av. Almirante Reis, 10-C

MARIA ADELAIDE CANTO DE OLIVEIRA

CONFORTADA COM OS SACRAMENTOS DA SANTA MADRE IGREJA

PARTICIPAÇÃO E MISSA DE 7.º DIA

SOCIEDADE COMERCIAL JOSÉ ANTUNES DE OLIVEIRA HERDEIROS S.A.R.L. — A Administração participa o falecimento no passado dia 8 da mãe dos Administradores Srs. Horácio Canto de Oliveira e José Canto de Oliveira e que será celebrada amanhã (sexta-feira) missa pelo seu eterno descanso, pelas 11.30 horas, na Igreja dos Mártires, agradecendo desde já a todas as pessoas que se dignarem assistir a este piedoso acto.

P. N. A. M.
AGÊNCIA MEGA

MARIA ADELAIDE CANTO DE OLIVEIRA

CONFORTADA COM OS SACRAMENTOS DA SANTA MADRE IGREJA

PARTICIPAÇÃO E MISSA DE 7.º DIA

Os empregados da SOC. COMERCIAL JOSÉ ANTUNES DE OLIVEIRA HERDEIROS S. A. R. L. — participam o falecimento no passado dia 8 da extremosa mãe dos Administradores Srs. Horácio Canto de Oliveira e José Canto de Oliveira, sendo celebrada missa pelo seu eterno descanso, amanhã (sexta-feira) pelas 11.30 horas na Igreja dos Mártires agradecendo desde já a todas as pessoas que se dignarem assistir a este piedoso acto.

P. N. A. M.
AGÊNCIA MEGA

MARIA ADELAIDE CANTO DE OLIVEIRA

CONFORTADA COM OS SACRAMENTOS DA SANTA MADRE IGREJA

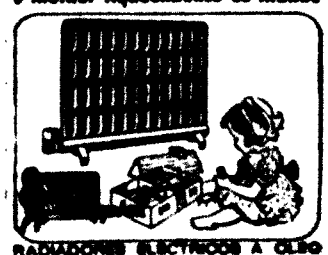
PARTICIPAÇÃO E MISSA DE 7.º DIA

CASA ALEMÃ — participa o falecimento no passado dia 8 da mãe dos proprietários Sra. Horácio Canto de Oliveira e José Canto de Oliveira e que será celebrada missa pelo seu eterno descanso amanhã (sexta-feira), pelas 11.30 horas, na Igreja dos Mártires, agradecendo desde já a todas as pessoas que se dignarem assistir a este piedoso acto.

P. N. A. M.
AGÊNCIA MEGA

dimplex

O Melhor Aquecimento do Mundo



RADIADORES ELÉCTRICOS A ÓLEO COM CONTROLE TERMOSTÁTICO

PIANOS VERTICAIS E DE CAUDA

ALUGAM-SE

Estabelecimentos VALENTIM DE CARVALHO Comércio e Indústria, S. A. R. L. — 95, Rua Nova de Almada, 99 — LISBOA

Olímpio Jaime Bengala

Missa do 7.º Dia

Sua família participa que será celebrada missa por sua alma, no próximo dia 14, pelas 11.30 horas, na Igreja Paroquial de Santa Isabel, agradecendo desde já, a todas as pessoas que se dignem assistir a este piedoso acto.

Canal da crítica

(Continuação da pág. anterior)

perdidas no caudal de violinos, violoncelos, piano e harpa. E o que deveria ser um festival de música popular portuguesa transforma-se num mero recital de Fernando Serafim.

As canções do povo contêm um fogo, um ímpeto, uma força colectiva que o saber cantar pode não reproduzir fielmente. Sem esquecer que as palavras cantadas derivam, na maioria dos casos, de uma opção da responsabilidade dos estudiosos. Que significado podem ter, por exemplo, naquela canção dos Açores, quadras como esta?:

A ausência tem uma filha
que se chama saudade.
Eu sustento uma e outra
bem contra minha vontade.

Sem, de maneira nenhuma, pretender diminuir o esforço do maestro Frederico de Freitas, permito-me recordar a acção do Coro de Amadores de Música na divulgação da autêntica música portuguesa. Lembro até que existe na RTP uma gravação com a actuação do coro feita há 2 anos, várias vezes anunciada e outras tantas retirada por exigências de programação. Não seria agora boa altura de arranjar um «buraquinho» para as maravilhosas canções portuguesas harmonizadas por Fernando Lopes Graça?

M. C.

POSTA RESTANTE

(Continuação da pág. anterior)

res 95, onde funcionam os Serviços de Programas, levando duas fotografias. Inscreva-se e aguarde.

A. C. (Viana do Castelo) — Para escrever à cançonetista Maria José Valério pode fazê-lo para a Radiotelevisão Portuguesa, naquele mesmo endereço acima indicado. A sua carta ser-lhe-á entregue. Muito brevemente poderá vê-la e ouvi-la num TV Clube com outros artistas.

T. M. (Lisboa) — Não sabemos se a R. T. P. poderá repetir as séries da sua preferência. Escreva directamente para a Direcção de Programas da R. T. P. e peça-lhes a repetição da série Hong-Kong no 2.º programa. A propósito, o protagonista dessa série chama-se Rod Taylor e não como nos diz.

C. TEIXEIRA (Lisboa) — A mesma resposta serve para si. Se quer ver, de novo, a série «Os Intocáveis» escreva directamente para a R. T. P. O emissor de UHF dá-lhe oportunidade neste capítulo.

A POPULAÇÃO IDOSA DO PAÍS

— Objecto de um aviso prévio apresentado na Assembleia Nacional

Na ordem do dia da Assembleia Nacional foi, hoje, apresentado pelo deputado sr. dr. Agostinho Cardoso, um aviso prévio sobre os problemas da população idosa do nosso País, que constitui valioso e oportuno conjunto de sugestões para uma política de velhice em Portugal.

Depois de algumas generalidades iniciais sobre o problema, o dr. Agostinho Cardoso afirmou:

«O aumento da população idosa e os legítimos problemas humanos que a ela correspondem atingirão em Portugal certa acuidade dentro de algum tempo. Em 1980, numa previsão estatística que admite continue a baixar lentamente a fertilidade e a mortalidade, e não considerando a emigração, calcula-se que haverá no nosso País 1 milhão e 76 mil pessoas de mais de 65 anos, o que representará 9,8%, quase 10% da população.

«Interessa, assim, prospectar, definir, estudar e, na medida do possível, prever o dimensionamento e soluções que comporta este problema de nível nacional. Temo-nos preocupado, e cada vez mais justamente, com os complexos problemas da juventude. Ela merece-o. Avisos prévios e numerosas intervenções nesta Assembleia, legislação e decisões governamentais recentes, mostram o interesse do Governo e da Nação pela juventude.

«Mas a velhice é, também, um importante problema nacional do nosso tempo. Pouco se tem pensado nele. Temos que enfrentá-lo como o têm feito tantas nações. É tempo de consciencializar o País acerca da problemática da gente da terceira idade; reavivar o respeito que tradicionalmente se lhe dedicava, cuidar da profilaxia da velhice e sua invalidez; da recuperação, tantas vezes possível, dessa invalidez; da compensação dos seus «deficits». Há que fazê-la viver com paz, segurança e dignidade, que são a antítese da esmola proteccionista — e, sobretudo, longe dos seus grandes inimigos: a solidão, a inactividade, a dependência económica ou a miséria.

«Tem urgência este conjunto de problemas, porque a gente idosa não pode esperar como a juventude; tem pouco tempo para viver e para resolver o seu caso. No ano que decorre, celebra-se a «Declaração dos Direitos do Homem». Em 20 de Novembro de 1959, a Assembleia Geral da antiga Sociedade das Nações, proclamou a Carta dos Direitos da Criança. Quando pensa a actual Organização das Nações Unidas proclamar a Carta dos Direitos da Velhice?

O deputado avisante esquematizou, depois, os problemas com que, na generalidade, se depara o homem ao atingir o limiar da terceira idade (depois dos 65), e cujas soluções dependem da política da velhice predominante em cada país e da extensão que aí hajam atingido a segurança social, e a cobertura assistencial, á gente idosa. Dividiu os problemas da velhice em cinco categorias: cobertura económica; alojamento; ocupação (actividades compensadoras); ambiente (familiar ou a sua substituição, convívio e lazeres) e cobertura sanitária (profilaxia da invalidez, assistência médico-sanitária e regular recuperação).

O sr. dr. Agostinho Cardoso, já no final do seu longo e *um esquema de prioridades. A segunda conclusão pretende adiantar, como hipótese de estudo, os pressupostos nosso País, e de propor as bases de uma política orientadora, esboçando-se a planificação das soluções segundo* cuidadoso estudo, afirmou:

«A questão de fundo a encarar é a definição de uma política nacional de velhice, em face do fenómeno universal do envelhecimento das populações, das características que a sua problemática entre nós reveste, da gravidade que assumirá dentro de uma década, da importancia que os países civilizados lhe atribuem e da insuficiente consciência que dessa importancia havemos até agora tido. E das directrizes dessa política partirmos para a concretização das soluções.

OBJECTIVO DO AVISO PRÉVIO: SER ÚTIL À GENTE IDOSA

«Ao ver chegar bucòlicamente, o Outono da vida, pensei na gente idosa do nosso País, no que as outras gerações lhe devem e em quanto tem sido esquecida. E tracei e escrevi este aviso prévio no desejo de ser-lhe útil.

«Considera-se de zero a 20 anos o grupo etário dos jovens e de 20 a 60 ou 65 o dos adultos; acima desse limite, os idosos. A maior parte das estatísticas marca os 65 anos como fronteira da velhice talvez porque, em muitos países, é essa a idade da aposentação obrigatória.»

E já a terminar:

«A minha primeira e mais importante conclusão é no sentido de sugerir ao Governo a constituição quanto possível imediata de uma «Comissão de Estudo dos Problemas da Velhice», de alto nível, dotada de meios financeiros, técnicos, capacidade legal e poder suficientes para, dentro de um prazo a fixar, e obtido o apoio e informação do sector público e privado, realizar os inquéritos e estudos necessários. A esta Comissão dar-se-iam condições de vida e eficiência para, em trabalho intensivo e por um período determinado, realizar «mutatis, mutandis», o que o Comité Laroque foi chamado a fazer em França, em 1958.

«Tratar-se-ia de um largo e exacto reconhecimento de como se situa o problema em todos os seus aspectos no que me parece deverem estar na base de uma política da velhice em Portugal.»

A concluir lembrou a seguinte afirmação feita num congresso: *«Para nada servirá acrescentar anos á vida se não formos capazes de acrescentar vida aos anos».*

Falta de técnicos na indústria têxtil

No período de antes da ordem do dia, o deputado pelo Porto, sr. eng.º Sousa Magalhães referiu-se á grave crise da indústria têxtil algodoeira, e congratulou-se com a promulgação do Decreto-Lei n.º 48 844, que concede determinados benefícios fiscais ás empresas que, explorando industrias têxteis algodoeiras, resultem da fusão de outras ou as incorporem, bem como com o despacho conjunto dos Ministérios das Finanças e Economia, que, entre outras medidas tendentes a ajudar a industria penhe a constante evolução da técnica, o que exige quadros á altura das responsabilidades. Aqui é que me parece existir uma das grandes lacunas da nossa industria têxtil — a insuficiência qualitativa e quantitativa dos seus quadros técnicos.

«Não é muito compreensível que, num país com uma industria têxtil onde trabalham 140 00 empregados e operários, não exista um uni. a resolver os seus problemas conjunturais, assegura, através da Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência e do Banco de Fomento Nacional, a possibilidade de converter as dívidas a curto prazo que a industria contraíu na banca comercial, para o seu reequipamento, em créditos a médio ou longo prazo.

E concluiu:

«Entre nós, onde ainda não há penúria de mão-de-obra nem salários muito altos, a nossa industria têxtil desde que seja convenientemente amparada, poderá ainda, durante muito tempo, ser a nossa primeira actividade industrial. Não há dúvida de que o Governo, com as medidas agora tomadas, e que vêm juntar-se a outras já anteriormente concedidas, tem estado atento ás principais dificuldades do sector, embora á gestão empresarial caiba grande parte da responsabilidade do êxito das suas empresas. Mas, para mantermos a nossa industria actualizada e competitiva é necessário que acom-co instituto industrial, que forneça á respectiva actividade técnicos têxteis de nível médio. Os poucos que existem ou são estrangeiros, ou portugueses que se foram especializar á França, Suíça ou Inglaterra, o que implica pesado dispêndio para as empresas, e que nem sempre é garantido como investimento intelectual.

«Por isso pedi há já dois anos a criação nos distritos de Braga e Castelo Branco, principais centros das industrias de algodão e lanifícios a criação de dois institutos industriais têxteis, onde se formariam engenheiros técnicos têxteis, que tão necessários são á nossa industria têxtil como no despacho conjunto dos dois Ministérios se acentua».

★

Ainda no período antes da ordem do dia, está inscrito o deputado por Lisboa, sr. Francisco do Cazal-Ribeiro, que deve ocupar-se de problemas políticos.

FIM DE TARDE EM S. BENTO

☆ *A instalação sonora da Assembleia Nacional, que se tem revelado bastante deficiente, prejudicando não só o trabalho dos representantes dos órgãos de informação, como os próprios deputados, sofreu ontem uma avaria mais grave, impedindo quase inteiramente a audição do que se passava na Camara. No período antes da ordem do dia houve intervenções e interrupções que totalmente se perderam. Ficaram de tudo isso os discursos escritos ou as versões (aproximadas) de quem os proferiu. É caso para dizer que os deputados falaram ontem... para o boneco. Este acidente, ao que nos parece deve ser considerado um aviso (não um «aviso prévio»): a instalação da Assembleia precisa urgentemente de reforma total.*

☆ A proposta de lei visando o estabelecimento de normas tendentes a imprimir maior celeridade á justiça penal foi ontem aprovada com as alterações propostas pela Camara Corporativa, com excepção do artigo 3.º, visto a Assembleia ter preferido o texto governamental.

☆ *O deputado por Braga, eng.º Duarte do Amaral, indignou-se com uma ilegalidade cometida em Guimarães: a abertura de uma rua no perímetro de protecção do Castelo. E, «já que o mal está feito», pediu que as entidades oficiais competentes, cheguem a uma «solução aceitável», que não desonre o local. Moral da história: a «colina sagrada» não pode ser tomada de assalto, nem sequer pelo Município. O Castelo de Guimarães deve continuar a ser invencível...*

☆ No período antes da ordem do dia, usaram ainda da palavra os deputados Melo Giraldes e dr. António Castelo Branco, sobre problemas da lavoura, e o dr. Peres Claro, sobre o porto de Setubal.

☆ *Hoje, um novo tema começará a dominar o Parlamento: a velhice. Não a velhice da Camara, mas a velhice como problema nacional. Trata-se do aviso prévio (a propósito: não serão prévios todos os avisos?) do deputado funchalense sr. dr. Agostinho Cardoso. Cerca de 50 páginas dactilografadas contendo um estudo bem documentado do problema que começa a preocupar muitos países. Mas, na tribuna da Imprensa, dizia-se ontem que o dr. Soares da Fonseca, ao tomar conhecimento da extensão do «aviso», comentara para o deputado: «Arranje-se como puder! Só lhe dou o tempo regimental» (1 hora).*

☆ O tema, realmente importante e humano, não será hoje esgotado. Consta que a generalização do debate baterá em duração o aviso prévio sobre a defesa da lingua. Não admira: defender, assegurar a velhice, isto é, os homens, não poderá valer menos do que defender a lingua. Veremos.

A POSIÇÃO DO COMÉRCIO DE MERCEARIA A RETALHO

(Continuação da 14.ª página)

de coadjuvar os esforços a realizar pelas fiscalizações competentes, no sentido de travar o aumento do custo de vida. Porque a correlacionação dos dois factos que vêm referidos é susceptível de deixar no espírito do público a convicção de que a generalidade do comércio de mercearias está contribuindo para a realização de manobras da alta do custo de vida, propõe que a direcção, como tal, se pronuncie acerca da referida campanha publicitária.

Propósito colaborante

«Sobre o assunto assim formulado estabeleceu-se amplo debate, em cujo termo se aprovou, por unanimidade, a seguinte resolução:

«A) Tornar público, através de solicitação aos mesmos orgãos da Imprensa que a generalidade dos artigos que são objecto de comercialização pelos estabelecimentos de mercearia, nomeadamente os denominados «artigos de primeira necessidade» (açucar, arroz, bacalhau, sabão, massas alimentícias e óleos comestíveis) são transaccionados sob o regime de tabelamento feito pelos serviços competentes do Ministério da Economia, pelo que se torna impossível qualquer manobra especulativa por parte do comércio de mercearias.,

«B) Dar publicidade, pelas mesmas vias, e comunicar directamente aos senhores delegados do Governo e presidente da Corporação do Comércio que todos os agremiados inscritos neste organismo, e não só os denominados supermercados, estão na mais firme intenção de colaborar com a autoridade pública e os organismos fiscalizadores dela dependentes na campanha governamental de sustação do aumento do custo de vida, de que, afinal esses mesmos agremiados serão os primeiros a beneficiar.,

«C) Exprimir ás entidades referidas na alínea anterior o voto desta direcção, de que se estabeleça para os retalhistas de mercearia um regime legal conducente á percepção de lucros através da incidência de percentagem resultante da aplicação de uma taxa fixa sobre os custos reais das mercearias, como, aliás, é pensamento enformador do vigente Decreto-Lei N.º 41 204, de 24 de Julho de 1957».

Prof. Mário de Figueiredo

Segundo informação da Casa de Saúde da Cruz Vermelha, o estado de saúde do sr. prof. Mário de Figueiredo mantinha-se estacionário, ás 11 e 45.

Os poetas modernos na alta

Os revolucionários de hoje são os clássicos de amanhã. É das normas. E também das normas é que os poetas cujos livros primeiros ficam a monte nos depositários, anos e anos, saindo um exemplar lá de longe a longe e com dificuldade se colocando umas centenas, passam a ser procurados e mais que procurados pelos bichos dos bibliófilos quando os autores adquirem fama. É claro: fama não corresponde a proveito... para eles, pobres cantores.

Os exemplares da primeira edição do Nobre, com todos os requintes que o autor nela pôs, mal se venderam. Pois pesam hoje contos de réis! Teriam feito a fortuna do António Pobre.

Está a correr neste momento, como dissemos, o leilão da biblioteca do Tomaz Kim. São livros de amigos, outros que lhe serviram para preparar a sua licenciatura e o doutoramento; outros que foram do professor da Faculdade de Letras de Lisboa. Na biblioteca desse poeta, há naturalmente bastantes livros dos seus pares, dos poetas que andam agora pelo meio século, um ou outro se contando já entre os sexagenários. Pois já vão ver o que valem, no mundo da bibliofilia!

Antes digamos que foi vendida por 1600 escudo a edição coimbrã da «Crónica de D. João III», o da Inquisição, por Francisco de Andrade. É de 1796. E por 550 escudos já foi a «Bibliografia das Obras Impressas em Portugal no século XVI», por António Anselmo e Raul Proença. Porque a não reedita a Biblioteca Nacional? E as «Poesias» do Pedro de Andrade Caminha, de 1791, foram a 420 escudo.

Pois o nosso amigo Casais Monteiro, agora nas bandas de além do mar, está na alta. A sua «Confusão», da Presença, 1929, subiu a 160 escudos; e por 100 escudos foi vendido o «Fernando Pessoa, o insincero verídico», de 1954. Por 160 escudos também foi o livro de ensaios «De Pés Fincados na Terra»; e o livro que no Rio de Janeiro publicou em 1959: «A Poesia da «Presença». Estudo e Antologia» foi vendido por 370 escudos. Estão a ouvir? 370 escudos.

E o João José Cochofel deu 50 escudos, com o seu «Búzio», 70 com a «Descoberta» e 300 escudos com os «Instantes», de 1937. Já o «Sol de Agosto», de 1941, ficou em 200 escudos.

E quase tínhamos vontade de perguntar a Cochofel quanto lhe terá rendido a edição dos «Instantes», com a sua [illegible] desenhada pelo Namora.

O Saul Dias, com seu «Sangue», de 1952, deu 60 escudos e depois, quase logo a seguir, é o Mário Dionísio que entra com seus «Poemas», por 110 escudos, e se fica nos 50, com as «Solicitações e Emboscadas». Mas a primeira edição do «Cabo da Boa Esperança» do Sebastião da Gama, por ele dedicada ao Tomaz Kim foi a 240 escudos; e a 240 escudos também os dois volumes de «Poesias» do José Gomes Ferreira, publicados em Coimbra em 1948 e 1950, com aquele galinho a cantar na capa. O Fausto José dava 45 escudos com sua «Fonte Branca» e 100 escudos com o «Redemoinho» que é de 1933 e das Edições Presença.

E já se anunciam mundos e fundos, com gente disposta a bater-se á brava, pelo Régio e pelo Torga que irão á praça esta noite e amanhã. Entretanto o livro da André Crabbé Rocha sobre o «Teatro de Garrett» deu 280 escudos. Começou a alta com o livro da mulher; quando se chegar aos volumes do marido é que será realmente o fim do mundo. Entretanto o salão dos Afrafilhos continua cheio a deitar por fora, a demonstrar que também os leilões de livros despertam interesse.

R. R.

BANCO TOTTA-ALIANÇA

S. A. R. L.

INSTITUIÇÃO FUNDADA EM 1843

RUA DO OURO, N.os 69 A 79 — LISBOA — AVENIDA DOS ALIADOS, N.º 37 — PORTO
Dependências de Lisboa — ALVALADE, AV. DA REPÚBLICA, AV. 24 DE JULHO, CABO RUIVO, CONDE BARÃO, DUQUE DE LOULÉ, D. PEDRO V, PASCOAL DE MELO, RODRIGO DA FONSECA
Porto — ANTAS, BOAVISTA S. ROQUE
Agências — AVEIRO, BARREIRO, BRAGA, BRAGANÇA, CADAVAL, CARTAXO, CASCAIS, CHAMUSCA, COIMBRA, COVA DA PIEDADE, ERMESINDE, FIGUEIRA DA FOZ, GUIMARÃES, LEIRIA, MAIA, MALVEIRA, MOITA, ODIVELAS, PAREDES, PONTE DE SOR, PORTALEGRE, PORTIMÃO, ROSSIO AO SUL DO TEJO, SANTARÉM, SETÚBAL, SINTRA, VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO, VISEU

RELATÓRIO DO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

SENHORES ACCIONISTAS:

De harmonia com a lei e os estatutos temos a honra de submeter à vossa apreciação o Balanço e as Contas do exercício de 1968.

No decurso do ano findo completaram-se 125 anos sobre a fundação da instituição de crédito de que provém o Banco Totta-Aliança. Sem alardes injustificáveis nos tempos que correm, com a simplicidade tradicional da nossa instituição, mas com a dignidade que impunha a homenagem que se pretendia prestar nessa ocasião a todos os que ocuparam postos de trabalho nesta casa e contribuíram para o seu engrandecimento, a efeméride foi alvo do merecido destaque.

A actividade do Banco, sempre norteada pelo desejo de melhorar a cooperação com a sua clientela crescente, foi dominada pelas preocupações já evidenciadas em relatórios precedentes — extensão da sua acção à totalidade do território metropolitano, aperfeiçoamento e modernização dos seus serviços, progresso profissional do seu pessoal.

Prosseguiu a acção sistemática, nem sempre isenta de naturais dificuldades, no sentido firmemente estabelecido da adopção de modernas técnicas de gestão, em grande medida facilitada pela disposição de meios mais potentes para o tratamento electrónico de dados.

Mantém-se a expectativa, decerto não diminuída durante o ano findo, de que providências realistas a par da indispensável cooperação esclarecida do sector bancário conduzam a uma abordagem dos problemas dos mercados do dinheiro com vista à aplicação de soluções estáveis, eficazes e integradas no processo de desenvolvimento económico nacional.

A actividade observada no mercado financeiro e os êxitos registados no lançamento de novas emissões não anulam, nem sequer reduzem, a urgente necessidade de enfrentar as suas deficiências de estrutura, de funcionamento e de dimensão. Julga-se que a banca comercial pode desempenhar um papel coadjuvante de importância não desprezível e observaram-se sinais encorajadores de que as Autoridades o consideram devidamente.

Quanto ao mercado monetário, a sua normalização depende ao que se julga de um profundo realismo no modo de o encarar, no reconhecimento da necessidade de adaptações que envolvem atitudes dinâmicas e a aceitação de que, para além de uma salutar concorrência, a interdependência das instituições bancárias, entre si e em face da economia nacional, é incontroversa.

No ano findo foi facultada ao Banco a abertura de 2 dependências urbanas e 3 agências. O total de balcões à disposição da nossa clientela passou a ser de 42, mas continuam a subsistir lacunas importantes na expansão territorial do Banco que se desejaria preencher mais ràpidamente.

As instituições a que o Banco se encontra ligado, como promotor da sua criação, continuam as suas actividades nos seus domínios próprios e consoante os condicionalismos que lhes são oferecidos. São de evidenciar o Banco Totta-Standard de Angola e o Banco Standard-Totta de Moçambique que, não só vêm registando crescente expansão, mas também representam factores de progresso das respectivas províncias, apesar de decorridos pouco mais de dois anos após a sua fundação. A Sogestil — Sociedade de Gestão de Títulos, S. A. R. L., que administra o Fundo de Investimentos para o Desenvolvimento Económico e Social — F. I. D. E. S. e a Sociedade Internacional Factors (Portugal), S. A. R. L. prosseguem as suas actividades de modo satisfatório.

No final do ano os depósitos atingiram mais de seis milhões e duzentos mil contos e o crédito concedido ao longo do ano ultrapassou vinte e um milhões e seiscentos mil contos.

O resultado líquido do exercício de 1968, depois de constituídas as provisões e amortizações convenientes, ascende a

Esc. 33 582 985$57

para o qual propomos a seguinte distribuição:

Para o Fundo de Reserva Legal	4 000 000$00
Para Outros Fundos de Reserva	2 000 000$00
Para Dividendo	25 000 000$00
À disposição da Assembleia Geral	2 582 985$57

Se esta proposta merecer aprovação, os capitais próprios do Banco elevar-se-ão a Esc. 436 000 000$00.

Aos nossos clientes são devidos os primeiros agradecimentos, pelo apoio, a confiança e a amizade que, como sempre, nos dedicaram e que nos são preciosos. Também com o maior prazer significamos os nossos agradecimentos ao Conselho Fiscal pela criteriosa e franca cooperação sempre prestada. Por fim merecem evidência e justo louvor o zelo, a dedicação e a competência dos nossos Directores, Subdirectores, Procuradores e todo o demais Pessoal.

Lisboa, 16 de Janeiro de 1969.

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

BALANÇO EM 31 DE DEZEMBRO DE 1968

ACTIVO

DISPONIVEL E REALIZAVEL			
Caixa e Depósito no Banco de Portugal	1 182 157 077$07		
Depósitos noutras Instituições de Crédito	689 507 138$96		
Promissórias de Fomento Nacional	73 000 000$00	1 944 664 196$03	
Correspondentes no Estrangeiro	198 080 883$24		
Ouro, Moedas e Notas Diversas	10 978 503$80		
Carteira de Títulos e Cupões	276 200 271$75		
Carteira Comercial	3 339 303 927$19		
Letras sobre o Estrangeiro	3 419 124$20		
Correspondentes no País	172 452 806$67		
Empréstimos e Contas Correntes Caucionados	400 736 377$67		
Devedores e Credores	261 809 807$57		
Empréstimos a mais de um ano	41 308 819$77		
Outros Valores Realizáveis	1 190 382$50	4 771 706 964$36	6 716 371 160$39
IMOBILIZADO			
Participações Financeiras		89 762 361$68	
Imóveis		34 884 720$65	
Imobilizações Diversas		40 626 983$67	165 274 066$00
OUTRAS CONTAS DO ACTIVO			
Contas Diversas			1 195 524 398$28
			8 077 169 624$67
CONTAS DE ORDEM			
Valores de Conta Alheia		5 482 270 934$66	
Valores Recebidos em Caução		669 708 607$30	
Devedores por Garantias e Avales Prestados	2 177 965 624$42		
Devedores por Aceites	891 990 425$80		
Devedores por Créditos Abertos	119 266 400$60	3 189 222 450$82	
Outras Contas de Ordem		389 576 168$14	9 730 778 160$92
			17 807 947 785$59

PASSIVO

EXIGIVEL			
Depósitos à Ordem — Moeda Nacional	4 496 521 188$34		
Depósitos com Pré-Aviso — Moeda Nacional	257 993 188$31		
Depósitos a Prazo — Moeda Nacional	1 468 092 668$58		
Depósitos a Prazo — Moeda Estrangeira	5 314 720$00	6 227 921 765$23	
Cheques e Ordens a Pagar	27 725 361$08		
Exigibilidades Diversas	4 412 735$56		
Correspondentes no País	169 890$46		
Correspondentes no Estrangeiro	19 967 169$60		
Empréstimos e Contas Correntes Caucionados	54 045 816$98		
Devedores e Credores	54 327 291$75	160 648 265$43	6 388 570 030$66
NAO EXIGIVEL			
Contas Diversas e Provisões			1 225 016 608$44
CAPITAL E RESERVAS			
Capital		250 000 000$00	
Fundo de Reserva Legal		61 500 000$00	
Outros Fundos de Reserva		118 500 000$00	430 000 000$00
RESULTADOS			
Lucros e Perdas			
Resultados do Exercício			33 582 985$57
			8 077 169 624$67
CONTAS DE ORDEM			
Credores por Valores de Conta Alheia		5 482 270 934$66	
Credores por Valores Recebidos em Caução		669 708 607$30	
Garantias e Avales Prestados	2 177 965 624$42		
Aceites	891 990 425$80		
Créditos Abertos	119 266 400$60	3 189 222 450$82	
Outras Contas de Ordem		389 576 168$14	9 730 778 160$92
			17 807 947 785$59

CONTA DE LUCROS E PERDAS DO EXERCÍCIO DE 1968

DÉBITO

Juros e Comissões a nosso cargo	89 194 732$46	
Contribuições e Impostos	9 178 531$80	
Despesas com o Pessoal	104 190 899$65	
Despesas Gerais	24 814 918$78	
Encargos Diversos	167 422$90	
Provisões e Amortizações	47 000 000$00	274 546 505$59
Saldo		33 582 985$57
		308 129 491$16

CRÉDITO

Juros e Comissões a nosso favor	258 251 911$54	
Resultados em Operações Cambiais e sobre Títulos	37 194 259$41	
Rendimento de Títulos de Crédito	8 714 004$90	
Outros Rendimentos, Receitas e Lucros	3 969 315$31	308 129 491$16
		308 129 491$16

O CHEFE DA CONTABILIDADE
Francisco da Costa Lopes

O PRESIDENTE DO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO
José Manuel da Silva José de Mello

PARECER DO CONSELHO FISCAL

SENHORES ACCIONISTAS:

Cumprindo um grato dever, vem o Conselho Fiscal do Banco Totta-Aliança emitir o seu parecer sobre os resultados do exercício de 1968.

Durante o ano findo analisámos com toda a regularidade e cuidado os diversos elementos da Contabilidade, bem como os valores, sob responsabilidade, da Tesouraria, os Títulos em Carteira e os valores confiados à guarda do Banco, tendo achado sempre tudo na melhor ordem.

Por este facto e tendo em atenção que os números do balanço exprimem fielmente a Contabilidade, somos de parecer:

1.º — Que merecem completa aprovação da vossa parte o balanço, contas e relatório do Conselho de Administração, referentes ao exercício de 1968;
2.º — Que deve ser aprovada a proposta do Conselho de Administração relativa ao destino a dar aos resultados do exercício, com um voto de louvor ao mesmo Conselho pela maneira como conduziu os negócios sociais;
3.º — Que devem manifestar-se os agradecimentos do Banco aos seus Clientes e Amigos, Directores, Subdirectores, Procuradores e restantes Empregados, pela útil e dedicada colaboração que prestaram.

Lisboa, 21 de Janeiro de 1969.

O CONSELHO FISCAL

DO FUTEBOL AO COMÉRCIO

VICENTE: UM HOMEM NÃO ESTÁ SÓ

ao balcão: novas funções

— Eu não tinha feitio para vender carros, sabe? (Não escreva isto, porque podem aborrecer-se). É preciso uma certa conversa, e eu não era capaz...

Vicente Lucas da Fonseca: um homem são.

1

Aos 33 anos de idade, o mais atilado dos manos Lucas tomou de trespasse (por 60 contos) uma tabacaria na Parede e deu novo rumo à vida. A casa tem um nome pomposo:

Agência Comercial Prusa, Lda.

— Prusa, porquê, Vicente?

— Também não sei.

Vicente: um homem despreocupado.

2

— Tenho quatro andares no Junqueiro: rendem-me seis contos por mês e as casas custaram-me noventa e tal contos.

— Ainda tem dinheiro no Banco?

Vicente diz que sim. «Algum. Dei 50 contos para a família do Luciano. Pobre rapaz...»

Entra outro cliente: «tem revistas espanholas?

— Daqui a quinze dias já deve ter.

Vicente: um homem afável.

3

Casado com D. Ana Maria de Almeida Uria Lucas, pai de um garoto de dois anos (o Rui Vicente, que está uma fortaleza), Vicente continua apaixonado pelo futebol. Às quartas-feiras, depois de fechar a loja, dirige o treino do Carcavelos: «rapaziada toda empregada». Aos sábados, vai até ao Estádio Nacional, dar uns pontapés na «borracha» com os empregados no Automóvel Clube: «depois, há sempre uma jantaradas». Aos domingos, dizendo adeus á familia, abala com o Carcavelos, á procura do primeiro lugar no Distrital: contra o Talaide, contra o Porto Salvo.

— Queriam pagar-me a gasolina. Deus me livre! Faço isto porque me comprometi, já não sou profissional. Faço isto porque gosto, porque foi a bola que me deu tudo: e eu tenho de retribuir alguma coisa, não é?

Claro, Vicente.

4

— Fisicamente, sinto-me muito bem. Só tenho uma coisa: ao tapar a vista direita, só vejo uma névoa. Mais nada.

Vicente: quase trinta vezes «internacional». Uma carreira ceifada a destempo.

— E a loja, como vai?

Estende-nos um prospecto. «Nesta agência, trata-se de tudo: recebimentos e pagamentos de rendas, administrações, pagamentos, alugueis de casa...

— Qual foi o seu primeiro cliente?

— Wilson. Mário Wilson. Foi ou quem lhe arranjou casa, aqui na Parede.

Uma cliente espreita a montra.

— Pode entrar, faça favor — diz Vicente. Também temos perfumes...

5

Rua José Relvas, 9-B. Um conto e cem de renda. «Livros, alugam-se».

— Estava aborrecido de não fazer nada. Andava preocupado. Temei esta casinha a uma pessoa de idade: agora, tenho de entrar no assunto.

Sorri:

— Outro dia, fui à Africa. Morreu a minha mãe, e o Lucas não podia lá ir...

Fica (um bocadinho) triste:

— Pois é. Ele é muito bom rapaz, mas tem um fraco, tem um fraco.. Estive com ele há três meses. Joga no Amora, e à gostam dele.

Desabafa:

— Talvez agora a coisa se arranje. Ele mora na Madre de Deus e queria voltar a estar com a filha.

— Que idade tem o Mateus?

— O meu irmão? Quarenta e dois, quarenta e três. Não sei bem a idade dele. Olhe: não sei eu, nem ele. Ninguém sabe.

6

Mateu e Vicente. Vicente e Mateu. Os polos opostos.

— Ele não me deve nada: eu é que devo muito a ele. Sou muito amigo dele. Por acaso, sou. Ele é meu irmão..

Numa transição:

— No jornal, é capaz de dar um «toque»?

— Um «toque»?

— Pois. Um «toque» para eu ter aqui o «Telefonia». Chama muita gente.

Entra outro cliente:

— Tem papel selado?

— Ainda não. Só papel de carta.

NEVES DE SOUSA

Vicente, comerciante na Parede

FESTAS DE CARNAVAL

Em Loulé

LOULÉ, 13 — Prometem grande animação os festejos de Carnaval nesta vila, cujo programa está assim estabelecido: no domingo ás 14 horas, abertura dos corsos, com desfile de dezenas de carros alegóricos, mantendo-se as batalhas de flores até á noite; ás 22 e 30, baile no Palácio do Trigo.

Na segunda feira, haverá, ás 14 horas, continuação das batalhas de flores e ás 22 e 30, baile no mesmo local; e na terça-feira, ultimas batalhas de flores, ás 14 horas, e baile no Palácio do Trigo, a partir das 22 e 30 e até de madrugada.

Em Ovar

OVAR, 13 — Esta noite, saem para a rua centenas de mascarados e, no meio de grande alegria popular, serão queimados fogos de artifício. Amanhã, no Café Progresso, decorre o celebrado «Vestival de la Cancone de Ovarvisão», com a presença das mais afamadas e anafadas vedetas da gritaria. O programa, a partir de domingo, é surpresa.

Em Ilhavo

ILHAVO, 13 — A secção recreativa do Illabum Clube promove animadas festas de Carnaval, com bailes nas noites de sábado, domingo e terça-feira.

No domingo á tarde haverá uma festa infantil, com concurso de traje. Serão atribuídos valiosos premios.

O Carnaval da neve

COVILHÃ, 13 — O Carnaval da Neve terá a sua abertura oficial, no sábado, ás 15 horas, com um «Porto de honra», havendo, á noite, baile na «Colónia da Montanha», no domingo, ás 11 horas, provas de esqui combinado; ás 15, provas de trenós; ás 16, carnaval infantil; e ás 22, baile.

Na segunda feira, ás 11 horas, haverá provas de esqui combinado, ás 15, provas de trenós; ás 16, «matinée» dançante, ás 22, noite de estrelas, com eleição de «miss» Carnaval; e na terça feira, o mesmo programa, havendo á noite baile e variedades.

Noutros locais

Haverá ainda festas no Liceu D. João III, em Coimbra, com os conjuntos «Pepes» e «Profissionais»; no Clube Familiar Moscavidense, em Moscavide, com bailes nas noites de sábado e segunda-feira, e nas tardes de domingo e terça-feira; e no Sport Alges e Dafundo, com bailes nas noites de sábado e segunda-feira e na tarde de terça.

No Cinema Mundial

O Cinema Mundial preparou, para o Carnaval, um aliciante programa: nas noites de sábado e segunda-feira, com início ás 22 horas, haverá, além dos habituais desenhos animados, a projecção de dois filmes, sendo um deles a comédia musical «As Girias»; no palco, estarão «Los Payos», famosa atracção internacional; no «foyer» tocarão músicas para dançar os conjuntos de Tito Combo, de Eugenio Pepe e «O Chinchilas».

Haverá tardes dançantes (no domingo e na terça-feira); na segunda feira á tarde, uma sessão infantil com o Super Festival Tom & Jerry. As noites de domingo e terça feira são dedicadas aos que têm de trabalhar nos dias seguintes.

Em Macedo de Cavaleiros foi inaugurada uma delegação do Banco Pinto de Magalhães

MACEDO DE CAVALEIROS, 13 — Nesta vila houve hoje desusado movimento e particular regozijo com a cerimónia inaugural da delegação do Banco Pinto de Magalhães, instalada provisóriamente na Rua Alexandre Herculano.

A cerimónia inaugural revestiu-se de simplicidade expressiva, tendo assistido, além de diversas autoridades municipais, muitos comerciantes e personalidades conhecidas da região. Nota-se que é a primeira delegação instalada com carácter permanente, depois de removidas muitas dificuldades burocráticas e outras. Sabe-se que mais tarde o Banco se estabelecerá em instalações próprias.

Para a cerimónia inaugural se deslocaram a esta vila os funcionários superiores daquela instituição bancária, srs. Abílio Ribeiro da Cunha Teles, inspector Jorge de Freitas. Ainda o novo gerente da delegação sr. João Luís Ribeiro Ferreira, vindo da delegação de Tomar, e o subgerente sr. Albano da Assunção Madureira.

A nova delegação situa-se no cruzamento central da vila, perto da Pousada e da Câmara Municipal e onde a estrada de Mirandela entronca com a de Moncorvo.

VIDA MUSICAL

Círculo de Cultura Musical

Prosseguem na próxima semana os concertos do Círculo de Cultura Musical, com dois recitais de piano pelo grande artista hungaro Gyorgy Sebok laureado com diversos prémios internacionais como, entre outros, o do Concurso Internacional de Berlim (1951) e o Prémio Liszt atribuido pelo estado hungaro.

Gyorgy Sebok apresentar-se-á no Tivoli, no próximo dia 19, ás 18 e 30; e no Teatro de S. Carlos, no dia 22, ás 22 horas.

A Orquestra de Camara de Colónia amanhã no Tivoli

Amanhã, ás 16 e 30, no Tivoli, a Juventude Musical Portuguesa promove um concerto pela Orquestra de Camara de Colónia, dirigida pelo maestro Helmut Muller-Bruhl.

O concerto tem o patrocínio do Instituto Alemão.

PIANOS
Verticais e de Cauda
Alugam-se
CUSTÓDIO CARDOSO PEREIRA, & C.ª
RUA DO CARMO

FIM-DE-SEMANA

A CASA SONOTONE, de Lisboa e Porto, tem a honra de comunicar aos seus ilustres clientes que nesta data deliberou encerrar os seus estabelecimentos, aos sábados da parte da tarde, para descanso e benefício dos seus empregados, sem aumento de horas.

A GERENCIA

29 AGENCIAS TOYOTA

- AÇORES — NUNO EUSÉBIO DO QUENTAL
  Rua da Fonte, 2 — Ponta Delgada
- AVEIRO — TOMOTOR — Soc. Rep., Lda.
  Rua Clube dos Galitos, 2-3
- BEJA — AUTO BRASIL
  Rua dos Açores, 3.º Bloco
- CALDAS DA RAINHA — ADAZIL
  Rua Fonte do Pinheiro, 33
- CASCAIS — FERNANDO ROSA, LDA.
  Rua Iracy Doyle, 9
- CASTELO BRANCO — SOC. COM. PINA & LOPES
- COIMBRA — AUTO BRASIL DE COIMBRA
  Rua do Brasil, 222 - D
- ÉVORA — RAUL CRUZ SUCRS.
  Rua do Raimundo, 99 - C
- FAMALICÃO — BELMIRO & SÁ
  Rua Conselheiro Santos Viegas, 20
- FARO — TOIFARO
  Rua Aboim Assunção, 64
- FUNDÃO — METALURGICA DO FUNDÃO
  Av. Salazar — Lg. St.º António
- GUARDA — QUINAZ & FERREIRA, LDA.
  Rua Mouzinho de Albuquerque, 45
- GUIMARÃES — TOVITE
  Av. Conde de Margaride
- LEIRIA — AUTOJAPA
  Av. Heróis de Angola, 115
- LISBOA — TRANSMOTOR
  Av. Fonte Pereira de Melo, 17 - A
- MADEIRA — UNIÃO COMERCIAL DO FUNCHAL
  Rua Visconde de Anadia, 3
- MARCO DE CANAVESES — MARCAUTO
  Apartado 4
- MIRANDELA — ANTÓNIO JANUÁRIO RIBEIRO
  Fontes Frias
- MOGADOURO — OLIVEIRA PIRES & IRMÃO
- PORTALEGRE — A. SAJARA, LDA.
  Rua do Comércio, 91
- PORTO — TRANSMOTOR
  Rua do Campo Alegre, 690
- PÓVOA DE VARZIM — BELMIRO & SÁ
  Rua Cidade do Porto, 58
- SANTARÉM — BENJAMIM DOMINGOS DOS SANTOS
  Av. António dos Santos — Lote B
- SENDIM — JOSÉ A. CASTRO & IRMÃO
- SETÚBAL — AUTO BRASIL
  Av. de Goa — Lote 26 — Praça do Brasil
- VALENCA DO MINHO — ESTAÇÃO DE SERVIÇO NITA
- VIANA DO CASTELO — ARTUR SÁ
  Av. Rocha Páris, 73
- VILA DA FEIRA — ESPERANÇA BATISTA & MAIA
  Garagem Cavalo Branco
- VILA REAL — TRANSMONTAUTO
  Av. Almeida Lucena

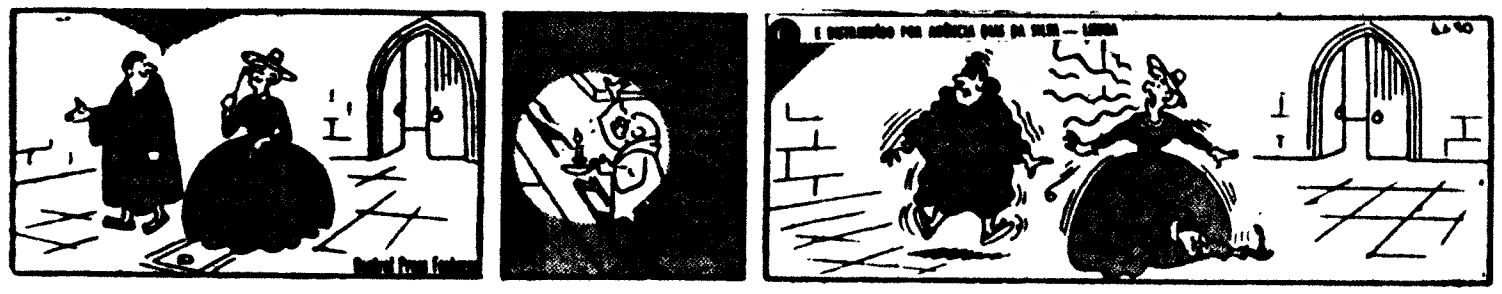
peças de origem e assistência garantida em todo o país

DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS: SALVADOR CAETANO, SARL

Os Peanuts

Carol Day

Aventuras do Tio Carlos



Palavras cruzadas

(COM PROVÉRBIO)

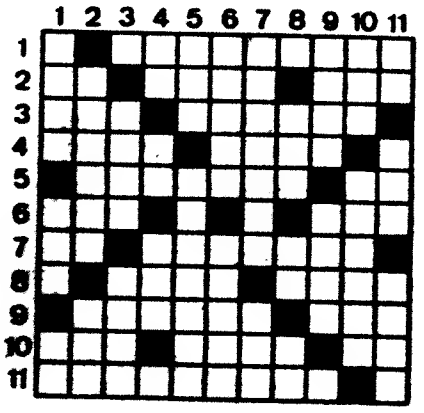
PROBLEMA N.º 50 88

HORIZONTAIS: 1 — Melhoraram. 2 — Reis. Foie. Uma das Cíclades. 3 — Preposição e artigo definido (pl.) Mulheres que foram canonizadas. 4 — Divindade. Do mesmo formo. 5 — Casam de novo. Cento e um. 6 — Título do soberano da Tunísia. Saudável. 7 — Artigo definido. O mesmo que sonetos. 8 — Mana. Formar as abas a. 9 — Aprova. Camareira. 10 — Czar da Rússia cognominado «O Terrível». Invulgar. Abreviatura de Santíssimo. 11 — Tirar a casca a. Artigo definido.

VERTICAIS: 1 — Cidade da Roménia. Bondosa. Abreviatura de idem. 2 — Costumares. Rio de Portugal. 3 — Transpirei. Ergues. 4 — Pertences. Escândio (s. q.). Acredita. 5 — Em ao. Vela e sede de concelho (Beja). 6 — Esvaziais. Cremes. 7 — Deseja. Heroína francesa que foi queimada viva. 8 — Possui. Nota musical. Em partes iguais. 9 — Escarneçam. Cidade da Arábia antiga (Iémene). 10 — Preposição e artigo definido, (pl.). Lugarejos. 11 — Abreviatura de manuscrito. Fileira. Rasoira.

Resolveu completamente este problema?

Procure agora em segundo passatempo o provérbio nele inscrito.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 5087

HORIZONTAIS: 1 — Açamo. Caças. 2 — Sago. A. Naro. 3 — Amará. MORTE. 4 — Saram. Atoam. 5 — Dará. Reli. 6 — Sás. Rir. Ari. 7 — As. Caras. Og. 8 — Saíriam. 9 — Aras. A. Lama. 10 — TODOS. Casal. 11 — Arasa. Usara.

VERTICAIS: — Asas. Sapato. 2 — Camadas. Ror. 3 — Aparas. Sado. 4 — Marar. Casas. 5 — Amarai. Sa. 6 — Irra. 7 — Morros. Cu. 8 — Anote. Salas. 9 — Carole. Masa. 10 — Arteiro. Mar. 11 — Saem. IGUALA.

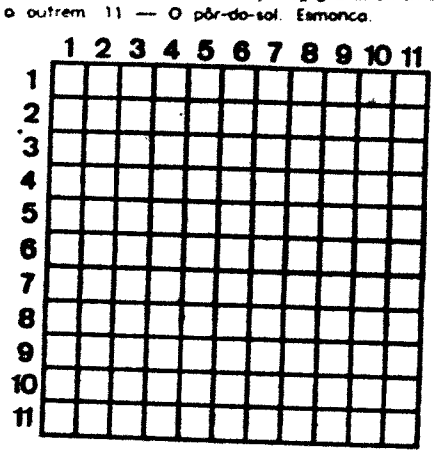
Provérbio: A MORTE A TODOS IGUALA.

(NOVA MODALIDADE)

PROBLEMA N.º 8932

HORIZONTAIS: 1 — Chefe das antigas repúblicas italianas. Arrosto. 2 — Magnete natural. Espaço de trinta dias. Palavra gaélica que precede um grande número de nomes irlandeses e escosseses. 3 — Lu. Enxugar. Deus dos pastores. 4 — Passaremos atestados. 5 — Velhaca. Planta vivaz e medicinal. 7 — Freguesia do concelho de Belmonte. Quenda. 8 — Estreitaremos. 9 — Nota musical. Sarau onde se lecciona. Artigo definido. 10 — Proceda. Prefixo que designa or. Nome de vários papas. 11 — A folhagem das plantas. Costure.

VERTICAIS: 1 — Deusas. Guardar segredo. 2 — Não menciono. Safa. 3 — Gálio (s. q.). Penetre. Prefixo de negação. 4 — Abreviatura de Santíssimo Sacramento. Cólera. 5 — Alvo. Trata por tu. 6 — Cidade da Arábia. Acolá. 7 — Cura. Lavrar. 8 — Renta. Espaço de trinta dias. 9 — Preposição. Assassinam. Rio de Itália. 10 — Exalação. Transmitis (bens), gratuitamente a outrem. 11 — O pôr-do-sol. Esmonca.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 8931

HORIZONTAIS: — Cavar. Carmo. 2 — Amago. Afies. 3 — Lua. Lia. 4 — Area. Amar. 5 — Pi. Clá. Vá. 6 — Emala. Rolas. 7 — Apar. Anil. 8 — Amarido. 9 — Erra. Acém. 10 — Mat. Sim. Ala. 11 — Asado. Mesas.

VERTICAIS: 1 — Canapé. Terna. 2 — Ara. Rima. Rás. 3 — Vale. Aparta. 4 — Água. Lama. 5 — Roa. Cara. Só. 6 — E! Rei. 7 — Cal. Area. MM. 8 — Afia. Onda. 9 — Riam. Liapas. 10 — Me. Oval. Ela. 11 — Ostras. Umas.

HÁ 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 13 de Fevereiro de 1939 publicava:

«**A Imprensa de Tóquio glorifica o desembarque das tropas japonesas em Hai-Nan, considerando que esse acontecimento basta para calar as ameaças da Grã-Bretanha, dos Estados Unidos e da França, anulando o valor estratégico de Hong-Kong e vibrando um golpe rude na base militar de Singapura.**

«**Não há dúvida de que o mundo se encontra perante mais uma dificuldade a juntar a tantas que afligem os diplomatas e os militares do nosso tempo.**»

DINHEIRO
S/ AUTOMÓVEIS
Empresta-se em boas condições. Transacções rápidas. Sigilo absoluto.
SONIPAL
R. CONDE REDONDO, 14-2º
TELEFS. 52248 / 56 [illegible]0

CRIADAS

Organismo oficial admite criadas com o salário mensal de 625$0, e 725$00 no caso de não terem vaga nas camaratas, com direito a alimentação e reforma e com perspectivas de melhoria.

Devem possuir a habilitação da 4.ª classe e idade compreendida entre os 18 e os 34 anos.

Resposta a este jornal, ao n.º 218.

DESENGORDURANTE INDUSTRIAL A FRIO
Jizel
Rápido
Eficiente
Económico
NÃO É CÁUSTICO
TÓXICO NEM CORROSIVO
PEÇA UMA DEMONSTRAÇÃO GRÁTIS
Danisol REPRESENTAÇÕES, LDA.
AV. PRAIA DA VITÓRIA, 20, R/C.-D. TELEFS 4 53 37 / 53 08 40 LISBOA-1

A C. P. E O CARNAVAL DE 1969

Informa-nos a C. P. de que por motivo da quadra do Carnaval do ano corrente os bilhetes de «fim-de-semana» são válidos para início da viagem de ida desde as 17 horas do dia 14, sexta-feira, até às 12 horas de domingo, dia 16, e para início da viagem de regresso desde as 12 horas do mesmo domingo até às 24 horas de terça-feira, dia 18.

MECANIZAÇÃO DA CONTABILIDADE
EFICEX KIENZLE
LISBOA: Av. João XXI, 4-A
LEIRIA: Rua Dago Coutinho, 22 e 24
PORTO: Rua Passos Manuel, 228-2.º Dto.

BENFICA, REENCONTRO COM A GLÓRIA

«GATOS VERMELHOS EM CAMPO DE NEVE»

(Continuação da 1.ª página)

seu soberbo entusiasmo, sentaram-se em volta de um rectângulo de terreno tapado de neve, para assistirem à esperada vitória sobre o tal decadente e decrépito Benfica, de Lisboa. Nem mais, nem menos. Os gritos, as rocas e cornetas que começaram a ouvir-se bem uma hora antes do início do jogo, significavam talvez mais do que um vibrante e sonoro incitamento. Era o prelúdio de um carnaval de vitória.

Mas o programa foi completamente alterado por um motivo imprevisto.

☆

O imprevisto começou por acontecer logo que o árbitro escocês, Davidson, deu por abertas as hostilidades, salvo seja. Quando todos esperavam, e nós também, um Ajax lançado na ofensiva, e o Benfica encurralado, entregue à faina exclusiva de guardar a sua baliza, o que sucedeu foi o contrário: o Benfica atirou-se para o ataque, com a maior das sem-cerimónias, como se não escutasse o barulho ensurdecedor da multidão e não houvesse neve, nem uma temperatura de cinco graus negativos.

Aí, o Ajax todo, jogadores, técnico, público, teve a primeira surpresa. Logo aos três minutos, Torres esteve quase a marcar e não tardou mais dois para que Toni bombardeasse a barra com um admirável remate. O ataque português penetrava na defesa adversária com segurança, mercê da sua superioridade num capítulo ainda muito importante, que é esse de saber jogar bem a bola Simões, Eusébio, Torres, Graça, Coluna, Toni, toda a equipa benfiquista, desataram a mostrar logo de entrada que, fosse qual fosse o desfecho do jogo, eram eles que formavam a única grande equipa em campo.

Rinus Michels, o desolado treinador do Ajax, dir-nos-ia depois do jogo: «O Benfica surpreendeu-me. Jogou hoje infinitamente melhor do que nas partidas a que assisti em Portugal. É uma equipa muito experiente nestes jogos da Taça da Europa».

E Otto, feliz: «Quando chega a altura própria o «team» mostra que não está velho nem cansado».

Pois mostrou. A tal ponto que em toda a primeira parte o Ajax foi uma pobre equipa perdida na neve, quase incapaz de encontrar uma bola que o adversário fazia girar com precisão e maestria. Aconteceu o que quase sempre acontece nestas condições: da confiança sem limites, os jogadores holandeses passaram ao desnorte total. Não era aquilo que eles esperavam. Onde estava esse adversário mediocre de que haviam de dispor com facilidade?

Veio o primeiro golo. Um «penalty» mais claro que a «carpette» de neve que cobria a relva. Uma falta cometida em último recurso para travar Simões, que se escapara a caminho da baliza. Esperava-se que fosse Eusébio a desferir o pontapé da penalidade, mas foi Jacinto quem avançou para a bola.

«Estava nervoso» — disse-nos Eusébio depois. — «Confesso que tive medo de falhar e fui à linha lateral pedir ao senhor Otto para não marcar o «penalty».

E Jacinto: «O Eusébio disse-me: vai lá tu. Eu nunca havia marcado um «penalty» na neve, mas não me assustei. Fui calmo. E saiu bem.»

Havia, então, meia hora de jogo, e este golo foi o último golpe na inicial perspectiva (holandesa) de uma goleada. Mais: foi um golo que se aguardava a todo o momento. Eusébio, num livre, atirara soberbo remate que o guarda-redes Bals defendeu primorosamente. E noutros momentos a perturbada defesa do Ajax tira a bola do risco da baliza. Um traço negro na superfície branca. Só uma verdadeira equipa estava no campo chamando a si toda a despesa do espectáculo. Torres cabeceou a bola de encontro à barra. E logo a seguir, o mesmo Torres, estendendo a comprida perna, interceptou um passe errado da defesa do Ajax, foi por aí fora e fez o segundo golo. O ambiente, no estádio, descera do calor inicial para o nível da temperatura.

O Benfica fez, nessa altura, a sua primeira substituição. Simões saiu a coxear e entrou José Augusto. Mais tarde, na segunda parte, Raul daria o lugar a Humberto Fernandes.

«Foi no lance do «penalty» — contou-nos Simões. — «O defesa esquerdo deu-me forte. Com certeza que não estou capaz de jogar no domingo.»

O problema de Raul foi diferente: «Geiei por completo! Queria correr e não podia. Estava paralisado. Não sei o que me teria acontecido se estivesse mais tempo em campo.»

☆

Muitas vezes, no futebol, o intervalo é mais que um breve interregno repousante. Assinala a separação entre duas faces do jogo completamente diferentes. Mas poderia aquele desgovernado Ajax, de estilo indefinido, oscilando entre o pontapé para a frente «a la diable» e um inconsequente arremedo de «association», poderia esse Ajax superar os primorosos executantes, seus opositores?

Começou por parecer que sim. Porque logo de entrada, o sueco Danielsen, que tomara nessa altura o lugar do ponta direita Swart, fuzilou a baliza com um pontapé vitorioso. Esse golo reaqueceu a multidão e deu asas novas ao grupo holandês. O Benfica passou então o seu mau bocado. Um mau bocado do tamanho de quase um quarto de hora. Verdade que nem teria sido nada de espantoso se o Ajax, com o seu futebol de pouca imaginação, mas muita velocidade e ímpeto, tivesse marcado um segundo golo que poderia complicar as coisas. José Henrique, ágil e temerário, triunfou em lances de apuro. E em outros, valeu a boa actuação da defesa, com Humberto Coelho em grande plano, e a chamada de reforços que foi Toni, Coluna e o próprio Torres.

Toni — estrela de grande categoria na «Taça dos Campeões Europeus»

Torres — exibição excelente e um 2.º golo oportunísimo.

Regresso à equipa e à «Taça dos Campeões», revelando que o clube pode contar com ele: Humberto Fernandes

Henrique tinha, depois do jogo, o tronco ligado e queixava-se de dores. «Os avançados do Ajax são muito duros e não poupam os guarda-redes» — disse-nos. E mais: «Junto à baliza a neve estava dura como pedra. De cada vez que tinha de me lançar ao chão era um sofrimento.»

Por outro lado, Danielsen, o sueco, não gostou da defesa do Benfica: «Não acho que seja uma defesa forte: podíamos ter marcado mais golos. Mas a vitória dos portugueses foi justíssima. Enfim, pode ser que ganhemos em Lisboa.»

Esses primeiros minutos da segunda parte foram, efectivamente, uma rude prova para a capacidade de resistência dos campeões portugueses. Prova cumprida com êxito, assente num insuperável espírito de sacrifício. A borrasca passou, principalmente, porque o Benfica aos catorze minutos marcou o terceiro golo. Um remate de Eusébio que o guarda-redes defendeu para «canto». Um «canto» soberbamente marcado pelo mesmo Eusébio, fazendo ir a bola em arco à cabeça de Torres. Um «amortie» perfeito para a entrada oportuna de José Augusto.

O Benfica terá sido, aqui, um bocadinho afortunado. Não na forma como obteve o tento, mas na altura em que o conseguiu. Quando o Ajax estava a fazer mais para chegar ao empate do que os portugueses para ampliarem a vantagem. Mas não é menos verdade que essa vantagem podia ter chegado antes, com toda a naturalidade, até três ou quatro golos.

E esse terceiro golo abalou definitivamente o grupo holandês. Persistiu ainda, num desespero de causa perdida, mas os benfiquistas exibiam-se com convincente destreza técnica. Eles haviam sido «gatos vermelhos em campo de neve», se Verissimo permite que um pobre jornalista gelado e tiritante adapte a um simples jogo de futebol o título da sua obra famosa. Mas fora felino na agilidade e no imprevisto o futebol dos portugueses. Depois, tranquilos, entretiveram-se no recreio com uma bola de couro, também como os gatos gostam de fazer com bolas de papel.

É quase ingrato individualizar os méritos de uma equipa que jogou toda ela em grande estilo. Mas há que salientar os dois novos do «velho» Benfica — Humberto Coelho e Toni. Eles foram, talvez, os dois mais brilhantes jogadores no terreno. E isso ajudará à renovada convicção de que o Benfica, só porque anda há muitos anos nas bocas do mundo, não vai obrigatòriamente passar de moda. Isso e o facto de Eusébio ter mostrado, na primeira parte, que continua a ser um futebolista excepcional. Pelo menos a defesa do Ajax não ficou a acreditar nessa coisa do joelho doente. Também Simões estava a jogar excelentemente. E Torres, Cruz e Coluna, o próprio Jacinto, se bem que com algumas hesitações. Raul, o mais afectado pelo frio, esteve abaixo do nível dos companheiros. Humberto Fernandes entrou no período mais difícil. Teve uma «fífia» que ia dando um golo mas acabou por cumprir. Tal como José Augusto, sem igualar Simões mas com um golo precioso.

Raros foram os holandeses que resistiram ao confronto técnico com tais antagonistas. Muito bem o guarda-redes Bals, o extremo esquerdo Keiser e Cruyff, este apenas na segunda parte. Danielsen é um avançado poderoso e de excelente remate. E o jugoslavo Vasovic, se bem que extremamente duro, é o sustentáculo de uma defesa que oscilou em demasia.

☆

O jogo de Amesterdão naturalmente receado pelos adeptos do Benfica na mesma medida em que era esperado com confiança pelos holandeses acabou por ser uma jornada altamente prestigiante para o grupo português que terá recuperado ontem grande parte da sua fama onde ela estivesse mais abalada. Em muitos países da Europa alguns milhões de espectadores terão assistido, com surpresa, a uma actuação à altura das melhores do Benfica na Taça dos Campeões Europeus. E em muitos terá nascido uma convicção nova, tal como a expressava um jornalista italiano, exuberante no final do jogo: «Para já o Benfica está entre os grandes favoritos da Taça da Europa de 1969».

DO NOSSO ENVIADO ESPECIAL

Mário Zambujal

V. SETÚBAL-NEWCASTLE — PROBLEMA COM AS DATAS

• Quando tudo parecia assente os ingleses pediram alteração

Tudo parecia resolvido, quanto às datas para a realização dos dois encontros Vit. Setubal-Newcastle, para a Taça das Cidades com Feiras.

Aproveitando a deslocação do seu treinador Fernando Vaz a Inglaterra, o clube sadino chegara em princípio a acordo com o seu adversário: dia 12, em Newcastle e dia 26, em Portugal, tudo isto no decorrer do mês de Março. Nesse sentido foram até enviados comunicações telegráficas à U. E. F. A.

Repentinamente, porém, os ingleses puseram-se em contacto com o Vitória, assentando na data de 12 para o jogo em casa, mas pedindo alteração no que respeita ao outro encontro pretendendo antecipá-lo, para 14.

Resposta do Vitória não concordando, nova insistência do Newcastle. No momento, a posição é esta: nada de definitivo quanto ao encontro a disputar em Portugal. Se não houver acordo nada mais resta ao Vitória que não seja pôr o problema à U. E. F. A. tanto mais que a data de 26 ultrapassa o limite fixado.

DES PORTO

PARA A «TAÇA DE PORTUGAL»

Questão arrumada sem dificuldade...

V. GUIMARÃES, 4 - PENICHE, 0

Em jogo de desempate da quarta eliminatória da Taça Portugal o Vitória de Guimarães recebeu, ontem, o Peniche. Empate a dois golos no jogo de domingo e, ontem, questão fàcilmente arrumada pelos vimaranenses. A partida foi dirigida pelo árbitro portuense João Gomes e as equipas alinharam da seguinte forma:

VIT. GUIMARÃES — Rodrigues; Gualter, Pinto, Joaquim Jorge e Costeado; Artur (Ribeiro) e Augusto; Zézinho, Manuel, Carlos Manuel e Silva.

PENICHE — Balacó; Ferreira, Seia (Borges), Lino e Cunha Velho; Carapinha e Bento (Norberto); Vicente, Campinense, Karan e Honório.

Ao intervalo: 2-0. Marcadores: Carlos Manuel (7 m.), Zézinho (33 m.), Manuel (71 m.) e Ribeiro (89 m.).

O Guimarães solucionou ontem a seu favor, e por larga margem, a única questão pendente na quarta eliminatória da Taça Portugal.

Bastou aos minhotos uma regular atenção para destroçarem em toda a linha a animosa turma penichense. Avisados da maior força do adversário, os visitantes organizaram-se para uma defensiva tenaz e persistente, contra-atacando com dois elementos e defendendo com os restantes. Senhor de quase todo o campo, o Guimarães não fez mais do que assestar as suas «peças» em direcção às redes de Balacó. O resultado reflecte, exactamente, para qual dos lados pendeu o maior volume do jogo.

A arbitragem esteve em bom plano.

ANTÓNIO MATOS

HOJE À NOITE

ANDEBOL DE 7 — Campeonato de Lisboa, da 2.ª Divisão, 18.ª jornada: Cova da Piedade-Boa Hora, Casa Pia A. C.-Oriental e C. D. U. L.-C. N. O. C. A., no pavilhão da Ajuda, a partir das 20 e 30.

ANIVERSÁRIOS — Jantar comemorativo dos 77 anos do Clube Naval de Lisboa, ás 20 e 30.

BASQUETEBOL — Campeonato Nacional Feminino da 2.ª Divisão, Zona Sul: Barreirense-Sporting, no Barreiro, ás 21 e 30; C. D. U. L.-Ferroviário e Queluz-Atlético, no pavilhão da Ajuda, a partir das 21 e 15.

TÉNIS DE MESA — 2.ª eliminatória da Taça de Portugal, em seniores: Intendente-Arroios, Casa Pia A. C.-Rodrigues Cordeiro e Combatentes-Sporting, nas mesas dos clubes indicados em primeiro lugar; Moscavide-Armadorense, no Ateneu; Belenenses-Mirantense, no Ávila; Lisgás-C. Católico, no Benfica; Benfica-Ávila, na Rod. Cordeiro; Est. Amadora-Ateneu, no Sporting; Arte e Sport-Desp. Operário, no Mirantense; G. I. P. Amoreira-Cimentos Tejo, no Arroios; Paço de Arcos-Rec. Apolo, no C. Católico. Todos os encontros, ás 21 e 30.

VOLEIBOL — Campeonatos de Lisboa, de juniores e juvenis: Nacional de Ginástica Benfica, no Liceu de Oeiras, a partir das 21 e 30.

PORTO

BASQUETEBOL — Campeonato Regional da 1.ª Divisão (2.as categorias): B. P. M.-Leça, ás 21 e 30, no Pavilhão do Infante de Sagres.

TÉNIS DE MESA — Campeonatos regionais, jogos de passagem: Paços de Brandão-Desportivo de Portugal (2.ª/1.ª divisões) e Aldoar-S. Roque da Lameira (3.ª/2.ª divisões), ás 21 e 30, nas salas dos primeiros.

PELÉ - Elogio de João Saldanha

RIO DE JANEIRO, 13 — (A. N. I.) — No regresso de uma longa excursão por África e futebolista Pelé declarou, no Aeroporto do Galeão, ao desembarcar, em transito para S. Paulo:

Os jogadores escolhidos pelo técnico João Saldanha para a futura selecção de futebol do Brasil são excelentes e formarão uma boa equipa, desde que o técnico consiga o necessário entrosamento. A verdade é que precisávamos de um homem de coragem na selecção.

Carlos Manuel, todo no ar, tenta o remate de cabeça. Consegue-o mas a bola passará ao lado

À ESPERA DOS ITALIANOS

ESTAGIAM EM SETÚBAL OS FUTEBOLISTAS JUNIORES CONVOCADOS PARA A SELECÇÃO

Os futebolistas juniores convocados para a selecção de Portugal estagiam em Setúbal, à espera dos italianos que terão de defrontar, sábado, no Restelo, em jogo da 1.ª mão da primeira eliminatória do «Torneio Internacional da categoria.

O dr. David Sequerra, responsável português, tem submetido os seus pupilos a trabalho intenso e cuidado, não lhe faltando porém contrariedades. A pior: Carolino, titular como defesa-central, adoeceu repentinamente, com forte ataque de gripe. De cama, devidamente medicamentado, mas sem se saber como reagirá e poderá recuperar até sábado. Entretanto, o seleccionador convocou desde já o portuense Tomás, que desde ontem se encontra concentrado com os seus colegas.

Hoje à tarde, última fase mais séria e cuidada da preparação, antes da partida com os italianos: às 16 horas, treino de conjunto, também no Estádio do Bonfim, contra a «reserva» do Barreirense.

Só depois desta sessão o dr. David Sequerra designará, muito possivelmente, o onze que defrontará a Itália. No entanto, não se deve andar longe desta formação: Vítor Manuel; José Lino (ou Laranjeira), Carolino (Laranjeira), Barbosa e Jacinto; Helder Ernesto e Vítor Silva; Raul, João Machado, Vieira e Vítor Manuel.

Anunciado o selecção de Itália

Entretanto, o seleccionador italiano Giuseppe Galluzzi já escolheu os quinze jogadores que, amanhã de manhã, voarão para Lisboa. A lista dos escolhidos é a seguinte: Frederico Righi (Bolonha); Massimo Cacciatori (Cagliari); Ivano Borbon (Inter de Milão); Enzo Vecchie (Inter de Milão); Giannantonio Perotto (Lanerossi); Roberto Casone (A. C. Milan); Guido Magherini (A. C. Milan); Silvano Vela (A. Milan); Lodovico Fermi (Piacenza); Roberto Mozzini (Reggiana); Fausto Landini (A. S. Roma); Angelo Orazio (A. S. Roma); Diego Malusan (Sa.c) Tor Viscosa); Angelo Carena (Spal de Ferrara); e Giovanni Asnicar (Spal de Ferrara).

FUTEBOL NA GRÃ-BRETANHA

LEEDS — NOVO GUIA DA LIGA INGLESA

Disputou-se, ontem, um encontro em atraso da Liga Inglesa. O Leeds defrontou o Ipswich e venceu por 2-0.

Com este êxito o Leeds passou para o primeiro posto da classificação tendo agora 46 pontos, em 29 jogos, seguindo-se o Liverpool, com o mesmo número de encontros e 45 pontos.

*

Nos encontros dos oitavos-de-final da «Taça de Inglaterra» os resultados registados, foram os seguintes:

Tottenham (I Divisão)-Aston Villa (II Divisão), 3-2.

O Tottenham, na próxima eliminatória jogará com o Blackburn, da II Divisão, ou o Manchester City, da I.

West Bromwich (I) Arsenal (I), 1-0. O West Bromwich defrontará, nos quartos-de-final, o Chelsea, que venceu o Stoke (II), por 3-2.

Everton - Bristol Rovers, 1-0. O Everton jogará com o Birmingham ou o Manchester United.

Foram adiados para segunda-feira, os seguintes encontros: Leicester City-Liverpool, Mansfield Town-West Ham United, Blackburn Rovers-Manchester City.

*

BIRMINGHAM, 13 — (A. N. I.) — O West Bromwich Albion cedeu no Nottingham Forest, por sessenta mil libras (420 contos), o extremo internacional do País de Gales Ronnie Rees, que no sábado já deve jogar pela sua nova equipa, contra o Liverpool.

Rees, a quem nasceu um filho na terça-feira, foi transferido do Coventry na última época, mas nunca se adaptou ao sistema de jogo do West Bromwich Albion. No Forest, Rees jogará ao lado de Terry Kennessey, «internacional» como ele e capitão da equipa.

TÉNIS DE MESA

Foram os seguintes os resultados dos jogos ontem à noite disputados a contar para a Taça de Portugal de Ténis de Mesa, na categoria de juvenis (fase de Lisboa): Ateneu-Intendente, 3-1; Paço d'Arcos-Sporting, 0-3 e Alunos de Apolo-Os Combatentes, 3-0.

Os restantes jogos, também marcados para ontem, foram adiados para esta noite.

DECIDIDO EM ASSEMBLEIA GERAL

PEDROUÇOS: Tentativa de conciliação com o senhorio

Para apresentação, discussão e votação do Relatório e Contas respeitante à gerência de 1967 e apreciação da acção de despejo promovida pelo proprietário dos terrenos onde se encontram as suas instalações desportivas e sede social, efectuou-se, ontem, a anunciada assembleia geral do Clube Sportivo de Pedrouços.

Presidiu à sessão Manuel Lopes Peixoto, secretariado por José Soares de Araujo e Américo Lapido. O presidente da mesa começou por justificar a demora no início dos trabalhos — a sessão fora retardada cerca de duas horas — invocando o encontro de Amsterdão como «principal responsável», tendo-se seguidamente procedido à leitura da acta anterior. Cumpridas essas formalidades, quase convencionadas em sessões semelhantes, foi dada a palavra a João Conde Ribeiro, que na qualidade de presidente da direcção cessante se ocupou da leitura do relatório que só agora fora apresentado à apreciação dos associados. A demora da apresentação de contas foi igualmente motivo de (necessária) justificação.

Os cinquenta sócios (o clube tem mais de quatrocentos) presentes, entre os quais salientamos Carlos Casanova e o comodoro Joel Pascoal, ouviram atentamente a leitura do documento que a direcção anterior submetia a «julgamento», que viriam a aprovar por unanimidade sem discussão.

Em seguida procedeu-se (em sessão extraordinária) à apreciação da acção de despejo movida pelo proprietário das instalações. O presidente da direcção João Goinha, procedeu à leitura do documento e «passou» a palavra a João Conde Ribeiro, que historiou pormenorizadamente o litígio clube-senhorio. O assunto entrou na discussão tendo merecido considerações dos associados Luís Almeida Neto, Américo Lapido, Torres Martins, J. Borges e Joel Pascoal e por proposta deste foi resolvido dar plenos poderes à direcção para tentar uma solução conciliatória com o senhorio.

A encerrar a sessão foi exarado um voto de louvor à imprensa.

F. C. PORTO — REUNIÃO COM A IMPRENSA

Efectuou-se ontem a habitual reunião mensal entre a direcção do F. C. do Porto e os órgãos da informação. A presidir esteve o dr. Correia da Silva na ausência do presidente da colectividade, Afonso Pinto de Magalhães. Alguns dos assuntos tratados são do conhecimento público e foram, inclusivamente, noticiados pelo nosso jornal. Mereceu, no entanto, do dr. Correia da Silva uma exposição detalhada, o que se passa com a secção de ciclismo. Já se encontra no Porto o corredor francês Hubert Nöel que, episódicamente, desempenhará as funções de treinador e ciclista. Para técnico das categorias do clube o F. C. do Porto procura, no entanto, um elemento que corresponda ao prestígio da sua secção.

O número de associados (presentemente 30 141), a despesa mensal actual do clube (1200 contos), a cobertura do cinque da Constituição (obra orçada em 1300 contos), e a continuidade directiva, foram os restantes assuntos ventilados pelo dr. Correia da Silva. Sobre a sucessão directiva, de momento o que mais preocupa toda a massa associativa e elementos responsáveis, disse o dr. Correia da Silva, é de que, se Afonso Pinto de Magalhães vier a aceitar a recondução, todos os outros directores da gerência em exercício tinham o dever moral de acompanhar o actual presidente da direcção.

NOTÍCIAS DO FUTEBOL

Monteiro da Costa, treinador do Varzim tem problemas na equipa, devido á gripe. Benje e Fernando Ferreira estão doentes e não se sabe se poderão recuperar a tempo de darem o seu concurso á equipa, com delicado compromisso no Estádio da Luz.

*

Desagradado da arbitragem de Ismael Baltasar, no jogo com o Varzim, o F. C. Porto apresentou uma exposição á Comissão Central de Árbitros de Futebol.

*

As selecções A e «Esperanças» de futebol de Portugal estagiarão em conjunto (possivelmente no Muxito) antes do encontro com o México e a Inglaterra, respectivamente.

*

Com traumatismo craniano encontra-se internado no Hospital de São João, no Porto, o guarda-redes de Fafe, Figueiredo.

O acidente ocorreu durante o último domingo no Estádio das Antas.

AMANHÃ: REUNIÃO DO CONSELHO TÉCNICO

Vários assuntos pendentes na F. P. F. e adstritos ao Conselho Técnico obrigam, amanhã, a nova reunião.

Protestos em suspenso serão analisados e, ao mesmo tempo, será feita uma apreciação á resposta dada pelo presidente do Congresso e relativa a uma exposição feita sobre o tão falado caso do Sanjoanense-Beñica.

ESGRIMA NO C. D. U. L.

No Centro Desportivo Universitário de Lisboa encontram-se abertas as inscrições para os estudantes liceais e universitários que queiram praticar esgrima, em representação daquela agremiação.

Os treinos realizam-se nas dependências do Centro Espanhol.

TOTOBOLA

O NOSSO PALPITE

U. Tomar-V. Setubal ...	2
Sp. Braga-Sanjoanense	1
Belenenses-Leixões	1
Académica-Sporting	X
C. U. F.-V. Guimarães ..	1
Boavista-Famalicão	X
A. Viseu-Beira-Mar	1
Covilhã-Salgueiros	2
Espinho-Penafiel	X
Vallesambrenses-Gouveia	1
«Os Leões»-Barreirense	2
Beixal-Torriense	1
Luso-Sesimbra	X

Conta Juventude
BANCO DO ALENTEJO

VEM A LISBOA A SELECÇÃO BRASILEIRA DE MINIBASQUETEBOL

Dentro de dias chegará a Lisboa a selecção brasileira de mini-basquetebol que no nosso País disputará vários jogos.

A vinda desta selecção da nação irmã foi possível graças ao interesse posto no problema pelo delegado da Confederação Brasileira de Basquetebol sr. Albano Fernandes e ainda dos dirigentes paulistanos srs. dr. Adolfo Tormin e José Cláudio Reis.

Do programa já elaborado para uma digressão pelo País, destaca-se, sem dúvida, os jogos que aquela selecção fará entre nós.

Assim no domingo 17 disputará o primeiro dos três encontros previstos em Lisboa, no Pavilhão dos Desportos, enfrentando um misto de Lisboa; no dia 19 jogará em Coimbra; e, finalmente, no dia 21, a selecção do Brasil disputará um encontro com um misto do Porto.

ECOS DO CONGRESSO MUNDIAL

● Pela primeira vez na história do basquetebol um campeonato continental por equipas masculinas (juniores), realizar-se-á em Nápoles, no mesmo tempo que o Campeonato da Europa (masculino).

● O Congresso aprovou as alterações apresentadas pela Comissão Técnica das Regras do Jogo, á qual preside o brasileiro Ivan Raposo, sobre a «Regra dos 3 minutos finais do jogo».

● Raimundo Saporta, presidente da Comissão de Organização Internacional da I.B.A. apresentou o seu relatório. O ponto mais importante é a qualificação para o Torneio Olímpico de 1972. A composição propõe:

a) as três primeiras equipas dos Jogos de 1968;
b) equipa do país organizador;
c) duas equipas asiáticas;
d) duas equipas africanas;
e) duas equipas americanas;
f) duas equipas europeias;
g) uma equipa da Oceania;
h) três equipas do Torneio Pré-Olímpico.

Discutida a proposta, esta foi alterada, ficando assente a seguinte qualificação:

a) as quatro primeiras equipas dos Jogos de 1968;
b) a equipa do país organizador;
c) duas equipas de cada um dos seguintes continentes: Ásia, África, América e Europa.

ATLETISMO

UM TORNEIO NO SPORTING

A secção de atletismo do Sporting realizará no sábado, ás 16 e 30 um torneio para sócios e simpatizantes, homens e senhoras.

As provas a disputar para homens dos 13 aos 14 anos são as seguintes: 60 metros, 600 metros, comprimento e peso; dos 15 aos 19 anos, 80 metros, 250 metros, 2000 metros comprimento e peso.

Quanto ás provas para senhoras disputar-se-ão as que as concorrentes presentes desejarem.

NO PARAÍSO DOS DESPORTOS NÁUTICOS

Os construtores de embarcações de toda a espécie e os amadores dos desportos aquáticos de todo o mundo encontraram-se, recentemente, no maior mercado de barcos do continente europeu, em Hamburgo (Republica Federal da Alemanha). Uma das grandes atracções do certame deste ano, que reuniu 500 expositores de 22 países numa área de 42 000 metros quadrados, foi o mini-submarino de 3,10 metros de comprimento, 1,61 de largura e 1,43 de altura custa apenas, em dinheiro português, entre 56 e 70 contos, conforme o equipamento, o que corresponde ao preço de um automóvel da categoria média. O mini-submarino pesa 630 quilos, desce até 50 metros de profundidade e atinge com os seus dois motores eléctricos a velocidade de seis quilómetros á hora debaixo da água e nove quilómetros á hora na superfície. As baterias bastam para sete horas. Não faltam uma antena e uma instalação de radiotelefonia

Ciclismo Internacional

KEMPER E OLDEMBURG – vitória nos «6 dias de Milão»

de Milão» com 437 pontos e uma volta de avanço sobre Mercks e Cercu (476 pontos), Dancelli e Post (427) e Adorni e Pfenninger (427).

A. GOMEZ DEL MORAL GUIA NA «VOLTA A ANDALUZIA»

GRANADA, 13 (F. P.) — Terminou nesta cidade a terceira etapa da «Volta á Andaluzia». Tirada iniciada em Almeria e com 186 quilómetros. Classificação:

1.º, José Suria (Espanha), 5 h. 21 m. 06 s.; 2.º, José Maria Lasa (Espanha), 5-21-21; 3.º, Tony Houbrechts (Bélgica), 5-21-36; 4.º, Michel Coulon (Bélgica), e 5.º, António Gomez Moral (Espanha), mesmo tempo.

A classificação geral ficou assim ordenada:

1.º, A. Gomez Moral (Espanha), 14 h. 02 m. 58 s.; 2.º, José Maria Lasa (Espanha), m. t.; 3.º, Tony Houbrecht (Bélgica), 14-03-13; 4.º, José Marine (Espanha), m. t.; e 5.º, Carlos Echevarria (Espanha), m. t.

MILÃO, 13 (F. P.) — Os alemães Kemper e Oldemburg ganharam os «Seis Dias

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os comboios eléctricos

Em BUCELAS o «DIÁRIO DE LISBOA» está à venda na casa VICENTE ROMÃO BRAVO.

AUTOMOBILISMO

Homenageados pela SACOR-CIDLA

os Campeões Nacionais de 1968

Pela primeira vez, desde que iniciaram estreita colaboração nos campeonatos nacionais de automobilismo a SACOR e a CIDLA fizeram ontem a entrega publica dos seus prémios aos concorrentes melhor classificados na época desportiva de 1968.

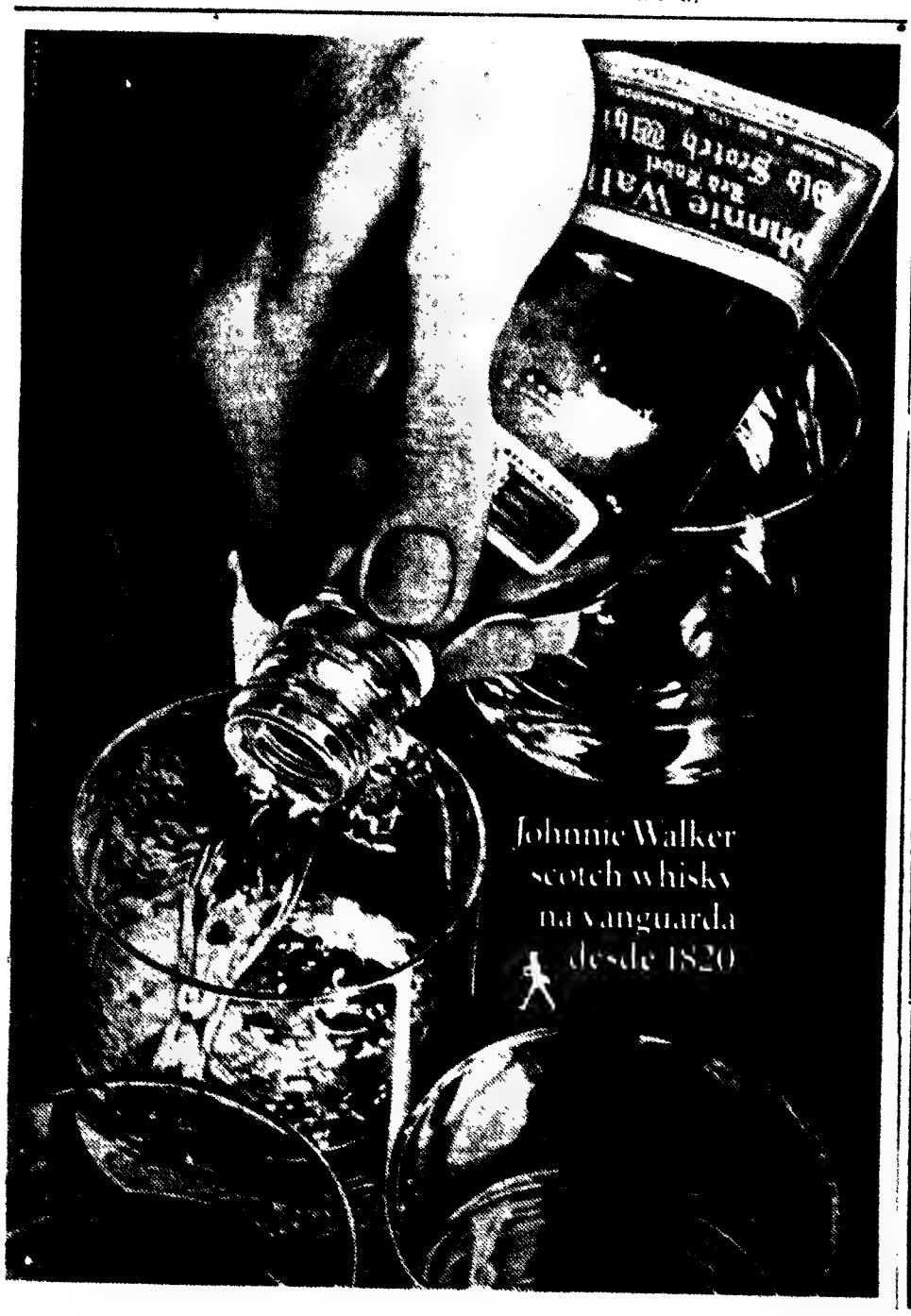
Após um jantar realizado num conhecido restaurante da capital e ao qual estiveram presentes diversas individualidades dos corpos directivos das duas empresas, bem como representantes dos órgãos de informação, procedeu-se á entrega dos prémios. Em nome da Sacor falou o seu director-geral comercial, dr. Augusto César de Carvalho, que numa breve alocução e depois de um resumo da acção patrocinadora da empresa que ali representava, pôs em destaque três pontos capitais do nosso automobilismo:

1) A dificuldade de uma preparação conveniente dos concorrentes perante a multiplicidade das provas do nosso calendário;

2) a importancia fundamental da presença nas competições daqueles que sabem não poder discutir os primeiros lugares;

3) o esforço despendido por cada um dos clubes organizadores de provas, sob a égide do Automóvel Clube de Portugal (ali representado pelo eng.º Ribeiro Ferreira) sem o qual as competições não poderiam existir.

Na verdade as duas empresas associadas, Sacor e Cidla, viram de novo no ano que terminou, os títulos nacionais irem na totalidade para concorrentes da equipa eleita para o uso exclusivo dos seus produtos: no Campeonato Nacional de «Ralliyes», Heitor de Morais (Agrupamento de Turismo), e Américo Nunes (Grande Turismo e Desporto); e, nos campeonatos de velocidade, Ernesto Neves (Turismo), Carlos Gaspar (Grande Turismo e Desporto) e o bi-campeão Manuel Nogueira Pinto, que acumulou os títulos em Fórmula V e Desporto-Protótipos.



APARTAMENTOS NO CENTRO DE CASCAIS

— JUNTO À ESTAÇÃO C. F. E PRAIA —

VENDEM-SE

APARTAMENTOS DE LUXO, EM CONSTRUÇÃO NA AVENIDA VALBOM, JUNTO DA ESTAÇÃO E DAS PRAIAS, C/ 2 E 3 ASSOALHADAS, EM EDIFÍCIO DE LUXO C/ GALERIA COMERCIAL E APARCAMENTO PARA AUTOMÓVEIS.

Proprietária — BARAONA & BARAONA, LDA.

ESTRADA MARGINAL, LOTE JME-2.º C
(POR CIMA DO SUPERMERCADO)
Telefs. 282345 - 282388 - 283792 — CASCAIS

CONFECÇÃO VESTUÁRIO SENHORA

Cliente estrangeiro procura fábrica possa tomar conta produção 20.000/30.000 unidades para entrega até 1 de Maio.

Resposta urgente por carta para R. São João de Brito 174 — PORTO.

CARTAZ DOS CINEMAS

Estreias de hoje — DOUTOR... VAMOS A ISTO! — S. Jorge — O BELO, O BRUTO E O CRETINO — Avis

SÃO JORGE

(M. 17 anos) Tel. 54153

Às 21.30 — ESTREIA

DOUTOR... VAMOS A ISTO!

com Sidney James, Charles Hawtrey e Joan Sims

Às 15.15 e 18.15: A BRIGADA DO DIABO (17 anos)

C A R N A V A L

UM AUTÊNTICO FESTIVAL DO RISO

A «supervacina» contra o mau humor

DOUTOR... VAMOS A ISTO!

DESENHOS ANIMADOS
CHUVAS DE BALÕES
RITMOS EM ALTA FIDELIDADE
PREÇOS NORMAIS
(ADULTOS)

Sistema de H. F. montado pela audiência

MUNDIAL

(Adultos) Tel. 538743

Às 18.30 e 21.45

Gene Kelly, Mitzigayner e Kay Kendall na deslumbrante comédia musical

AS «GIRLS»

(cinemascope — metrocolor)

Um filme propositadamente seleccionado para o Carnaval!

Metro: Estação Picoas

ESTUDIO 444

(Adultos) Tel. 779695

5.ª SEMANA

Às 15.30, 18.30 e 21.45

Um filme de Jacques Daniel-Valcroze

LE VIOL — o desconhecido desejado

com Bibi Andersson e Bruno Cremer

EASTMANCOLOR

LIZ

(M. 17 anos) Tel. 48560

Às 21 horas

A DANÇA DOS DIAMANTES
O. S. S. 117 TERROR EM TÓQUIO

LIDO

Praça D. João I

Tel. 93 75 93 AMADORA

Às 21.30 (M. 17 anos)

LADY L

Um espectáculo de luxo e beleza, com Sophia Loren, Paul Newman e David Niven

CHIADO TERRASSE

(M. 17 anos) Telef. 326017

Às 21 horas

DUAS RAPARIGAS EM LONDRES
OS 4 FILHOS DE KATIE ELDER

AVIS

(M. 12 anos) Tel. 47168

Às 21.45

HOJE ESTREIA

Franco Franchi e Ciccio Ingrassia

O BELO, O BRUTO E O CRETINO

EASTMANCOLOR

numa divertida paródia sobre o Oeste americano!

SÃO LUIZ

(M. 12 anos) Tel. 327172

Às 15.15 — 18.15 e 21.30

2.ª SEMANA

NOITE DE VIOLÊNCIA

(Rough Nigth in Jericho)

com Dean Martin — Jean Simmons — George Peppard

ROMA

(Adultos) Tel. 727778

Às 21.45

2.ª SEMANA

Um filme de humor e violência

FLOR AMARGA

com Mireille Darc

Eastmancolor — Franscope

CARNAVAL — Bilhetes à venda — Programa em distribuição

LUMIAR

(M. 17 anos) Tel. 791574

Às 21.30

O PRESIDIÁRIO

com George Kennedy, J. D. Cannon e Jo Van Fleet

A seguir: dia 15 e 16:

O SR. DOUTOR (Cantinflas)

— AR CONDICIONADO —
— PARQUE PRIVATIVO —

ALVALADE

(M. 12 anos) Tel. 763060

Às 15.45 e 21.45

2.ª SEMANA

G. Peppard num filme invulgar

NOITE DE VIOLÊNCIA

(Rough Nigth in Jericho)

EUROPA

(Adultos) Tel. 661016

Às 15.15 e 21.30

3.ª SEMANA

O filme de Claude Chabrol

CHAMPANHE ESCANDALOSO

com Anthony Perkins, Maurice Ronet, Yvonne Furneaux

Technicolor — Techniscope

CASINO ESTORIL

(M. 12 anos) Tel. 260729

Às 17 e 21.30

A PAPOILA TAMBÉM É UMA FLOR

com Senta Berger e Yul Bryner

POLITEAMA

(M. 12 anos) Telef. 326306

HOJE, à noite, às 21.30

2.ª semana de gargalhada com CAMILO DE OLIVEIRA

O LADRÃO DE QUEM SE FALA

A maior farsa do cinema nacional

HOJE, às 18.30 (M. 17 anos): SESSÃO CLÁSSICA

CARNAVAL: VARIEDADES, CINEMA E BAILE

Pedir programas na bilheteira

Bilhetes à venda

TIVOLI

(M. 17 anos) Tel. 50595

Às 3 e 6.15 da tarde (a p. r.) e 9.30 da noite

FRANK SINATRA, RAQUEL WELCH e DAN BLOCQER (da «Bonanza») no filme policial

UMA MULHER NO CIMENTO

MONUMENTAL

(M. 13 anos) Tel. 555131

Às 15.00 e 21.30

8.ª SEMANA

70 mm — no «écran» gigante

AS SANDÁLIAS DO PESCADOR

com Anthony Quinn, Oskar Werner e Sir Laurence Olivier

QUINZENA DO BURLESCO

Amanhã — (12 anos) — 18.30

HÁ FESTA NA ALDEIA, de Jacques Tati, com Jacques Tati, Guy Decomble, Paul Frankeur, etc.

Atenção: este filme substitui «As Férias do Sr. Hulot» que já se encontra destruído.

Próx. Quinzena: Bill Wilder (início a 20 de Fevereiro)

ODEON

(M. 12 anos) Tel. 326283

Às 15.15 e 18.15 (p. r.) e 21.30

A MARAVILHOSA COMÉDIA MUSICAL

com os brilhantes artistas ROCIO DURCAL e PALITO ORTEGA

NAS ASAS DO AMOR

A história de dois jovens que sabem de amor o que não lembrou ao Diabo...

(Col.) — Canções e bailados!

RESTELO

(M. 17 anos) Telef. 610375

Às 21.30

Um filme notável da moderna cinematografia com dois dos mais famosos actores da actualidade

— Em eastmancolor —

LAÇOS ETERNOS

com Yves Montand e Anouk Aimée

EDEN

(M. 12 anos) Tel. 320768

Às 15.00, 18.30 e 21.45

2.ª SEMANA

OS CANHÕES DE NAVARONE

com Gregory Peck, Anthony Quinn e David Niven

Atenção: a primeira «matinée» tem início às 15 h.

IMPERIO

(Adultos) Tel. 555134

Às 15.15 e 21.30

Não foi uma vulgar história de amor...

TECHNICOLOR

ROMEU E JULIETA

Um filme de Franco Zeffirelli com Olivia Hussey e Leonard Whiting

ESTUDIO

Às 15.30, 18.30 e 21.45

(M. 12 anos)

2.ª SEMANA

Um filme sobre os ídolos do nosso tempo com Bob Dylan, Joan Baez e Donovan

EU SOU BOB DYLAN

CONDES

Telefs. 32 25 23 32 67 10

Às 15.15, 18.15 e 21.30 (Ad.)

3.ª SEMANA

ADEUS AMIGO

(Adieu L'ami)

COLORIDO

c/ Charles Bronson e Alain Delon num filme fora de série

IMPERIAL

(Adultos) Tel. 45933

Às 21 horas

POR FAVOR NÃO ME MORDA O PESCOÇO
MISSÃO SECRETA EM VENEZA

OUTROS ESPECTÁCULOS

C I R C O

COLISEU — Às 21 e 30: «Companhia Internacional» (12 anos)

T E A T R O S

VARIEDADES — Às 22: «As Quatro Estações» (17 anos).

VILLARET — Às 21 e às 23: «A preguiça» (17 anos).

A B C — Às 20 e 45 e às 23: «Elas é que sabem» (17 anos)

CAPITÓLIO — Às 21 e 45: «Tango» (17 anos).

TRINDADE — Às 21 e 45: «Sabina Freire» (17 anos).

MARIA VITÓRIA — Às 20 e 45 e 23: «Grande poeta é o Zé» (17 anos).

C I N E M A S

CINEARTE — Às 21: «Os olhos da noite» (17 anos).

ROYAL — Às 21: «Ladrão que rouba ladrão» (17 anos).

PARIS — Às 21: «A noite é perversa» (17 anos)

OLIMPIA — Às 19: «Tarzan e os inimigos da Selva» (12 anos).

ARCO IRIS — Às 21 e 30: Melodia fascinante» (12 anos)

JARDIM — Às 21: «Churrasco» (17 anos).

CINE-MOSCAVIDE — Às 21: «As espingardas do Far-West» (12 anos).

SALÃO LISBOA — Às 19: «Como conquistar um sogro» (12 anos)

A VOZ DO OPERÁRIO — Às 21: «A vingança dos Vikings» (12 anos).

● Linha de Cascais

OEIRAS — OEIRAS-CINE — Às 21: «Ao longo da fronteira» e «Assassinos» (17 anos)

PAREDE — ROYAL-CINE — Às 21: «Cognak, o meu rival» e «Labirinto de paixões» (17 anos)

ESTORIL — CASINO — Às 17 e 21 e 30: «A papoila também é uma flor» (12 anos).

CASCAIS — S. JOSÉ — Às 21 e 30: «As 4 chaves» (17 anos).

● Linha de Sintra

PONTINHA — CINE-UNIÃO — Às 21: «Música no coração» (12 anos)

DAMAIA — D. JOÃO V — Às 21 e 30: «Os dez mandamentos» (12 anos)

VENDA NOVA — CINE-PORTUGAL — Às 21: «Os cavaleiros do terror» e «O fidalgo aventureiro» (12 anos)

AMADORA — RECREIOS DESPORTIVOS — Às 21 e 15: «Operação Tubarão branco» (17 anos)

QUELUZ — QUELUZ-CINE — Às 21 e 15: «A grande muralha» e «Ciao, Ciao, Bambina» (17 anos)

MEM MARTINS — CINE-CHABY — Às 21 e 30: «Duas mulheres» (17 anos)

SINTRA — CARLOS MANUEL — Às 21 e 30: «O Bom, o mau e o vilão» (17 anos).

● Outra Banda

ALMADA — INCRIVEL — Às 21 e 15 «Os 12 indomáveis patifes» (17 anos) e ACADEMIA — Às 21 e 15: «Champanhe escandaloso» (17 anos)

TRAFARIA — PAVILHÃO JARDIM — Às 21 e 15: «O rancho do amor» e «Duelo na cidade fantasma» (17 anos).

COVA DA PIEDADE — UNIÃO ARTISTICA — Às 21 e 15: «Desordem na terra dos gringos» (12 anos)

CONCURSO
«MAJA DE PORTUGAL»

com o patrocínio da IBERIA (Lineas Aereas de España)

Nome ....

Morada .... *Tel.* ....

Idade .... *Profissão* ....

Juntar duas fotos (uma de rosto e outra de corpo inteiro) e remeter para o «Diário de Lisboa». Rua Luz Soriano, 44-48 Lisboa

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

● Em Lisboa — Turno M

(Ver pelos bairros das medicações e telefones entre parênteses)

ALCÂNTARA — Probidade, R. de Alcântara, 15-A-B (638589)

AJUDA — Lídia Almeida, Calçada da Ajuda, 170 (637318)

ALTO DO PINA — Eusil, R. Barão Sabrosa, 104 (841912)

ALVALADE — Rainha Santa, Rua Af. Lopes Vieira, 57-B (765262) ● Alentejo, Av. da Igreja, 28-B (712682)

ANJOS — Guerra, Rua Andrade, 32-36 (8455131)

AREEIRO — Belo, Av. de Roma, 53-A (776314) ● Estados Unidos, Av. Estados Unidos da América, 16-B — (725859), ● Central do Areeiro, Av. Paris, 2 e 2-A (720820)

AVENIDAS NOVAS — Santa Maria, Av. 5 de Outubro, 283-A (763016) ● Cardoso, Lda., Av. Visconde Valmor, 28-A-B e C (772291) ● Saldanha, Av. Praia da Vitória, 53-55 (43938)

BAIRRO AZUL — Sirius, R. Fialho de Almeida, 38-A (44000)

BAIRRO DA ENCARNAÇÃO — Ascenso, Rua 27, 41 (311216)

BAIXA — Frazão, R. das Portas de St.º Antão, 72 (328180) ● Durão, R. Garret, 90-92 (324 66)

BENFICA — Marques, E. de Benfica, 648 (700096) ● Vitex, Est. de Benfica, 373-B (780548) ● S. João, Est. da Luz, 124-A (783179)

CAMPO DE OURIQUE — Condestável, R. Coelho da Rocha, 119 (666206) — Almeida, R. Silva Carvalho, 136 (681726)

CAMPOLIDE — Imparcial, R. General Taborda, 28 (680931) ● Rosito, Lda., Rua do Alto do Carvalhão, 5-A-5-B (651721).

CHARNECA — São Bartolomeu, Vila Paulo Jorge, 1 — Galinheiras (790969)

CHILE — Lab.º do Brasil, R. Alves Torgo, 29-3.º (46843)

CONDE BARÃO — Lys, R. da Esperança, 17-19 (660913)

CONDE REDONDO — Branco, Av. Duque de Loulé, 61-65 (45048)

ESTRELA E LAPA — Gama, Calç. da Estrela, 130 (660339)

GRAÇA — Assunção, R. do Vigário, 74 (866360) ● Progressiva, Rua St.ª Marinha, 18 (863619).

LUMIAR — Patuleia, Herdeiros, R. do Lumiar 122-124 (790832)

OLIVAIS — Fernandes Borges, R. C., 3, Lote 300 (311091) ● Central dos Olivais, Rua Alferes Barrilaro, Ruas 7-C, Olivais-Norte (315539)

PALHAVÃ — Curie, Av. Madame Curie, 5-A (776439).

PAMPULHA — Infante Santo, R. do Olival, 290 (661003)

PATRIARCAL — Cunha, Rua da Escola Politécnica 16 (325455).

PEDROUÇOS — Restelo, R. Duarte Pacheco Pereira, 11-C — (610741).

PENHA DE FRANÇA — Dimer, Rua Conde de Monsaraz 17-B (842533)

PICHELEIRA — Merlux, Calç. da Picheleira, 140-B-C (720703) e 728395)

REGO — Prates & Mota, Rua da Beneficência, 9 (773728)

SANTO AMARO — St.º Amaro, Rua F. Elisio, 29-A-B (637070).

SÃO PAULO — Ultramarina, Rua de S. Paulo, 99 (321771)

DE SANTA APOLÓNIA AO BEATO — Grilé, R. do Grilo, 25 ● Alves de Carvalho, Rua do Vale de St.º António, 1-9 (840125). ● Império — R. de Olivença, 48-A (2511234)

MOSCAVIDE — Varela, Av. Moscavide, 44 (2518520)

● Linha de Cascais

ALGÉS — Almeida Nifo — Av. Comb. Grande Guerra, 64 (Tel. 212070).

CAXIAS — Neve, Rua Bernardim Ribeiro, 1-A (242839)

PAÇO DE ARCOS — Trindade Brás, R. Costa Pinto, 186 (2432034)

OEIRAS — Godinho, Rua Cândido dos Reis, 98 (2480090).

PAREDE — Brandão, Av. da República, 77-C (2471054).

ESTORIL — Suiça, Cruzeiro (260087)

ESTORIL — S. João — Estrada Nacional 8 (Tel. 26186)

CASCAIS — Cordeiro, Av. Comb. G. Guerra, 40 (280170 — Neve, Estrada de Alvide — Fontainhas (281044)

● Linha de Sintra

AMADORA — Dias, Av. Marquês de Pombal, lote 9 (934589) ● Campos, Rua Elias Garcia, 85 (930072) ● Clebel, R. António Sardinha, 48-D (938551) ● S. Jorge, R. Pedro del Negro, 5 — Reboleira (938708)

DAMAIA — Confiança, Est. Militar, lote D (971023)

QUELUZ — Gil, Av. Miguel Bombarda, 28 (Tel. 950171), Simões Lopes, Av. Elias Garcia, 5 (Tel. 950128)

CACÉM — Central, R. Elias Garcia, 55 (Tel. 2940034)

MEM MARTINS — Quinta, Est. Mem Martins 285 (T. 2900012)

S. PEDRO DE SINTRA — Valentim (Tel. 980456)

SINTRA — Menezes, Barrotinha L. Afonso Albuquerque (980058)

COLARES — Colares, Abrigo — (Tel. 299088).

● Outra Banda

ALCOCHETE — Gameiro, L. António dos Santos Jorge 5 — (234100)

ALHOS VEDROS — Gusmão, R. Cândido dos Reis, 40 (224040).

ALMADA — Nuno Alvares — Av. D. Nuno Alvares Pereira 49 (Tel. 270504)

BAIXA DA BANHEIRA — Aliança, Est. Nacional 14 (224402)

BARREIRO — Pimenta — R. Com. Joaquim António Aguiar 159 (Tel. 2273012)

COVA DA PIEDADE — Cerqueira Afonso, P. 5 de Outubro 8 (270254)

MOITA — Silva Rocha, P. da República, 16 (Tel. 289029)

MONTIJO — Moderna, R. Bulhão Pato 80 (230156)

SESIMBRA — Lopes, R. Cândido dos Reis, 67 (Tel. 229028)

SETÚBAL — Marques — R. Arronches Junqueiro (Tel. 22788); Bonfim — Av. Rodrigues Manito, 4 (Tel. 24558)

SEIXAL — Godinho, L. da areia, 5 (Tel. 2218380)

SERVIÇOS URGENTES

Telefones

ÁGUA, GÁS e ELECTRICIDADE — Companhia das Águas, 861858 ● Companhias Reunidas, 537011 ● Gazcidla, 538821 ● Gazcidla (dom. e feriados) 882069.

BOMBEIROS — Sapadores, 822222 ● Voluntários, 538524

POLÍCIA e G. N. R. — Serviço de emergência, 115 ● Segurança Pública, 866141 ● Judiciária, 535380 ● Marítima, 826456 ● Internacional, 862721 ● Viação e Trânsito, 42205 ● G. N. R. (área rural), 36865

SAÚDE — Cruz Vermelha, 665842 ● Enfermagem permanente, 766161 ● Enfermagem de urgência, 43738 ● Hospital de Santa Maria, 775171 ● Hospital de S. José, 860131 ● Sangue, oxigénio e soros 771168 e 771169 ● Transfusões soros e oxigénio 538524 ● Centro de Intoxicações (informativo), 767777, 761176 e 763456

TRANSPORTES — Aeroporto, 720111 ● Caminhos de ferro (C. P.) 869029 ● Caminhos de ferro (Estoril), 861121 ● Estação fluvial (T. Paço), 825345 ● Estação Marítima de Alcântara, 663195 ● Estação Marítima da Rocha, 672445 ● Estação fluvial (Belém), 638531

BOM APETITE

CASTANHEIRA

Restaurante — Snack-Bar — Cervejaria

Especialidades diárias

AÇORDA DE LAGOSTA e COZINHA GOESA

Rua Gomes Freire, 14

Telefone: 4 62 47

(Ao Campo Santana)

XANGAI

Av. Duque de Loulé, 20-B

Telef. 5 73 78

(frente à Embaixada Americana)

ESPECIALIDADE DIÁRIA

CARNE DE PORCO ACRE E DOCE

MINABELA

Restaurantes Churrasqueira Pastelaria

Diàriamente várias especialidades

AMADORA — Tel. 939191/2

QUELUZ — Tel. 951611

PASTELARIA FÓIA

RESTAURANTE

C. Mártires da Pátria, 99-A

Telef. 54549

ESPECIALIDADES DA COZINHA PORTUGUESA

PASTELARIA C/ FABRICO PRÓPRIO

TIQUE TAQUE

NOVA GERÊNCIA

AGORA TAMBÉM COM RESTAURANTE E SNACK-BAR

AVENIDA DE ROMA, 29-B

TELEF. 777725

Música, muita música,

UM CARNAVAL ALEGRE!

Um CARNAVAL completo num ambiente DISTINTAMENTE FAMILIAR

DIAS 15 16 17 18 Fevereiro

VARIEDADES NOS DIAS 15 E 17

INFORMAÇÕES PELO TELEF. 790211

RESTAURANTE

QUINTA DE S. VICENTE

TELHEIRAS DE CIMA, 144 (2.ª CIRCULAR AO CAMPO GRANDE)

——— Parque privativo para automóveis ———

AR CONDICIONADO (Maiores de 15 anos)

Diário de Lisboa
DL
Propriedade da Renascença Gráfica, S A R L
Editor João G. de Sá
Sede: Rua Luz Soriano, 44
Telef. 32 02 71-8-9 e 32 11 64-6
Publicidade 3 42 21
End. Tel. DIBOA. Telex 1263
Lisboa 2 Portugal

O tempo

BOLETIM DO SERVIÇO METEOROLÓGICO NACIONAL

TEMPERATURAS EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ATÉ ÀS 9 HORAS DE HOJE — Máxima: Alvalade, 5°; mínima: Fiqueira da Castelo Rodrigo, — 3°,6

TEMPERATURAS OBSERVADAS, ÀS 9 HORAS, NA COSTA DO SOL — No atmosfera, 12°,5, na água do mar, 13°,5

TEMPERATURAS DO AR ÀS 9 HORAS — Coimbra 2°, Faro, 1° Lisboa, 0° Penhas Douradas 0° Portalegre 6°, Porto 5°

TEMPERATURAS OBSERVADAS, ÀS 9 HORAS, NA COSTA DO SOL — No atmosfera, 3°,5, na água do mar 9°,2

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 HORAS DE AMANHÃ

Céu muito nublado, diminuindo progressivamente de nebulosidade; vento fraco ou moderado de Norte; aguaceiros pouco frequentes, principalmente nas regiões do Norte e Centro; queda de neve nas montanhas.

Amanhã
Nascer do Sol 8 e 30
Ocaso 18 e 13

Dia 16	Dia 24	Dia 4	Dia 11

MARÉS:

PRAIA-MAR: Dia 13 — 1 e 15 (3,5 m); 14 (3,5 m) Dia 14 — 2 e 20 (3,3 m); 15 (3,7 m) Dia 15 — 3 e 10 (4,0 m); 16 e 46 (3,9 m)
BAIXA-MAR: Dia 13 — 7 e 18 (1,3 m); 19 e 46 (1,4 m). Dia 14 — 8 e 28 (1,1 m); 20 e 40 (1,1 m) Dia 15 — 9 e 10 (0,9 m); 21 e 27 (0,9 m)

EXPOSIÇÃO NA TV SOBRE O AUMENTO DAS TARIFAS DA CARRIS

A fim de explicar aos utentes dos transportes públicos alguns aspectos relacionados com a recente alteração das tarifas de «eléctricos» e autocarros, o sr. dr. Mário Malheiro Reimão Nogueira, falará esta noite às 21 e 30, através do Telejornal na Televisão portuguesa.

O presidente do conselho de administração da CCFL analisará as relações existentes entre a necessidade de aumento dos encargos sociais da empresa que dirige e aquele aumento. Apresentará contas ao telespectador e estabelecerá o paralelo de exploração entre os transportes de superfície e o metropolitano.

Assim se pretende dar uma legítima satisfação aos utentes dos «eléctricos» e autocarros fornecendo-lhes dados exactos para que compreendam a situação que veio onerar o seu orçamento familiar.

CRUZEIRO abreu
Báltico
Mar Negro
Mediterrâneo
10 de Abril a 11 de Maio
A bordo dos paquetes «CHOTA ROUSTAVELI» e «TARASS CHEVTCHENKO»
Escolha de camarotes no momento da inscrição
Preços — desde 1860
LISBOA — Av. da Liberdade, 160
PORTO — Av. dos Aliados, 207
COIMBRA — Rua da Sota, 2

Esta manhã, eles estavam com esta cara. Lily Teriumba, Valério Silva, Manuel Viegas e Teresa: quatro semblantes, esperançados e compenetrados

GRANDE PRÉMIO-TV DA CANÇÃO PORTUGUESA

Começaram os ensaios «oficiais»

«O DUO OURO NEGRO FALTOU:

E ESTA NOITE PARTE PARA CABO VERDE

Daniel chegou às 8 e 30: a mesma hora em que os componentes da orquestra entraram, também, no estúdio da Tobis, onde, esta manhã, principiaram os ensaios «oficiais» para o «Grande Prémio-TV da Canção Portuguesa».

«A imprensa? Rua!»

Antes do mais, digamos que as coisas no tocante a este festival de canções, continuam a processar-se ao mais fraco nível de entendimento entre a entidade organizadora e os representantes da Imprensa, que, esta manhã, foram vexados e escorraçados por um empregado, que, por não se apresentar fardado nem se haver identificado, não podemos referenciar pelo nome ou pela categoria.

Fomos interditada a passagem aos estúdios: medida que ficaria (poderia ficar...) inteiramente certa se o empregado encarregado da triagem, entre amigos e «penetras non gratus», possuísse ínfima parcela de tacto diplomático. Ou de educação.

Adiante. Na RTP, a avaliar pelo andamento, o ritmo é de bailemandado.

Ouro Negro: falta de ensaio

Falemos dos intervenientes no festival afinal aqueles que cativam a atenção pública.

A realização de Oliveira e Costa tem na anotadora Maria Duarte um suporte para chegar a bom termo. Por seu lado, pode já divulgar-se que um coro feminino acompanhará todos os artistas: Maria Natália, Josette Flores e Maria de Brito.

Ao ensaio de hoje não compareceram os rapazes do Duo Ouro Negro: na companhia do autor de «Tenho amor para amar» (João Maria Tudella) estiveram a ensaiar até às seis horas da manhã e só ao fim da tarde gravarão a voz da fita magnética destinada aos juris. Três universitários (Manuel Costenha, Jaime e Luís Queimado) são os acompanhantes musicais.

Teresa: de verde e chanel

Teresa Paula Brito já participou num festival de canções, em Varadero (Cuba), há dois anos. Tem 24 anos e é empregada (como secretária) numa companhia sueca. Teresa está numa enorazilhada: seguir (ou não) a carreira profissional de artista. Uma experiência que quer prolongar, a de cantar nos «The Strollers», onde apareceu ao lado de José Duarte.

— *No São Luiz aparecerei de vestido verde, comprido, idealizado pela minha modista Maria de Lurdes Galhós. Calçarei sapatos chanel. Como cabeleireira levo a Maria Amélia, que conhece bem o meu «estilo»...*

A filha de Lily já sabe a cantiga da mãe

Enquanto Daniel insiste em envergar camisolão na noite da grande parada, a angolana Lily Teriumba vestirá de «beije».

— *Vestido liso, comprido. Penteado? Do Danova e Margarida* — diz-nos a artista.

Lily já participou em dois festivais da canção, em Luanda. Agora, teve de interromper os ensaios por duas semanas: a gripe fez das suas.

— *Mas, lá em casa, continuei a fixar a letra. Sabe uma coisa? A minha filha mais nova, a Isabel Maria (7 anos) já sabe a cantiga de cor. Só a outra, a Ana Paula (10 anos) não tem «ouvido» para a música...*

Daniel: vai mesmo de camisolão...

«Cachet»: dois contos e meio

Valério Silva e Manuel Viegas: confiança absoluta no êxito. «*Vou de casaca*» — diz-nos o cançonetista madeirense.

E pouco mais digno de registo se passou dentro do estúdio. Por dois mil e quinhentos escudos («cachet» quase uniforme) dez intérpretes cimeçaram, hoje, uma luta em que «as armas ainda estão embainhadas». Uma luta que promete surpresas: muitas e boas.

Conta Universitaria
BANCO DO ALENTEJO

Instituto de Novas Profissões
AVENIDA DUQUE DE LOULÉ, 47-1.º
A aprendizagem para as NOVAS PROFISSÕES não se improvisa, nem se alcança com estudos sumários. Exige fundamentação, perspectiva e um tempo mínimo de assimilação. Foi obedecendo a estes princípios que foram elaborados os planos de estudo dos Cursos de:
RELAÇÕES PÚBLICAS, ORGANIZAÇÃO E GESTÃO DE EMPRESAS (MARKETING, GESTÃO FINANCEIRA DE EMPRESA E DIRECÇÃO DE PESSOAL), PUBLICIDADE, TURISMO E SECRETARIADO.
Novo período escolar a iniciar em Março
Abertas as inscrições — Telefone: 556319

LIVROS ESPANHÓIS
7.000 Livros Técnicos e Científicos
com Editores representados
LIVRARIA TORRENS
RUA ANTERO QUENTAL, 14-A

Postos de vacinação contra a gripe de Hong-Kong

A Associação dos Bombeiros Voluntários da «Cruz de Malta» mantém os seguintes postos de vacinação contra a gripe de Hong-Kong onde é tendida qualquer pessoa que o deseje:

Largo do Leão, 10 — serviço permanente; Praça Ilha do Faial, 2-A das 9 às 13 e das 15 às 21 horas; Pontinha — Rua Niassa, 14 r/c.-Esq. — serviço permanente e Avenida da Igreja, 41 r/c-Dir. (Bairro Alvalade) serviço permanente.

CASTELÕES

GALERIA ARCHOTE
HOJE — LEILÃO
A Galeria Archote, na Avenida da Liberdade, 224, informa que se realiza hoje, dia 13, pelas 21,30 horas, mais um leilão de Arte, com Pintura e Cerâmica, incluindo obras dos seguintes Artistas:
A. Lima, Cruz, António Leite, Armando Loureiro, Artur Bual, Barros, Bouça, Cândido Teles, Cês, Dias Sanches, Eduardo Malta, Estrela Faria, Fausto Bonvida, Fernanda Amado, Figueirôa, Gregório Pereira, Hilário, Júlio, Júlio Santos, Kocaya, Marques, Portela, Sousa Pinto, Suñer, V. Bastos, entre outros.
A maioria dos quadros, tanto actuais como antigos, serão postos em praça por cerca de uma terça parte dos preços normais de venda.

M/ 6 anos
CAMPO PEQUENO
DOMINGO E TERÇA-FEIRA, ÀS 16 HORAS
DIVIRTA-SE À GRANDE COM POUCO DINHEIRO!
ALEGRIA • CIRCO
TOUREIO
«BARRÃO»
E
«LABITA»
Dois cómicos incomparáveis
CAVALEIROS
ESPADAS
FORCADOS
7 FEROZES ANIMAIS

SUPLEMENTO Diário de Lisboa LITERÁRIO

Alexandre O'Neill
Benedito Nunes
Carlos Porto
Claude Michel Cluny
Eduardo Prado Coelho
João Gaspar Simões
Manuel Machado da Luz
Urbano Tavares Rodrigues

N.º 550/13 DE FEVEREIRO DE 1969

NO CENTENÁRIO DE GORKI

por Urbano Tavares Rodrigues

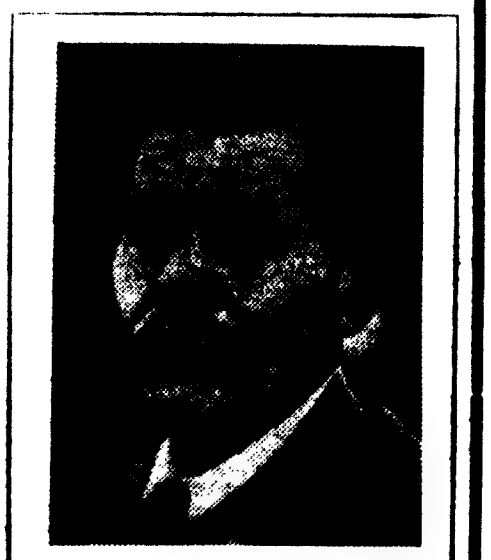
SE É CERTO que Gorki não foi provàvelmente (com a sua mescla de realismo e romantismo, de obscura fé cristã e de ardente esperança na redenção da Rússia e na sociedade sem classes) o criador de uma literatura proletária (esse mito que Trotzki tão lùcidamente desfibra em «Literatura e Revolução»), foi sem dúvida o grande escritor da revolta e um dos maiores exemplos de coerência e generosidade, na vida como na obra, de que o nosso século pode orgulhar-se.

É tardia e só parcialmente lograda, se exceptuarmos a sua obra-prima, «A Mãe», a tentativa de criação do herói positivo (conforme aos ditames do realismo socialista) no romance gorkiano. O que desde o início nele irrompe, com uma força devastadora, que contraria a estética do realismo humanista e se opõe à tão eslava metafísica da dor, que com Dostoievski atingira as suas últimas consequências, é o furor de viver, a reabilitação da alegria e uma espécie de raiva ainda desencontrada que cedo se tornará em alavanca destruidora das castas sociais decadentes, desde a aristocracia à pequena burguesia, à própria *intelligentsia*. A exaltação do sofrimento, que colocara sobre um altar a figura mística e humilhada do mujique, Gorki vai substituir a naturalidade da violência, que surge entre os vagabundos, os desclassificados, os *bossiaks*, criaturas com quem ele próprio conviveu nas suas andanças pela Rússia à beira do Volga e que aparecem, figuradas com uma crueza ardente que delas não exclui nem a ânsia do bem nem a indecisa procura de um caminho interior (ou já mesmo de uma fraternidade assumida) em «Chelkache», «Mokar Chudre», «Os Dois Vagabundos», «O Casal Orlov», «Konovalov».

A complexa natureza de Gorki, as perplexidades que numa zona profunda da consciência sempre o haviam afligido, mau grado a sua activa participação na construção de um mundo novo, haviam de manifestar-se no momento mais agudo da luta de classes na União Soviética, precisamente após a revolução de Outubro, quando Alexei Pechkov, traumatizado pela paralisação do trabalho e pela grande cólera desencadeada, alinha temporàriamente, segundo as palavras de Lukacs, «no campo de reacção».

Contudo, fora ele, sem dúvida, o escritor querido de Lenine, o prosador — e poeta adorado pelo povo da sua pátria (basta recordar o êxito assombroso de «O anunciador da tempestade»); fora ele que, em Paris, tendo o Governo francês concedido um empréstimo aos opressores da Rússia, escrevera as célebres cartas «aos seus detractores», numa das quais vai ao ponto de afirmar, com tremenda insolência (e repudiando a estima dos intelectuais que lhe lançavam em rosto o apoio que lhe haviam espontâneamente concedido durante o tempo da sua clausura na fortaleza prisional de Pedro e Paulo): «Senhores! Digo-vo-lo bem sinceramente: A vossa amizade de burgueses é apenas para mim, socialista, uma profunda ofensa! Espero que estas linhas determinarão exactamente e para sempre o carácter das nossas recíprocas relações».

Com toda esta altivez, arrogância, coragem por vezes brutal e ilimitado despejo, Máximo Gorki era, como raros escritores o terão sido, um homem simples, voltado para os outros, modesto, solidário não só em palavras mas em actos — e não apenas no domínio político como no da vida privada. Poucos, muito poucos homens de letras terão tido a paciência que ele teve de ler centenas, ou milhares de cartas e manuscritos de correspondentes que dele esperavam um juízo crítico, uma palavra de incentivo.



Entre os contrastes da obra gorkiana destacam-se o carácter explosivo das crises que arremessam os burgueses de consciência ulcerada, dos quais Foma Gordeiev é sem dúvida o mais representativo, para actos de uma inconsequência paroxística, e a glorificação do trabalho, a renovação do mundo pelo entusiasmo, ou pela esperança. Raros são os livros de Gorki que têm por herói um operário (um deles é «Os Pequenos Burgueses», onde o homem novo aparece no seio de um clã de comerciantes do antigo mundo). A verdade, porém, é que a personagem do ferroviário Fil, homem tranquilamente seguro da sua força e do «direito de reconstruir a vida segundo o seu julgamento», é menos impressionante e agressivamente humana do que as dos heróis maus, cínicos e aparentemente irrecuperáveis das obras de Gorki, em que ele aproveita a sua vivência e o seu contacto com os insociais. Essas criaturas tumultuosas conheceu-as Maximo

(Continua na página seguinte)

Teatro: Os animadores—1

por Carlos Porto

HÁ UMA PERSONAGEM que não existe, creio, no teatro português: o de animador (por cá há, de preferência, *desanimadores*). Se os há, acumulam de tal maneira as funções mais várias e complexas (são encenadores, o que está certo, administradores, encarregados de relações públicas, etc.) que as atribuições, bem concretas, de animadores, ficam no papel. Trata-se, contudo, e como é bom de ver, de preencher um cargo que na situação do nosso teatro é de importância primordial. Pois que não dispondo de equipas, nem de salas, nem de subsídios — não dispondo literalmente de nada — o animador, na hipótese optimista de vir a existir, terá que fazer tudo, a partir do zero. Estando tudo por fazer e sendo necessário começar por algum lado, proponho que se comece por aí: pela descoberta de pessoas que estejam interessadas e sejam capazes de iniciar um movimento que leve o teatro a ser em Portugal a realidade que nem de longe é. A acção desses possíveis pioneiros devia começar por ser uma prospecção das possibilidades de haver em Portugal um teatro popular, isto é, um teatro que vise, como já aqui foi dito, a criação dum público a partir da existência de oito milhões de portugueses para quem o teatro não existe na real, autêntica, fecunda acepção do termo.

Arturo Ui, na encenação do Berliner Ensemble (1960)

TEATRO FORA DA CIDADE

Vem isto a propósito dum livro que as «Éditions du Seuil» acabam de lançar e cuja leitura deveria ser obrigatória para todos aqueles para quem o teatro interessa como actividade ao serviço do homem e no qual o homem se reflecte e se refaz.

Reúne o volume, intitulado «Le Théâtre Hors les Murs» e organizado pelo crítico Philippe Madral, notas biográficas e depoimentos de seis animadores do teatro francês, dirigentes de outros tantos centros dramáticos situados nos arredores de Paris. São eles: Guy Rétoré, do «Théâtre de L'Est Parisien»; Gabriel Garran, do «Théâtre de la Commune» d'Aubervilliers; Raymond Gérbal, do «Théâtre Romain Rolland» de Villejuif; José Valverde, do «Théâtre Gérard Philipe», de Saint-Denis; Patrice Chereau, do «Théâtre de Sartrouville». Inclui depoimentos de responsáveis municipais de três dessas localidades; um posfácio (polémico) do organizador do volume; e, em apêndice, a fundamental «Declaração de Villeurbanne», assinada pelos directores dos teatros populares e das «Casas de Cultura» de toda a França.

Devo dizer desde já que a leitura deste volume é tanto mais exaltante quanto nos sentimos, os que em Portugal amam o teatro,

(Continua na 6.ª página)

Cartaz de «Andorra», de Max Frisch

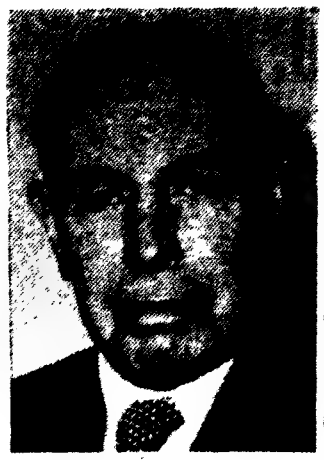
O homem da nave

O HOMEM DA NAVE
por
Aquilino Ribeiro
reedição Livraria Bertrand
Lisboa 1969

AQUILINO, o homem da Nave, «Berranos, caçadores» e fauna vária» reaparecem a público neste feito ameno, tão pujante de imaginação, tão sàbiamente desprendido de efeitos, tão saudoso, também, tão próximo de nós! O que foi um dos alicerces da obra monumental do Mestre.

A serra da Nave volta até nós no seu emaranhado selvagem de contrastes. O instinto de liberdade, tão premente em Aquilino, domina este descritivo majestoso e dá-lhe a força de uma imagem simbólica do país. Paixões: o picaro e o insólito; o quotidiano artesanal de um povo ferozmente agarrado às raízes; o engenho animal e a ampla alegria das primaveras montanhesas — todo esse fresco de contrastes entre a terra e o homem, a semente e o infinito, tudo isso nos dá *O Homem da Nave* com a alegria e o encantamento de um maravilhoso hino à vida.

Labutar aí é fazer guerrilha diária entre o tojo e a hera nos agrestes penhascos da Lusitânia. É ver entre a artimanha do bacharel e a navalha do moinante. Entre o lobo acossado e o desespero do infortúnio. Aquilino, como nenhum outro escritor português legou-nos um quadro geográfico e sentimental onde a grandeza atrofiada do homem de Viriato se estorce e se projecta nas mil facetas de um comportamento singular. É um homem em transição este que nos descreve. Um lobo de circunstância. Encurralado na serra da Nave «sala de bailar dos ventos, coreto tenebroso das feras; chãs surradas onde as lebres estafavam os cães», o camponês que Mestre Aquilino põe em evidência neste e noutros livros, enquadra-se num palsagem socio-económica que o autor desfibra em comentários de uma penetrante observação. Arquitectura, evocação histórica, folclore, análise linguística — tudo vem a propósito e genialmente interposto no esquema da acção das narrativas. A antinomia clássica *montanha-planície* exemplifica-a Mestre Aquilino com histórias desenfastiadas cheias de saber popular e de calor humano. Coloca-as entre a charrua e o tractor — sinais dos tempos de uma sociedade que se situa na «faixa intermédia», para utilizarmos a nomenclatura dos sociologos. E esse é um dos atributos maiores da sua obra no que respeita a uma localização verdadeiramente objectiva em espaço literário. É que relendo *O Homem da Nave*, recordando *A Casa Grande de Romarigães*, por exemplo, é-se forçosamente levado a reconhecer que nunca o camponês de Aquilino foi encarado como um personagem desenquadrado todo nacional e que o seu conservantismo aparente ou real e que todo o seu primarismo instintivo são condicionamentos com que vem a responder aos fenómenos de uma evolução desfasada. A sua reacção ao tractor, ao povoamento florestal ou ao emparcelamento, por mais irracional que por vezes se revele, é uma resposta por traumatismo à distribuição irracional da evolução necessária. Ele, homem da Nave, instala-se, acossado, nos píncaros desabridos. É isso que o explica. É isso que, uma vez mais, nos dá Mestre Aquilino abrindo este livro com uma pergunta directa: «Que espécie de bicho é o serrano?»



Artes em notícia

BAUHAUS

A Sociedade Nacional de Belas-Artes vai apresentar dentro em breve, ainda sem confirmação de datas, uma exposição evocativa do Instituto de Arte «Bauhaus», criado há 50 anos por Gropius e Itten, na cidade de Weimar. É quase desnecessário apontar a extraordinária importância que esta exposição tem para o nosso meio, numa altura em que se ensaiam algumas revisões críticas e apesar do «Bauhaus» ter constituído uma experiência sem equivalente entre nós, quer há cinco décadas, quer neste momento.

TAPEÇARIAS FRANCESAS

Em colaboração com a Embaixada francesa, a S. N. B. A. apresentará em Lisboa, no próximo mês de Março, uma importante exposição de tapeçarias francesas, incluindo peças dos seguintes autores: Lurçat, Matisse, Léger, Braque, Dufy, Le Corbusier, Adam, Arp, Atlan, Beaudin, Borderie, Calder, Delaunay, Gilioli, Hartung, Lagrande, Miró, Prassinos, De Stael, Ubac, Vieira da Silva e Vasarely.

ARTE MODERNA

A galeria de Arte Moderna da S. N. B. A., até este momento da temporada artística sem actividade, vai reabrir ao público, retomando de outro modo o programa de actualidade que vinha cumprindo. Novos artistas convidados se apresentarão ao longo do ano, até Junho. Em princípio, António Sena inaugurará a série de exposições.

DA CRITICA

O dr. José-Augusto França, sociólogo, crítico, historiador de arte e nosso habitual colaborador, foi eleito presidente da Secção Portuguesa da Associação Internacional dos Críticos de Arte. A referida Secção constituiu-se da seguinte maneira: Reynaldo dos Santos (presidente de honra), José-Augusto França (presidente); Adriano de Gusmão e Armando Vieira Santos (associados); Fernando Pernes, Mário de Oliveira, Nuno Portas e Rui Mário Gonçalves (aderentes).

Justamente é oportuno referir que o papel da Secção Portuguesa da Associação Internacional dos Críticos de Arte pode contribuir desde já para reintegrar de forma mais clara a função dos artistas e dos críticos. Pensam os principais críticos em exercício que não estão criadas quaisquer linhas de desencontro entre os artistas e a crítica, e é por isso possível demonstrar com facilidade que a crítica funciona ainda integrada nos próprios interesses dos artias, isto é: ligada fundamentalmente ao problema da criação e da produção de arte. Pois neste sentido é estimável que se promova um encontro entre os artistas e a crítica, informal e aberto, a fim de que a Secção Portuguesa da A. I. C. A. estabilize as opções, preste informação de critérios, solicite sugestões e pareceres.

EXPOSIÇÕES *

GALERIA BUCHHOLZ *Rua Duque de Palmela*	**GRAVURAS**, AUTORES ESTRANGEIROS DE GRANDE SIGNIFICADO
GALERIA PERMANENTE *S. N. B. A.* *Rua Barata Salgueiro*	**EXPOSIÇÃO PERMANENTE DE ARTE MODERNA COM ALGUNS ARTISTAS PORTUGUESES**
S. E. P. T. *Praça dos Restauradores*	**ANTÓNIO AREAL E AUGUSTINA BESSA LUÍS**, DESENHOS E MANUSCRITOS
COPERATIVA DOS GRAVADORES *Travessa do Siqueiro*	**IAN COLVERSON**, AS SUGESTÕES DA IMAGEM NA GRAVURA
QUADRANTE *Av. Luís Bivar*	**NELSON DIAS**, UM INFORMALISMO CONTRADITÓRIO NUMA PRIMEIRA INDIVIDUAL

(*) Este quadro é da responsabilidade conjunta dos habituais colaboradores da página de artes plásticas, salvo indicação em contrário.

Autogestion

REVISTA que há uns dois anos as Editions Antropos têm vindo a distribuir, *Autogestion* ganhou especialmente interesse com os mais recentes acontecimentos. Não admira pois que este último número de Dezembro (caderno n.º 7) se ocupe desses mesmos acontecimentos, na perspectiva própria da revista, como é evidente. Recordemos que participam na redacção de *Autogestion* Yvon Bourdet, Henri Desroche, Jean Duvignaud, Daniel Guérin, Serge Jonas (director de *L'homme et la société*), Henri Lefebvre, René Lourau, Albert Meister, Pierre Naville, entre outros. No sumário deste caderno temos: Georges Lapassade, *Autogestion ou cogestion;* René Lourau, *Nanterre, transe institutionelle;* alguns documentos sobre a autogestão na Checoslováquia; Lucien Goldmann e Serge Mallet, *Débat sur l'autogestion;* Yvon Bourdet, *Autogestion et spontanéité;* Albert Meister, *Problèmes de l'autogestion;* Hubert Tonka, *Autogestion et pratique sociale;* René Lourau, *Gestion directe, action directe;* Jean Bancal, *Proudhon;* *Une pratique de l'autogestion, les apports critiques.* Palavra posta subitamente em circulação, noção quase fétiche, conceito fluido, autogestão encontra nestas páginas alguns elementos para a sua elaboração teórica rigorosa.

E. P. C.

O CENTENÁRIO DE GORKI

(Continuação da 1.ª página)

Gorki, tal como velo a conhecer as de «A cidade de Okurov», na sua existência semierrante de padeiro, de artífice pintor, de cantor no coro de uma ópera, autodidacta sequioso de cultura companheiro de estudantes em reuniões conspirativas. Neto de uma serva da gleba e de um rebocador dos barcos à sirga do Volga, Gorki teve ainda outros ofícios, como o de jardineiro, estivador e, mais tarde, jornalista em Nijni Novgorod.

Assim como a Dostoievski o opôs o sentimento de classe e a vontade de crer na vida, mal-grado muitas e secretas afinidades que a crítica bem pensante do jdanovianismo soviético se empenhou em dissimular, Máximo Gorki experimentou rebelar-se contra a ostensiva caridade do mais lúcido e agnóstico, (assim havia de vê-lo mais tarde) dos magnânimos cristãos socialistas da velha Rússia: Léon Tolstoi.

Importa-me mais, como expressão idiossincrática, vinculação autêntica do escritor, a obra de ficção de Máximo Gorki do que os discursos do tipo daquele relatório por ele apresentado em 1934 ao primeiro congresso dos escritores soviéticos, no qual procurava combater o absoluto metafísico, as fugas ao realismo socialista. Ora acontece que, na realidade, o próprio Gorki, ligado como andou (e as suas considerações intempestivas» ou «Duas almas» são a clara prova disso) ao socialismo místico de Bogdanov, nem sempre cumpriu esse programa que mais tarde e certamente de boa fé, havia de reivindicar e propugnar. A dignidade da conduta cívica de Máximo Gorki parece-me, essa sim, inatacável. Mas inatacável no que de legítimo, ou de humanamente compreensível, há nas suas próprias dúvidas e desvios.

Num livro como «O Espião» depara-se-nos uma correcta análise dialéctica da realidade. Nas obras de Gorki encontra-se a história da vida pública e privada do povo russo dos anos procelosos que antecederam a revolução de 1917. No entanto, nem ele se pretendia filósofo nem tinha a intenção de fazer sociologia: o seu poder de captação dos casos psicológicos, das reacções dos seres humanos era extremamente forte e agudo. No caso concreto de «O Espião», Gorki anota com uma generosa capacidade de compreensão de todos que nunca o abandonou, os impulsos contraditórios de uma mísera criatura levada pela sua fraqueza, pelos seus medos, pelas deformações que uma infância abominável nela deixaram, até à aceitação da denúncia e da repressão. Todavia, nessa própria figura à cobardia se misturam rasgos de heroísmo e uma ânsia de redenção bem característica da psique eslava do tempo. E o «espião», incapaz de se enforcar como Judas, busca a morte, enfim, nos trilhos de uma via férrea, onde um comboio o esmaga.

O talento supremo de Gorki consistiu em dar voz ao povo russo. É nos seus relatos orais, na vivacidade dos seus diálogos, repletos de aforismo, provérbios, truculentas expressões da rua e do campo, que ele se agiganta e até se sobrepõe às páginas de narração indirecta ou de composição «literária», descritiva.

Escreveu muitas vezes directamente no eu, mas tal não implica nele o culto ou a procura exasperada de si próprio, senão a sinceridade de um caminho — o mais natural — do eu para os outros.

Nalgumas das suas últimas obras, o exame e a crítica das contradições da sociedade russa em trânsito para o futuro atingem uma grandeza capital, como já sucedera em «Cimento» do Fedor Gladkov e acontecia, ao mesmo tempo, com «O Caminho das Tormentas», de Alexei Tolstoi, e com a obra monumental de Cholokov, «O Dom Tranquilo», é o Gorki de «A Infância», «A Família Artomonov», «Ganhando o meu Pão», «As Minhas Universidades» e do afresco incompleto «Vida de Klim Sanguine». Porém, mesmo nessas obras — e esse é um dos aspectos mais modernos e dos traços mais resistentes da obra de Gorki — nunca, ou quase nunca, ele abandona a perspectiva individual, de raiz romântica, em favor da omnisciência do realismo socialista mais sondémico.

No Gorki memorialista há, por mais que se diga o contrário, certo comprazimento saudoso na revivescência do passado, mas sem carácter narcísico ou lamentoso: bem pelo contrário, com um valor de lição psicológica e revolucionária. Porque, em última análise (e Gorki sabia-o intuitivamente) não há colectivo sem subjectivo e as complexidades do indivíduo têm de ser integradas na análise e na construção da comunidade, na marcha revolucionária da sociedade para a sua libertação.

URBANO TAVARES RODRIGUES

Inquérito: O ensino de Belas-Artes

I — Que pensa do ensino de Belas-Artes em Portugal?

II — Como deveria este ensino ser estruturado?

ESTE é um depoimento elaborado por alguns alunos do 4.º ano do Curso de Pintura da Escola de Belas-Artes de Lisboa. Propõem-se eles, como estudantes e futuros profissionais, fornecer uma opinião que não pretende esgotar o tema nem apontar soluções ideais.

I

Vamo-nos reportar à situação que foi nossa, de jovens estudantes, perante um problema de opção — a carreira. Muitos de nós vieram do liceu e outros das escolas de artes decorativas.

Como alunos do liceu não recebemos bagagem técnica nem a percepção dos problemas artísticos, pois tanto o desenho como os trabalhos manuais são ali encarados como matérias secundárias de rotineira diversão e não como um passo preparatório para o ensino artístico. Os que passaram pelas escolas de artes decorativas adquiriram uma certa base de conhecimentos de ordem técnica, embora os tenha viciado e por vezes os impeça de uma actuação criadora espontânea, pois é um ensino que usa em demasia soluções e imagens-tipo preestabelecidas. De comum, a falta de bases, embora de valores diferentes.

Foi, pois, com esta falta de bases que deparamos com um exame de admissão de doze horas, em que o essencial parece ser a avaliação das proporções de um modelo de gesso clássico e do domínio de um processo técnico de desenho: o carvão. Assim, para corresponder a esta «fórmula», muitos de nós tivemos de recorrer a «explicações» de desenho, «habilidade» de recurso para ultrapassar esse obstáculo, que nada tem a ver com o valor ou capacidade dos alunos.

Tal «fórmula» mais parece, pelo menos no caso de Lisboa, em que a percentagem de reprovações é elevada, uma maneira de impedir a entrada de uma certa percentagem de alunos, dada a exiguidade de instalações da Escola.

Esperávamos da Escola de Belas-Artes a formação teórica e prática, um fornecimento de dados que nos possibilitasse uma actuação profissional e enquadrasse nos problemas das artes plásticas do nosso tempo. Verificamos, porém, ao longo dos anos da vida escolar, que os alunos, em lugar de se sentirem orientados para a actividade profissional séria e para a promoção a que aspiravam, verificam que constituem apenas uma massa amorfa, sem qualquer acção interveniente nos processos pedagógicos.

Mais: o actual ensino de Belas-Artes ainda está vinculado a uma estrutura, mentalidade e processos que foram os da sua origem — a Academia de Belas Artes.

Métodos que foram revolucionários mas estão hoje já ultrapassados — como o da Bauhaus e o da Escola de Ulm — dificilmente são ainda aceites entre nós, apesar de terem quase meio século! Certas disciplinas — pelo menos da maneira como são dadas — parecem absurdas. Pode servir de exemplo a Anatomia. É uma cadeira de dois anos, obrigando a um enorme esforço de memória, e cuja matéria — excessivamente seca e minuciosa — em nada contribui para a formação artística ou técnica dos alunos. Os próprios desenhos obrigatórios não dizem respeito à morfologia do corpo humano e às massas musculares — como parecia lógico — mas sim a ossos e a pormenores ósseos...

Mais: mesmo dentro do sistema actual de ensino falta um mínimo de articulação entre as diversas disciplinas, as quais não formam um todo. As aulas teóricas são dadas de acordo com o que se pode ler no parágrafo 1.º do art.º 15 do capítulo II do Regulamento das Escolas Superiores de Belas-Artes:

«O ensino teórico é feito através de aulas magistrais (...)»

Mais: os professores — eles próprios formados na mesma escola mas pela antiga reforma... — encarregam-se da regência de qualquer cadeira artística (desenho de modelo, composição de pintura ou tecnologias), sem qualquer especialização. Alguns destes professores são impermeáveis a qualquer estímulo exterior mais actual.

Mais: os exames funcionam isoladamente do trabalho anual, tendo um carácter de prova eliminatória e decisiva.

Mais: ao 5.º ano só têm acesso os alunos que obtêm a classificação de 14 valores no exame de saída. Ora, o 5.º ano deveria ser um meio de especialização visando vários caminhos profissionais: ensino, artes gráficas, gravura, tapeçaria etc.

Finalmente, e para não nos alongarmos em demasia, apontamos algumas das consequências deste método de ensino: falta de formação de base, iniciativa individual e capacidade criadora cerceadas, surgindo o oportunismo, o individualismo exacerbado e, muitas vezes, a desorientação, por falta de perspectivas.

Apesar do que fica dito e segundo a base VI da Lei n.º 2043 de 10 de Julho de 1950, o curso geral de Pintura (4.º ano) habilita os diplomados «para o exercício profissional (?) e designadamente para os lugares de professores adjuntos do 5.º grupo do ensino técnico profissional e de professores de desenho das escolas do magistério primário». O curso complementar de Pintura (5.º ano) habilita os diplomados «para os lugares de professor e assistente das Escolas Superiores de Belas-Artes, de professor do 9.º grupo do ensino liceal, de professor efectivo do 5.º grupo do ensino técnico profissional e de outros que exijam habilitação correspondente».

Apesar de tudo isto, as exposições continuam...

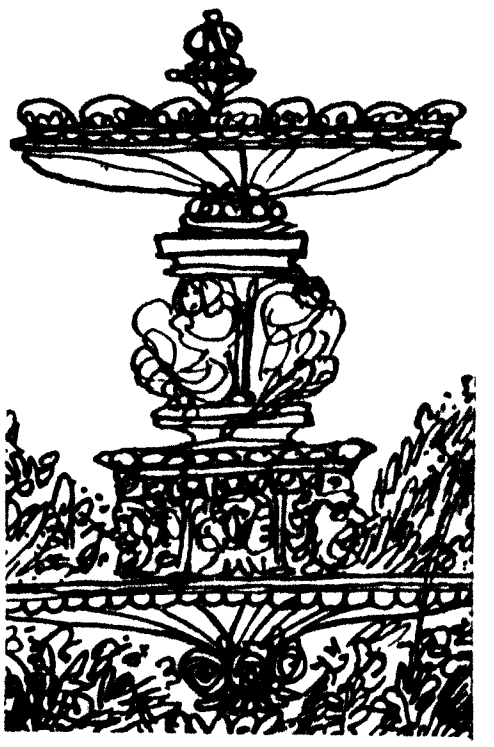
II

Impõe-se que seja promovido o acesso dos alunos às estruturas pedagógicas, dado que assim se tornam elementos mais responsáveis e, portanto, mais produtivos e interessados.

A Escola deverá ser um centro dinâmico, em permanente contacto com profissionais, pós-graduados e centros de divulgação artística e cultural. Deverá igualmente fomentar periódicamente realizações que a enquadrem no ambiente artístico e intelectual — exposições, colóquios ciclos de cinema e de teatro, serões de arte, etc.

Se pensarmos no acesso à Escola, julgamos haver meios de selecção mais sérios. Apontamos uma escola londrina, onde a admissão se compõe de «testes» simples de desenho e composição imaginativa, história de arte europeia e de uma tradução de uma língua moderna à escolha.

A avaliação do trabalho nos três períodos lectivos deveria substituir o exame nos moldes actuais, pois verificamos



muitas vezes que parte dos elementos do júri não acompanharam o trabalho do aluno ao longo do ano lectivo.

O curso deveria dividir-se em duas partes fundamentais:

A primeira, de formação básica, com
ESTUDOS TÉCNICOS — métodos e materiais, anatomia artística, perspectiva, teoria da cor, etc.
ESTUDOS CIENTÍFICOS — percepção visual, forma, composição, estruturas, etc.

e ainda disciplinas que situem o aluno no seu século, concepções de estética, sociologia, história das artes, etc.

A segunda, de aprofundamento, incluiria investigação a nível laboratorial e especialização. Esta especialização prepararia o aluno profissionalmente nos campos mais diversos: pintura, cerâmica (vidro, olaria, vitral, etc.), pintura mural, artes gráficas, «design», têxteis para decoração e vestuário, ensino artístico-pedagógico destinado a professores e por aí adiante.

Para além destas especializações, deveriam ser concebidas bolsas de estudo (para estudar e não para passear por Paris) no País ou no estrangeiro, de acordo com cada caso, para ampliação do domínio do sector escolhido.

RESPONDERAM AO INQUÉRITO:

Eduardo Santos Neves; Maria Aurélia Rosa da Silva; Maria Margarida Pereira; Adelaide Penha e Costa; Maria Lúcia de Figueiredo; Gina Azevedo; Maria Celeste Lourenço; Maria Alzira Almodovar; Evelina Coelho; Maria da Conceição Martins Baptista; Maria de Fátima Ventura; Léda Ribeiro Teixeira; Teresa de Oliveira e Silva; Eduardo Jorge Gonçalves; Maria José Maceta; Maria Marta Silva; Maria de Fátima Correia Neves; Margarida Lopes Galvão; Ana Maria Metelo; Maria Helena Subtil; Maria do Carmo Santa Rita; José Pedro Sobreiro.

O direito de pintar

por Rocha de Sousa

NUNO SAN PAYO
Galeria Divulgação

Pintura de Nuno San Payo

NUNO SAN PAYO, arquitecto de profissão e pintor nas horas vagas, prolonga, como se dizia numa notícia de jornal, a tradição dos arquitectos-pintores. Não discutimos a validade dessa tradição, pois as obras contam sobretudo para além de circunstâncias semelhantes. Tal como o médico que também é escritor, o engenheiro que se fez poeta, o escritor que deu em publicista, o pintor que se desdobra pelas artes gráficas, de igual modo o arquitecto vira outras coisas — e entre nós, por coincidência, muitas outras coisas. Talvez pela natureza da sua formação e pelo quadro de informações que geralmente maneja, já que a arquitectura se exerce com o contributo efectivo de técnicas diversas e absorve imensos problemas, o arquitecto tem assumido entre nós um papel quase centralizador, na medida em que, com a devida responsabilidade, assinou projectos, pintou e desenhou, entrou nas artes gráficas, trabalhou como «designer», fez crítica de arte, escreveu por vezes, ensinou e até fez cinema. Este desdobramento tem-se realizado, de uma forma geral, com nível e tem promovido a agitação de problemas correspondentes numa linha cultural digna de relevo. Não deixou, por isso, convém acentuar, de se fazer arquitectura em Portugal.

Nuno San Payo é, afinal, ao que julgamos saber, um artista muito mais discretamente relacionado com o esquema atrás referido, donde se colhe talvez uma exagerada ideia de pluralização profissional do arquitecto português. A exposição de Nuno San Payo, na Galeria Divulgação, parece demonstrar que a pintura não é para ele um compromisso básico, uma forma de acção pública fundamental e conscientemente reassumida em novos termos de criação. As próprias datas de produção de alguns dos quadros expostos contribuem, não para nos formar a ideia de um programa estético que se estabelece ou que se foi estabelecendo, mas para nos relevar uma actividade que demoradamente se cumpre como forma pessoal de meditação ou disciplina de reequilíbrio. As tentativas de revisão, no sentido estrito da pintura, desenvolvem-se apenas numa zona de superfície, reduzem-se sobretudo a alguns expedientes técnicos sumários: recurso a tintas especiais, disciplina e simplificação das formas com uma matéria de fundo envolvente, utilização exaustiva do gesto e do toque para dissimular no espectáculo a fragilidade da estrutura. Mesmo assim, não é pela oficina que esta pintura se organiza no interior, mas antes por uma serena continuidade de aparências próprias. Dessas aparências fazemos nós a leitura do seu sentido, no que pode ser a razão e a força justificativa do exercício praticado por Nuno San Payo. Num homem consciente e conhecedor, capaz entretanto da inteligente humildade que a almosfera do seu trabalho pictórico reproduz, o que poderá significar essa serena circulação em torno de uma fórmula tão sobreposta ao

(Continua na 6.ª página)

Camilo romântico, realista e picaresco

por João Gaspar Simões

EM CAMILO tem-se estudado mais o romantismo e o realismo que o outro lado da sua novelística quanto a nós muito importante: o seu lado picaresco. Leitor apaixonado dos novelistas picarescos espanhóis, muito particularmente de Cervantes, cujas *Novelas Ejemplares* cita a cada passo, não precisava, porém, o autor das *Memórias do Cárcere* de ter lido as picardias do *Lazarillo de Tormes* ou dos heróis picaros cervantinos para se exprimir novelisticamente como os autores que no país vizinho criaram tão genuíno género de ficção. Aprendeu Camilo a viver à sua conta, com muitas «cornadas» que a vida lhe deu que à custa de «cornadas» é que o Lazarilho aprendeu a viver e se exercitara para a escrita. Mas não só nisso, no facto de a sua obra ser, em grande parte, fruto doloroso da própria experiência, se nos afigura haver um fundo picaresco na novelística camiliana. O cerrado contar pessoalista do escritor, o tom caloroso das suas narrativas, o urgente desenrolar das suas intrigas, o talho rude de certas das suas personagens, a determinação com que nas suas novelas os maus são maus e os bons são bons são outros tantos elementos que justificam o carácter picaro da ficção do autor de *O Degredado*. Aliás, a própria improvisação a que a sua pena obedece, sempre pronta a mudar de assunto e sempre aparada para actuar, como o buril de um Goya água-fortista, para quem os andrajos físicos e morais são tão belos como as vistosas galas do sentimento e da virtude, reforçam essa impressão. Se houve entre nós escritor ao mesmo tempo português e ibérico esse escritor foi Camilo Castelo Branco. Não serão picaros quase todos os seus heróis? Sim, não só os malfeitores tipo José do Telhado ou João do Couto, se é que não o desalmado José Osório da Doida do Candal, pertencem à estirpe picaresca; até os próprios pais tiranos. Em todos eles estua a mesma atrabiliária violência dos *Guzman de Alfarache* ou dos *Estebanillos Gonzalez*. Com eles se sente Camilo como entre irmãos de sangue: entende-lhes as manhas e as observações, as crueldades e as tiranias. E, se a comparsaria feminina do novelista se exime ao feitio picaresco, é porque a mulher na sua obra, salvo no amor, é passiva, a menos que se recuse à sujeição refugiando-se na crença ou na loucura. Os únicos exemplares femininos de insubmissão na novela camiliana são Teodora ou Leonor, infelizes que pagam caro o preço da sua rebeldia.

Que diremos, porém, do romantismo e do realismo camilianos? Para Camilo não havia incompatibilidade entre as duas tendências. Quando em 1879, decide caricaturar a escola de Zola proclama que sempre foi realista, realista da escola de Balzac. E tinha razão. Onde havia escritor mais realista que o autor do *Père Goriot*?

Em 1858, ainda não sonhava sequer em macaquear os realistas encartados, declarava sem complexos: «Eu não tenho imaginação, tenho memória, memória do que vi, do que senti, do que experimentei. Se descarno as pinturas, se descrevo uma cena frisante, é porque assim os olhos que a viram a levaram à alma, que a imprimiu em si.» E mais adiante: «O certo é que não imagino, ou apenas imagino, se pode dizer-se imaginar, épocas, lugares, nomes, miudezas, generalidades. Não há de meu outro lavor neste e nos outros romances.»

À parte o que ainda há de picaresco neste empenado processo novelístico — o escritor picaresco é ao mesmo tempo romântico e realista —, não podemos deixar de ver na confissão de Camilo o ponto de partida para o reconhecimento do lado típico do seu génio. Só uma coisa compromete a aceitação de Camilo na galeria dos escritores realistas — realistas *avant la lettre* —: o facto de ele admitir que o seu realismo tinha um fundo emocional. Se friamente procura a memória do que viu, é porque friamente viu, mas, se o faz com «arrobos do coração», é porque com «arrobos do coração» o sentiu. Recordava-se do que vira, realmente, mas com a emoção com que o vira. Quer dizer: a forma como sentira a realidade significava mais para ele do que a realidade em si. Eis por onde se mostra um típico escritor romântico. Quer dizer, a sua imaginação baseada na memória funcionava de acordo com a intensidade da emoção sentida enquanto experiência. Embora, com efeito, a imaginação seja sempre, em qualquer manifestação literária, romântica ou realista, uma espécie de memória deformada, no escritor romântico existe como que o orgulho daquilo que se sentiu, e daí o orgulho da própria deformação no sentido da emoção originária, enquanto que na realista a credencial apresentada é aquela que lhe permite declarar que, se deforma, é porque não pode deixar de deformar, pois que outra coisa não deseja que restituir a realidade à escrita, como se a não tivesse sentido.

E, assim, temos como o realismo camiliano, embora realismo, era realismo *sui generis*, uma vez que, em nossa opinião, não existe, mesmo, obra novelística sem um mínimo de realismo. Romance e romântico, eis coisas que se não harmonizam entre si.

Não se pode dizer com absoluta segurança que Camilo foi romântico até certa data e realista depois. Se foi romântico até 1875 — por volta do aparecimento das «Novelas do Minho» —, romântico continuou a sê-lo. Apenas alterou o processo mercê do qual se utilizará da memória deformada. Passou a observar mais a realidade do que a emoção que a realidade nele provocava, sacrificando aquela a esta, embora sem abdicar de um direito inalienável a essa deformação, ou seja, isso mesmo que lhe ditava a sua particular natureza romântica, a sua inalterável psique emocional. Desta sorte se nos afigura não de todo exacto dizer-se que Camilo foi romântico até certa data e realista dessa data em diante. Nele fundiam-se as duas tendências — era romântico na maneira como restituía à escrita a emoção que recolhera da realidade, e realista na forma como fixava essa mesma realidade.

EUGÉNIO DE ANDRADE

OS AFLUENTES DO SILÊNCIO

«Tudo se passa como se Eugénio de Andrade quisesse aceder imediatamente à imagem, instalar-se nela e nela instalar a aventura poética e humana integral»

Eduardo Lourenço

EDITORIAL INOVA □ PORTO

O GATO

GEORGES SIMENON

O grande talento de um escritor e o conhecimento da psicologia de classes

Volume de 240 páginas: 45$00

Colecção Autores Universais

LIVRARIA BERTRAND

Aprender a morte

por Claude Michel Cluny

«*FAIRE PART*». O último título para a vida e o primeiro que aos outros, por incumbência do autor, cabe escrever. Mas a voz que nos dita um adeus enceta connosco o único diálogo que a vida não mais estorvará. Há cinco anos, contados dia por dia, vim a saber em Tunes, onde hoje escrevo estas linhas, que Jean Cocteau não estava já deste lado do rio onde as coisas passam tão depressa. Os papéis tinham mudado bruscamente. A morte paciente fizera viver a sua obra, e este comércio parecera artificial a alguns, como inimaginável nos parece todo o amor que se não sente. A poesia é uma língua natural que cumpre aprender a traduzir para se trair. O poeta habita agora a boca da morte, e fala-nos de outro tempo: fico a pensar nessa carta-poema — será no *Discours du Grand Sommeil* — que começa por estas palavras: «Tenho uma grande notícia, uma triste notícia a anunciar-te: morri.»

★

Estes poemas reunidos que, pela primeira vez, acabo de ler, como decerto outros os lerão, não constituem um livro novo. São, na margem dos livros de poemas, o fel que o tempo descobre, e que as paragens de *Vocabulaire*, *Opéra*, *Plain-Chant* e *Neiges* nos revelam... Vemos, então, que se erguem, para lá destas linhas abandonadas, os poemas que guardamos na memória, como vemos que pouco a pouco se aproximam, por entre as estelas ou os arcos mutilados, as estátuas das cidades mortas que sonham e as perspectivas que se agitam diante da linha do mar. Segundo o preceito retirado de *Des Beaux-Arts considérés comme un assassinat*: «Um poeta só pelos seus defeitos se vê». Isto é, por estes acidentes, por estas linhas enlaçadas que denunciam um mármore, por estas estátuas e estes anjos abandonados, como figuras de estilo, na fascinante pedreira negra da morte. Os acentos fatigados de uma voz, as palavras que se arrancam àquele que dorme, testemunhos únicos de uma obscura fabulação em que não podemos participar. A obra nasce de cem combates perdidos, infatigàvelmente retomados. Estes poemas são armas abandonadas: atrás de nós que deveremos nós deixar que nos não traia nunca? Aquilo que o anverso da obra nos diz encerra a sua parte de sombra e de luz, e jogo com a luz e com a sombra da outra figura: a da glória. «A glória», escrevia Mme. de Staël, «é apenas o luto luminoso da felicidade».

★

«*Faire part*», quer talvez dizer: agora, que eu sou apenas *eu*, ides conhecer-me melhor. E a paisagem secreta reencontra a sua ordem, os seus perfis difuntados; estas cifras são os traços adornados cuja linha recta chega então ao

Jean Cocteau: ides conhecê-lo melhor

âmago das coisas mais simples, dessas que sempre se revelam tão difíceis de dizer numa linguagem que todas as palavras traem, como a fotografia trai o pintor. Estamos perante essa colmeia de vidro onde «as abelhas da morte» tomaram da vida um mel, que eu cuido bastante amargo. Ali está presa pela garganta a ternura, mesmo se as rosas de Ronsard tiveram, para Jean Cocteau, o poder de sonhar. E o onirismo é a poesia surpreendida em flagrante delito: ela inventa a sua realidade. Há, nestes poemas, duas páginas em prosa (*Divertissements*) cuja luz é a dos sonhos perigosos, inspirados pelo reflexo de si que nos é dado pela verdade daquilo a que fugimos ou daquilo que amamos.

Valentine Hugo disse-me um dia: «Jean é um sedutor a todo o custo. Ele mente, mente sempre».

As suas mentiras eram maravilhosas. Inventava o que acabara de encontrar; o seu jogo rápido fazia ludibriar as nossas regras demasiado lentas. Mentia admiràvelmente como um contista árabe. A sua verdade velava-se de aparências enganadoras, como a tragédia grega gritava de sob as máscaras pintadas. Só para mim, que tinha ido vê-lo a propósito já não sei de quê (mas bem pouco o conheci), mimou ele no pequeno quarto vermelho da Rua Montpensier a primeira representação da sua *Antígona*; mimava até o papel violeta amarrotado por Picasso e que era o mar ao fundo do teatro. Ele era todo o seu público: ele era para mim esse de quem o público costuma dizer que mente, isto é, um poeta. Muitas vezes tenho perguntado a mim mesmo se a lenda da cegueira de Homero não terá sido a suprema homenagem dos gregos prestada a esse poder das palavras que nos abre os olhos para aquilo que não sabíamos ver. Ti-

(Continua na 6.ª página)

Pessoa: Textos Filosóficos

por Benedito Nunes

TEXTOS FILOSÓFICOS
de
Fernando Pessoa
Estabelecidos e prefaciados por
António de Pina Coelho
Edições Ática
LISBOA

A PUBLICAÇÃO dos escritos póstumos de Fernando Pessoa, em prosa e verso, tornou-se, já um longo filme em série, no qual os episódios se sucedem, a grandes intervalos, sob a direcção de vários «metteurs - en - scène». Depois que Georg Rudolph Lind e Jacinto do Prado Coelho passaram a dirigir a publicação do espólio do poeta, a direcção sistemática substituiu-se à dispersividade e ao fragmentarismo das edições anteriores a que estavamos habituados. Deram-nos os dois professores, com um plano completo dos volumes a sair — que reduziu a expectativa do leitor curioso à justa proporção do material virgem existente nas famosas arcas do poeta — duas importantes colectâneas, *Páginas Íntimas e de Auto-Interpretação e Páginas de Teoria e Estética Literária*. Mas parece que a direcção sistemática, em boa hora assumida por aqueles especialistas, se harmoniza, a julgar pelo primeiro dos dois volumes de «Textos Filosóficos de Fernando Pessoa», confiados a António de Pina Coelho, com o princípio da divisão do trabalho (1).

António de Pina Coelho despendeu cerca de quinze meses estudando e coligindo os originais de Fernando Pessoa, cujo interesse é estritamente filosófico. Declara-se fiel às peças compulsadas e ao critério de distribuição temática dos assuntos filosóficos de que elas tratam, e que foi seguido por Georg Rudolph Lind e Jacinto do Prado Coelho nos dois volumes anteriores da série póstuma. Assim, após um prólogo com dois fragmentos de Fernando Pessoa, o organizador do volume distribui os papéis filosóficos do poeta de acordo com os temas e problemas que a maneira de que se ocupam lhe sugeriu, por cinco secções: *Introdução à Metafísica*, devida, em grande parte, à actividade do heterónimo António Mora, *Alguns Esquemas*, — incluindo planos de trabalho, indagações e projectos de obras filosóficas do jovem Fernando Pessoa, *Sistemas Filosóficos — Reflexões Críticas*, com anotações, paráfrases e comentários aos pré-socráticos, a Platão e aos filósofos modernos, *Da Impossibilidade de Uma Ciência do Lexicon*, e *Problemas Antropológicos*, parte dedicada ao estudo do homem e da sociedade, da alma e da liberade, da morte e da religião.

Por força do critério de tal distribuição, os testemunhos da actividade filosófica de Fernando Pessoa dispõem-se, na colectânea recém-publicada, dentro de um quadro convencional e escolar, que forçosamente já ingénua, ainda que não tenha sido esta a intenção do organizador, a interpretação que se lhes deve dar.

Fernando Pessoa descendo o Chiado; ao fundo, a Livraria Bertrand

Obrigando à composição em mosaico das mais diferentes especies de textos (completos e fragmentários, notas de estudo, planos de trabalho, observações críticas, etc.), a ordem dos títulos e subtítulos, em cada secção, tende a confundir-se com a ordem intrínseca do pensamento de Fernando Pessoa. Porque não se há-de preferir, em vez disso, a sistematização impessoal das edições críticas, que põem nas mãos do pesquisador, em volumes mais generosos quanto ao número de páginas, o material autêntico existente, com as suas respectivas variantes e apenas ordenado de acordo com a natureza formal dos textos?

Obedecendo-se a essa distribuição sistemática, os textos filosóficos de Fernando Pessoa, na sua maioria datando do período de 1906-1910, integrariam, devidamente numerados, três diferentes secções: dos escritos completos ou suficientemente desenvolvidos, a primeira, dos escritos fragmentários ou inacabados a segunda, e dos esquemas, anotações de trabalho, planos e lembretes a terceira. Acrescentar-se-iam ao conjunto assim formado índices onomásticos e terminológicos, de carácter remissivo, indispensável roteiro ao estudioso do pensamento de Fernando Pessoa.

Mas, felizmente, apesar do bloqueio temático prévio que lhe é imposto, esse pensamento, que não foi filosófico no sentido tradicional do termo, porque foi, antes de tudo, uma arte do paradoxo e uma concepção lúdico-artística da filosofia, tem bastante força para chegar até nós. Já se presentem nas notas de estudo de Fernando Pessoa o seu radicalismo no jogo das idéias, expressão de sua perplexidade metafísica, que ficou sempre aquém do sentido das coisas e além do sentido das palavras. Através desse jogo é que a filosofia, divisando, como arte do paradoxo, possibilidades de conhecimento jamais efectivadas, se unirá à poesia, como exercício filosófico da constituição de possíveis modos de ser. Ambas convergeriam para os dois focos descoincidentes que o pensamento poético de Fernando Pessoa não chegou a fundir: a consciência, que condiciona a natureza e a forma do conhecimento e o ser universal, que embebe a linguagem e que, indiferentemente suportando a afirmação e a negação, a tese e a antítese, denega validade absoluta a qualquer sistema filosófico, a qualquer doutrina religiosa.

As especulações do jovem filósofo António Mora, pragmaticista quanto à função que empresta ao intelecto, partem da consciência. Segundo ele, cabe à ciência, legítimo produto do intelecto, o papel de analisar o mundo exterior para que os fenómenos sejam utilizados em nosso proveito. A filosofia, que começou desempenhando esse papel utilitário, transferirá, depois, à matéria ou ao espírito, as qualidades inerentes à consciência. «Conhecer uma coisa é apreendê-la sob quantos aspectos ela comporta sob os nossos sentidos. Não pode haver portanto conhecimento da Consciência; porque, mesmo que conhecimento signifique propriamente consciência, não há consciência da consciência, por muito que pareça que a há. A consciência é». Conhecer o mundo significa conhecer as coisas, com os seus aspectos diferenciais, que os nossos sentidos acusam. António Mora não esconde nele a presença antecipada de Caeiro sensualista, quando condena o espiritualismo e o idealismo, doutrinas que simplificam a fisionomia dos seres, tentando impor-lhes o que é próprio à realidade interior. «A vida não tem sentido nenhum», adverte-nos esse materialista provisório, cujas anotações datam de 1915.

Num apontamento de 1908 já se esboça porém o cepticismo transcendental de Pessoa que o fez aproximar-se das ciências ocultas: «O caminho da filosofia não é partir do conhecido para o desconhecido, mas do desconhecido no conhecido para o desconhecido em si mesmo» (pg. 20). Para quem tinha o agudo senso do «mistério ontológico», para quem o problema fundamental era que fosse *possível haver ser*, nenhuma concepção da realidade, fosse materialista ou espiritualista, seria satisfatória. A realidade do Eu e das coisas, que nos foge, força-nos a fingir o que somos e a fingir que conhecemos o mundo. Não diria o poeta, em mais de um verso, que tudo o que existe finge ser e também que, seja pelo lado do sujeito, seja pelo lado do objecto, a realidade é onírica e fugidia?

Não nos surpreende, portanto, que o jovem Fernando Pessoa se tivesse dedicado afincadamente, nos seus apontamentos, a estudar o problema do ser, buscando as fontes do pensamento de Heráclito e dos Eleatas. O raciocinador impenitente que ele já era então acompanha e desenvolve, com um zelo de neófito, as aporias de Zenão, os tropos dos céptidos, a teoria das idéias de Platão e a doutrina da substância em Aristóteles. Ao ler a lógica de Aristoteles compreende que a distribuição das categorias é uma classificação de palavras. Compreende também a relação que há entre o *logos* cristão e o *logos* gnóstico, daí inferindo a justificação do Cristianismo enquanto prolongamento e aprofundamento do paganismo (pg. 107). Passando ao «Cogito» cartesiano, que não pôs em dúvida a ideia de existência ou de ser, Fernando Pessoa diz que Descartes «não tinha verdadeiro sentido do que é a consciência no sentido metafísico; ele mistura-a com o pensamento». E afirma, a propósito de Leibniz, que o sistema, *a priori* perfeito, que o autor da «Monadologia» deduzia, segundo os cânones da razão pura, desmorona-se quando aplicado a este mundo, que «não é o melhor dos mundos possíveis».

É ainda em 1906 que Fernando Pessoa estuda e comenta Kant, reformulando para si mesmo, no segredo de suas notas, a diferença entre fenómeno e número, estabelecida pelo idealismo crítico. Embo-

(Continua na 1.ª página)

VOLTINHAS DE PENSÃO

por Alexandre O'Neill

EMILIANO TORTUGA deitou-se de costas, mão esquerda sob a nuca, mão direita rente ao chão segurando cigarro apagado, mancha violácea sobre o coração, dedo grande do pé direito coçando barriga da perna esquerda, laudemus a recolher-se pouco a pouco.

Nesses fins-de-semana, Emiliano nunca reparara na gorda jovial que a seu lado ondeava em derradeira vasca. Mas no prazenteiro jogo de traseiros pelos corredores da pensão, traseiros dados e furtados ao olhar por entre portas seco batidas e risadinhas pregueadas, acabara por atentar nas carnudas negaças que a criada lhe fazia — e truca: ali estavam.

Emiliano, que daquele mergulho de meia braça só trouxera uma alga viscosa, começou a pensar que as loucas filhas do campo eram conversa e que já não tinha idade para aventuras assim.

Daí ao remorso Tortuga deu um passo — e entrou de comover-se com a triste condição social das criadas, coitadas, longe das famílias e à mercê do primeiro Emiliano que as beliscasse em voltinhas de pensão. Com uma sinceridade para cada momento, Tortuga era tão sincero no remordimento como o fora no acometimento. Maldita sensibilidade a que herdara pelo lado Tortugal (Já estava outra vez a mudar de sinceridade). E ao pousar os olhos na vidraça à procura da mosca estival que lá costuma estar para nos ajudar à meditação, Emiliano sentiu uma ardência. Coisas da gorda! Olhou. Chamado à flor da pele por beiços ávidos, o sangue dos Tortuga ali deixara a cor que melhor traduzia a sensualidade espalhafatosa da borrega.

Cobridor de acaso, Emiliano pensou na tradição Tortuga, no tio Alonso Tortuga, que as fizera ganir por meia Galiza, e com o sorriso de quem vai pregar uma grande partida, atirou o cigarro fora e virou-se para a gorda, que não estava à espera doutra coisa.

JORGE DE SENA

que abandona Portugal no dia 17 do corrente para retomar a cátedra na Universidade do Wisconsin, assina as suas obras dia 14, sexta-feira, a partir das 17 horas, na

LIVRARIA PORTUGAL
RUA DO CARMO, 70

Obras de JORGE DE SENA na

PORTUGÁLIA EDITORA
LIVRARIA MORAIS EDITORA
ESTÚDIOS COR
EDIÇÕES OCIDENTE
EDITORIAL ÁTICA

Os animadores

(Continuação da 1.ª página)

isolados e incapazes de superar os esforços individuais que a nada conduzem.

FUNÇÕES DO ANIMADOR

O animador é um artista de teatro, pelo facto de ser capaz de representar ou/e de encenar, mas é mais do que isso. É um homem consciente de que o teatro deve existir fora dos circuitos tradicionais: o circuito comercial (teatro de *boulevard*) e o circuito intelectual (teatro de minorias). Para isso é indispensável uma congregação de esforços cujo fim primeiro é fazer acordar naqueles que normalmente não vão ao teatro (ou que lá não vão nunca) a necessidade do teatro. Situados, de maneira geral, em meios fortemente proletários, os centros animados por estes homens pretendem levar a classe trabalhadora, antes de qualquer outra, a ter consciência dessa necessidade. Devo acrescentar desde já que todos eles não alimentam grandes ilusões sobre o que até agora conseguiram nesse sentido.

O animador é, pois, além de actor ou/e encenador um organizador, um dirigente, um catalisador e um fomentador. Ou, na definição de Pierre Debauche, «o animador é o obstetra dos acontecimentos de que a cidade está cheia».

O TEATRO NÃO BASTA

É a partir da experiência de Jean Vilar com o «Théâtre National Populaire» que se pode situar o nascimento dum movimento centrífugo no teatro francês. Mas é principalmente a Planchon (de Villeurbanne) que a maioria dos jovens animadores vai buscar pontos de referência, rumos, princípios. Para Gabriel Garran, o choque da apresentação do «Berliner Ensemble», no «Festival do Teatro das Nações», em 1960, a descoberta de Brecht e de Piscator, a influência da revista «Théâtre Populaire» — foram também decisivos para a eclosão do actual movimento.

Dos depoimentos a que nos estamos a referir ressaltam vários pontos que me parece útil sublinhar e desenvolver. O primeiro desses pontos diz respeito ao facto de por si só o teatro não bastar para romper com o isolamento cultural do público e, portanto, para a criação dum público cujo interesse pelo teatro não pode ser dissociado do interesse pelas outras formas de expressão. Por isso mesmo, estes animadores não se limitam à criação de centros dramáticos exclusivamente dedicados ao teatro. Esses centros são, pelo contrário, outros tantos elementos de irradiação e de radicação culturais. Assim, o cinema, a música, o teleclubismo (grupos de pessoas que se reúnem para o estudo de programas ou de emissões de televisão), o «ballet», a poesia, as artes plásticas, conferências-colóquios sobre temas sociais, são outros tantos meios para a realização dum plano de cultura totalizante. Estes programas são concretizados muitas vezes, e como se se impõe de colaboração com outras entidades já existentes: cineclubes, por exemplo.

A CULTURA É FEITA POR TODOS

Pretende-se, é claro, não atrair pessoas ao teatro, e às outras actividades, e fazer delas meros consumidores passivos, mas ajudá-las a descobrir a partir do encontro com a obra de arte, ao mesmo tempo a sua própria capacidade de criação e o seu verdadeiro lugar na sociedade. Trata-se de dar um novo conteúdo a uma expressão que pode ser mistificadora: cultura. Porque a cultura deve ser feita por todos e para todos, deve ser de todos, e não apenas privilégio duma minoria.

Fazer da cultura um processo essencial na vida da comunidade — eis o fim último e mais importante. Di-lo Pierre Debauche, a trabalhar em Nanterre: *Sentimos que estamos a criar uma reivindicação: a da cultura, que se insere entre outras. Não se trata para nós de fazer com que as pessoas tenham acesso à cultura, mas de lhes fazer construir uma outra cultura.*

Vale a pena meditarmos um bocadinho no exemplo deste animador. É indispensável, diz Debauche, estudar a população do local escolhido: número de trabalhadores, qual a instrução de que dispõem, percentagem de jovens, de estrangeiros, entre outras coisas. Em Nanterre, a existência de grande número de trabalhadores estrangeiros — nomeadamente portugueses e argelinos — obrigou a um trabalho diferente de programação que tivesse em conta esse obstáculo. A propósito, Debauche conta um episódio esclarecedor. Possuidor dos direitos da peça norte-americana «Macbird» (como se sabe, sátira ao regime Johnson e à política americana em geral, incidindo na guerra do Vietname), Debauche pôs o problema da audiência que a peça poderia ter junto dos aderentes do teatro. As referências da peça não só ao «Macbeth» de Shakespeare, que parodia, como à política norte-americana levantavam problemas em relação às possibilidades de compreensão das implicações contidas na peça por parte do seu público potencial. Debauche fez um inquérito sobre o conhecimento dos espectadores não só da peça de Shakespeare como dos meandros da política americana, inquérito que levou a conclusões totalmente negativas. Debauche desistiu, portanto, de fazer «Macbird», pois não lhe interessava, como diz, «agradar aos intelectuais e aos leitores do «Monde»». Este exemplo parece-me significativo da posição que o animador deve assumir: estudar em profundidade o público com que vai trabalhar, o público que vai fazer.

> **procuramos pôr em prática, na rua e à escala da cidade, uma espécie de «escola da imaginação»: eis o nosso único segredo e a nossa única definição**
>
> PIERRE DEBAUCHE

UM TEATRO NOVO

É bom de ver que estes animadores se recusam a trabalhar sobre bases ancilosadas e pretende renovar não só processos técnicos (dão grande importância ao lugar em que o teatro possa ser feito, embora sejam capazes de trabalhar, se necessário, em qualquer sítio) como a própria linguagem. Mais, aliás, do que uma recreação estética, é uma nova dialéctica do teatro que pretendem experimentar. Em certos casos, a renovação de reportório que consideram indispensável parte de bases relativamente tradicionalistas, noutros de bases mais actualizadas, como Brecht ou Piscator. De qualquer maneira, não lhes interessa repetir o que já foi feito, mas também não lhes interessa experimentar no vácuo, nem perder tempo com o gratuito. O problema consiste em fazer um teatro que seja actuante (sectário, diz um deles), não se limitando a um didactismo primário e, ao fim e ao cabo empobrecedor. Raymond Gerbal diz: «Creio num teatro forte, virado para os grandes problemas do nosso tempo e capaz de os equacionar com virulência, tanto no riso como nas lágrimas». Por sua vez, Pierre Debauche opina: «Somos obrigados a redescobrir as grandes tradições teatrais, quer sejam gregas, elisabetianas, espanholas, etc., quer dizer, tradições que têm de comum a ideia de que o teatro é um universo físico que tem uma significação imediata. É necessário, portanto, na minha opinião, representar um reportório que diga respeito a todos porque conta uma história suficientemente universal da vida dos homens». Para Gabriel Garran: «O teatro não deve ser naturalista: não interessa mostrar tudo mas pôr em evidência o sinal, o gesto, o elemento significante que conduz ao todo». «O importante», diz Guy Rétoré, «é dar aos poetas a liberdade de criar uma dramarturgia que trate dos problemas da nossa sociedade, que dê testemunho da nossa civilização». A acção pròpriamente teatral destes homens toca, como não podia deixar de ser, várias teclas: desde a formação e modulação do actor, à orientação na construção das salas, à definição do texto de que, por vezes, são os próprios autores. O que veremos na próxima semana.

CARLOS PORTO

A sombra de um franco-atirador, de Sean O'Casey, na encenação de Stephane Ariel (em cena, com Edith Scob e Jean-Paul Roussilon) para o «Théâtre Gérard-Philipe», em Saint-Denis

O direito de pintar

(Continuação da 3.ª página)

que a pintura francesa exaustivamente nos legou?, ou essa lenta e deliberada recomposição do mesmo critério vocabular, fora de um esquema de comprometida vivacidade inventiva? Nuno San Payo não se defende com certeza dos riscos inerentes a esse esquema de comportamento, já que, em boa verdade, não teria muito por onde perder; julgamos, pelo contrário, que para ele não se torna necessário sofrer a experiência de uma renúncia constante, quando o pintor longamente se critica e se recusa para ascender a outras dimensões da linguagem e da comunicação. Nuno San Payo, para além de algum sinal de inquietação formal que se registe nas últimas pinturas efectuadas, parece interessado sobretudo no exercício de pintar em si mesmo, nessa espécie de respiração compensadora, num acto de alegria portanto, numa forma de ser, e não numa descida violenta ao mundo das dúvidas, das interrogações e do recomeço. A sua pintura não inicia recomeços: apenas se continua.

ROCHA DE SOUSA

Aprender a morte

(Continuação da 4.ª pagina)

dos nós mentimos, à medida da nossa verdade.

★

Lembro-me, também, que ele me disse de outra vez — ainda eu não tinha trinta anos, esse «meio da minha idade»:

«Hoje o mundo é uma embrulhada. Perdem-se as *nuances*: a asneira persegue-nos por toda a parte, nos jornais, na rádio. É atroz ter a sua idade... Eu, eu já descolei, acabou; nada disso me importa.»

Ele não tinha ainda escrito *Le Requiem*. Ficava-se imóvel no centro de um mundo que caminhava para trás. As suas mentiras não se haviam cansado de nos descobrir verdades cortantes, que são o mais verdejante dos seus louros, a insolência do classicismo de cada vez que nasce.

Caminhando por salas imensas, vim um dia a descobrir, vivas, estas estátuas que povoam a sua obra: os grandes bronzes de olhos de esmalte do museu de Nápoles. As portas da morte, resta-nos este gesto, este olhar, esta voz imobilizada pelo tempo dos homens, mas que nós temos o poder de reencontrar e de ouvir. *«Faire part»* é um encontro intemporal. A morte sabe sempre encontrar as suas palavras. «Tenho que aprender a morte», escrevia ele em *Vocabulaire*. Os seus dois perfis têm a mesma palavra.

CLAUDE MICHEL CLUNY

Prefácio a *«Fair Part»*, poemas inéditos de Jean COCTEAU; edição de Chambelland-Breton, 1968; colecção «Poésie-Club»; ilustração de Raymond Moretti.

1.º divertimento

Houve primeiro uma estranha corrida. O touro tinha uma cabeça de jovem e numerosos caracóis louros sobre a testa. Era branco, ajoelhava-se e recusava o jogo. Ninguém se apercebia do prodígio, a não ser o passarinheiro, na primeira fila dos lugares de sombra (perto do touril). «Mas é um jovem», gritava o passarinheiro. Uns espanhóis de sombrero e rosto azul mandaram-no calar. Desde esse momento, ele e o touro olharam-se e choraram em silêncio.

2.º divertimento

Os anjos (se quisermos) ou rapazes jogavam ao futebol e voavam por todo o lado com as madeixas direitas na cabeça e um olhar de indiferença. A bola era uma cabeça de mulher inclinada à esquerda, muito bela, muito doce e sem sombra de cabelos. A paisagem inclinava-se sob os pés e afastava-se segundo um sistema de silêncio e de colinas. As colinas respiravam e enviavam docemente os rapazes para o céu.

Um pouco de respeito

Se o pássaro conhecesse os buracos da tempestade
Se os buracos conhecessem a forma da minha cabeça
Se os leões alados procurassem as minas de ouro
Se a sombra apodrecesse nas caveiras
Se o cavalo soubesse ler o Apocalipse
Se chovesse aço betume e gesso
Se o homem purpurado e o seu guia incensado
Em dilúvio se transformassem à força de chover
Se o cantor da Trácia com a sua harpa mágica
Penteasse no vento a alma despenteada
Se o valete de copas levasse os reis de vencida
Se o ogre do zero cuspisse o algarismo três
O velho mundo às manchas como a pele das vacas
Respeitaria a noite onde o dia se esconde.

Jean COCTEAU

GRANDE ENCICLOPÉDIA PORTUGUESA E BRASILEIRA
40 VOLUMES
TODO O SABER HUMANO NUMA SÓ OBRA!
*
ADQUIRA-A HOJE MESMO!
A PRONTO OU A PRESTAÇÕES
*
Editores: EDITORIAL ENCICLOPÉDIA, LDA.
Rua António Maria Cardoso, 33-35 — LISBOA
Telefs.: P. B. C. 32 04 52 e 3 33 30

Pessoa: Textos Filosóficos

(Continuação da 5.ª página)

ra aceitando o relativismo kantiano, revolta-se contra as limitações das faculdades humanas do conhecimento: «Afirmo agora, e afirmarei sempre, que ao homem escapou o mistério do universal sòmente por falta de vontade de pensar profundamente» (pág. 122). O estilo interrogativo dessas notas é de um discípulo ideal, que nada aceita passivamente, questionando e contestando o valor de cada tese filosófica abordada. É nesse espírito que se volta contra o materialismo. «A matéria, matéria real, é desconhecida e a menos material das coisas que podem ser concebidas». Uma síntese dos embates intelectuais de Fernando Pessoa com os problemas filosóficos é o ensaio *Da Impossibilidade de uma Ciência do Lexicon*, no qual a contestação dialética e a arte do paradoxo, opondo algumas vezes e aproximando outras as idéias de fenómeno e número, tudo confundem, as palavras e as coisas, na treva — na escuridão do não-conhecimento.

Pessoa (na «Ginginha» do Chiado). O quotidiano desmitificado

A antropologia de Fernando Pessoa, principalmente no que diz respeito à liberdade, à morte e à vida social, participa desse permanente confronto entre a razão e o irracional, a inteligência e o sentimento, que se reflectiu tanto na sua poesia quanto na sua prosa e que fica, muitas vezes, à beira do sofisma. Diz-nos, por exemplo, que o homem é «um animal irracional, exactamente como os outros», só diferindo pela sua complexidade. Constituinte fundamental da realidade humana, o instinto, ora em estado bruto, ora como senso estético, é o verdadeiro regulador da vida social, que «procede de irracionalismos vários, sendo absolutamente impossível (excepto no cérebro dos loucos e dos idiotas) a ideia de uma sociedade racionalmente organizada, ou justiceiramente organizada, ou até, bem organizada» (pág. 163) Quando o raciocínio apenas confirma o que a paixão já decidiu, o poeta deixa de lado a consciência crítica, para condenar sem mais exame, como no seu juízo sobre o comunismo (pg. 141), as ideias que não pode aceitar. Individualista extremado, que chegou a repartir-se por diversas individualidades, cada uma com o seu mundo próprio, Fernando Pessoa, que repudiaria toda espécie de colectivismo, considera a sociedade e a humanidade como abstracções. «Só por metáfora ou em linguagem translata se pode aludir ao pensamento ou ao sentimento de uma colectividade. Dizer que Portugal pensa ou que a humanidade sente é tão razoável como dizer que Portugal se penteia ou que a humanidade se assoa» (pág. 198).

É num texto de 1915, onde menciona o seu *niilismo transcendental*, que Fernando Pessoa nos dá a melhor compreensão filosófica de si mesmo. Tudo, afirma ele, é ilusão e criação. O pensamento, o sentimento e a vontade, criam as ilusões em que se enredam. Só a consciência permanece a salvo do ilusionismo universal. Ela absorve as explicações que damos às coisas, todas verdadeiras enquanto produtos da consciência e falsas relativamente ao fundamento de tudo, que não é pensável. Falta, porém à consciência, que não conhecemos, mas da qual participamos, o atributo da existência real, que pertence à ideia do ser puro e absoluto. Mas, como ainda nos dirá Fernando Pessoa, no Tratado da Negação, que atribuiu a Rafael Baldaia, até o ser puro e absoluto pode ser negado e concebido como não-ser. Fora disso «a ideia de Deus é um antropomorfismo da consciência» (pg. 33). O absoluto, mistério que a consciência entrevê e de encontro ao qual toda a afirmação se transforma em negação, justifica afinal a identidade, que se estabelecerá no pensamento de Fernando Pessoa, entre a especulação metafísica e a criação poética, uma e outra tentando inventar a inteligibilidade universal que não existe. Não há síntese completa do real. «Só os deuses, talvez, poderão sintetizar». A nós, homens, no jogo da sensibilidade com o entendimento, a que estamos condenados, compete destruir as ilusões que inventamos.

Num dos escritos que o organizador da colectânea escolheu para prólogo, e que data de 1915, quando se iniciou o período da descoberta do ocultismo por parte de Fernando Pessoa, o poeta-filósofo escreveu algo que pode resumir a rara e estranha combinação a que o seu pensamento poético e a sua poesia reflexiva obedeceram, da seriedade metafísica com a disponibilidade lúdica do raciocínio: «À certeza com que cada um pensa o que julga que pensa convém opor a certeza com que se pode pensar o contrário, com que se consegue tornar lógico o absurdo»... Eis aí a expressão do *niilismo transcendental* de Fernando Pessoa, atitude perdurável na mobilidade de sua obra poética, e que ele transporta ao plano do pensamento abstracto, onde é fácil conseguir também, como nos revelam tantos de seus juízos, tornar absurdo aquilo que é lógico.

BENEDITO NUNES

Assis Esperança: 50 anos de vida literária

Para as comemorações do cinquentenário da obra literária de Assis Esperança — evento a que se deseja dar o condigno relevo — constituiu-se uma comissão formada pelos escritores Ferreira de Castro, Matilde Rosa Araújo, Álvaro Salema, Maria Pimentel Montenegro, Roberto Nobre, Alexandre Cabral e Manuela Montenegro.

Oportunamente será dada notícia das realizações a efectuar.

Poesia-cão

(Continuação da 8.ª página)

fazer a partir do tema da *queda*, que surge resumido neste poema:

caí das nuvens
e um dia da janela
fracturei uma costela
nunca mais caí de nato!

a não ser do que acontece
e não se esquece tão cedo
caio em mim certas vezes
outras vezes de mim caio

o que gosto e o que bebo
não dá para cair tanto
em verdade só não cai
quem anda sempre caindo.

A partir deste texto e de vários outros, poderíamos ver em que medida é predominante o tal tema da *queda*, até que ponto ele existe na sucessão das imagens, no mecanismo das comparações ou nos processos metafóricos, em toda a poesia de Joaquim Ferrer. Que esta seja uma ponta do novelo, eis uma hipótese que aqui fica em suspenso.

O segundo livro de que hoje falaremos é da autoria de Alonso Féria e tem por título *A Utilidade do Verso* (*). Obra antipoética por decisão e compromisso explícito, ela surpreenderá talvez o leitor pela sua agressividade. Ao contrário de Joaquim Ferrer, esta agressividade aparece-nos muito medida e controlada. Menos abandonada do que vigiada, portanto.

É certo que Alonso Féria se poderá integrar no grupo daqueles poetas que são hoje como os músicos que eternamente afinam os instrumentos para nunca chegarem a tocar. Há contudo em *A Utilidade do Verso* uma tão visceral violência crítica que isso acaba por ser imensamente saudável e positivo. Digamos que para Alonso Féria o verso é útil apenas na medida em que só através de versos se combate a inutilidade dos versos. Talvez seja essa a verdadeira missão da poesia: autodestruir-se.

Os princípios são bem claros. Em primeiro lugar, o rigor («Não contemplo. Observo/ Não identifico. Meço / Não emociono. Afasto // Organizo o discurso com claridade»). Em segundo lugar, a racionalidade («Que a minha poesia não dá / passaporte para o que não há»). Em terceiro lugar, desinteresse pela poesia em si («E porque isto / poesia ou não pouco me importa»). E por fim, uma inequívoca declaração de que à poesia deverá suceder uma palavra carregada de violência e escândalo:

Palavras? Só as que me dão cabo do canastro.

As que me estoiram contra esta maré de sossego.

A objecção a fazer é demasiado visível: a sombra de Alexandre O'Neill está muito presente neste livro. De um O'Neill que, neste momento, em crónicas por vezes cansativas, mas excepcionais, aqui, neste suplemento, realiza um trabalho notável de exploração da linguagem, num permanente confronto com as suas raízes orais, num jogo de desmontagem e de sobreposição que só se poderá aproximar, noutro plano, com as pesquisas verbais a que se dedicou Almeida Faria nos seus últimos textos. Em Alonso Féria, temos o modelo de O'Neill, e por vezes o de Melo Neto, mas com recursos poéticos e estilísticos mais limitados. Contudo, os bons modelos têm sempre vantagens, como nos prova o poema seguinte:

Leitor, não feches o livro
sem ouvires esta quadra,
O cão morde ou não morde
A poesia só ladra?

Espera aí, lembrei-me desta
Prometo que são três versos:
Adeus leitor desta testa
Bonita como uma flor.

E à crítica inteligência
esta singela esmereza:
Tu me entendes eu te entendo
Com certeza com certeza.

Dia aberto. Sol e gente.
O tempo dum livro de água.
E pouco importa a corrente
fica a fórmula da tábua.

Adeus leitor desta cor
Bonita como uma fresta.
Por dentro de toda a flor
que festa dorme no ar?

Depois disto, não sei se chegará a ser ofensivo dizer que as duas últimas quadras, por exemplo, me parecem revelar evidentes qualidades poéticas. Ah! poesia-cão!...

EDUARDO PRADO COELHO

(*) Joaquim Ferrer, *A morte segundo Estacio de Saa*, Livros de Portugal, Rio de Janeiro, 1968 Alonso Féria, *A utilidade do verso*, Lisboa, 1968

O torpe Malhadeiro

(Continuação da 8.ª página)

uma mise-en-scène algo hábil (para o espectador normal) a substituir o documento que não se quer oferecer, uma montagem trompe-à-l'oeil, uma banda sonora plena de retumbantes efeitos, «empréstimos» frequentes a cineastas Gualtiero Jacopetti, o [illegible] (mas não por nós!) autor dos notórios «Mundos Cão» e «África Adeus». O italiano não desdenharia, de resto, nem o significado nem a concepção de uma sequência como a dos ritos da circuncisão na ilha de Moçambique ora proposta. Mas, por outro lado, reconheçamos-lhe essa inteligência, de não repetiria, de um filme para outro, os mesmos planos (ou planos semelhantes) localizando-os, de cada uma das vezes, em regiões diferentes, afastadas de milhares de quilómetros. Isso aconteceu com o «discípulo» em duas sequências projectadas num espaço de menos de dez minutos na noite da estreia de «A Caçada do Malhadeiro»...

MANUEL MACHADO DA LUZ

ACOUSTICAL
* QUAD
ESTE É O MELHOR AMPLIFICADOR DO MUNDO PARA CADEIAS DE ALTA FIDELIDADE E FINS PROFISSIONAIS

* 90 watts (2 × 45)
* Distorção a nível máximo 0,03 %!
* Totalmente transistorizado

Peça uma demonstração aos PROFISSIONAIS DO SOM
VALENTIM DE CARVALHO CI SARL
RUA NOVA DO ALMADA, 95, 99 • LISBOA
No Norte: VADECA - Rua de S. António, 210 - Porto

crítica

Poesia-cão

por Eduardo Prado Coelho

A poesia enjoa-me, perturba-me — cerca-me por todos os lados, transforma-me em ilha, envolvente, tentacular. Contribuirei em muito para aqueles que supõem haver em mim pouca ou nenhuma sensibilidade poética se disser que a poesia muitas vezes (tantas vezes!) me aborrece? É um facto, contudo, dos tais contra os quais já nem há argumentos. Só é poético ler-se poesia quando essa poesia se torna para nós essencial. Quando, se ela não existisse, as coisas seriam diferentes, e ficaríamos mais pobres, mais desprovidos. Fora isso, o resto é supérfluo, obscenamente supérfluo — o resto é literatura. Aquilo que por vezes vem esconder a poesia — outra aquela que circula, tão leve!, em redor de *nós*, em sinais dispersos, na sua dispersão fundamental.

PARA não me perder no meio de tudo isto, vou agora fazer o ponto, como quem faz as contas ao fim do dia quando está em terra estrangeira — para clarificar a vida. Dos livros publicados em fins de 68 e começos de 69 falta-me ainda falar de alguns. Por exemplo, de *Versus in versus*, de Melo e Castro (para o qual esforçadamente me preparo lendo e relendo o artigo que sobre ele Liberto Cruz publicou neste suplemento) e *Mais exactamente alguns p(r)o(bl)emas* de António Aragão (mas não sei se é este exactamente o título). Será o lote experimentalista, a nossa alegria de estarmos na vanguarda do mundo. De Luís Amorim de Sousa existe um *Signo da Balança* que merece um momento de atenção. Há ainda *Caligrafia*, de António Guimarães, e *Natural do Algarve*, de Leonor Neves. E é evidente que me não posso esquecer (mas vou adiando para não falar sempre dos mesmos autores, isto aqui não é a «Feira Literária») de Carlos de Oliveira e da sua *Micropaisagem*. Raul de Carvalho publicou recentemente *Talvez Infância*, e nós o interrogaremos sobre a beleza enigmática do *talvez*. E no longo capítulo das recidões (como diria o Vinicius, mas com mais sorte, porque era de mulheres que falava), temos o *Fado* de José Régio, sobre o qual se dará o feliz acontecimento de estar eu inteiramente de acordo com Gaspar Simões para dizer que não é do melhor na obra do conhecido poeta. Temos ainda toda a poesia de Fugénio de Andrade, obra maior da nossa literatura, e os seus *Aflluentes do Silêncio*, mais aparentemente prosa, e daí? Por fim, Manuel Bandeira, antologiado por Casais Monteiro. A propósito, referirei um artigo de Rui Belo (é preciso ir falando nele para que ele se não esqueça de escrever poemas) em *O Tempo e o Modo*, relativo a Bandeira, o poeta. E no que diz respeito a Casais Monteiro, ficamos aguardando com ansiedade a reunião da sua obra poética, anunciada para breve, para dela falarmos juntamente com a excelente tese de que Casais Monteiro é também autor sobre *Estrutura e Autenticidade como problemas da Teoria e da Crítica Literárias*. Pego no último *O Tempo e o Modo*, e registo para o leitor mais atento de poesia um poema de renovação de Ramos Rosa e dois poemas onde uma voz se apura na sua incontestável novidade, a de Nuno Júdice. E ainda no mesmo número, num ponto alto de lirismo (porque a poesia não é, como o seria?, terreno privado...), anoto um texto tão repassado de carência afectiva, tão frágil na sua tímida e virginal inocência, tão puro na sua perfeita inintelicência de todas as coisas, que desperta em nós os mais doces, os mais ternos sentimentos: e falo de um texto, a propósito de Deivaux, de João César dos Santos, ex-monteiro (desde já nomeado meu universal benfeitor, para usar a linguagem que lhe é cara, em tudo o que a símbolos concerne). Não terminarei sem referir as traduções (excelentes) que Eugénio de Andrade fez de Lorca e Paulo Quintela fez de Rilke, ambos para a colecção «As Mãos e os Frutos». E com Rilke ficaremos muito perto do essencial. Mas, tombando de novo na realidade, há ainda mais ou menos uns vinte e cinco livros de poesia, a que me referirei em conjunto numa próxima crónica.

OCUPAR-ME-EI hoje e em primeiro lugar de *A Morte segundo Estácio de Saa* (*), de Joaquim Ferrer. A primeira característica que nos surpreende é a ausência de musicalidade na textura desordenada destes versos — que nos aparecem um pouco inteiriçados. Mas, quando a poesia irrompe, ela resulta da *força transgressiva* de cada imagem e do relativo equilíbrio que as *sequências de imagens* vão construindo. Digo «relativo equilíbrio», porque nem sempre esse equilíbrio parece existir. E é por isso que os poemas que se me afiguram mais estruturados são aqueles que se baseiam em «faits divers» contados nos jornais. Por exemplo: *Um boi na avenida*.

A grande intenção desta poesia parece consistir em nivelar o sublime e o insignificante, o espiritual e o material. Facto significativo: por duas vezes (p. 10 e p. 54), a palavra *sentimentos* aparece qualificada de *porcos*. Porquê? Porque tudo se contamina numa certa podridão irradiante — e é ao assumir tão humilhante condição que o homem se dignifica. Ao assumi-la pela revolta, é claro. Vejamos, por exemplo:

ESSAS FAMÍLIAS

ai! as pequenas famílias que se entre-
[devoram
com os dentes da frente

e as grandes famílias que se reconhecem
nos raros festivais

e essas tão íntimas cujas carnificinas
escorrem vermelhas por debaixo das
[portas

formigas revezam-se uma às outras
vidas supõem-se devorando vidas

vidas são fortes e violentos animais
maneira não temos de vê-los melhor

peles arrancam-se para vender
os olhos preparados servem para jogar

calca-se lentamente a pele do pescoço
para curtir

levam-se à feira os porcos
dos sentimentos que em casa se criam.

EU tenho a intuição de que uma leitura desta poesia se poderia

(Continua na 7.ª página)

Ana Leiria, a pretensa Lolita camponesa de «A Caçada do Malhadeiro»

O torpe Malhadeiro

por Manuel Machado da Luz

ÚLTIMA NOITE de Janeiro no Europa. O ambiente festivo e um pouco provinciano dessas estreias de filmes portugueses, a que o público não comparece. Os projectores dos operadores de actualidades tentam febrilmente dar a nota de grande acontecimento ao que o não é. Um razoável número de convidados e, ainda assim, umas quantas filas vazias. Apresenta-se «A Caçada do Malhadeiro», primeira longa-metragem de Quirino Simões. Nota-se a presença do veterano Jorge Brum do Canto, possivelmente a apadrinhar o novel realizador.

As luzes apagam-se. Estamos em 1810, durante a debandada das tropas de Massena. Cinco soldados de diferentes nacionalidades perdem-se do seu regimento e tentam alcançar a Espanha. Perseguidos por guerrilheiros, esfomeados e sem munições, assaltam uma casa e acabam por violar a filha adolescente do proprietário. Este dar-lhes-á caça, intentará matá-los. Um único sobreviverá, graças à intervenção do irmão da rapariga.

Estamos perante um fabuloso esquema argumental. Naturalmente que imaginamos o pânico de cinco soldados arrastados para uma guerra de conquista que não entendem e que está terminando em derrota, dificilmente comunicando uns com os outros, numa confusão de idiomas. Imaginamos o choque entre as diversas mentalidades levado ao auge pelo medo e pela fome. Imaginamos a crescente tensão erótica que, na casa assaltada vão gerando os movimentos ingénuos de uma Lolita camponesa que se desconhece, e que acaba explodindo numa brutal violação. Imaginamos um pai para quem a dor do real trauma infligido à filha se dobra do sentimento de desonra inerente à ideologia de um estrato social em dada época, uma e outro desembocando num delírio de vingança e na súbita descoberta do prazer de matar. Imaginamos, ainda, uma solidariedade entre jovens que tudo separa — a guerra, a nacionalidade, a língua — e que se identificam no plano das vítimas: de um arrebatamento imperial ou de uma retrógrada sociedade camponesa, tanto faz. Imaginamos, em suma, que todos estes desenvolvimentos (ou outros, dos muito possíveis) podem lançar interessantes luzes sobre a história das invasões napoleónicas e sobre a condição do nosso campesinato nos inícios de oitocentos, podem constituir-se numa narrativa plena de movimento e de cor, de «bárbaras» explosões e de subtis introspecções, em que o ar livre e a paisagem sejam elementos essenciais, e não, como é hábito, mero bilhete-postal privado de oxigénio.

Pois bem. Estamos a dar-nos às delícias de uma pura divagação. Porque a presente «Caçada do Malhadeiro», aquela que, para nosso infinito desconforto, vai passando sobre a tela, nada mais é do que a torpe ilustração do esquema argumental que indicámos, uma mera anedota privada de quaisquer vitais prolongamentos, uma película de acção ao pé da qual o pior *western* italiano ou espanhol atinge as raias da obra-prima.

Curiosamente, «A caçada do Malhadeiro» parece pretender ser um filme altamente ambicioso, «deveria», a acreditar na publicidade, possuir aquilo que alguns poderão classificar de forte empenho contestatário. Com efeito, chega-se a ler no programa (eco das preocupações do realizador?) a peremptória afirmação de que semelhante obra «... tem por tema a reacção dos portugueses à violação dos seus direitos, dos seus usos da sua terra ou da sua família». Ora, para nosso espanto, nada desta linha temática transparece ao longo da projecção. E, finalmente, a única ideia expressa sem ambiguidade é a da existência de uma justiça imanente (!) que governa, quase em termos matemáticos (!), a vingança do malhadeiro: os culpados são punidos por ordem da gravidade da sua conivência na violação (primeiro os que a praticaram, depois, o que a ela assistiu sem a impedir, por fim, o que, não podendo evitá-la, não censurou posteriormente os companheiros); o inocente sobrevive *porque* é o único que sempre reprovou tal acto; e, para que tudo fique bem nítido, não só este profere, ao ver-se livre de perigo, um sonoro «graças a Deus», como, de cada vez que a justiça se vai fazer, nos são recordados, em *flashes-back* virados a vermelho, os motivos da culpa ou inocência.

Para além disto, só se poderão formular perguntas que ficam sem resposta cabal. Por exemplo por que é que, num filme totalmente a cores, surge, repentinamente, uma sequência a preto e branco que nenhuns considerandos dramáticos poderão justificar? Homenagem aos malabarismos de Lelouch? Súbita falta de negativo *Eastmancolor*?

Mergulhamos, claro, no reino da arbitrariedade da escrita cinematográfica. Q. Simões, de resto, faz jogo franco: logo desde as primeiras imagens, logo desde um genérico que possui um *lettering* mais do que descuidado, se interrompe, recomeça e acaba por durar quase toda a primeira bobina, permanente dança de focagens e desfocagens que quase deve ter enlouquecido quem o fotografou.

«A Caçada do Malhadeiro» só ganha um mínimo de lógica interna quando descreve, balbuciantemente embora, acções puramente físicas, perseguições, o acto de matar. Nisto se liga aos trabalhos anteriores e posteriores de Q. Simões, dois dos quais foram escolhidos para seu complemento.

É, de resto, o primeiro destes «documentários» que dá a medida das possibilidades do realizador, umas possibilidades que, já se vê, não funcionam ao nível do cinema de ficção:

(Continua na 7.ª página)

OS VISIGODOS e outras peças
NOVIDADE LITERÁRIA
UMA OBRA DE TEATRO COMO JÁ RARAMENTE SE CONHECEU. UM NOVO TEATRO QUE VEM AO ENCONTRO DA NOVA LITERATURA.
de Jaime Salazar Sampaio
Col. «OS LIVROS DAS TRÊS AMÉRICAS»
PUBLICAÇÕES EUROPA-AMÉRICA
Apartado 8, Mem Martins
160 págs. 20$
Subscrição em Lisboa: Rua dos Fanqueiros, 38, 2.º
Subscrição no Porto: Rua de Sá da Bandeira, 4, 2.º